



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

LEANDRO ALMEIDA DOS SANTOS

**BRINCANDO PELOS CAMINHOS DO *FALAR FLUMINENSE***

Salvador  
2016

LEANDRO ALMEIDA DOS SANTOS

**BRINCANDO PELOS CAMINHOS DO *FALAR FLUMINENSE***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA – como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvana Soares Costa Ribeiro

Co-Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marcela Moura Torres Paim

Salvador

2016

Modelo de ficha catalográfica fornecido pelo Sistema Universitário de Bibliotecas da UFBA para ser confeccionada pelo autor

Santos, Leandro Almeida dos  
Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense / Leandro  
Almeida dos Santos. -- Salvador, 2016.  
198 f. : il

Orientadora: Silvana Soares Costa Ribeiro.  
Coorientadora: Marcela Moura Torres Paim.  
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Língua e  
Cultura) -- Universidade Federal da Bahia, Instituto de  
Letras, 2016.

1. Áreas Dialetais. 2. Dialectologia. 3. Sociolinguística. 4.  
Falares do Brasil. 5. Jogos Infantis. I. Ribeiro, Silvana  
Soares Costa. II. Paim, Marcela Moura Torres. III. Título.

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente, a Deus, enorme fonte de inspiração, Pai, luz, paz e alegria, toda minha gratidão, pelo apoio e sabedoria constantes.

Aos meus pais, Lindaura e Raimundo, por terem feito vários sacrifícios, durante todo esse tempo, para que eu nunca desanimasse, sobretudo, pelo exemplo que vocês são para mim e pelo amor incondicional, presente em todos os atos e palavras.

Ao meu irmão, Romilson, pelos incentivos sinceros transmitidos pelos olhares silenciosos de admiração, paciência e respeito.

Aos queridos familiares, que foram compreensivos em relação às minhas muitas ausências nos encontros familiares. Especialmente, meu priminho, Filipe.

A Vitor Meneses, quem eu tive o prazer de conhecer no Projeto ALiB e cuja amizade se estende até os dias atuais. Pelos conselhos, companherismo e encorajamento, sempre presentes em palavras e olhares. Pelos ouvidos e ombros amigos disponíveis a todo o momento.

Às professoras Marcela Paim e Silvana Ribeiro por toda paciência e apoio durante o percurso acadêmico. A confiança que tiveram em mim foi fundamental para o meu amadurecimento. Vocês provaram que joias não nascem prontas, mas podem ser lapidadas, e que esse processo requer alguns ingredientes, sobretudo o tempo.

Às professoras Suzana Cardoso e Jacyra Motta pelo exemplo, dedicação e alegria com que conduzem jovens pesquisadores pelos caminhos de um fazer pesquisa com ética e compromisso. Sempre incansáveis e inspiradoras, são tão diferentes, mas se completam. A parceria de vocês é um espelho para os que estão ao redor.

À querida professora Ana Regina, por todo aprendizado adquirido. Objetiva, rápida, dinâmica, bem humorada e com uma presença de espírito singular. Suas contribuições extrapolam o plano cartográfico.

Aos colegas e ex-bolsistas alibianas (veteranas), em especial, a Mara Raab, Carolina Trindade, Andréa Mafra e Isamar Neiva. Queridas, por incentivo de vocês, no início da minha trajetória, o caminho não foi interrompido, pois a ajuda foi primordial.

Às colegas alibianas (novas), especialmente, Marana Almeida, Luiza Menezes e Daiane Souza pelo empenho e pela disponibilidade em sempre ajudar o mestrandos aflito em buscas dos áudios.

Às amigas, verdadeiros presentes encontrados no ILUFBA, Lucila Vieira, Flávia Vasconcelos, Josimar Mota, Eliana D'Anunção, Geielle Sales, Marcia Pinto, Luciana Santos, Izabela Bruna, Jéssica Carvalho e Daiane Pereira, suas lindas, pelos momentos de afetividade e carinho dispensados dentro e fora do ambiente acadêmico.

Aos colegas do curso de mestrado, especialmente, Ingrid Gonçalves e Carla Elisa, pela parceria, pelas trocas de saberes, olhares e palavras, além do incentivo mútuo.

Aos professores do ILUFBA e do PPGLinC, pesquisadores brilhantes, cujo exemplo de profissionalismo e seriedade são espelhos para todos que adentram ao mundo das Letras.

Aos queridos “meninos da pós”, Ricardo Luiz e Thiago, pela paciência, disponibilidade e alegria sempre presentes ao auxiliar os mestrandos, doutorandos e professores.

Aos colegas pesquisadores do grupo Nêmesis, pela paciência e disponibilidade. Em especial, a Lucas Vidal, Lisana Sampaio e Jane Kelly.

Às professoras e colegas do Departamento de Educação II e ao Grupo GELING, professoras Dinea Muniz, Emília Helena, Lícia Beltrão, Raquel Nery, Mary Arapiraca e Noemi Pereira pelos conhecimentos partilhados e pelas ajudas constantes que me ofereceram novos amores e perspectivas profissionais.

Estudar é desocultar, é ganhar a compreensão mais exata do objeto, é perceber suas relações com outros objetos. Implica que o estudioso, sujeito do estudo, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recria.

Freire, Paulo. (2001)

SANTOS, Leandro Almeida dos. **Brincando pelos caminhos do *Falar Fluminense***. 2016. 199p. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura – Instituto de Letras. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

## RESUMO

Apresenta-se, neste trabalho, uma análise da divisão dialetal brasileira, no que tange ao *Falar Fluminense*, datada de 1953, de autoria de Antenor Nascentes. Para o empreendimento audacioso, o referido autor, após ter viajado o país, dividiu o Brasil em dois grandes falares, o do Norte e o do Sul, local em que se situa o *Falar Fluminense*, além de ter proposto uma área que denominou como um Território Incaracterístico. Esta dissertação ampara-se nos fundamentos da Dialetologia, Sociolinguística (Quantitativa e Interacional), da Geolinguística Pluridimensional Contemporânea e da Lexicologia. Nesta pesquisa, com base nos dados lexicais do campo semântico dos *jogos e diversões infantis*, pertencente ao Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB, discute-se a vitalidade do *Falar Fluminense*, utilizando as 13 perguntas que compõe o citado campo semântico. Como objetivos específicos, busca-se identificar os perfis dos falares brasileiros, em especial os da área em análise, possibilitar um maior conhecimento das variantes lexicais características do Português Brasileiro e utilizar os dados do Projeto ALiB, a fim de poder delimitar áreas dialetais. A área geográfica escolhida é composta por 35 localidades que pertencem a 5 estados brasileiros. A análise prioritária voltou-se para a diatopia, utilizando 152 elocuições dos informantes, mas os aspectos sócio-históricos foram salutarés para o entendimento do comportamento linguístico do falar da área em estudo. Os resultados obtidos são mostrados em gráficos, tabelas e cartas linguísticas, estas trazem a sugestão de cartografar os dados não obtidos, uma vez que são também importantes para a caracterização das fronteiras dialetais. Há, também, uma comparação com os trabalhos alibianos que objetivaram, por meio do léxico, identificar áreas linguísticas, tais como: Ribeiro (2012), Portilho (2013) e Romano (2015). Alguns exemplos foram trazidos, com o intuito de comprovar o elo entre língua e sociedade e demonstrar como as mudanças sociais interferem nos usos e preferências linguísticas. Desse modo, acredita-se que vários agentes (internos e externos) são propiciadores da manutenção ou substituição das formas lexicais no seio da sociedade, tais como: escola, igreja, mídias etc. Com isso, buscou-se um cotejo entre os dados documentados e 4 dicionários escolares, a saber: Bueno (2010), Telles & Bentes (2011), Bechara (2011) e Borba (2011). A partir das análises empreendidas, pode-se chegar à conclusão que Nascentes (1953) agiu de forma precisa ao dividir o Brasil em dois grupos (Norte e Sul), no entanto tal precisão não se comprova de forma eficaz quando analisados os limites do *Falar Fluminense*, pois não há distinção clara entre os pontos de controle e a área em análise. Portanto, sob o ponto de vista lexical, os dados apontam para a não confirmação do *Falar Fluminense*. Novas análises são pertinentes, em prol da confirmação dos limites desse falar, sobretudo um olhar mais atento para o comportamento linguístico dos informantes de Minas Gerais.

**Palavras-chave:** Léxico, Variação, *Falar Fluminense*, jogos e diversões infantis, Projeto ALiB.

SANTOS, Leandro Almeida dos. **Playing by the Talking Fluminense ways**. 2016. 199p. Thesis (MA in Language and Culture ) Post- Graduate Program in Language and Culture - Institute of Arts . Federal University of Bahia, Salvador, 2016.

### **ABSTRACT**

It is presented in this work, an analysis of Brazilian dialectal division, with regard to Talk Fluminense, dated 1953, written by Antenor Nascentes. For the audacious venture, said the author, after having traveled the country, divided Brazil into two major dialects, the North and the South, the place where is located the Talk Fluminense, and has proposed an area called as a territory uncharacteristic. This research bolsters up the foundations of Dialectology, Sociolinguistics (Quantitative and interactional), the Geolinguística Pluridimensional Contemporary and Lexicology. In this research, based on lexical data of the semantic field of games and children's entertainment, belonging to the Semantic-Lexical Questionnaire ALiB Project, discusses the vitality of Talking Fluminense, using the 13 questions that make up the aforementioned semantic field. Specific objectives, seeks to identify the profiles of Brazilian dialects, especially the area in question, allowing greater knowledge of lexical variants Brazilian Portuguese characteristics and use of ALiB design data in order to delimit dialectal areas. The selected geographical area consists of 35 locations belonging to five Brazilian states. Priority analysis turned to the diatopia using 152 utterances of informants, but the socio-historical aspects were salutary to understanding the linguistic behavior of the talk in the study area. The results are shown in graphs, tables and linguistic charts, these bring the suggestion of mapping data not obtained, since they are also important for the characterization of the dialectal frontiers. There is also a comparison with the alibianos work that aimed, through the lexicon, identify language areas such as: Ribeiro (2012), Portillo (2013) and Romano (2015). Some examples were brought in order to prove the link between language and society, and demonstrate how social changes affect the uses and language preferences. Thus, it is believed that several agents (internal and external) are enablers of the maintenance or replacement of lexical forms in society, such as school, church, media, etc. Thus, we sought a comparison between the documented data and 4 school dictionaries, namely: Bueno (2010), Telles & Bentes (2011), Bechara (2011) and Borba (2011). From the current analysis, we can conclude that Nascentes (1953) acted precisely to divide Brazil into two groups (North and South), however, such precision is not proven effectively when analyzing the limits of Talking Fluminense, did there is a clear distinction between the control points and the area under review. Therefore, under the lexical point of view, the data point to the non-confirmation of Talking Fluminense. New analyzes are relevant, for the sake of confirmation of the limits of this talk, especially closer look at the linguistic behavior of Minas Gerais informants.

**Keywords:** Lexical Variation, Talking Fluminense, games and children's amusements, ALiB Project.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Situação dos atlas no Brasil em 2005	30
Figura 2 –	Situação dos atlas estaduais brasileiros (set. 2013)	31
Figura 3 –	História dos estudos dialetais no Brasil – periodização	34
Figura 4 –	Divisão dialetal de Júlio Ribeiro (1891)	38
Figura 5 –	Divisão dialetal de Maximino Maciel (1950)	39
Figura 6 –	Divisão dialetal de Rodolfo Garcia (1915)	40
Figura 7 –	Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1922)	41
Figura 8 –	Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1933/1953)	42
Figura 9 –	Divisão dialetal de Minas Gerais	47
Figura 10 –	Carta de Situação	68
Figura 11 –	Carta Rede de Pontos	69
Figura 12 –	Capitanias Hereditárias	71
Figura 13 –	Mapa da Estrada Real	73
Figura 14 –	Paróquia Santa Rita	74
Figura 15 –	Centro de Belo Horizonte	75
Figura 16 –	Ladeira de Diamantina	76
Figura 17 –	Igreja Católica de Itajubá	76
Figura 18 –	Estradas da cidade	77
Figura 19 –	Praça Municipal	77
Figura 20 –	Vale da cidade	78
Figura 21 –	Estátua do Trabalhador	78
Figura 22 –	Centro Histórico	79
Figura 23 –	Centro Histórico	80
Figura 24 –	Sede da Prefeitura	80
Figura 25 –	Praça Germânica	81
Figura 26 –	Orla da cidade	81
Figura 27 –	Catedral de S. Antônio	82
Figura 28 –	Ruas da cidade	82
Figura 29 –	Igreja Católica de Alegre	83
Figura 30 –	Centro de B. de S. Francisco	84
Figura 31 –	Centro da cidade	85
Figura 32 –	Centro Histórico	85
Figura 33 –	Orla Marítima de Vitória	86
Figura 34 –	Portal da Cidade	87
Figura 35 –	Ponte dentro do município	87
Figura 36 –	Praça São Salvador	88
Figura 37 –	Centro de Itaperuna	88
Figura 38 –	Porto de Macaé	89
Figura 39 –	Caminho Niterói	90
Figura 40 –	Praça do Suspiro	90
Figura 41 –	Ruínas da Vila de Cava	91
Figura 42 –	Orla de Paraty	91
Figura 43 –	Palácio Quitandinha	92
Figura 44 –	Cristo Redentor	92
Figura 45 –	Porto do Açú	93
Figura 46 –	Praça Três Rios	93
Figura 47 –	Campos Verdes	94

Figura 48 –	Carta Cambalhota	105
Figura 49 –	Carta Bolinha de Gude	111
Figura 50 –	Carta Estilingue	118
Figura 51 –	Carta Brinquedo de empinar (com varetas)	125
Figura 52 –	Carta Brinquedo de empinar (com varetas) outras denominações	126
Figura 53 –	Carta Brinquedo de empinar (sem varetas)	133
Figura 54 –	Carta Brinquedo de empinar (sem varetas) outras denominações	134
Figura 55 –	Carta do sema “esconder”	140
Figura 56 –	Carta do sema “esconder” (desdobramento)	141
Figura 57 –	Carta Cobra-cega	146
Figura 58 –	Carta do sema “pegar”	153
Figura 59 –	Carta do sema “pegar” (desdobramento)	154
Figura 60 –	Carta Pique	159
Figura 61 –	Carta Corre-Cotia	165
Figura 62 –	Carta Gangorra	171
Figura 63 –	Carta Balanço	176
Figura 64 –	Carta Amarelinha	180

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/155 – todas as respostas	102
Tabela 2 –	Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/156– todas as respostas	108
Tabela 3 –	Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/157 – todas as respostas	116
Tabela 4 –	Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/158 – todas as respostas	123
Tabela 5 –	Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/159 – todas as respostas	131
Tabela 6 –	Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/160 – todas as respostas	137
Tabela 7 –	Frequência do agrupamento do sema esconder – todas as respostas	138
Tabela 8 –	Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/161– todas as respostas	143
Tabela 9 –	Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/162– todas as respostas	150
Tabela 10 –	Frequência do agrupamento do sema “pegar” – todas as respostas	151
Tabela 11 –	Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/163 – todas as respostas	157
Tabela 12 –	Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/164 – todas as respostas	163
Tabela 13 –	Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/165 – todas as respostas	169
Tabela 14 –	Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/166 – todas as respostas	174
Tabela 15 –	Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/167 – todas as respostas	178
Tabela 16 –	Índice de aproveitamento de respostas às perguntas do campo semântico jogos e diversões infantis	183

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Subdivisão do questionário ALiB (2001)	37
Quadro 2 –	Ramos de estudos do Léxico	54
Quadro 3 –	Tipos de lexias, conforme Pottier (1974), adaptado	55
Quadro 4 –	Rede de pontos	67
Quadro 5 –	Perguntas da área semântica <i>jogos e diversões infantis</i> do QSL – ALiB	96
Quadro 6 –	Dicionarização das formas lexicais documentadas para QSL/155	107
Quadro 7 –	Dicionarização das formas lexicais documentadas para QSL/156	115
Quadro 8 –	Dicionarização das formas lexicais documentadas para QSL/157	122
Quadro 9 –	Dicionarização das formas lexicais documentadas para QSL/158	130
Quadro 10 –	Dicionarização das formas lexicais documentadas para QSL/159	136
Quadro 11 –	Dicionarização das formas lexicais documentadas para QSL/160	143
Quadro 12 –	Dicionarização das formas lexicais documentadas para QSL/161	149
Quadro 13 –	Dicionarização das formas lexicais documentadas para QSL/162	156
Quadro 14 –	Dicionarização das formas lexicais documentadas para QSL/163	162
Quadro 15 –	Dicionarização das formas lexicais documentadas para QSL/164	168
Quadro 16 –	Dicionarização das formas lexicais documentadas para QSL/165	173
Quadro 17 –	Dicionarização das formas lexicais documentadas para QSL/166	177
Quadro 18 –	Dicionarização das formas lexicais documentadas para QSL/167	182

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/155 – todas as respostas	103
Gráfico 2 –	Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/156 – todas as respostas	109
Gráfico 3 –	Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/157 – todas as respostas	117
Gráfico 4 –	Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/158 – todas as respostas	124
Gráfico 5 –	Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/159 – todas as respostas	132
Gráfico 6 –	Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/160 – todas as respostas	138
Gráfico 7 –	Percentual das formas lexicais do sema esconder QSL/160 – todas as respostas	139
Gráfico 8 –	Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/161 – todas as respostas	144
Gráfico 9 –	Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/162 – todas as respostas	150
Gráfico 10 –	Percentual das formas lexicais do sema pegar QSL/162 – todas as respostas	151
Gráfico 11 –	Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/163 – todas as respostas	157
Gráfico 12 –	Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/164 – todas as respostas	163
Gráfico 13 –	Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/165 – todas as respostas	169
Gráfico 14 –	Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/166 – todas as respostas	174
Gráfico 15 –	Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/167 – todas as respostas	179

## LISTA DE SIGLAS

<b>ALERS</b>	Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
<b>ALES</b>	Atlas Linguístico do Espírito Santo
<b>ALF</b>	Atlas Linguístico da França
<b>ALiB</b>	Atlas Linguístico do Brasil
<b>APFB</b>	Atlas Prévio do Falares Baianos
<b>BA</b>	Bahia
<b>EALMG</b>	Esboço Atlas Lingüístico de Minas Gerais
<b>ES</b>	Espírito Santo
<b>GELING</b>	Grupo Educação e Linguagem
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IC</b>	Iniciação Científica
<b>ILUFBA</b>	Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia
<b>INF</b>	Informante
<b>INQ</b>	Inquiridor
<b>MG</b>	Minas Gerais
<b>PIBIC</b>	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
<b>PPGLinC</b>	Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura
<b>QFF</b>	Questionário Fonético-Fonológico
<b>QMS</b>	Questionário Morfossintático
<b>QP</b>	Questões de Pragmática
<b>QSL</b>	Questionário Semântico-Lexical
<b>RJ</b>	Rio de Janeiro
<b>SP</b>	São Paulo
<b>UFBA</b>	Universidade Federal da Bahia

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>18</b>
1.1	PELOS CAMINHOS DA DIALETOLOGIA	18
1.2	DIRECIONAMENTO DA PESQUISA	20
1.3	A ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	21
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTOS TEÓRICOS</b>	<b>23</b>
2.1	A DIALETOLOGIA	23
2.2	O MÉTODO: A GEOLINGUÍSTICA	28
2.2.1	Os caminhos percorridos do <i>APFB</i> ao <i>Atlas Linguístico do Brasil</i> ( <i>ALiB</i> )	29
2.3	PROPOSTAS DE DIALETAÇÃO DO PORTUGUÊS DO BRASIL	38
2.3.1	Estudos Lexicais com base nos dados do Projeto ALiB	43
2.3.2	A área dialetal do <i>subfalar fluminense</i>	46
2.4	SOCIOLINGUÍSTICA	49
2.4.1	Um ponto de interseção entre Dialetologia e a Sociolinguística	52
2.5	O LÉXICO	53
2.5.1	Léxico, cultura e identidade social	57
2.5.2	Diversões infantis, sociedade e escola: presente, passado e futuro	61
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>65</b>
3.1	CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	65
3.1.1	A área geográfica estudada	65
3.2	A SÓCIO-HISTÓRIA DAS LOCALIDADES	70
3.2.1	A localidade da Bahia	74
3.2.2	As localidades de Minas Gerais	75
3.2.3	As localidades de São Paulo	81
3.2.4	As localidades do Espírito Santo	83
3.2.5	As localidades do Rio de Janeiro	87
3.3	A ELEIÇÃO DA ÁREA SEMÂNTICA	94
<b>4</b>	<b>DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>101</b>
4.1	CAMBALHOTA	102
4.1.1	Cartografia dos dados: o olhar horizontal	103
4.1.2	Panorama dos estudos lexicais sobre áreas dialetais com dados do Projeto ALiB: Ribeiro (2012) e Portilho (2013)	106

4.1.3	O enfoque sob o olhar vertical	107
4.1.4	Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível	107
4.2	BOLINHA DE GUDE	108
4.2.1	Cartografia dos dados: o olhar horizontal	109
4.2.2	Panorama dos estudos lexicais sobre áreas dialetais com dados do Projeto ALiB: Ribeiro (2012) e Portilho (2013) e Romano (2015)	112
4.2.3	O enfoque sob o olhar vertical	113
4.2.4	Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível	115
4.3	ESTILINGUE	116
4.3.1	Cartografia dos dados: o olhar horizontal	117
4.3.2	Panorama dos estudos lexicais sobre áreas dialetais com dados do Projeto ALiB: Ribeiro (2012) e Portilho (2013)	119
4.3.3	O enfoque sob o olhar vertical	119
4.3.4	Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível	122
4.4	PIPA (COM VARETAS)	122
4.4.1	Cartografia dos dados: o olhar horizontal	124
4.4.2	Panorama dos estudos lexicais sobre áreas dialetais com dados do Projeto ALiB: Ribeiro (2012) e Portilho (2013)	127
4.4.3	O enfoque sob o olhar vertical	127
4.4.4	Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível	130
4.5	PAPAGAIO (SEM VARETAS)	130
4.5.1	Cartografia dos dados: o olhar horizontal	132
4.5.2	Panorama dos estudos lexicais sobre áreas dialetais com dados do Projeto ALiB: Ribeiro (2012) e Portilho (2013)	135
4.5.3	O enfoque sob o olhar vertical	135
4.5.4	Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível	136
4.6	ESCONDE-ESCONDE	137
4.6.1	Cartografia dos dados: o olhar horizontal	139
4.6.2	Panorama dos estudos lexicais sobre áreas dialetais com dados do Projeto ALiB: Ribeiro (2012) e Portilho (2013)	142
4.6.3	O enfoque sob o olhar vertical	142
4.6.4	Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível	142
4.7	CABRA-CEGA	143

4.7.1	Cartografia dos dados: o olhar horizontal	144
4.7.2	Panorama dos estudos lexicais sobre áreas dialetais com dados do Projeto ALiB: Ribeiro (2012) e Portilho (2013)	147
4.7.3	O enfoque sob o olhar vertical	147
4.7.4	Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível	148
4.8	PEGA-PEGA	149
4.8.1	Cartografia dos dados: o olhar horizontal	151
4.8.2	Panorama dos estudos lexicais sobre áreas dialetais com dados do Projeto ALiB: Ribeiro (2012) e Portilho (2013)	155
4.8.3	O enfoque sob o olhar vertical	155
4.8.4	Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível	156
4.9	PIQUE (LOCAL COMBINADO)	156
4.9.1	Cartografia dos dados: o olhar horizontal	157
4.9.2	Panorama dos estudos lexicais sobre áreas dialetais com dados do Projeto ALiB: Ribeiro (2012) e Portilho (2013)	160
4.9.3	O enfoque sob o olhar vertical	160
4.9.4	Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível	161
4.10	CHICOTINHO-QUEIMADO	162
4.10.1	Cartografia dos dados: o olhar horizontal	163
4.10.2	Panorama dos estudos lexicais sobre áreas dialetais com dados do Projeto ALiB: Ribeiro (2012) e Portilho (2013)	166
4.10.3	O enfoque sob o olhar vertical	166
4.10.4	Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível	168
4.11	GANGORRA	168
4.11.1	Cartografia dos dados: o olhar horizontal	170
4.11.2	Panorama dos estudos lexicais sobre áreas dialetais com dados do Projeto ALiB: Ribeiro (2012) e Portilho (2013)	172
4.11.3	O enfoque sob o olhar vertical	172
4.11.4	Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível	173
4.12	BALANÇO	173
4.12.1	Cartografia dos dados: o olhar horizontal	174
4.12.2	Panorama dos estudos lexicais sobre áreas dialetais com dados do Projeto ALiB: Ribeiro (2012) e Portilho (2013)	177

4.12.3	O enfoque sob o olhar vertical	177
4.12.4	Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível	177
4.13	AMARELINHA	178
4.13.1	Cartografia dos dados: o olhar horizontal	179
	Panorama dos estudos lexicais sobre áreas dialetais com dados do	181
4.13.2	Projeto ALiB: Ribeiro (2012) e Portilho (2013)	
4.13.3	O enfoque sob o olhar vertical	181
4.13.4	Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível	182
4.14	ALGUMAS DESCOBERTAS	183
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>188</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>192</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta seção introdutória destina-se a revelar o direcionamento desta dissertação e os vários caminhos pelos quais o autor teve que percorrer em busca das preciosidades que serão apresentadas. Antes de mostrar os tesouros descobertos, é válido explicitar as rotas iniciais que o conduziram pelas vias dialetológicas e que, certamente, o levaram às escolhas que culminaram neste trabalho.

### 1.1 PELOS CAMINHOS DA DIALETOLOGIA

Ao entrar no curso de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), os estudantes do referido curso são apresentados à desconstrução da visão de língua imutável, até então, imperante na maioria das escolas. Logo, não foi diferente com o autor desta dissertação, em 2009, no primeiro semestre, foram apresentados estudos empíricos que provavam a existência de uma língua múltipla. A nova visão de língua foi apresentada pela professora Dr<sup>a</sup> Marcela Paim, que ministrou a disciplina LET A13 – Introdução aos Estudos da Língua Portuguesa. Ao finalizar a disciplina, o autor já tinha escolhido, dentre as muitas trilhas a seguir, por caminhar pelos trajetos da Dialetologia e da Sociolinguística. Ao considerar as suas preferências e levá-las à frente junto ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), com os trabalhos desenvolvidos no âmbito do referido Projeto, a motivação e o fascínio foram alimentados, sob a orientação da professora Marcela Paim.

A pesquisa sobre a diversidade linguística brasileira foi desenvolvida, nesta parceria entre orientadora e orientando, por meio de três planos de trabalho junto ao PIBIC/IC, os quais foram de diferentes naturezas, a saber: o primeiro trabalho versava sobre os marcadores temporais e como esses fenômenos são, de certo modo, responsáveis por denunciar os aspectos sobre a identidade social dos informantes, nas capitais do Norte e Nordeste brasileiro; no segundo trabalho, também nessas duas regiões brasileiras, agora, no nível lexical, duas questões da área semântica *vestuários e acessórios* foram trabalhadas e, ao finalizar, voltava-se novamente para o prisma social, como os informantes se constituem socialmente, por meio das preferências lexicais; por fim, o último trabalho desenvolvido como

bolsista foi focando as vogais pretônicas<sup>1</sup> em capitais do Norte brasileiro. Além dos trabalhos mencionados, destaca-se o Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido pela parceria mencionada, utilizando os dados do Projeto ALiB, ao cotejar dados atuais com os dispostos na carta menstruação do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB).

Nota-se, com tais evidências que, juntamente com a orientadora, o autor pôde trabalhar com temas que o fizeram se desenvolver na pesquisa dialetal, sobretudo ao desenvolver habilidades de observar à língua sob a ótica dos aspectos sociais. Portanto, como forma de homenagear a professora Marcela Paim, co-orientadora deste trabalho, e agradecer aos valiosos ensinamentos, cada item pertencente à área semântica escolhida para esta dissertação será visto, também, pela ótica social, quando os dados fornecerem material para tal empreendimento.

No final da graduação, um pouco mais amadurecido, foi trabalhando como monitor da disciplina LET C12 – Introdução aos Estudos Dialetais – que o autor pôde, por meio das aulas e encontros de orientação com a professora da disciplina Silvana Ribeiro, aprimorar seus interesses e ambicionar futuros acadêmicos/profissionais. Os estudos desenvolvidos na disciplina, embora o autor já tivesse frequentado as aulas enquanto estudante, foram decisivos para a escolha, pesquisar áreas dialetais brasileiras.

Ademais, vale ressaltar os enormes aprendizados *in loco*, em busca da constituição do *corpus* do Projeto, pelo Nordeste brasileiro. Foram verdadeiras aulas de campo. Ensinamentos que serão valiosos para a vida. Os relatórios de viagem, nesse sentido, guardam muitos registros sob os olhares do pesquisador, seja ele o inquiridor ou o auxiliar.

Logo, também, ao considerar a importância da referida professora, orientadora desta dissertação, todos os itens da área semântica escolhida para a pesquisa serão observados na perspectiva diatópica, ou seja, sob o ponto de vista espacial, como forma de deferência à grande mestre, além de cumprir o que se destina o trabalho.

Nesta época, já graduado e aspirando voos mais longínquos, volta-se ao léxico, uma paixão antiga. Assim, os caminhos em busca de ciclos melhores foram planejados: caminhar por trilhas inéditas, no que tange ao *subfalar fluminense*,

---

<sup>1</sup> A pesquisa foi interrompida porque o estudante concluiu o curso e não pôde continuar sendo bolsista.

denominado por Nascentes (1953), por meio do nível lexical, utilizando a área semântica dos *jogos e diversões infantis*.

## 1.2 DIRECIONAMENTO DA PESQUISA

A partir do que foi exposto, esta dissertação é resultado dos estudos sobre áreas linguísticas brasileiras, por meio dos dados dispostos no Banco de Dados do Projeto ALiB. O estudo se propõe a analisar e verificar a vitalidade da proposta de Nascentes (1953) para a área do *Falar Fluminense*. Para o intento, optou-se por vários caminhos, além do diatópico que é o prioritário. Assim, a sócio-história das localidades constitui-se como um dos caminhos possíveis para compreender a língua falada em uma região brasileira bastante heterogênea, no que tange aos processos de povoamento e muito movimentada, quando observadas às linhas de migrações internas e externas, além disso, quando observada a importância de tal área para as várias fases econômicas e políticas do Brasil.

A realização da pesquisa justifica-se pela necessidade de aprofundamento nos estudos sobre áreas dialetais brasileiras, sobretudo no tocante à área investigada, por meio do reconhecimento e caracterização, e por fornecer aos pesquisadores de várias áreas do saber informações linguísticas e sociais, além de oferecer materiais para o aprimoramento dos livros didáticos e para o tratamento da variação e mudança linguística no ambiente escolar.

Alguns objetivos foram delineados para fundamentar esta pesquisa, a saber:

- a) identificar o perfil dos falares do Brasil localizados na área em análise, *Falar Fluminense*;
- b) possibilitar um maior conhecimento acerca das variantes lexicais características do Português Brasileiro (e, por conseguinte, da própria língua);
- c) analisar os dados do Projeto ALiB coletados *in loco*, a fim de poder delimitar possíveis áreas dialetais.

Com o intuito de alcançar os objetivos mencionados, foram adotados os pressupostos teóricos da Dialetoлогия, da Geografia Linguística, da Lexicologia e da Sociolinguística (Laboviana e Interacional).

Para empreendimento proposto, foram selecionadas 35 localidades brasileiras, pertencentes a cinco estados, totalizando, para a amostra, 152 elocuições dos informantes.

Objetivando facilitar a condução dos leitores pelas vias estabelecidas em busca das descobertas da pesquisa, o próximo item tratará da estrutura composicional desta dissertação.

### 1.3 A ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

De modo a situar a pesquisa, o capítulo 1 subdivide-se em três itens, com o objetivo de conduzir e direcionar aos aspectos introdutórios da pesquisa.

O capítulo 2 – Fundamentos Teóricos – apresenta os conceitos e fundamentos da Dialetoлогия, a Geografia Linguística enquanto método, os caminhos percorridos pelos atlas regionais do Brasil, bem como do Atlas Linguístico do Brasil, as fases dialetológicas brasileiras, as propostas de divisão dialetal empreendidas em solo nacional, os estudos lexicais que utilizaram os dados do ALiB para testar áreas linguísticas, uma breve apresentação de trabalhos que abrangeram, de forma parcial, as localidades do *Falar Fluminense*, os pressupostos sociolinguísticos, a partir das duas vertentes – Quantitativa e Interacional – além dos pontos em comum entre a Dialetoлогия e a Sociolinguística. São também trazidos os conceitos basilares sobre o léxico, enquanto nível de análise, e suas relações com os contextos sociais, uma vez que, por meio dele, os reflexos da sociedade são registrados, por meio de fotografias linguísticas coletadas nas entrevistas, além de evidenciar as mudanças sociais, culturais e linguísticas.

O capítulo 3 – Metodologia – foi dedicado aos materiais e métodos adotados para a realização das investigações e condução dos resultados, a saber: a constituição do *corpus*, ver 2.2.1, detalhes da história social e cultural das localidades escolhidas para a pesquisa, justificativas para a escolha da área semântica *jogos e diversões infantis*, e detalhes sobre a estratificação dos informantes.

Por sua vez, o capítulo 4 – Descrição e Análise dos dados – destinou-se a discutir os dados analisados, por meio dos tratamentos estatísticos, a partir da subdivisão em 14 itens, por serem 13 perguntas da área semântica estudada. Nele serão apresentadas tabelas e gráficos, a cartografia dos dados, a fim de permitir

uma melhor contemplação dos resultados encontrados, uma comparação com os trabalhos lexicais alibianos sobre áreas dialetais, alguns exemplos, a partir das elocuições, o que permite inferir sobre os aspectos sociais das localidades, e, por fim, um cotejar entre os dados dialetais e as obras lexicográficas destinadas ao público escolar. O 14º item ficou responsável por anunciar as descobertas, ou seja, nele, os resultados apresentados separadamente em cada subitem anterior, são vistos de forma panorâmica e conjunta, objetivando verificar para quais caminhos os dados linguísticos conduziram o enfoque.

No capítulo 5 – Considerações Finais – seguem os resultados alcançados, após as diversões em busca do *Falar Fluminense*.

Por fim, constam ao final do trabalho as referências utilizadas nesta dissertação.

Busca-se, com o trabalho, contribuir para o entendimento, caracterização e delimitação dos falares, sobretudo corroborar os estudos sobre áreas dialetais do Brasil.

## 2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresentam-se os pressupostos teóricos e metodológicos que são basilares para esta dissertação. Nessa perspectiva, serão expostos alguns fundamentos e princípios de algumas ciências da linguagem, a saber: Dialetoлогия, Sociolinguística e da Lexicologia.

### 2.1 A DIALETOLOGIA

De modo a compreender os conceitos das ciências anteriormente mencionadas e o que elas preconizam, é preciso proceder alguns entendimentos prévios. De início, é necessário contemplar e se debruçar sobre a realidade da Língua Portuguesa falada em território nacional, pois, assim, observar-se-á um quadro linguístico plural e heterogêneo, por influência de fatores sócio-históricos e culturais.

Sabe-se que, com as navegações do Estado Lusitano, a língua portuguesa e aspectos culturais passam a ser difundidos pelo mundo, nas mais diversas situações de contatos. Diante de tal fato, são inquestionáveis as variedades do português, não somente em solo brasileiro, mas também nas antigas colônias portuguesas. Todavia, conforme advogam alguns estudos sobre o Português Brasileiro (doravante PB), há uma suposta homogeneidade, nesta variedade, mesmo sendo falada num país de dimensões continentais. Adotar tal postura, no mínimo, é ignorar evidências que provam o caráter diverso do PB, principalmente os vínculos inegáveis entre língua, cultura e sociedade. Desse modo,

A diversidade que existe em qualquer ponto espelha uma pluralidade cultural e não se pode presumir para a expansão do português no Brasil de uma forma linguística única, pois a época em que se deu a colonização, a origem dos colonizadores e as consequências linguísticas de um contato heterogêneo, devem ser considerados. (LEITE; CALLOU, 2010, p.12)

Assim, é notório perceber, na contemporaneidade, a pluralidade do PB, no que se refere às dimensões vertical (social) e horizontal (espacial). Vale ressaltar que, conforme muitas pesquisas empreendidas sobre a realidade dialetal do PB, alguns aspectos são responsáveis pelo quadro linguístico atual.

Nos primeiros momentos da colonização, a língua portuguesa esteve restrita ao litoral brasileiro, estabelecendo contatos com as línguas dos índios que eram do tronco Tupi. No entanto, com o passar do tempo e o desenvolvimento dos processos de ocupação do território, avança-se para o interior e um novo contato foi estabelecido, dessa vez, com povos pertencentes ao tronco Macro-Jê. Cabe ressaltar que a economia brasileira, na época colonial, era baseada nos ciclos econômicos. Os portugueses, de início, voltaram os interesses para o cultivo e a produção de cana de açúcar, no Nordeste, propiciado pela mão-de-obra dos escravos africanos.

Na transição entre os séculos XVII e XVIII, com a descoberta de ouro nas Minas Gerais, surge um novo ciclo econômico, o interesse da Coroa Portuguesa passa a ser outro, o ouro. No entanto, nesse período, outro fato importante destaca-se, ocorre a mudança da capital do Brasil, a sede deixa de ser Salvador e passa a ser o Rio de Janeiro. Tais acontecimentos foram propiciadores para a chegada de mais portugueses e, sobretudo, mais levas de escravos africanos.

Novamente, novo ciclo surge, entre os séculos XIX e XX, desta vez, é a era do café, com predominância no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, mas com repercussões por toda região Sul. Com isso, crê-se na constituição do português falado em solo brasileiro com a interferência de várias culturas e povos.

Ademais, citam-se outras línguas de africanos pertencentes à família Níger-Congo, as línguas dos imigrantes de origens européia e asiática. Adicionam-se, ainda, como fatores relevantes para a propagação da língua portuguesa em solo brasileiro, o decreto do Marques de Pombal, a partir de 1758, e a chegada da Família Real portuguesa, que trouxe em seu bojo um acelerado processo de desenvolvimento, com a criação do Banco do Brasil, da Imprensa, de faculdades, dentre outros (LUCCHESI, 2009).

Assim, diante das evidências históricas, encontram-se provas que apontam para um quadro de multilinguismo, conforme apregoa Mattos e Silva (2008). Desse modo, a língua falada em solo brasileiro herdou, desses contatos linguísticos e culturais, muitas influências que não podem ser desconsideradas, aspectos que se manifestam, de forma evidente, nos vários níveis do PB, ao longo da história até os dias recentes.

Ao se considerar as peculiaridades mencionadas e arroladas ao PB, chega-se à ciência que trata dos dialetos, a Dialetoлогия. Considerando isso, os estudos

dialetológicos são responsáveis por *identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica* (CARDOSO, 2010, p.15). Para os dialetólogos, essa parte da Linguística caracteriza-se por ser uma ciência multidisciplinar, pois, em seus pressupostos, há vários pontos de intersecção com outras áreas do saber.

Destacam-se, como marcos iniciais da Dialetologia, a saber: os estudos realizados por Wenker, na Alemanha, que consistiram na coleta de dados, por correspondência, e documentação dos usos do alemão falado em diferentes regiões do país, enfatizando as consoantes germânicas; ainda vale mencionar, nesse âmbito, a pesquisa realizada *in loco* por Edmond Edmont, documentador do *Atlas Linguistique de la France (ALF)*, de Jules Gilliéron, que teve sua publicação entre 1902 a 1910.

No Brasil, são atribuídas ao Visconde de Pedra Branca, Domingos Borges de Barros, as primeiras considerações dialetológicas sobre a descrição do PB. Barros mencionou as evidências de diferenciação dos aspectos lexicais e fônicos entre o português europeu e o português brasileiro, em 1826, na introdução da obra *Atlas ethnographique du globe*, de Adrien Balbi.

É primordial, porém, antes de se aprofundar na história da Dialetologia no Brasil, como ela é a ciência que busca investigar e tenta caracterizar os dialetos e sua distribuição no espaço geográfico, elucidar alguns possíveis questionamentos. Então, nesse sentido, remontar ao passado, sobretudo aos arcabouços teóricos dos estudos linguísticos, às visões, conceitos e teorias, é de suma importância.

De início, recorre-se a Saussure, com suas dicotomias, *langue e parole*, e as evidências dadas à *langue*<sup>2</sup>. No entanto, *Nos últimos tempos, assinalou-se com frequência a necessidade de reduzir a rigidez das dicotomias saussurianas* (COSERIU, 1979, p. 18). Nesse viés, Coseriu (1979), ao revisitar as postulações estruturalistas saussurianas, propôs uma nova visão de linguagem, superando a bipartição anteriormente mencionada e apresenta um novo olhar sobre a linguagem.

Conforme os pressupostos coserianos, ela se divide em três partes, a saber: *sistema* – abstrato e coletivo, são regras e estruturas, que são definidas umas com relações as outras; *norma* – são os hábitos linguísticos compartilhados por uma comunidade e são determinantes para diferenciar comunidades de falas; por fim,

---

<sup>2</sup> Ideias contidas na obra póstuma, Curso de Linguística Geral, baseada nas anotações dos alunos de Saussure.

mas não menos importante, a *fala* – de caráter individual, possuidora de várias flutuações.

A partir do preâmbulo indispensável, parte-se para as definições de língua, dialeto e noções concernentes aos estudos dialetológicos. Entende-se como língua um sistema heterogêneo, com características que a levam às variações e mudanças, sob vários condicionamentos, internos e/ou externos a sua própria natureza. Distante das concepções antigas, compreende-se que os dialetos não são *línguas minoritárias*, com o sentido pejorativo, mas são traços linguísticos compartilhados por falantes de um dado espaço geográfico como, por exemplo, uma região, mas não se tratam de outro sistema, se comparados aos outros dialetos existentes no sistema maior (FERREIRA; CARDOSO, 1994). Ainda seguindo as ideias dessas autoras, com o objetivo de identificar os dialetos, seus espaços e delimitações das fronteiras entre esses subsistemas e/ou subdialetos, traçam-se linhas demarcadoras, linhas virtuais, que não são tão exatas e precisas, sobre um determinado espaço geográfico, estabelecendo fronteiras entre esses falares, tais linhas são conhecidas por isoglossas.

Estas linhas são importantes delimitadoras de áreas e servem para indicar unidade ou diversidade de fenômenos linguísticos, segundo os critérios estabelecidos pelo estudioso como, por exemplo, se a pesquisa tiver como alvo fenômenos fonéticos, elas são nomeadas como isófonas ou isoglossas fônicas; caso o estudo venha se pautar sobre o léxico, elas são chamadas de isoléxicas ou isoglossas lexicais; por fim, se o estudo privilegiar os dados morfológicos, as linhas são chamadas de isomorfas. Para os estudos semânticos e sintáticos não existem nomenclaturas estabelecidas.

Cabe ressaltar, contudo, que, segundo vastas revisões de literatura acerca do tema, há grandes divergências sobre as definições dos termos língua, falar, subfalar, dialeto e subdialeto. Nesta dissertação, para o autor, abarcam-se as ideias expostas por Ferreira e Cardoso (1994), pois as autoras optam pelo termo dialeto, sendo este o objeto de estudo da Dialetologia, definindo como *um conjunto de isoglossas que se somam e que, portanto, mostram uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outras* (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 16). Ainda nesse âmbito, torna-se preponderante compreender que

Diferenças de valor estritamente linguístico entre língua e dialecto não existem. Existem, sim, diferenças de estatuto: o dialecto é sempre uma **variedade** de um determinado sistema linguístico reconhecido oficialmente

como Língua. Geralmente considera-se dialecto de uma língua a variedade linguística que caracteriza uma determinada zona. Os dialectos têm pois um antecedente linguístico e um sistema comuns. [...] Alguns dialectólogos distinguem entre variedades linguísticas mais distanciadas umas das outras ou da língua padrão – a que chamam dialectos – e variedades que apresentam menor grau de afastamento – a que chamam **falares**. (FERREIRA et al, 1996, p. 482-483) (grifos dos autores)

Assim, aqui, os termos falar e subfalar serão mencionados, conforme a perspectiva de Antenor Nascentes (1953), uma vez que este trabalho se propõe a analisar áreas dialetais, no que tange ao *subfalar fluminense*, que compõe os falares do Sul.

Diante das elucidações feitas, torna-se imperativo distinguir as dimensões da Dialectologia. A vertente monodimensional é caracterizada por ter o foco exclusivo na dimensão diatópica e procura-se identificar áreas dialetais e traçar isoglossas, a partir da presença e/ou ausência de dado fenômeno. Para obter esses resultados, a fim de preservar a fala isolada, buscavam-se informantes que tivessem o perfil *NORMs* (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p.58-59), sendo este sem nenhuma mobilidade, idoso, rural, com nível de escolaridade baixo, homem. Para os pesquisadores que possuíam essa visão, no perfil do informante mencionado, encontra-se a fala rural não contaminada, por isso os resultados, na visão dialetológica tradicional, são monostráticos, monogeracionais e monofásicos, embora tal perfil perdure em algumas pesquisas contemporâneas, aponta-se para alguns trabalhos que, no século XVIII, já evidenciavam a necessidade de controlar os aspectos sociais, não somente o espacial.

Nesse sentido, fez-se oportuno, conforme desenvolvimento dos estudos dialetológicos, atrelados as necessidades de conhecer mais sobre o papel linguístico das cidades urbanas e com o surgimento da Sociolinguística (CASTILHO, 1972-1973, p.124), abarcar uma visão mais abrangente, uma perspectiva dotada de mais viéses, ao tentar explicar os fatores que determinam as semelhanças e diferenças dos falares. Sendo assim, surge a vertente pluridimensional, novo prisma para tratamento e representação dos dados, a partir dos fatos linguísticos, sociais, políticas, históricas e culturais, pois

Do ponto de vista linguístico, o esquadrihamento da estrutura das línguas naturais levou ao conhecimento detalhado dos elementos que as constituem, das estruturas segundo as quais se organizam, das relações históricas que entre grupos se estabelecem, dos processos que marcam seu funcionamento. Do ponto de vista sócio-histórico e político, verifica-se que o mundo vem passando – como, aliás, sempre passou – por profundas

e sucessivas transformações que lhe oferecem nova configuração e novo perfil. (CARDOSO, 2010, p. 62)

Nomeada como contemporânea ou pluridimensional (THUN, 1998), a Dialetologia atual preocupa-se com a distribuição de um dado fenômeno em uma área geográfica, mas também controla sistematicamente aspectos ligados ao social, dos quais podem ser citados a faixa etária, o sexo e o nível de escolaridade.

A partir dessas considerações, vale enfatizar que não existe dimensão superior, ao passo que elas são ferramentas indispensáveis para os propósitos do pesquisador, que, conforme seus intentos, elegerá uma em detrimento da outra. Ademais, as faces – monodimensional e pluridimensional – da Dialetologia destacam-se por terem ofertado relevantes contribuições para os estudos e caracterização dos dialetos, utilizando, em muitos trabalhos, um método de representação cartográfica, a Geolinguística.

## 2.2 O MÉTODO: A GEOLINGUÍSTICA

Indubitavelmente, a Geografia Linguística é o método dialetológico responsável por representar cartograficamente em mapas, cartas e atlas os fatos linguísticos, tais como: fônicos, lexicais, morfossintáticos dentre outros (COSERIU, 1965). A Geolinguística ou Geografia Linguística, nas palavras de Castilho (1972-1973, p.7), é um *método científico de recolha sistemática de dialetismo*. A expansão desse método se deu a partir do final do século XIX, sua consolidação remonta à publicação do *Atlas Linguistique de la France (ALF 1902-1910)*, considerado como a primeira obra a seguir os princípios criteriosos geolinguísticos.

No que tange ao Brasil, segundo postulações de Cardoso (2010), o início da Geolinguística brasileira liga-se ao começo de estudos sistemáticos e a publicação do *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*, de Nelson Rossi e colaboradoras, em 1963. Nasce, portanto, na Universidade Federal da Bahia – importante celeiro dialetológico brasileiro – a primeira manifestação concreta do método geolinguístico em solo brasileiro. De fato, os trabalhos produzidos, a partir desse momento, passaram a tratar os dados conforme essa metodologia, conforme o item 2.1 A Dialetologia. Tem-se, assim, o surgimento de uma proposta de periodização da Geolinguística Brasileira, Romano (2012) defende que:

O primeiro momento tem como marco inicial a publicação do primeiro atlas linguístico estadual, o APFB, em 1963, e se estende até 1996 – ano em que o projeto Atlas Linguístico do Brasil deu início às suas atividades com o esforços de dialetólogos de todo o país. [...] O segundo momento da Geolinguística brasileira vai de 1996 até os dias atuais. Os trabalhos deste período já apresentam influência dos pressupostos metodológicos do ALiB, caminhando para uma visão pluridimensional da variação. (ROMANO, 2012, p.69)

Considerando-se o exposto, é válido ressaltar a metodologia proposta pela Geografia Linguística, que preconiza o estabelecimento de critério para seleção das localidades e dos informantes; a recolha dos dados, por meio da aplicação de entrevistas ou inquéritos, com base em questionários; a elaboração dos resultados em cartas e/ou mapas linguísticos, que, em muitos casos, vão compor os atlas e, por fim, os estudos e/ou a interpretação dos dados dispostos pelos mapas linguísticos, objetivando o traçado de isoglossas demarcadoras de um dado fenômeno e suas fronteiras no espaço. No Brasil, destacam-se os princípios cartográficos revisitados e elucidados por Teles (2007) e por Teles e Ribeiro (2006; 2008). Nos referidos trabalhos, podem ser consultadas maiores informações sobre os aspectos concernentes a árdua tarefa ao elaborar um *Projeto Cartográfico*. Também, nas obras, as autoras explicitam a metodologia utilizada na cartografia do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB)*.

### 2.2.1 Os caminhos percorridos do APFB ao Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

No sentido de estabelecer um panorama acerca dos frutos advindos da implementação dos princípios geolinguísticos no Brasil, sabe-se que muitos atlas regionais foram publicados, em virtude da realidade existente em períodos remotos. Com isso, objetivando o atlas nacional, os dialetólogos brasileiros optam pelos atlas com uma abrangência menor, desenvolvendo, portanto, uma *mentalidade dialetológica* (SILVA NETO, 1957).

Como mencionado na seção anterior, no Brasil, o APFB foi o primeiro fruto brasileiro inspirado nos métodos da Geolinguística, a partir deste marco, inúmeros atlas regionais foram publicados, como se observa na Figura 1. Com o intuito de tornar mais elucidativo, destacam-se os estudos de Isquerdo (2006) e Romano (2013) nos quais os autores trazem mais informações sobre os atlas publicados e os que estão em fase de elaboração. Assim, é incontestável, na contemporaneidade, o

desenvolvimento da pesquisa Geolinguística brasileira, conforme se percebe nas Figuras 1 e 2 e que se apresentam a seguir.

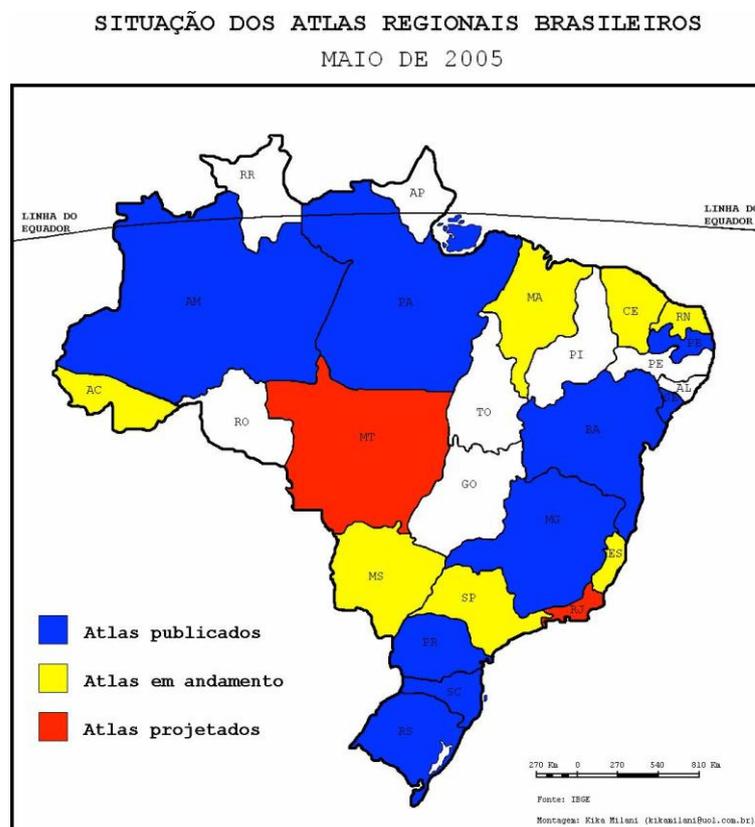


Figura 1 – Situação dos atlas no Brasil em 2005  
Fonte: Aguilera (2006) In: Romano (2013, p. 228)

Conforme o desenvolvimento crescente da Geolinguística brasileira, após 8 anos do trabalho de Aguilera (2006), Romano (2013), ao fazer um balanço crítico dos estudos geolinguísticos, atualiza os dados dispostos no mapa – Figura 1 – fornecendo à comunidade acadêmica informações mais atuais – segundo Figura 2 – datadas de 2013, ano de publicação do texto *Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão*.

## SITUAÇÃO DOS ATLAS REGIONAIS DO BRASIL EM 2013

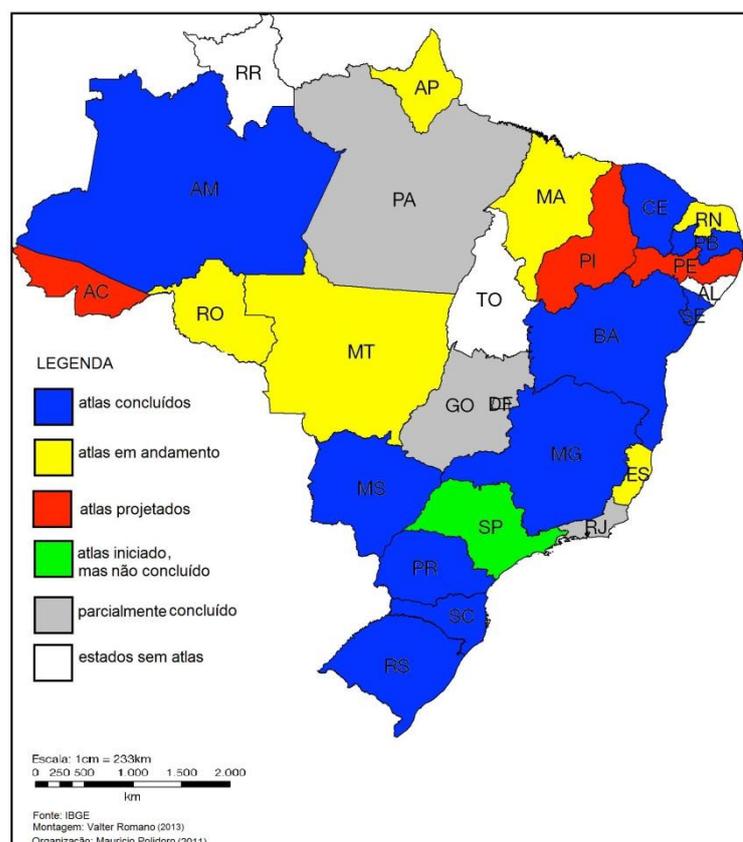


Figura 2 – Situação dos atlas estaduais brasileiros (set. 2013)  
Fonte: Romano (2013)

Ainda, nessa perspectiva, recorre-se às ideias do referido autor,

Portanto, a Geolinguística brasileira conta, hoje, com 13 atlas estaduais concluídos (APFB, EALMG, ALPB, ALS, ALPR, ALISPA, ALS II, ALAM, ALMS, ALPR II, Micro- AFERJ, ALCE e o Atlas Semântico-Lexical do estado de Goiás) quatro destes, até o presente momento, não publicados, o ALAM, o ALPR II, o Micro-AFERJ, o Atlas Semântico-Lexical do estado de Goiás. Tem-se ainda um atlas regional concluído, o ALERS, e sete atlas estaduais em andamento (ALES, ALiMAT, ALiRO, ALiPA, ALiMA, ALiRN e ALAP) [...] Além desses atlas linguísticos que abrangem os estados ou uma região da Federação, existem os denominados atlas de pequeno domínio, que, contemplam determinada região dentro de um estado, de limites internacionais, de determinada etnia ou município. (ROMANO, 2013, p. 230-231)

Em constante progresso, a Dialetoologia brasileira dispõe de muitas obras, autores e várias pesquisas vinculadas aos Programas de Pós-Graduação nas universidades espalhadas pelo país. Diante dos argumentos anteriormente mencionados, torna-se necessário empreender a elaboração de um novo mapa ilustrativo, considerando que se passaram alguns anos, após última sistematização.

Tal atualização visa a fornecer aos pesquisadores a representação da atual produção científica brasileira, no que tange à elaboração e publicação dos atlas.

Avalia-se como positiva a adoção pela Dialetologia do método geolinguístico, em virtude das obras mencionadas, que fomentaram e subsidiaram os estudos sobre o conhecimento da realidade linguística das regiões brasileiras e prepararam os caminhos para o tão sonhado atlas que recobre todo o território nacional.

No sentido de estabelecer um panorama acerca dos estudos dialetais brasileiros, ao longo da história, foram feitas algumas periodizações. De 1996 até a atualidade, conforme afirmam Mota e Cardoso (2006), compreende-se que os estudos dialetais no Brasil estão na 4ª fase, iniciada desde a implementação do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil* e estendida até os dias atuais, com uma característica bastante peculiar, abandona-se a *mentalidade dialetológica* (SILVA NETO, 1957) inicial, ampliando-a para uma mentalidade sócio-dialetológica contemporânea. No entanto, antes, atestam-se duas propostas de periodização, conforme detalhes que seguem:

**1ª fase** – Proposta por Nascentes (1952 – 1953)

**Início:** 1826 – com a publicação do estudo de Domingos Borges de Barros, mencionada anteriormente.

**Características:** Destaca-se a produção das obras voltadas ao estudo do léxico, devido às publicações de obras lexicográficas, tais como: glossários; vocabulários; dicionários e léxicos regionais.

**Término:** 1920 – com a publicação da obra *O Dialeto Caipira* de Amadeu Amaral.

**2ª fase** – Proposta por Nascentes (1952 – 1953)

**Início:** 1920 – com a publicação da obra *O Dialeto Caipira* de Amadeu Amaral.

**Características:** Aponta-se a crescente produção de trabalhos monográficos, a atenção volta-se, além do léxico, para os fenômenos fonético-fonológicos e morfossintáticos. Inúmeras obras foram publicadas, com destaque para duas: a) *O linguajar carioca em 1922*, de Antenor Nascentes, em 1922, obra de grande importância<sup>3</sup> para os estudos dialetais, pois, nela, o referido autor apresenta uma de suas propostas de divisão dialetal do Brasil que, após a 2ª edição, passou a ser

---

<sup>3</sup> Na próxima seção, a divisão de 1953 será mais detalhada.

chamada de *O linguajar carioca*; b) *A língua do Nordeste*, em 1934, de Mário Marroquim; além da obra já mencionada que é o marco inicial dessa fase.

**Término:** 1952 – com a publicação do Decreto 30.643, datado de 20 de março de 1952.

**3ª fase** – Proposta por Ferreira e Cardoso (1994), que reconhecem e reafirmam as fases determinadas por Nascentes (1952 – 1953).

**Início:** 1952 – com a publicação do Decreto 30.643, datado de 20 de março de 1952.

**Características:** São evidenciadas, nesta fase, obras diversas, a saber: *Guia para os estudos dialetológicos*, em 1957, de Serafim da Silva Neto; *Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*, em 1958, de Antenor Nascentes; em 1955, Nascentes publica a obra *Divisão dialectológica do território brasileiro*. Ademais, com grande destaque, ergue-se, nesta fase, a primeira manifestação concreta da Geolinguística no Brasil, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB* – em 1963, sob a coordenação de Nelson Rossi e colaboração de recém-licenciadas do curso de Letras da Universidade Federal da Bahia.

**Término:** 1996 – com a retomada dos intentos de elaboração do atlas linguístico do Brasil.

**4ª fase** – Proposta por Mota e Cardoso (2006) que, ao revisitarem a proposição de Ferreira e Cardoso (1994), estabelecem uma nova fase para os estudos dialetais brasileiros.

**Início:** 1996 – retomada dos intentos de elaboração do atlas linguístico do Brasil e se estende até os dias atuais.

**Características:** Implementação e consolidação das pesquisas geolinguísticas por todo território brasileiro, em várias universidades; adicionados a isso, inclui-se a incorporação dos pressupostos teóricos metodológicos da Sociolinguística. Ergue-se, assim, a perspectiva da Geolinguística Pluridimensional Contemporânea.

A sistematização destas fases pode ser melhor entendida, a partir da Figura 3 que segue:

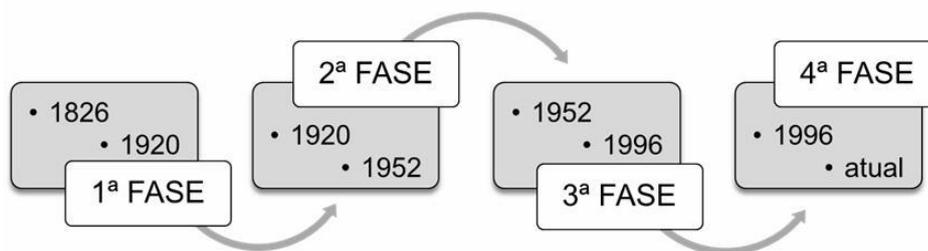


Figura 3 – História dos estudos dialetais no Brasil – periodização  
 Fonte: Ribeiro (2012, p. 56)

Ainda no que diz respeito aos trajetos percorridos pelos dialetólogos em prol do atlas que recobre todo o Brasil, vale mencionar que, ao tecer maiores considerações sobre o *Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB)*, deve-se obrigatoriamente revisitar a história, pois ela é testemunha de todos os esforços feitos pelos incansáveis pesquisadores brasileiros. Na verdade, pode se falar em histórias, no plural, devido aos mais diversos âmbitos envolvidos no trabalho alibiano, citam-se, neste contexto, os extremos, então, do institucional ao pessoal, do nacional ao local, do sonho à realidade.

No tocante aos fatos históricos, destacam-se dois importantes marcos: o Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, e a Portaria nº 536, que teve sua publicação em 26 de maio de 1952. Segundo Ferreira e Cardoso (1994):

[...] a intenção de elaborar o atlas lingüístico do Brasil que toma forma de lei através do Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, cujo Art.3º., assenta como principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a **elaboração do atlas lingüístico do Brasil**. Tal determinação foi regulamentada pela Portaria nº536, de 26 de maio de 1952, que, ao baixar instruções referentes à execução do decreto de criação do Centro de Pesquisas Casa de Rui Barbosa, estabeleceu como finalidade principal, entre as pesquisas a serem planejadas, a própria elaboração do atlas lingüístico do Brasil. (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 44) (grifo nosso)

Infelizmente, no Brasil, as diretrizes oficiais são cumpridas quando estão ligadas diretamente aos interesses daqueles que detêm o poder. Naquela época, pouco foi feito, objetivando oferecer subsídios para elaboração do atlas com extensão nacional.

Contrariando os propósitos dos documentos mencionados, por impossibilidades diversas tais como: extensão territorial, vias de comunicação e deslocamento, bem como as peculiaridades políticas da época, sabiamente, os

dialetoólogos brasileiros optam por se dedicar aos atlas estaduais e regionais, assemelhando a trilha brasileira a dos Estados Unidos (NASCENTES, 1958, p.7).

A partir desse momento, conforme mencionado na seção anterior, vários atlas regionais e estaduais foram publicados no Brasil. No entanto, novamente, é na Bahia que, no final de 1996, renasce a chama dieletológica brasileira, em favor de um anseio do passado, no Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*. Na ocasião, deu-se início a [...] *um projeto nacional de mapeamento linguístico, no que toca a língua portuguesa...* (MOTA; CARDOSO, 2006, p.23).

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) tornou-se um projeto de empreitada nacional, pois integram-no pesquisadores de várias instituições de nível superior, possui um caráter multidisciplinar, uma vez que saberes diversos são aliados, objetivando atingir os objetivos propostos. Vale destacar, assim, os que são diretamente relacionados com a pesquisa aqui proposta, a saber:

Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (lingüistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia, dentre outras) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto para o ensino fundamental e o ensino médio, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil. (COMITÊ NACIONAL... 2009, p.9)

No tocante ao objetivo do *Projeto ALiB* mencionado, este trabalho procura viabilizar, de certo modo, ferramentas para possíveis aprimoramentos em diversas áreas do conhecimento científico, além de:

Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados. (COMITÊ NACIONAL... 2009, p.9)

Tal objetivo tem sido, de modo geral, um alvo a ser alcançado pelos pesquisadores, de modo a retratar as várias faces da fala brasileira, com base nas elocuições coletadas do Oiapoque ao Chuí, portanto, em todo o país.

Esta pesquisa visa a contribuir para a sistematização dos falares, no que tange ao *subfalar fluminense*. (NASCENTES, 1953) Ressalta-se, com isso, o objetivo geral desta dissertação, que, ao utilizar o léxico, tenta cooperar para:

Descrever a realidade linguística do português do Brasil com vistas a identificar fenômenos fonéticos, morfossintáticos, lexicais e semânticos

característicos da diferenciação ou definidores da unidade linguística no território nacional. (COMITÊ NACIONAL... 2009, p.9)

Por se tratar de um estudo lexical, em especial os aspectos do campo temático *diversão infantil*, após o levantamento sistemático, o tratamento e disposição dos dados em cartas linguísticas, espera-se somar com um dos objetivos do *Projeto ALiB*, a saber:

Oferecer aos interessados nos estudos linguísticos um considerável volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos. (COMITÊ NACIONAL... 2009, p.9)

Para tanto, parte-se de uma perspectiva com base em um ensino de língua que reflita a realidade local, fazendo com que os estudantes se sintam incluídos no processo de ensino/aprendizagem e percebam as suas idiossincrasias linguísticas sendo respeitadas e valorizadas nos espaços institucionais de educação e ensino de língua. A esse respeito, nas seções destinadas aos dicionários, além da dedicada aos jogos e brincadeiras, serão feitas algumas considerações sobre o ensino de língua materna, tentando estabelecer interfaces entre esses pontos – ensino e aprendizagem, a partir da dimensão da diversidade linguística; a importância dos jogos e brincadeiras infantis na escola; e, por fim – a interseção entre dados dialetais e dicionários de língua.

Considerando-se os avanços dos aspectos metodológicos da Dialetoologia, o *Projeto ALiB* utiliza-se dos princípios da Geolinguística Pluridimensional Contemporânea, ou seja, além do registro diatópico, incluem-se os registros do nível social. Visando atingir os objetivos gerais e específicos, abarcam-se, na rede de pontos, 250 localidades brasileiras, considerando a densidade demográfica de cada estado/região; a sugestão de localidades para composição de um atlas linguístico para o Brasil prevista em Nascentes (1958); os limites interestaduais e internacionais; bem como as características históricas e culturais. Assim, compõe a rede de pontos 25 capitais, com exceção de Palmas e Brasília, por serem cidades relativamente jovens, e 225 cidades interioranas.

Os informantes estão sistematicamente distribuídos em duas faixas etárias – faixa I, dotada de informantes considerados mais jovens (18 a 30 anos); e a faixa II que possui informantes mais idosos (50 a 65 anos) – em dois sexos (masculino e feminino) e com nível de escolaridade – fundamental incompleto (localidades do

interior e capital) e superior (capitais). No total, são 1100 brasileiros nativos que forneceram suas elocuições para obtenção dos dados, estes informantes são 8 pessoas por capital e 4 por localidade do interior.

O questionário ALiB (2001) utilizado nos inquéritos se subdivide em sete partes distintas, que são responsáveis por retratar várias perspectivas de estudos, tais como o fonético, o semântico-lexical, o morfossintático, o pragmático e os discursivos. Sendo assim, o questionário ALiB (2001) possui a seguinte segmentação:

Questionário ALiB (2001)	Quantidade de perguntas
<b>QFF</b> – Questionário Fonético-Fonológico	159 com mais 11 de prosódia
<b>QSL</b> – Questionário Semântico-Lexical	202
<b>QMS</b> – Questionário Morfossintático	49
<b>QP</b> – Questão de Pragmática	04
<b>TDS</b> – Temas para Discurso Semi-dirigido	04
<b>PM</b> – Perguntas Metalinguísticas	06
<b>LE</b> – Texto para Leitura	Parábola dos Sete Vimes / Texto adaptado.

Quadro 1 – Subdivisão do Questionário ALiB (2001).

Assim, em face do que foi exposto – a rede de pontos; os informantes e o questionário – são os elementos que compõem o tripé básico para a pesquisa de cunho dialetal, conforme preconizou Cardoso (2010, p. 89). No entanto, para o autor desta dissertação, há a necessidade de inclusão de mais um pé de apoio para as pesquisas dessa natureza, pois o inquiridor exerce um papel fulcral durante todo o processo que perpassa pelo antes, durante e depois da ida ao campo, da coleta e exegese dos dados, sendo ele o principal facilitador para o bom andamento e o sucesso da pesquisa.

Hoje, felizmente, a Dialectologia brasileira dispõe do atlas nacional, pois, por ocasião do *III Congresso de Dialectologia e Sociolinguística – III CIDS* – em homenagem às professoras Suzana Alice Marcelino Cardoso e Jacyra Andrade Mota, em outubro de 2014, na cidade de Londrina-PR, foram publicados os dois primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil*. Com isso, além de satisfazer aos anseios dos dialetólogos brasileiros, tem-se, com a publicação do *ALiB*, a esperança fortalecida e, tal marco, evidencia a força dos incansáveis alibianos, os quais compõem a *família ALiB*.

## 2.3 PROPOSTAS DE DIALETAÇÃO DO PORTUGUÊS DO BRASIL

O estabelecimento de áreas dialetais é um anseio antigo dos pesquisadores brasileiros. No percurso histórico, nota-se que as primeiras considerações são do final do século XIX, na tentativa de delimitação de áreas dialetais brasileiras. Reconhecido o incontestável caráter plural e diversificado do PB, faz-se necessário uma revisita a algumas peculiaridades dos estudos precursores, a fim de traçar uma cronologia até os dias atuais. Todavia, antes, torna-se preponderante ressaltar que *O falar do Norte do país não é o mesmo que o do Centro ou o do Sul. O de São Paulo não é igual ao de Minas.* (AMARAL, 1976, p.43).

Neste sentido, sobressai-se a proposta de divisão dialetal elaborada por Antenor Nascentes, em 1922, reelaborada em 1953, na obra *O linguajar carioca*.

Hoje que já realizei o meu ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoc ao Xuí, de Recife a Cuiabá, fiz nova divisão que não considero nem posso considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade. [...] Dividi o falar brasileiro em seis subfalares que reuni em dois grupos a que chamei do norte e do sul. (NASCENTES, 1953, p. 24-25)

Tal divisão foi baseada em dois fatos linguísticos – pronúncia das vogais médias pretônicas e em aspectos da prosódia. Embora a pesquisa tenha sido feita pelas impressões do referido autor, é a proposta que vem sendo alvo de estudos críticos pelos pesquisadores brasileiros, em busca da confirmação, tanto no nível fonético-fonológico quanto nos níveis léxico-semântico e morfossintático. Nascentes (1953) examina as outras propostas de divisão e as descarta, como pode ser visto no detalhamento que a seguir se expõe.

### a) *Divisão dialetal proposta por Júlio Ribeiro, em 1881.*

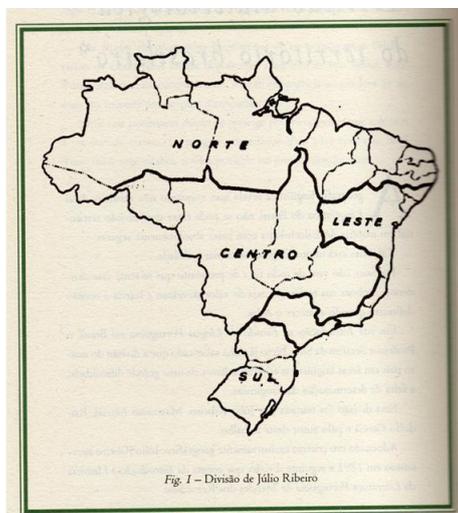


Figura 4 – Divisão dialetal de Júlio Ribeiro (1891)  
Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p.692)

**Características:** Estabelecendo um único critério, o geográfico, Ribeiro (1881) separou o território brasileiro em quatro grandes áreas: Norte; Leste; Centro e Sul.

**Parecer:** Nascentes considerou a proposta defeituosa, pois, segundo ele, existem alguns equívocos como, por exemplo, “[...] junta o Norte com o Nordeste... separa Alagoas dos demais estados do Nordeste; coloca o Espírito Santo e o Rio de Janeiro junto da Bahia...” (NASCENTES, 1953, p. 21) dentre outros.

**b) Divisão dialetal proposta por Maximino Maciel, em 1950.**

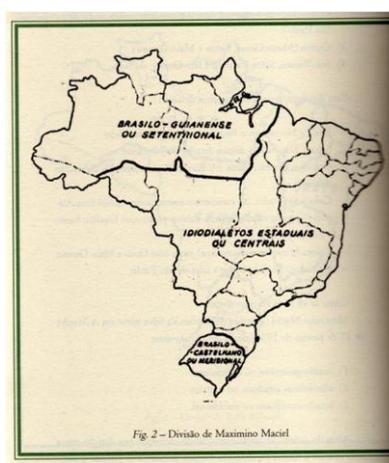


Figura 5 – Divisão dialetal de Maximino Maciel (1950)  
Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 694).

**Características:** Baseada no aspecto geográfico, Maciel (1950) apresenta uma divisão tripartida: basilo-guianense ou setentrional; idiodialetos estaduais ou centrais e basilo-castelhana ou meridional.

**Parecer:** Nascentes avaliou a proposta e identificou problemas, pois, além do exclusivo fundamento geográfico, o autor aponta que:

[...] A língua chamada Guiana Brasileira se estende à região da margem direita do Amazonas; que serão idiodialetos? A influência do castelhano platino na língua da fronteira com o Uruguai e com a Argentina não vai ao ponto de dominar um subfalar. (NASCENTES, 1953, p. 21)

**c) Divisão dialetal proposta por João Ribeiro, o historiador.**

**Características:** Na obra *História do Brasil*, sem data, João Ribeiro propõe que a seguinte divisão: o extremo norte – Amazônia; Maranhão, Piauí e Ceará; o norte – Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte; o centro – Sergipe, Bahia, Ilhéus, e Porto Seguro; o interior – São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso; o sul – Espírito Santo, Rio de

Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Portanto, possui 5 grupos. (NASCENTES, 1953, p. 23)

**Parecer:** Nascentes considera válida a proposta, pois foi pautada em critérios históricos, contudo ele apresenta e discute outra proposta de divisão dialetal.

**d) Divisão dialetal proposta por Rodolfo Garcia, em 1915.**

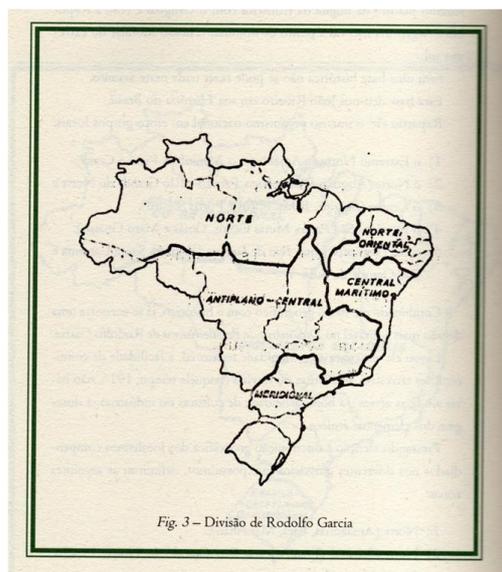


Figura 6 – Divisão dialetal de Rodolfo Garcia (1915)  
Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 696).

**Características:** A proposta de Rodolfo Garcia (1915) leva em consideração os aspectos geográficos e históricos, além da continuidade territorial, os aspectos culturais semelhantes e diferentes, a facilidade de comunicações terrestres, marítimas e fluviais, e, por fim, os glossários com expressões locais. O referido autor organiza o país em cinco zonas: norte; norte-oriental; central-marítima; meridional e altiplana-central.

**Parecer:** Conforme Nascentes (1953), é *uma divisão mais aceitável*, mas mesmo assim, o autor aponta vários defeitos como, por exemplo:

[...] Coloca o Maranhão na zona Norte, quando ele é uma espécie de intermediário entre ela e o Nordeste; Coloca o Rio de Janeiro e o sul do Espírito Santo na zona central-marítima; Coloca Minas Gerais (sem discriminar) e Goiás junto com Mato Grosso. (NASCENTES, 1953, p. 21)

e) **Divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes, em 1922.**

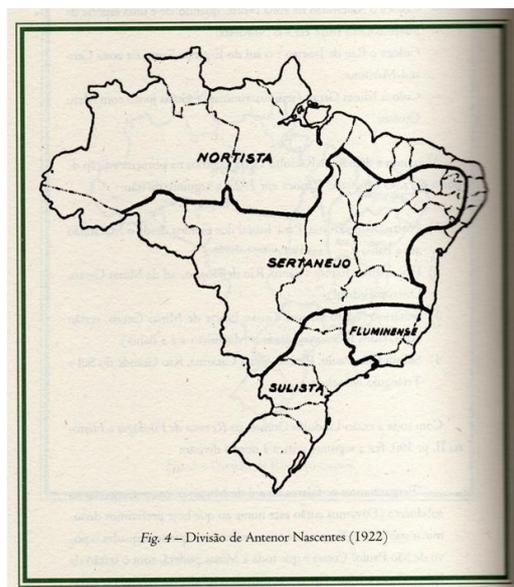


Figura 7 – Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1922)  
Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 698).

**Características:** Levando em consideração a divisão de Rodolfo Garcia, na obra *O Linguajar Carioca em 1922*, Antenor Nascentes apresenta uma proposta, divide o Brasil em: Nortista; Fluminense; Sertaneja e Sulista.

**Parecer:** A proposta de Nascentes também recebe críticas de geógrafos e historiadores, as quais ele por vezes as considera, por vezes, as refuta. Após acatar as ponderações feitas por Lindolfo Gomes, em 1933, Nascentes decide reorganizar a divisão, desse modo, propondo uma nova divisão dialetal.

f) **Divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes, em 1953.**

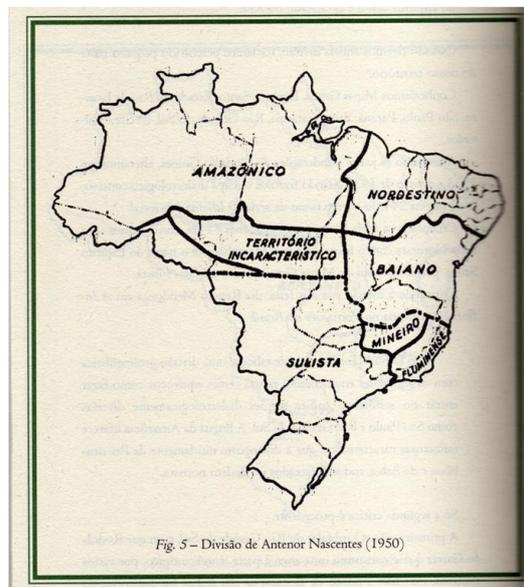


Figura 8 – Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1933/1953)  
Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 700).

**Características:** Com base na cadência e abertura das vogais médias em posição pretônica, o referido autor divide o Brasil em dois grupos – os falares do Norte e os falares do Sul – que foram subdivididos em seis subfalares – Amazônico e Nordestino, compondo os do Norte; Baiano, Fluminense, Mineiro e Sulista, que pertencem aos do Sul. Além desses, estabelece um território incaracterístico.

**Parecer:** Ainda assim, tal proposta recebeu críticas feitas por Renato Mendonça, em 1935, na obra *Influência africana no português do Brasil*, mas que foram refutadas de forma enfática por Nascentes.

Assim, os estudos acerca do PB, no campo geolinguístico, revelam a necessidade de uma nova proposição, porém com base em pesquisa empírica. Ainda hoje, busca-se resolver um antigo problema:

[...] o de que passadas mais de seis décadas da delimitação dos falares regionais do Brasil, por Nascentes (1953), os pesquisadores brasileiros, embora empenhados e incansáveis, ainda não conseguiram, com base em dados coletados *in loco*, atestar a atualidade da divisão dialetal proposta pelo autor ou traçar novo perfil para as áreas dialetais do Brasil. (RIBEIRO, 2012, p. 79)

As ressonâncias da última divisão de Nascentes (1953) são responsáveis por inúmeros estudos fonéticos, lexicais e morfossintáticos, com os mais diversos

interesses, mas sobretudo *pela delimitação de áreas dialetais*. (MOTA, 2006, p.321) Nesse âmbito, podem ser citados, dentre outros, os trabalhos de Cardoso (1986 e 1994); Ferreira, Mota e Rollemberg (1994); Ferreira e Cardoso (1995); Ferreira (1998); Mota (1999); e Viegas e Cambraia (2011).

### 2.3.1 Estudos Lexicais com base nos dados do Projeto ALiB

Aqui, embora haja uma vasta literatura, com artigos, trabalhos de estudantes de Iniciação Científica, dentre outros, optou-se por destacar os trabalhos que focalizaram o léxico, com vistas à contribuição do (re) conhecimento sobre áreas dialetais brasileiras, tendo como escopo os dados do *Projeto ALiB*. Desse modo, a seleção traz em evidência três trabalhos: a tese de doutorado de Ribeiro (2012); a dissertação de mestrado de Portilho (2013) – ambas são referências importantes para este trabalho – e a tese de doutoramento de Romano (2015).

No que tange à área denominada como *subfalar baiano*, Ribeiro (2012) se propôs a estudar a vitalidade dessa delimitação, utilizando as elocuições de 244 informantes das 57 localidades – pertencentes a área escolhida e áreas limítrofes, as quais foram nomeados como *área de controle* – que compreende 11 estados, distribuídos em quatro regiões administrativas brasileiras. Para tal empreendimento, foram coletadas as denominações que correspondem as 13 questões do campo temático *jogos e diversões infantis* que pertence o Questionário Semântico-Lexical do *Projeto ALiB*. A autora, ao finalizar a primeira tese de doutoramento baseada no *corpus* do *Projeto ALiB*, chegou às seguintes conclusões:

A proposta de Nascentes (1953) tem vitalidade na realidade presente, mas o limite traçado pelo autor, ainda não pode ser alargado ou reduzido sem que antes seja conhecida, com maior profundidade, a área circunvizinha ao *Falar Baiano*. As subáreas dialetais A, B, C e D apresentadas evidenciam a *diversidade* na *unidade*. (RIBEIRO, 2012, p. 449) [grifos da autora]

O estudo de Ribeiro (2012) trouxe contribuições relevantes para a pesquisa dialetal brasileira, dentre as quais se destacam duas, nas palavras da autora:

1. a delimitação da área dialetal do *Falar Baiano*, com a precisão possível de ser alcançada, empreendida por meio de procedimentos geográficos que consideram a toponímia, os indicadores como latitude e longitude, as escalas e a associação entre os acidentes geográficos anotados por Nascentes (1953) e uma base cartográfica oficial brasileira (IBGE bCIM). [...]
2. diz respeito a ser esta a primeira experiência de que se tem registro de cartografia de área dialetal tão extensa, sem estar atrelada aos critérios

de demarcação geopolítica do país (um estado, uma região. (RIBEIRO, 2012, p. 450-454) (grifos nossos)

Além das contribuições, Ribeiro (2012) sugere que:

A sócio-história dos municípios que compõem a rede de pontos pesquisada, as linhas migratórias estabelecidas, **os processos de mudança de rural para urbano no perfil das localidades**, apesar de constituírem temas considerados quando se estudavam os pressupostos teóricos que serviram de base para a pesquisa, mostraram-se de difícil abordagem [...] Optou-se por não enveredar por tal caminho, no entanto, **deve-se ressaltar que em um estudo mais amplos os temas sejam pesquisados** [...] (RIBEIRO, 2012, p. 450) (grifos nossos)

No ano seguinte, ao selecionar o mesmo campo temático investigado por Ribeiro (2012), *jogos e diversões infantis*, Portilho (2013), por meio da pesquisa de mestrado, busca atestar a vitalidade de outra área dialetal, o *subfalar amazônico*. Para tal intento, foram escolhidas 20 localidades, pertencentes à área geográfica em análise, adicionadas a seis localidades que compõem os pontos de controle<sup>4</sup>. A autora privilegia duas abordagens: a diatópica e a léxico-semântica e afirma, ao findar o estudo:

Pelo exposto, pode-se afirmar que, apesar das interinfluências entre os falares, especialmente entre as localidades fronteiriças e a área dialetal investigada nesta pesquisa, **foi atestada uma relativa vitalidade do falar amazônico no nível lexical, considerando que o léxico dessa área mostrou-se peculiar em relação ao de outras regiões do Brasil. [...] Foi possível atestar a vitalidade da área do falar amazônico para algumas perguntas, evidenciando peculiaridades da região pesquisada em relação às demais regiões do Brasil.** Estudos mais amplos envolvendo as demais áreas dialetais propostas por Nascentes (1953) poderão ratificar ou retificar as conclusões obtidas a partir dos dados lexicais examinados. (PORTILHO, 2013, p.138-139) (grifos nossos)

Um trabalho mais recente, nesse âmbito, trata-se da tese de doutorado intitulada *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil*, que tem como autoria Valter Pereira Romano, defendida em 2015, na Universidade Estadual de Londrina. Em seu estudo, o autor, para investigar o *subfalar sulista* proposto por Nascentes (1953), elegeu cinco questões: QSL-001; QSL-039 – QSL-132; QSL-156 e QSL-177<sup>5</sup>, do Questionário Semântico-Lexical do *Projeto ALiB*, pertencentes a campos temáticos distintos, objetivando comprovar a vitalidade da área. Para isso, foram utilizadas, na pesquisa, elocuições de 472 informantes, das 118 localidades do Brasil, entre capital e interior, situadas em nove estados. Vale

<sup>4</sup> Portilho (2013) adota o mesmo critério definido por Ribeiro (2012), ao estabelecer “área de controle”.

<sup>5</sup> As questões utilizadas buscam referentes para: *Córrego, Tangerina, Menino, Bolinha de Gude e Geleia*, respectivamente.

dizer que, conforme critérios metodológicos previstos na pesquisa, para não enviesar a pesquisa, não foram utilizados os dados orais dos informantes com nível superior.

O autor, desse modo, ao concluir o trabalho, fez algumas proposições, tais como: uma revisão, sob o ponto de vista do léxico, da área denominada como *subfalar sulista*, conforme as palavras do autor:

Considerando que o PB, em meados da segunda década do século XXI, já se encontra documentado em áudio pela equipe do *Projeto ALiB*, **pode-se afirmar que, sob o ponto de vista do léxico, a divisão de Nascentes (1953), para o subfalar sulista, não é mais válida.** Seria um equívoco considerar estados linguística e sócio-históricamente distintos como SP e RS pertencentes ao mesmo falar, uma vez que ambos os estados apresentam aspectos que os definem e os diferenciam. (ROMANO, 2015, p. 265) (grifos nossos)

A partir dessas considerações, Romano (2015) defende a existência de dois falares circunscritos por limites virtuais e fluidos, na área em análise: o falar paulista e o falar sulista. Além disso, apresenta outra constatação:

[...] Há indícios da existência de subáreas lexicais em espaços comuns tanto ao falar sulista quanto ao falar paulista, o que indica a necessidade de estudos mais apurados sobre essas áreas, bem como de outros subfalares de Nascentes (1953), a fim de delimitar com mais precisão qual a abrangência desses dois grandes falares por ora identificados, bem como empreender análises considerando outros níveis linguísticos como o fonético e o morfossintático com vistas a traçar as áreas dialetais para o PB. (ROMANO, 2015, p. 266)

Acredita-se, aqui, como já mencionado anteriormente, que, com o léxico, é possível traçar áreas geograficamente semelhantes e/ou diferentes, por meio de isoglossas. Considere-se, ainda, que o campo temático *jogos e diversões infantis* tornou-se uma ferramenta importante para a caracterização das áreas dialetais brasileiras, uma vez que vários trabalhos vêm sendo feitos tanto em nível de pós-graduação quanto em nível de graduação. Em breve, talvez, tenha-se um conhecimento mais eficaz e detalhado sobre os falares brasileiros, sob a perspectiva lexical, a partir dos jogos e das brincadeiras. Adiciona-se, ao contexto, a inexistência de pesquisas dessa natureza em algumas áreas dialetais, com prevalência majoritária de trabalhos que focam os aspectos fonéticos; fonológicos e morfossintáticos, como evidenciados na próxima seção.

### 2.3.2 A área dialetal do *subfalar fluminense*

Inicialmente, é relevante voltar-se novamente para os pensamentos de Nascentes (1953, p. 218), quando faz referência à área eleita para a pesquisa aqui proposta: *o fluminense, abrangendo o Espírito Santo, o estado do Rio de Janeiro, o Distrito Federal<sup>6</sup>, Minas (Mata e parte do Leste)*. Pertencente aos falares do Sul, o *subfalar fluminense* localiza-se em uma posição espacial interessante, na costa litorânea brasileira e estabelece limites com os outros subfalares – *baiano, mineiro e sulista*.

De modo geral, o léxico tem sido, de forma paulatina, utilizado para a descrição e caracterização dos falares, bem como estabelecimento de áreas dialetais. No entanto, no Brasil, ainda, sobretudo no que tange ao *subfalar fluminense*, destacam-se estudos que privilegiam os níveis fonético-fonológico e morfossintático, com o surgimento bem tímido de trabalhos lexicais.

Na perspectiva fonético-fonológica, torna-se indispensável revisitar dois trabalhos de cunho geolinguístico – Lima (2006) e Almeida (2008) que abrangeram, de forma parcial, algumas localidades da área escolhida para as análises empreendidas nesta dissertação, mas ficaram circunscritas ao estado do Rio de Janeiro.

Nomeado como *Atlas Fonético do entorno da Baía da Guanabara*, o estudo de Lima (2006) abarca quatro cidades da região metropolitana, a saber: Nova Iguaçu; Duque de Caxiais; Magé e Itaboraí e objetivou tecer considerações sobre a fala fluminense. A autora, nas considerações finais, destaca que:

Área de migração intensa, que recebe contingentes populacionais advindos de outras comunidades fluminenses e de diferentes regiões do país, em especial do Nordeste e dos estados do Espírito Santo e Minas Gerais, a Baixada constitui um campo frutífero a pesquisas de natureza dialectológica e sociolinguística, tendo em vista o contato interdialetoal que lá se verifica e, que, sem dúvida, deve ter conseqüências, que a pena pesquisar, na fala dos nativos da região. (LIMA, 2006, p. 138)

Dois anos depois, Almeida (2008) propôs – com base em fenômeno fonético, o -s em coda silábica – uma contribuição para os falares fluminenses. Nas palavras da autora:

Esta pesquisa representa uma modesta contribuição para a caracterização dos falares fluminenses, já que sua rede de pontos conta apenas com doze localidades. Tem-se consciência de que, sozinho, o Micro AFERJ não é

---

<sup>6</sup> Nesta época, o Distrito Federal era no Rio de Janeiro.

capaz de propiciar uma visão profunda das peculiaridades lingüísticas do Estado do Rio de Janeiro. No entanto, se aliado aos trabalhos já realizados pelo APERJ, pelo PEUL, pelo NURC-RJ e pelo AFeBG, essa visão se dilata sobremaneira. Desse modo, crê-se ter galgado mais um degrau na escalada rumo ao desvendamento de uma variedade pouco explorada, que é o subfalar fluminense, no que tange à área do Rio de Janeiro. (ALMEIDA, 2008, p. 135)

No nível morfossintático, evidenciam-se os trabalhos de VIEIRA (1995); ALMEIDA (1997); BRANDÃO & VIEIRA (1998), BRANDÃO & ALMEIDA (1999), dentre outros, que, de certo modo, estudaram os aspectos da fala dos cariocas.

Ainda no que diz respeito aos estudos investigativos sobre as peculiaridades do subfalar em questão, é salutar trazer as considerações feitas por Zágari (2005), pois, contrariando as ideias de Nascentes (1953), com base na pesquisa empreendida para elaboração do EALMG, o autor reformula a existência do *subfalar fluminense* – nos termos exatos propostos por Nascentes (1953) – estabelecendo e caracterizando três falares em Minas Gerais – baiano; paulista e mineiro.

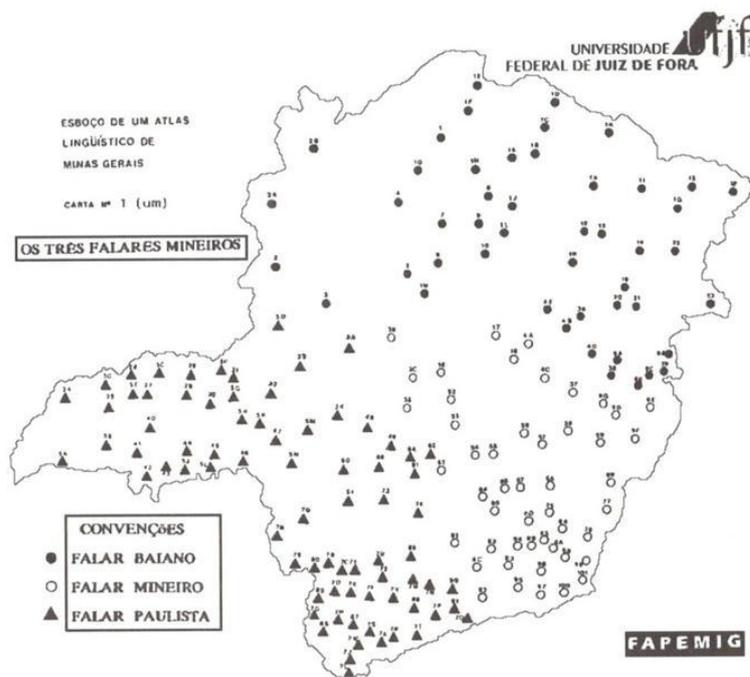


Figura 9 – Divisão dialetal de Minas Gerais  
Fonte: ZÁGARI (2005, p. 64)

Contrariando as proposições de Zágari (2005), duas estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto, Gonçalves e Silva (n.d), orientadas pela professora Ana Paula Rocha, membro do *Projeto ALiB*, avaliaram e levantaram pontos passíveis de maiores discussões, tais como: o caso da cidade de Patos de Minas, localizada na região do Triângulo Mineiro, não apresentar, com frequência, o

uso do [r] retroflexo, conforme critérios homogêneos; além desse, conforme as autoras, há outro caso problemático, o das vogais orais faladas no Vale do Aço, que possuem maior tendência de abaixamento, sendo assim, caracterizando a área como um *falar baiano* e não mineiro, como descrito por Zágari. Ao concluir a pesquisa, as autoras afirmam:

O trabalho de Zágari teve grande importância tanto como pioneiro nos estudos dialetais em Minas Gerais, quanto no contexto nacional, por ser mais uma contribuição na descrição do português falado no país. No que diz respeito ao estado, sua divisão em três zonas dialetais, ou três falares, é o primeiro caminho da descrição da língua efetivamente falada por aqui, e tem enorme utilidade para os estudos atuais na medida em que é possível comparar seus dados com dados coletados na atualidade, além de ser uma base de auxílio para pesquisadores neste novo século. A maior facilidade de locomoção e acesso aos municípios mineiros, e as novas tecnologias disponíveis, propiciam a realização mais prática de trabalhos de sondagem e mapeamento lingüístico, inclusive o ALiB, e a partir dos novos dados coletados, também a comparação com estudos anteriores. (GONÇALVES; SILVA, n.d, p.8)

Nesse âmbito, destaca-se outro trabalho, também, com abrangência parcial, a dissertação de mestrado – *Os falares da Bahia e do Espírito Santo: implicações sob os aspectos dialetológicos* – de Renato Pereira Aurélio, defendida em 2012, na Universidade Federal do Espírito Santo. No estudo, o autor analisa oito pares de cartas lexicais dos dois atlas, APFB e ALES, tentando estabelecer os caminhos das interferências linguísticas do estado baiano sobre o estado capixaba. Aurélio (2012) conseguiu desmitificar que os capixabas carecem de uma identidade linguística, afirmando que a diversidade cultural é propiciadora da riqueza linguística do Espírito Santo. Sobre as divisões feitas por Nascentes (1953) e Zágari (2005), o autor advoga que:

Com relação à classificação de Nascentes (1953) sobre os dialetos brasileiros, apesar de ser confirmada em muitos estudos, demanda análises mais profundas em cada região, com dados representativos de todo território brasileiro (ALTENHOFEN, 2002), a fim de se comprovar o estudo. É o caso do Espírito Santo, classificado apenas no subfalar carioca. Para Rodrigues (2008), o detalhamento da fala capixaba demanda uma revisão dessa classificação, de modo que esse estudo buscou contribuir com essa proposta. Considerando-se a hipótese levantada a partir do estudo feito por Zágari (2005), em Minas Gerais, em que o autor identifica área do subfalar baiano, é possível dizer que no Espírito Santo ocorre processo semelhante. A presença de algumas lexias baianas em solo capixaba revela a ocorrência de áreas linguísticas ao norte do Espírito Santo. Por outro lado, a presença de algumas lexias do Espírito Santo no sul da Bahia também pode caracterizar influência. (AURÉLIO, 2012, p.118-119)

Ressalta-se que, até então, tem-se visto inúmeros estudos parciais, ou seja, não abrangentes da totalidade, e/ou sob outros parâmetros de análise linguística. A partir disso, ergue-se a necessidade de um estudo lexical, fonético e/ou morfossintático sistemático, com base em dados empíricos, a fim de um traçado virtual mais eficaz e que retrate, na atualidade, os falares encontrados, atentando-se para os aspectos sócio-históricos, culturais e linguísticos das localidades, contribuindo, dessa forma, para os estudos dialetais do PB, sob a área do *subfalar fluminense*.

Em virtude desses argumentos, o estudo aqui proposto torna-se uma importante referência para futuras pesquisas sobre a área em questão, haja vista o caráter inovador tanto sob o nível de análise – léxico – quanto à contemplação de toda a extensão proposta por Nascentes (1953), no que é atinente ao *subfalar fluminense*.

Ademais, torna-se preponderante destacar que os dados serão tratados com dois enfoques principais, ou seja, o diatópico, a fim de atingir o objetivo geral da pesquisa, e o diastrático, objetivando verificar as influências dos fatores sociais – idade, sexo e escolaridade; e sócio-históricos – atentando-se para a história, cultura e formação das localidades – sobre as preferências lexicais dos informantes, assim, corroborando o traçado das isoglossas geográficas.

## 2.4 A SOCIOLINGUÍSTICA

Entende-se por estudo sociolinguístico aquele que observa os fenômenos linguísticos pelo viés de suas ligações com os fatores sociais, ou seja, como a língua é um fenômeno heterogêneo e mutável, além das influências internas, indubitavelmente, ela sofre influências diversas do posto de vista social, segundo os postulados dessa área da Linguística.

A Sociolinguística, consolidada a partir da década de 60, portanto, uma ciência ainda jovem, contribuiu com as perspectivas e princípios de outras ciências, sendo esta uma vertente dos estudos linguísticos que possui uma natureza interdisciplinar.

De modo a compreender a noção dos pressupostos defendidos pelos estudos sociolinguísticos, cita-se que a teoria da variação tem como foco de estudos os padrões linguísticos observáveis em uma comunidade de fala, além disso, a

variação e a mudança linguística são vistas como fatos naturais à língua e podem ser passíveis de descrição e sistematização, com base em regras variáveis, sem deixar de observar os fatores sociais. Segundo Labov (2008):

As variáveis mais próximas da estrutura superficial frequentemente são foco da avaliação social. De fato, valores sociais são atribuídos a regras linguísticas somente quando há variação. Os falantes não aceitam de imediato o fato de que duas expressões diferentes realmente “têm o mesmo significado” e existe uma forte tendência a atribuir diferentes significados a elas. Se dado grupo de falantes usa uma variante particular, então os valores sociais atribuídos a esse grupo serão transferidos a essa variante linguística. (LABOV, 2008, p. 290)

Encontra-se, a partir dessas ideias, uma visão nítida sobre como a língua é uma ferramenta de poder e segregação social, uma vez que uma variante linguística vai possuir o mesmo valor e prestígio dado ao grupo social que a utiliza. Diante disso, constata-se a polarização sociolinguística brasileira, estando de um lado as normas cultas, que correspondem aos hábitos linguísticos das camadas mais escolarizadas e, por isso, em geral, com maior acesso aos bens econômicos e culturais, por conseguinte, de outro lado, as normas vernaculares, oriundas, grosso modo, das camadas subalternas, com baixa escolaridade e pouco acesso aos bens culturais e econômicos. (LUCCHESI, 2004, p.64)

Assim, se a língua varia, o faz por vários fatores, a saber: a variação espacial ou geográfica, classificada como diatópica, é a que se centra no estudo dos fenômenos linguísticos no espaço geográfico; a variação social, denominada diastrática, entendida por diferenças linguísticas ocasionadas pelo nível de escolaridade; a diassexual, como se deduz da definição é a que estabelece diferenças entre a fala dos homens e das mulheres; a diageracional é responsável por caracterizar a variação entre as falas dos jovens e dos idosos, dentre outros tipos.

Ademais, essa vertente de estudos linguísticos possui um método empírico de pesquisa, por meio de entrevistas, objetivando a língua *usada por seres humanos num contexto social...* (LABOV, 2008, p.215), isto é, a língua falada de forma espontânea, sem monitoramento, utilizada na interação verbal/social para comunicar os desejos, os pensamentos e as emoções. Desse modo, podem ser citadas duas vertentes, inclusas nos estudos sociolinguísticos: a quantitativa ou laboviana e a interacional.

A Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana surge, em 1963, com o clássico estudo sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard. Com isso, Labov (1983) buscou apontar os papéis desempenhados pelos fatores sociais, sobre o inglês falado na ilha. A partir desse período, percebem-se os avanços inquestionáveis dessa ciência, que trouxe princípios sobre a variação e mudança linguística. A primeira podendo ser observada num dado momento num determinada língua e é constituída pelas variantes linguísticas, ou seja, *duas (ou mais) maneiras de dizer a mesma coisa com o mesmo valor de verdade*. (TARALLO, 2001, p. 5), ao passo que a segunda é facilmente notada, após a competição de duas variantes, com vitória de uma delas.

Por sua vez, a vertente interacional, mais conhecida como a parte da Sociolinguística que procura analisar a fala em interação, demonstrando as mudanças e interpretações passíveis de variação, conforme o posicionamento linguístico, a depender do contexto. Nessa perspectiva de análise, compreende-se a língua como *um fenômeno sociocultural, com características lingüísticas e discursivas passíveis de serem observadas, descritas, analisadas e interpretadas*. (BRAIT, 2001, p.194)

Evidencia-se, assim, que a abordagem interacional possibilita a verificação das relações interpessoais, intersubjetivas, veiculadas pelo modo como o discurso é organizado, isto é, são importantes, dentre outros fatores: a) tudo o que foi dito, b) tudo o que ficou explícito e implícito e c) todas as outras características do discurso oral. A junção desses aspectos darão valores e sentidos aos enunciados.

Desse modo, a investigação, na Sociolinguística Interacional, centra-se nas reações dos informantes nas situações interacionais face a face. Adiciona-se a isso o fato de que:

Nessa abordagem do discurso, tanto o falante como o ouvinte têm papéis ativos na elaboração da mensagem e na definição de "o que está se passando aqui e agora". Não há, portanto, significado que não seja situado. A noção de contexto ganha relevância passando a ser entendida como criação conjunta de todos os participantes presentes ao encontro e emergente a cada novo instante interacional. Os integrantes levam em consideração não somente os dados contextuais relativamente mais estáveis sobre os participantes (quem fala para quem), referência (sobre o quê), espaço (em que lugar) e tempo (em que momento), mas consideram sobretudo a maneira como cada um dos presentes sinaliza e sustenta o contexto interacional em curso. (RIBEIRO; GARCEZ, 2002, p.8)

Sendo assim, todas as escolhas envolvidas no processo de interação, tais como: gestos, palavras, estruturas linguísticas, postura corporal, entonação, dentre

outros, são alvos de atenção, ou seja, para os sociolinguistas interacionais, o indivíduo, ao interagir, se projeta no discurso, dando evidências de suas crenças, valores e identidade, perante o interlocutor e a sociedade.

É interessante destacar as contribuições da Sociolinguística, variaconista e interacional, para o ensino de língua materna, uma vez que esta vê a língua como um fenômeno utilizado para interação e, por meio dele, os indivíduos constroem suas identidades perante a sociedade, aquela, por conseguinte, vê a língua como um fenômeno flexível e, portanto, as noções de erro, bem como as dicotomias certo *versus* errado, bonito *versus* feio e correto *versus* incorreto devem ser extintas do imaginário popular, sobretudo, das instituições formais de ensino, onde, na maioria das vezes, reside o fomento da cultura ao preconceito linguístico.

#### 2.4.1 Um ponto de interseção entre Dialetoлогия e Sociolinguística

A Dialetoлогия e a Sociolinguística são ciências que possuem semelhanças e diferenças, mas as peculiaridades existentes entre elas são notadas a partir do tratamento dado ao fenômeno linguístico, pois elas têm como objeto de pesquisa a língua falada. Desse modo, elas são *duas perspectivas de observação e análise da língua que não se opõem, mas sim se encontram e se complementam* (CALLOU, 2010, p.35).

Destaca-se que ambas coadunam em propósitos, pois são ciências que permitem aos seus pesquisadores a saída das salas de pesquisas, dos ambientes institucionais que, muitas vezes, são confortáveis e aconchegantes, permitindo-lhes ir ao campo de pesquisa buscar a matéria prima, no caso, a língua falada no seio da comunidade, a língua vernácula.

Sendo assim, portanto, permitem ao pesquisador adentrar as comunidades e possibilitam o enriquecimento dele, pois, ao se deslocar para o ambiente institucional novamente, o estudioso volta com inúmeras experiências que, certamente, fomentarão pesquisas futuras. Logo, são ciências que enriquecem, formam, sensibilizam, e, por vezes, chocam o pesquisador, diante dos fatos que se lhes apresentam, ao presenciar relatos e fatos da história e da cultura das localidades, bem como da vida dos informantes.

Reconhecidas e incontestáveis as semelhanças, torna-se oportuno explicitar as diferenças entre elas. Para tanto, faz-se necessário trazer as ideias de Corvalan (1989):

Por um lado, a preocupação básica da Dialectologia é estabelecer as fronteiras geográficas de certos usos linguísticos [...] E, por outro lado, a preocupação central da Sociolinguística é identificar processos de mudança linguística em curso e estabelecer as fronteiras sociais de certos usos linguísticos... (CORVALAN, 1989, p. 9) (tradução nossa)<sup>7</sup>

Enfatizem-se, ainda, as particularidades destas duas vertentes de estudos, pois a Dialectologia possui um caráter eminente diatópico, tendo como base de sua descrição a localização espacial, ao passo que a Sociolinguística caracteriza-se por sua eminência social, uma vez que centra sua investigação nas possíveis relações entre os fenômenos linguísticos e os fatores sociais, tais como: idade, sexo, escolaridade, profissão entre outros (CARDOSO, 2010, p.26).

## 2.5 O LÉXICO

É sabido que o nível lexical é o que mais evidencia as mudanças históricas e culturais de um povo, conforme Vilela:

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralingüística e arquiva o saber lingüístico de uma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertos e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal, quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico que é o repositório do saber lingüístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes de uma comunidade. (VILELA, 1994, p. 6)

Sendo assim, pode-se definir o léxico de uma língua como o nível de análise linguístico responsável por retratar todos os processos de nomeação ocorridos na comunidade, pois, com o passar dos anos, muitas palavras antigas vão deixando de ser usadas, ao passo que outras vão sendo incorporadas no vocabulário, na medida em que os falantes, sempre criativos, necessitam de novos nomes para os objetos. Ainda, nessa perspectiva, vale mencionar o processo criativo e inventivo dos homens, ao surgir um referente que precisa ser nomeado.

---

<sup>7</sup> Por um lado, la preocupación básica de la dialectología por establecer las fronteras geográficas de ciertos usos lingüísticos [...] Y por otro lado, La preocupación central de La sociolingüística por identificar procesos de cambio lingüístico em marcha y por establecer faz fronteras sociales de ciertos usos lingüísticos...

Tem-se, assim, no léxico um local de funcionamento dinâmico, uma vez que todas as nomeações são representadas nele e por ele, portanto, salvaguardando as formas antigas e recentes no percurso histórico-linguístico e cultural dos povos. Ainda, por esse ângulo:

O léxico é o nível da língua que melhor evidencia as pegadas do homem na sua trajetória histórica. É por mor meio dele que o homem nomeia o espaço que o circunda e a consubstancia a sua visão de mundo acerca da sociedade. Nessa perspectiva, as migrações dos homens se traduzem também em migrações de palavras que ora se fixam na fala de determinados grupos sociais, ora são substituídas por outras que melhor traduzam a realidade sociocultural desses grupos. (ISQUERDO, 2009, p.43)

De acordo com as afirmações de Biderman (2001), ao longo da tradição dos estudos do léxico, três ramos merecem destaque, centram-se em objetos diferentes, possuem fundamentação teórica e metodologia distintas, embora uma possa vir a complementar a outra, como pode ser visto a seguir, por meio do quadro 2:

<b>Ramos</b>	<b>Aspectos teórico-metodológicos</b>
<b><i>Lexicologia</i></b>	Preocupa-se com os problemas teóricos que embasam o estudo do fazer ciência do léxico e centra-se na análise da palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico.
<b><i>Lexicografia</i></b>	Considerada como a ciência dos dicionários, como tal, ela registra os vocábulos duma língua e se volta para as análises de significação da palavra.
<b><i>Terminologia</i></b>	Centra-se no estudo sobre os termos, as palavras especializadas.

Quadro 2 – Ramos de estudos do Léxico

Diante das elucidações feitas, torna-se importante trazer à cena as definições de termos referenciais para os estudos lexicais. Por esse viés, entende-se a grande discussão empreendida por diversos estudiosos, ao conceituar *palavra*. Muito árdua tem sido essa tarefa, pois, na língua falada, há os maiores pontos de discordância, ao passo que, na escrita, a palavra é entendida como *qualquer sequência que ocorre entre espaços e/ou sinais de pontuação* (BASÍLIO, 1991, p. 11).

Nesse sentido, desprezando-se a dimensão escrita, para a linguística, a palavra possui várias caracterizações: a) como uma unidade fonológica; b) como elemento mínimo da estrutura sintática; c) como elemento do vocabulário da língua (ROSA, 2005, p. 74). Nesta dissertação, a palavra será tratada na perspectiva de acordo com a visão morfossintática, ou seja, como um elemento mínimo da estrutura sintática.

Adotando-se essa postura, passa-se para o conceito de *lexia*, *unidade lexical memorizada*. No entanto, antes, o referido autor utiliza-se das definições de morfema, entendido como unidade mínima de significação, classificado em dois grupos: os *lexemas* – que são os morfemas alusivos ao léxico, portanto, contribuem para enriquecimento de uma língua; os *gramemas* – que são os morfemas gramaticais, isto é, os alusivos ao sistema restrito, dessa forma, são fixos. Conforme os postulados de Pottier a *lexia* é fracionada em quatro tipos, a saber:

Tipos	Definição
<b>Lexia simples</b>	Relaciona-se com a noção de uma palavra simples e/ou derivada para a tradição gramatical e possui um único radical como, por exemplo: papel, capa, azul, céu, saleiro.
<b>Lexia composta</b>	Relaciona-se com a noção de uma palavra composta, possui mais de um tema ou radical para a tradição gramatical como, por exemplo: abaixo-assinado, cachorro-do-mato, lava-rápido.
<b>Lexia complexa</b>	Relaciona-se com a noção de uma associação de palavras dotada de um sentido fixo, com o passar do tempo, como, por exemplo: UFBA; IFBA; UFRB.
<b>Lexia textual</b>	Relaciona-se com a noção de <i>lexia</i> complexa, na medida em que atinge o nível de um texto como, por exemplo: é melhor um pássaro na mão do que dois voando; O que é? O que é? Cai em pé e corre deitado.

Quadro 3 – Tipos de *lexias*, conforme Pottier (1974), adaptado.

Sabe-se também que o léxico de um falante é polarizado, uma vez que existem *lexias* que são decodificadas, mas não fazem parte dos usos linguísticos do indivíduo receptor, pertencentes ao léxico passivo, ao passo que as *lexias* utilizadas com frequência constituem-se no léxico ativo.

A formação do léxico de uma língua também recebe influências diversas, como os empréstimos linguísticos. Portanto, nesse âmbito, podem ser citadas, conforme aspectos culturais da formação do povo brasileiro, as influências dos povos indígenas, africanos e europeus, enriquecendo o léxico e tornando-o um ambiente plural e diversificado. Citam-se, por exemplo, dentre outros, os vocábulos *mandioca*, *mingau*, *minhoca* – oriundos dos povos indígenas – *binga*, *angu* e *abadá* – oriundos dos africanos. Além desses advindos do período do Brasil colônia, há os que chegaram em épocas distintas ora pelo desembarque de novos povos e culturas às terras brasileiras ora pela força da modernização e informatização, tais como: *pizza*, *tchau*, *frizer*, *mousse* etc.

Adicionam-se a esses fatores, a criação lexical que pode ser por dois processos: semânticos – mudança de sentido e os processos de ampliação de sentido de uma palavra, denominada como processo polissêmico, ou seja, a palavra passa adquirir outros sentidos; e formação de palavras – por derivação e composição – e os neologismos.

Partindo da noção de palavra. Cabe também tratar de aspectos relacionados à noção de campos. De modo a compreender os impasses dos viéses teóricos, ao tentar diferenciar campo semântico, campo lexical e campo temático, torna-se salutar trazer à tona algumas considerações, a fim de escolher as noções mais próximas da proposta desta dissertação.

Assim, entende-se como campo semântico as várias possibilidades existentes que uma determinada palavra e/ou conceito pode ser empregada (o), a depender do contexto como, por exemplo: o campo semântico de brincadeira vai envolver noções de distração, relaxamento, divertimento, piada entre outras, ou seja, possui uma significação menos ampla, por englobar lexemas, apenas. Por sua vez, o campo lexical é o agrupamento de palavras pertencentes ao léxico de uma língua que juntas estabelecem um vínculo por estar em um mesmo conjunto lexical como, por exemplo: o campo lexical do futebol engloba as palavras bola, trave, goleiro, gandula, gol etc.

Evidenciam-se, com isso, as postulações de Vanoye, a saber: campo semântico é *o conjunto das significações assumidas por uma palavra num certo enunciado*, ao passo que campo lexical é *o conjunto de palavras empregadas para designar, qualificar, caracterizar, significar uma noção, uma atividade, uma técnica, uma pessoa* (VANOYE, 1996, p. 34).

O campo lexical, conforme as afirmações de Lyons (1977, p.22), trata-se, em síntese, de *conjunto de lexemas (palavra ou parte dela que contém informação básica de significado) que, organizados em função das relações de sentido existentes entre si, abrangem determinada área de significação*. Em contrapartida, para o referido autor, o campo semântico é *o termo que refere um conjunto de lexemas ou outras unidades linguísticas que se encontram ligadas semanticamente*. Destaca-se, assim, a noção de campo semântico por ser ampla.

Diante do impasse que envolve as terminologias dos campos, evidencia-se a noção que será norteadora da pesquisa empreendida aqui, pois, ao fazer referência ao Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB, toma-se, como empréstimo, a

noção de *área semântica*, embora, com o intuito de atenuar as divergências acerca do assunto, se pode pensar em campo temático – aquele que engloba palavras com temas em comum; ou campo léxico-semântico, conforme a própria nomenclatura do questionário ALiB.

### 2.5.1 Léxico, Cultura e Identidade Social

É irrefutável que as crenças, os valores, as ideologias, os pensamentos, bem como as emoções de um indivíduo são percebidas no discurso, porque:

A fala de uma pessoa pode indicar sentimentos, o tipo de personalidade que tem, quem é. Alguns modos de falar são indicadores de características demográficas, tais como idade, sexo, ocupação, grau e tipo de instrução, nação ou região de origem... (PRETI, 2003, p. 49)

Desse modo, o léxico de uma comunidade perpassa por instâncias múltiplas e variadas das quais podem ser citadas a família, a igreja, a escola, bem como as mídias que são responsáveis por moldar, de certa forma, o repertório linguístico do indivíduo, muitas vezes, determinando algumas escolhas linguísticas em detrimento de outras.

Sabe-se que essas instâncias exercem um papel ímpar na formação ideológica de um indivíduo. Assim, muitas construções sociais são feitas, dentre essas, percebem-se, com destaque, o mito das cores, os tipos de brinquedos e brincadeiras, os tabus linguísticos, o comportamento social, os gestos e emoções etc., todas essas construções são solidificadas, em determinadas culturas, por fomento das crenças e atitudes das pessoas, que, às vezes, são passadas de geração a geração.

Por esse prisma, a igreja, instituição diretamente ligada, no imaginário popular, à religiosidade, à moral e aos bons costumes, na medida em que dita as normas de como pensar, agir, vestir e falar, torna-se um pilar importante para os hábitos individuais e coletivos, uma vez que, geralmente, os pais passam a criar seus filhos por determinadas orientações religiosas e, assim, propagando as ideologias que acreditam.

Em determinadas culturas e famílias, mesmo em tempos nomeados como *pós-modernos* (HALL, 2000), os meninos só podem utilizar as cores azul e verde, brincar de carro, jogar futebol, falar palavrões, sentar-se de qualquer maneira e não

podem chorar, porque, reza a lenda, *homem não chora*. Em contrapartida, é reservada às mulheres a proibição, com raras exceções, desse modo, elas podem gostar das cores rosa, vermelho ou lilás, brincar com objetos que pertencem ao universo de uma dona do lar, tipo: cuidar da casa, dos filhos, fazer comida, passar roupa, entre outras brincadeiras, tidas como mais delicadas, o repertório linguístico é perpassado por essas influências, não sendo permitidos palavões, necessitam sentar-se de forma *comportada*, e, por serem moldadas à sensibilidade, podem se emocionar e chorar. Torna-se, desse modo, preponderante destacar que:

Certos universos de objetos e de seres são desse modo privilegiados como o universo doméstico (em particular para os brinquedos destinados às meninas), do universo do automóvel, do transporte (para os meninos) [...] Assim, à infância, são associadas, por tradição cultural, representações privilegiadas do masculino e do feminino. (BROUGÈRE, 2010, p.44)

No que tange à escola, responsável direta pela forma com a qual o indivíduo vai enxergar a língua que fala, muitos equívocos são encontrados. Às vezes, nesse ambiente, onde o estímulo por um pensamento crítico-reflexivo-ativo deveria ser instigado, residem as maiores contradições que, por vezes, estão diretamente ligadas com a forma cartesiana de enxergar à língua, a cultura, a sociedade, bem como os demais aspectos que a circundam. Tem-se, assim, um modelo de escola arcaico e que não acompanha as transformações da atualidade.

Ao falar sobre a escola, de modo geral, estendem-se as considerações por todos que compõem esse universo – currículo; concepções de língua e de ensino-aprendizagem; professor; coordenação etc. Compreende-se que, se o ambiente não se torna atrativo, ele se torna refém de outros competidores, na disputa por atenção dos alunos, tais como: as redes sociais, acessadas por aparelhos eletrônicos, cada vez mais, modernos e atrativos; e pelos programas midiáticos.

Por sua vez, as mídias, sobretudo a televisão, sempre exerceram um poder influenciador enorme sobre as pessoas. *Na verdade, a televisão influencia as brincadeiras na medida em que as crianças podem se apoderar dos temas propostos no quadro de estruturas das brincadeiras usuais* (BROUGÈRE, 2010, p. 57). Em alguns locais, a televisão é o único meio de entretenimento, logo, muitas pessoas passam uma parcela de horas em frente ao aparelho televisor, adquirindo, assim, muito do que é vinculado por ele.

Neste particular, se destacam as novelas, que, com certeza, tornaram-se uma das paixões nacionais, haja vista que, em alguns momentos, a popularidade é tão grande que modifica os hábitos culturais das localidades. Ainda, nesse sentido, *a televisão tornou-se uma fornecedora essencial, senão exclusiva, dos suportes de brincadeira* (BROUGÈRE, 2010, p. 57-58).

É válido ressaltar que os aspectos difundidos sobre a língua pela televisão costumam valorizar os dialetos regionais do eixo sul-sudeste, sobretudo as falas carioca e paulista, ao passo que caracteriza de forma pejorativa os dialetos do eixo norte-nordeste. Tal veiculação, com certeza, é fruto de uma ignorância, que evidencia aspectos históricos e ideológicos, desde a formação do povo brasileiro.

A partir dessas constatações, a língua, como produto cultural, vai sofrer diversas influências que, por ora, são das mais conservadoras às mais inovadoras, refletindo isso no léxico e estabelecendo um jogo dialético interessante, porque as palavras são puras, mas não são neutras, não são isentas de ideologias. Faz-se necessário a compreensão de que:

Podemos reconhecer a carga cultural compartilhada de uma palavra a partir das seguintes características: ela é um conteúdo que tem por forma o significante do signo; é obrigatoriamente partilhada (pelo conjunto do grupo social); é produto da relação entre o signo e os seus utilizadores; procede da subjetividade dos locutores coletivos, os quais interpretam um elemento a partir da sua visão de mundo; pertence ao domínio da pragmática, pois está vinculada ao uso que se faz dela; fornece um complemento, um conteúdo, um significado ao signo com o qual mantém uma relação estrutural de solidariedade; resulta de uma associação automática entre o signo e sua C.C.P., bastando uma simples evocação desse signo. (BARBOSA, 2008/2009, p. 35-36)

Contemporaneamente, vivendo-se em uma era de múltiplas identidades, porque as identidades não são fixas, mas sim são complexas, móveis, diferenciadas, múltiplas e, a todo o momento, reposicionadas (HALL, 2000), evidencia-se a necessidade de reformulação dos papéis sociais e de algumas reconfigurações dos modelos preexistentes de família, igreja, escola e das mídias, uma vez que muitos padrões de outrora não mais se sustentam no pensamento moderno.

Tem-se no discurso uma maneira de construção de uma identidade social dos indivíduos. Visando esclarecer essa afirmação, avaliam-se as construções dos papéis sociais por meio dos aspectos atinentes à língua. Desse modo, há um grande apelo midiático por padrões de beleza e juventude, vinculando ideias de que para ser aceito pela sociedade a pessoa precisa se enquadrar em padrões estéticos

estabelecidos por ditaduras da beleza, da juventude e da magreza, ao passo que, quem não atende a esses moldes, fica a margem do que é considerado como belo.

Com isso, na linguagem dos idosos é percebida, por vezes, uma certa valorização dos aspectos de outrora, é como se eles voltassem ao passado, por meio do discurso, tentando proteger sua cultura, suas histórias e sua identidade. (PAIM, 2007). Essas visões coadunam com as ideias de Santos (2013), pois

Os jovens possuem um repertório lexical diferente dos idosos, e as escolhas das palavras vão demonstrar a ação do tempo na vida destes informantes, bem como o contexto histórico que estes falantes estão inseridos. (SANTOS, 2013, p. 55)

Ainda concordando com Paim (2007) e Santos (2013), vê-se que tal afirmação é constatada, a partir do momento em que se entende que o indivíduo é um ser historicamente situado, uma vez que, ao utilizar determinadas palavras e/ou eleger determinados itens lexicais, o discurso vai erguer-se como um agente denunciador dos papéis sociais desenvolvidos pelo indivíduo em determinado contexto e/ou grupo social.

Notam-se os papéis linguísticos desempenhados por homens e mulheres diferem, ora por uma tendência de aproximação do padrão culto, por parte das mulheres, ora pelos tabus estabelecidos pela cultura e pela ideologia, determinando e condicionando certos usos aos homens e as mulheres, pois:

Todos os pesquisadores chegaram a conclusão de que, mesmo levando em conta outras variáveis tais como a idade, a educação e a classe social, as mulheres produzem de forma mais consistente formas linguísticas mais próximas da linguagem padrão (norma padrão) ou mais prestigiosa que as dos homens, ou então que elas produzem com mais frequência formas desse tipo. (TRUDGILL, 1991, p.78)

No entanto, ainda, são necessários estudos mais sistemáticos e aprofundados, pois se considera, até então, uma árdua tarefa estabelecer uma segmentação entre os modos de falar dos homens e das mulheres. Ergue-se, como hipótese, o fato dos papéis sociais desempenhados por eles, ao longo dos anos. Ao homem era reservada a tarefa de sair para o trabalho, ao passo que elas ficavam cuidando da casa e dos filhos, logo, a linguagem tornou-se uma das ferramentas para ascensão social, uma vez que, predominantemente, encontra-se, na fala das mulheres, uma proximidade com as formas mais prestigiadas. Assim, *nota-se que,*

*as identidades são inscritas em relações, principalmente, discursivas de poder específicas nas quais são construídas* (SANTOS; PAIM, 2011, p.10).

Hoje, há inúmeros estudos que afirmam as diferenças na forma de falar entre as pessoas escolarizadas e as que não tiveram acesso aos espaços escolares. No entanto, *a priori*, crê-se em um *continuum* no qual essas marcas são evidentes em alguns fenômenos do nível morfossintático, mas não tão expressivas, no que tange aos aspectos lexicais, pois acredita-se que, como afirma Moreno Fernández:

La sociolingüística, como otras disciplinas preocupadas por la lengua hablada, ha comprobado que el nivel educativo de los hablantes determina de forma directa y clara la variación lingüística: es normal que las personas más instruidas hagan mayor uso de las variantes que son consideradas como más prestigiosas o que más se ajustana la norma. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.55)<sup>8</sup>

Certamente, também, por influência da escola, na fala dos indivíduos mais escolarizados, encontram-se as formas mais próximas da forma de prestígio linguístico, mesmo se tratando de escolhas lexicais como, por exemplo: coexistindo as formas *estilingue*, *badogue* e *atiradeira*, para nomear um brinquedo feito por uma forquilha e duas tiras de madeira, os indivíduos mais escolarizados tendem a escolher a forma mais próxima das encontradas nos dicionários e livros, *estilingue*.

## 2.5.2 Diversões infantis, Sociedade e Escola: presente, passado e futuro

A partir disso, após esclarecimentos nos âmbitos do léxico, da cultura, da identidade social, chega-se à trilha das diversões infantis e suas ressonâncias na escola e na sociedade - antigas e contemporâneas. Neste estudo, entende-se que *a brincadeira é um lugar de construção de culturas fundado nas interações sociais entre as crianças* (BORBA, 2006, p.41).

Inicialmente, afirma-se que não é uma tarefa fácil distinguir brinquedo de jogo, haja vista as várias tentativas feitas por diversos estudiosos. Conforme se observa em Cunha (2010, p.102), *a brincadeira é o ato ou efeito de brincar*, ao passo que *o jogo é um passatempo sujeito a regras*. Parte-se, portanto, de vários viéses, nas diversas áreas de saber, para explicitar o quão é árdua essa tarefa. Entretanto,

---

<sup>8</sup> A sociolinguística, como outras disciplinas preocupadas com a língua falada, têm comprovado que o nível de escolaridade dos informantes, determina de forma direta e clara a variação linguística: é normal que as pessoas mais instruídas façam uso das variantes consideradas de prestígio e que mais se aproxima da norma. (Tradução livre nossa)

antes, cabe ressaltar a função dos jogos e das brincadeiras para os desenvolvimentos intelectual, psicológico e interacional das crianças.

Em muitas culturas, tem-se acreditado que os jogos e brincadeiras são atividades de entretenimento e devem se restringir ao horário reservado para o recreio ou para os momentos vagos, apenas. Desse modo, atribui-se a esses um local marginal nos currículos e, conseqüentemente, nos planejamentos escolares.

Diante do cenário antigo e retrógrado, hoje, percebe-se a ocupação de outro *status*, por parte das atividades lúdicas, nos espaços escolares. Tal fato é atribuído às várias pesquisas desenvolvidas nas universidades, as quais dão ênfase à importância da ludicidade para a formação do educando e buscam mostrar a importância dos jogos e brincadeiras para ajudar a compreensão dos alunos. Assim, evidencia-se a importância da ligação entre a ludicidade e a escola, uma vez que:

Situações emocionantes, como jogos e brincadeiras, ativam o sistema límbico, parte do cérebro responsável pelas emoções. Ocorre então a liberação de neurotransmissores. Com isso, os circuitos cerebrais ficam mais rápidos, facilitando a armazenagem de informações e o resgate das que estão guardadas. (GENTILE, 2005, p.54)

Ou seja, na contemporaneidade, há a necessidade, cada vez mais urgente, da adequação escolar, objetivando cativar seu público, através dos mecanismos da ludicidade, tornando o binômio ensino-aprendizagem em algo motivador e instigante. Assim, cabe ao educador *construir um ambiente que estimule a brincadeira em função dos resultados desejados* (BROUGÈRE, 2010, p. 111). Adotando-se essa postura, a escola se revestirá de um novo formato, adequado às necessidades do mundo moderno, pois [...] *acredito no jogo como uma atividade dinâmica, que se transforma de um contexto para outro, de um grupo para outro: daí a sua riqueza. Essa qualidade de transformação dos contextos das brincadeiras não pode ser ignorada* (FRIEDMANN, 1996, p.20).

Ademais, com as inovações tecnológicas, cada vez mais os jogos e brincadeiras de outrora vão deixando de ser praticados, levando a extinção de uma tradição cultural. Então, com o papel social elementar, cabe à escola salvaguardar os elementos culturais, seja na sua originalidade, seja adaptando-os aos dias atuais.

Nota-se que a forma de brincar sofreu alteração, com o passar dos anos. Antigamente, tanto nos espaços mais rurais quanto nos mais urbanos, viam-se crianças brincando nas ruas, hoje, devido ao aumento desordenado da violência urbana aliado aos novos aparatos computacionais, é cada vez mais raro presenciar

cenar de diversões infantis nos espaços como a rua e a praça. Tal fato torna-se um agravante cultural, porque, à medida que os espaços de interação infantil são esvaziados, aumenta o número de crianças solitárias e individualistas, além de outros problemas como, por exemplo, obesidade infantil ou depressão.

Mediante a atual conjuntura social, requer-se um pensamento conjunto, a fim de poder garantir a ludicidade, ingrediente importante para a formação de um indivíduo, haja vista que a sociedade está diante de dois modelos de brincar: o de antigamente e o de hoje, embora o último seja mais sofisticado, no sentido de informatização tecnológica. Para os adultos, tecer considerações sobre os modelos citados é preocupar-se com o futuro, uma vez que há uma forte tendência do predomínio do modelo atual e desenvolvimento crescente desse sobre aquele.

Diante das elucidações feitas nesse preâmbulo, passa-se para os entendimentos sobre os conceitos de jogos e brincadeiras. Sob à luz dos pensamentos de Vygotsky (1991), a brincadeira e o jogo são atividades que permitem à criança a recriação da realidade cultural, por meio de um sistema simbólico. São atividades específicas da fase infantil. Em conformidade com o referido autor, o brincar ajuda o desenvolvimento da esfera cognitiva e pode ser estratificado em três fases, a saber: a) na 1ª fase, iniciada com o rompimento com meio social, é o momento de andar, falar e de se movimentar, e se estende até, aproximadamente, os sete anos; b) na 2ª fase, a característica principal é a imitação dos modelos que se apresentam à criança e, por fim, c) a 3ª e última fase é definida pelas regras e das convenções sociais envolvidas no processo.

Para Piaget (1973), devem ser incluídas no currículo escolar as atividades lúdicas, uma vez que os jogos e as brincadeiras são indispensáveis para o bom funcionamento dos processos de aprendizagem. Segundo reflexões do autor,

O jogo é, portanto, sob suas duas formas essenciais de exercício sensório-motor e de simbolismo, uma assimilação da real à atividade própria, fornecendo a esta seu alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu. Por isso, os métodos ativos de educação das crianças exigem que se forneça às crianças um material conveniente a fim de que jogando, elas cheguem a assimilar às realidades intelectuais que, sem isso, permanecem exteriores a inteligência infantil. (PIAGET, 1973, p.160)

Com isso, acredita-se na grande relevância da inclusão dos jogos e brincadeiras para os contextos de sala de aula, independente das disciplinas mencionadas, visto que eles são ferramentas para estimular os estudantes.

Por sua vez, nas concepções de Wallon (1995), as crianças são podadas pelos familiares e pelos educadores, uma vez que estes não sabem valorizar todo o potencial que aquelas possuem, mas que todos podem ser parceiros:

O adulto batizou de brincadeira todos os comportamentos de descoberta da criança. Os adultos brincam com as crianças e é ele inicialmente o brinquedo, o expectador ativo e depois o real parceiro. Ela aprende, a compreender, dominar e depois produzir uma situação específica distinta de outras situações. (WALLON, 1995, p.98)

Nesse sentido, revelam-se como valiosos os estudos de Kishimoto (2011, p. 19), *Podemos pensar que os termos jogo, brinquedo e brincadeira são empregados de forma indistinta, demonstrando um nível baixo de conceituação deste campo.* Dessa maneira, a diversão infantil assume, de certo modo, os sentidos e as imagens atribuídas pelas sociedades, e cada cultura constrói uma imagem de jogo, segundo seus valores e modo de viver, expressa através da linguagem. No que tange ao brinquedo, ele *supõe uma relação íntima com a criança e uma indeterminação quanto ao uso, ou seja, a ausência de um sistema de regras que organizam sua utilização* (KISHIMOTO, 2011, p. 20). No entanto, ressalta-se o esclarecimento, consoante as proposições da citada autora:

O vocábulo “brinquedo” não pode ser reduzido à pluralidade de sentidos do jogo, pois conota criança e tem uma dimensão material, cultural e técnica. Enquanto objeto, é sempre suporte de brincadeira. É o estimulante material para fazer fluir o imaginário infantil. E a brincadeira? É a ação que a criança desempenha ao concretizar as regras do jogo, ao mergulhar na ação lúdica. Pode-se dizer que é o lúdico em ação. Dessa forma, *brinquedo e brincadeira relacionam-se diretamente com a criança e não se confundem com o jogo.* (KISHIMOTO, 2011, p.24)

Ao considerar todas as proposições válidas e contributivas para as elucidações propostas nesta dissertação, admite-se, conforme já se mencionou, que é muito difícil apontar e assumir uma definição dentre as várias existentes, mas ressalta-se a importância de ter em mente as noções bem claras, pois o jogo pode ser compreendido como algo regido por regras fixas e obrigatórias, além de possuir um caráter competitivo. O brinquedo, por sua vez, torna-se o objeto com o qual o indivíduo utiliza para desenvolver a atividade de brincar, que, por fim, é caracterizada por ter fins mais lúdicos, com regras, mas não tão fixas, e está ligada diretamente com o prazer, a diversão sem outros interesses.

### 3 METODOLOGIA

Apresentam-se, neste capítulo, os materiais e os métodos utilizados na pesquisa que deram origem a esta dissertação.

#### 3.1 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

O *corpus* escolhido e analisado nesta pesquisa refere-se aos dados inéditos coletados pela equipe do Projeto ALiB e dispostos no banco de dados do referido projeto. Objetivando a análise e tratamento destes dados, foi solicitada a autorização, junto ao Comitê Nacional do Projeto ALiB, para a utilização do *corpus*, uma vez que, como mencionado, tratam-se de dados inéditos. Após a liberação, passou-se a buscar os áudios no Banco de Dados do ALiB, a fim de coletar os materiais que serviriam de análises e tratamentos estatísticos. Vale ressaltar que, embora os dados utilizados sejam quase integralmente inéditos, alguns dados que se referem às capitais já estão disponíveis em cartas em um dos volumes do Atlas Linguístico do Brasil.

#### 3.1 A área geográfica estudada

Para esta pesquisa, a área investigada contempla 35 localidades situadas em cinco estados brasileiros, a saber: Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Vale ressaltar que todas as localidades pertencem à Rede de Pontos do Projeto ALiB e, dentre as localidades escolhidas, 25 foram listadas por Antenor Nascentes em *Bases para elaboração do Atlas do Brasil* (1958), como passíveis de pertencerem à rede de pontos do futuro atlas do Brasil. Os pontos situados na área do *Falar Fluminense* e Pontos de Controle correspondem à:

Estado	Rede de Pontos ALiB	Localidade	<i>Falar Fluminense</i> (1953)	Ponto de Controle	Pontos Nascentes (1958)
UF	N.º Ponto	Nome da Localidade	FF	PC	PN
BA	102	Caravelas		X	X
MG	129	Pedra Azul		X	
MG	133	Teófilo Otoni	X		X

MG	134	Diamantina		X	X
MG	138	Belo Horizonte*		X	X
MG	139	Ipatinga	X		
MG	142	Ouro Preto	X		X
MG	143	Viçosa	X		X
MG	144	Lavras		X	X
MG	145	São João del Rei	X		X
MG	146	Muriaé	X		X
MG	148	Juiz de Fora	X		X
MG	149	Itajubá		X	X
SP	175	Taubaté		X	
SP	176	Guaratinguetá		X	
SP	180	Caraguatatuba		X	
ES	188	Barra de São Francisco	X		
ES	189	São Mateus	X		X
ES	190	Vitória*	X		X
ES	191	Santa Teresa	X		X
ES	192	Alegre	X		
RJ	193	Itaperuna	X		
RJ	194	São João da Barra	X		X
RJ	195	Campos dos Goytacazes	X		X
RJ	196	Três Rios	X		X
RJ	197	Nova Friburgo	X		
RJ	198	Macaé	X		X
RJ	199	Valença	X		X
RJ	200	Petrópolis	X		X
RJ	201	Nova Iguaçu	X		X
RJ	202	Rio de Janeiro*	X		X
RJ	203	Niterói	X		X
RJ	204	Arraial do Cabo	X		

RJ	205	Barra Mansa	X		X
RJ	206	Parati	X		X

Quadro 4 – Rede de pontos da área do *Falar Fluminense* e Pontos de Controle

\*Capital do Estado

Conforme se observa no quadro 04 e na Figura 11, a área denominada como *Falar Fluminense* por Nascentes (1953) abrange, em maior parte, a região sudeste (Rio de Janeiro, Espírito Santo e parte de Minas Gerais), totalizando 26 localidades, sendo 14 pertencentes ao Estado do Rio de Janeiro; cinco localidades pertencentes ao Espírito Santo; e, por fim, sete localidades pertencentes a Minas Gerais. Mas, a fim de verificar as áreas limítrofes do entorno do *Falar Fluminense*, buscou-se estabelecer *uma Área de Controle que tem por objetivo testar se a posição e o dimensionamento do traçado refeito na atualidade estão corretos e se a área prevista pelo autor [...] ainda tem validade* (RIBEIRO, 2012, p. 138). Então, desse modo, estabeleceu-se esta área, seguindo o modelo da referida autora, ser o ponto ALiB mais próximo da linha do falar pesquisado. Sendo assim, para a área em análise, foram escolhidas nove localidades, distribuídas em cinco localidades de Minas Gerais; três localidades de São Paulo e uma localidade da Bahia. A área anteriormente descrita pode ser observada por meio da figura 10 – na carta de Situação, e da figura 11 – na carta da Rede de Pontos:



Figura 10 – Carta de Situação

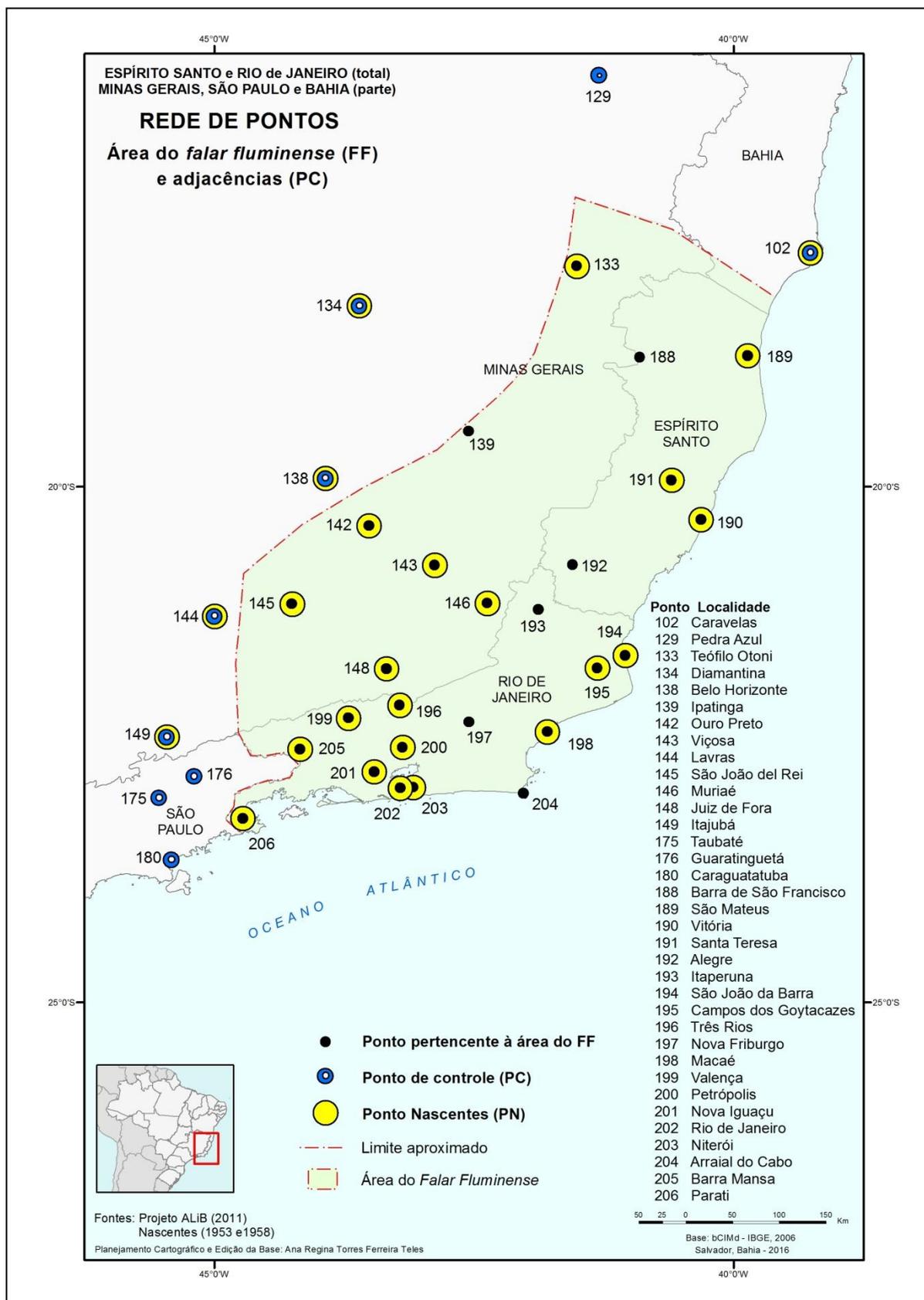


Figura 11 – Carta Rede de Pontos

### 3.2 A SÓCIO-HISTÓRIA DAS LOCALIDADES

Neste sub-capítulo, apresenta-se um breve panorama histórico dos fatos considerados importantes para o entendimento sobre a formação cultural, identitária e linguística da região em estudo, uma vez que tal região desempenhou um papel de extrema relevância para o desenvolvimento do país.

Com isso, destaca-se que para estudar a língua falada faz-se necessário atentar-se para a história da própria língua, a história dos seus utentes, bem como observar os contextos históricos propiciadores, de certo modo, de influências para determinados jeitos e modos de falar, além de favorecer determinadas escolhas lexicais.

Buscou-se, por esse viés, apresentar pequenos retratos dos brasis dentro do Brasil, observando os aspectos históricos, políticos, econômicos de diversas ordens, ao buscar trazer à tona fatos que podem esclarecer a formação e desenvolvimento dos povos habitantes na área em estudo.

É de senso-comum, no imaginário popular brasileiro, que os primeiros contatos entre o colonizador português e os povos aborígenes foram amistosos e felizes. No entanto, estudos históricos críticos vêm desmitificando essa ideia de formação nacional romântica e utópica, haja vista as violências – cultural, física e linguística – impostas pelos colonos nas novas terras. Como o choque entre as culturas, a miscigenação ergue-se como um pilar fundamental de uma das faces do Brasil, propiciada, inicialmente, pelos portugueses e os índios, com a inserção dos negros, oriundos da África, posteriormente.

Destaca-se, como outro elemento político-ideológico e influenciador, o papel desempenhado pela Igreja Católica, grande apoiadora das navegações portuguesas e espanholas, com a função de catequizar os povos conquistados, a fim de rendê-los aos caprichos dos colonizadores. Evidenciam-se, aqui, no Brasil, os padres jesuítas da Companhia de Jesus.

Inicialmente, a ocupação e colonização do território conquistado se deram no litoral. Fatores políticos e econômicos, conforme atesta a história do Brasil, levaram ao D. João a segmentar as novas terras colonizadas em Capitanias Hereditárias. Por isso:

Portugal, desejando ocupar e colonizar a nova terra e não tendo recursos para fazê-lo, à custa do erário real, outorgou para isso grandes concessões a nobres e fidalgos, alguns deles ricos proprietários, e outros já



Torna-se preponderante ressaltar que algumas capitanias instaladas conseguiram se destacar, a saber: Pernambuco e Bahia, com o cultivo da cana-de-açúcar, com base na mão-de-obra escrava negra; Espírito Santo e São Paulo inicialmente, pobres, pois as terras não eram produtivas para o cultivo da cana-de-açúcar e a plantação do pau-brasil era insignificante.

Com a crescente crise entre as capitanias paulistas, São Vicente e Santana, ergue-se um movimento de expansão econômica, geográfica e política – as bandeiras – com a fusão dos portugueses com os indígenas, intentando desbravar o interior do país, até então, desconhecido, em busca de ouro e riquezas. É com o alvorecer das ideias de avançar para o interior e, conseguinte, descoberta do ouro em Minas Gerais, que o país passa para um novo ciclo, deixando o ciclo da cana-de-açúcar pelo ciclo do ouro.

Os bandeirantes trouxeram importantes legados para a formação nacional, uma vez que movimentos migratórios intensos se voltaram em busca das riquezas recém-descobertas. Dentre esses legados, vale ressaltar a criação de vilas e cidades, pois a mineração trouxe em seu bojo inúmeras transformações para a sociedade brasileira.

Ao se considerar essas transformações, destaca-se a transferência da capital do país de Salvador para o Rio de Janeiro, devido à localização geográfica para escoar as riquezas das minas. É salutar destacar a estrada construída, nesse período, visando transportar ouro e diamantes, a Estrada Real, conforme pode ser visualizado na figura 13 que segue, com quatro caminhos, a saber: Caminho Velho – foi o primeiro caminho traçado e trilhado pelos portugueses para ligar Ouro Preto (MG) a Paraty (RJ), também é conhecido como Caminho do Ouro; Caminho Novo – caminho criado com o objetivo de dar mais segurança no transporte das riquezas descobertas e extraídas, no traslado entre os portos de Paraty (RJ) e Rio de Janeiro (RJ); Caminho dos Diamantes – ligação entre as cidades de Ouro Preto (MG) e Diamantina (MG); e o Caminho de Sabarabuçu – corresponde a ligação entre as cidades de Ouro Preto (MG) e Sabará (MG), rota que ganhou destaque comercial.

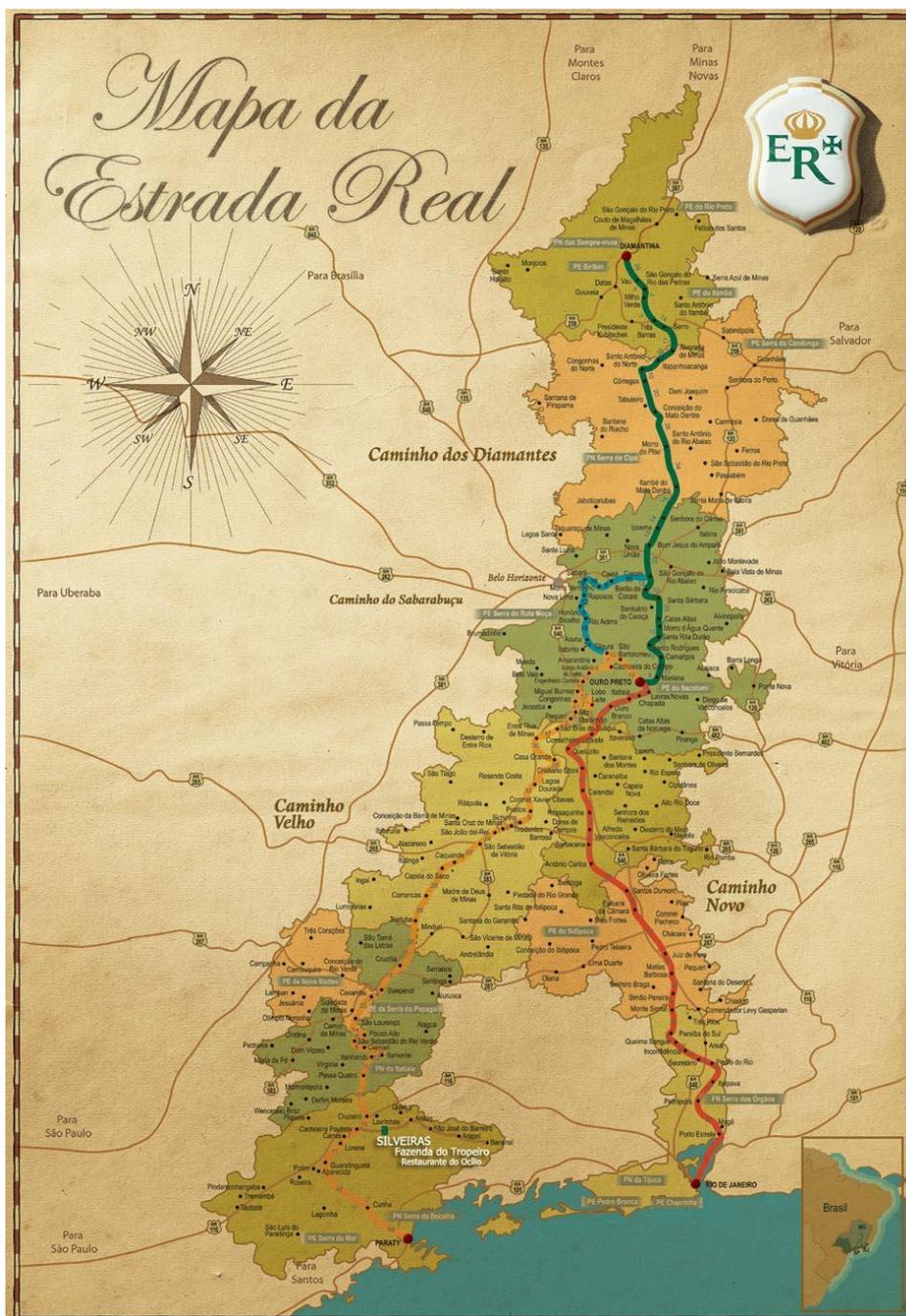


Figura 13 – Mapa da Estrada Real

Fonte: Disponível em: <<http://segredosdeviagem.com.br/site/2014/04/sv-na-estrada-real-conheca-os-caminhos-das-primeiras-estradas-brasileiras/>>. Acesso em: 02 fev. 2016

No entanto, devido à ganância e exploração desenfreadas da corte portuguesa, a fase da mineração brasileira foi declinando e os povos foram se dispersando por outras áreas.

A economia colonial no Brasil, então, pauta-se, depois de anos, no desenvolvimento da economia cafeeira, sobretudo entre o eixo Rio de Janeiro e São

Paulo. Dentre os importantes marcos desse novo ciclo, destacam-se a construção de ferrovias para escoar a produção de café e o vulto dado à grande produção cafeeira em São Paulo. É lícito afirmar que a economia cafeeira colaborou para o processo de urbanização do país, além da incorporação do trabalho assalariado livre – com a chegada de imigrantes oriundos de várias partes da Europa – e da implantação de técnicas mais modernas de cultivo (RIBEIRO, 2006).

Através de testemunhos documentais históricos, atesta-se que as migrações internas e externas foram fundamentais para a ocupação do território, desenvolvimento dos povos, fomento da cultura local e costumes linguísticos peculiares de cada região.

Devido a vários fatores internos e externos, esses fluxos migratórios são elucidativos para entender o caráter da fala brasileira, ora heterogênea, ora homogênea dentro de inúmeros Brasis dentro de um país, tais como: crises econômicas, desempregos, pestes, seca e fome, são as principais razões de êxodos em busca de uma terra que ofereça melhores condições de sobrevivência.

Após esse panorama histórico, apresentam-se os resumos da sócio-história das localidades, com o objetivo de noticiar fatos destacáveis de cada localidade escolhida para a presente pesquisa.

O panorama tem como base a consulta ao IBGE e aos sites oficiais dos estados de BA/MG/SP/ES e RJ, bem como os sites oficiais das localidades em estudo.

### 3.2.1 Localidade da Bahia

#### Caravelas



Figura 14 – Paróquia de Santa Rita

Fonte: Disponível em: <<http://www.feriasbrasil.com.br/>>. Acesso em: 18 dez. 2015

<b>População:</b> 22.548 habitantes.
<b>Economia:</b> Pecuária, pesca, agricultura e turismo.
<b>Geografia:</b> Área territorial 2.396,608 (km <sup>2</sup> ).
<b>Educação:</b> Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio.
<b>Datas importantes:</b> Foi um dos primeiros pontos visitados pelos navegadores, pois em 1503 ali aportou o navegador Américo Vespucci. Em 1700, foi elevada à categoria de vila, com o nome de Santo Antônio do Rio das Caravelas e confirmado em alvará real no ano posterior. A Lei provincial n. 521, de 23 de abril de 1855, deu foros de cidade a sede do Município, denominando-a Cidade de Caravelas com um único distrito-sede já criado em 1755, em 18 de janeiro do mesmo ano. Cidade bem movimentada pelos turistas que vão visitar Abrolhos.

Observa-se que, embora as terras tenham sido visitadas com a chegada das navegações portuguesas no século XVI, somente no século XVIII Caravelas ganhou *status* de cidade.

### 3.2.2 Localidades de Minas Gerais

#### Belo Horizonte



Figura 15 – Centro de Belo Horizonte

Fonte: Disponível em: <<http://www.ebelo.com/>>. Acesso em: 18 dez. 2015

<b>População:</b> 2.502.557 habitantes.
<b>Economia:</b> Predominância do setor terciário e mais de 80% da economia do município se concentra nos serviços, com destaque para o comércio, serviços financeiros, atividades imobiliárias e administração pública. Além da indústria de ponta.
<b>Geografia:</b> Área territorial 331,401 (km <sup>2</sup> ).
<b>Educação:</b> Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio e muitas faculdades públicas e privadas.
<b>Datas importantes:</b> Nasceu nos primeiros anos do regime republicano, quando setores da elite agro-exportadora assumiram o poder político. A centenária Belo Horizonte passa a se constituir hoje num dos mais importantes polos industriais do país, com inúmeras empresas de ponta. É a capital do estado.

### Diamantina



Figura 16 – Ladeira de Diamantina

Fonte: Disponível em: <<http://www.feriasbrasil.com.br/mg/diamantina/centrohistorico.cfm>>.

Acesso em: 10 dez. 2015

**População:** 47.952 habitantes.

**Economia:** Extrativismo, agricultura familiar e turismo.

**Geografia:** Área territorial 3.891,659 (km<sup>2</sup>).

**Educação:** Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio, sem unidade de ensino superior.

**Datas importantes:** Certamente, foi a descoberta de diamantes em suas proximidades, em torno de 1720, que contribuiu para o desenvolvimento do pequeno povoado. Em 1734, o Arraial do Tijuco foi transformado em centro político-administrativo do Distrito Diamantino. Em 1831, o Arraial do Tijuco foi elevado à categoria de Vila do Tijuco e, em 06 de março de 1838, à categoria de cidade de Diamantina. Destacavam-se pelos aspectos majestosos e pitorescos, as casas em estilo colonial e próximas uma das outras, ladeadas por serras. Foi a cidade mais luxuosa de Minas Gerais.

### Itajubá

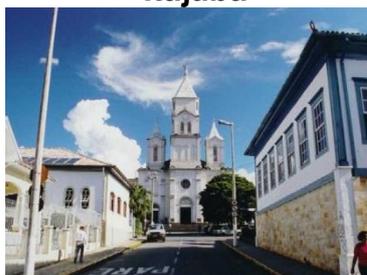


Figura 17 – Igreja Católica de Itajubá

Fonte: Disponível em: <<http://www.conexaoitajuba.com.br/itajuba/historia>>. Acesso em: 18 dez. 2015

**População:** 96.020 habitantes.

**Economia:** A agricultura, o comércio e os serviços têm uma participação expressiva no quadro econômico do município. O setor industrial é bastante ativo e diversificado.

**Geografia:** Área territorial 294,835 (km<sup>2</sup>).

**Educação:** Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio e universidade.

**Datas importantes:** Pertencente inicialmente ao município de Campanha, em 27 de

setembro de 1848, o presidente da província Dr. Bernardinho José de Queiroga determinou a criação da Vila Boa Vista de Itajubá, desmembrando-se daquele município. Pouco tempo depois, em 4 de outubro de 1862, a vila ganhou foros de cidade. Em 1878, a cidade de Boa Vista de Itajubá já era uma das mais prósperas e comerciais do Sul de Minas, devido a sua posição geográfica privilegiada, próxima a São Paulo e equidistante de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro. Itajubá constitui um importante centro econômico para o Sul de Minas.

### Ipatinga

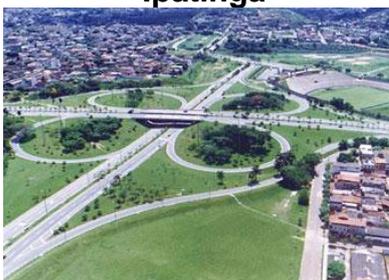


Figura 18 – Estradas da cidade

Fonte: Disponível em: <<http://www.lordsimoveis.com/>> Acesso em: 18 dez. 2015

**População:** 257.345 habitantes.

**Economia:** Turismo e grandes empresas.

**Geografia:** Área territorial 164,884 (km<sup>2</sup>). Localiza-se exatamente no local em que as águas do rio Piracicaba se encontram com o rio Doce.

**Educação:** Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental, médio e faculdades.

**Datas importantes:** Criado em 12 de dezembro de 1953, pertencendo ao município de Coronel Fabiano. Alcançou sua independência política e administrativa em abril de 1964. Abriga em seu território algumas usinas.

### Juiz de Fora



Figura 19 – Praça Municipal

Fonte: Disponível em: <<http://www.guiamuriae.com.br/>>. Acesso em: 10 dez. 2015

**População:** 555.284 habitantes.

**Economia:** Serviços e indústria, destacando-se a fabricação de alimentos e bebidas, produtos têxteis, artigos de vestuário, mobiliário, metalurgia, montagem de veículos entre outros.

**Geografia:** Área territorial 1.435,664 (km<sup>2</sup>).

**Educação:** Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio e há universidade.

**Datas importantes:** Período de maior crescimento de cidades, em toda a História do Brasil, corresponde à mineração aurífera em Minas Gerais, no início do século XVIII. Desmembrado de Barbacena e elevado à categoria de município em 31 de maio de 1850. A criação da Universidade Federal de Juiz de Fora trouxe à cidade uma contribuição fundamental: empregou e atraiu milhares de estudantes, incentivando um maior consumo de bens e de serviços. Nos últimos anos, observa-se uma preocupação maior com o patrimônio histórico da cidade.

### Lavras



Figura 20 – Vale da cidade

Fonte: Disponível em: <<http://www.descubraminas.com.br/Turismo/>>. Acesso em: 10 dez. 2015

**População:** 100.243 habitantes.

**Economia:** O setor de serviços é bastante movimentado. Destacam-se também a produção de café e de gado leiteiro.

**Geografia:** Área territorial 564,744 (km<sup>2</sup>).

**Educação:** Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio e há universidade.

**Datas importantes:** Teve sua fundação na primeira metade do século XVIII. Os primeiros habitantes estavam empenhados na busca pelo ouro. Mas a escassez do metal fez com que a agricultura e a pecuária despontassem como as principais atividades da região. Passou à condição de vila, em 1831. Em 1868, Lavras obteve sua emancipação política e administrativa, vindo a se consolidar como uma das principais cidades de Minas Gerais. Um dos pontos fortes de Lavras é o bom nível educacional, pois o índice de analfabetismo levantado pelo IBGE, em 1991, para a população com cinco anos de idade ou mais, é quase zero, indicando uma situação educacional no município como uma das melhores do Estado.

### Muriaé



Figura 21 – Estátua do Trabalhador

Fonte: Disponível em: <<http://www.verdejava.com.br/>>. Acesso em: 10 dez. 2015

<b>População:</b> 107.263 habitantes.
<b>Economia:</b> Indústria de confecções e a produção agropecuária - especialmente leiteira.
<b>Geografia:</b> Área territorial 841,693 (km <sup>2</sup> ). Localização privilegiada, situando-se no entroncamento entre a BR-116 e a BR-356, duas das principais rodovias do país.
<b>Educação:</b> Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio. Possui polos de faculdades a distância.
<b>Datas importantes:</b> O distrito foi criado, com o nome de São Paulo de Muriaé, em 7 de abril de 1841. Elevado à vila em 16 de maio de 1855, foi a sede municipal transferida, em 6 de julho de 1859, para a povoação de Patrocínio do Muriaé, nome sob o qual permaneceu até 30 de setembro de 1861, quando novamente foi transferida para São Paulo do Muriaé. A criação da comarca deu-se em 25 de novembro de 1865 e, pela Lei nº 556, de 30 de agosto de 1911, foi mudada para Muriaé a denominação do município.

### Ouro Preto



Figura 22 – Centro Histórico

Fonte: Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/reportagem/cidade-historica-partida>>. Acesso em: 10 dez. 2015

<b>População:</b> 74.036 habitantes.
<b>Economia:</b> Metalurgia, mineração e, sobretudo, o turismo.
<b>Geografia:</b> Área territorial 1.245,865 (km <sup>2</sup> ).
<b>Educação:</b> Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio e há universidade.
<b>Datas importantes:</b> Após a independência do país, tornou-se a capital de Minas Gerais, entre 1823 e 1897, passando a se chamar Ouro Preto. No século XX, foi perdendo importância, após desenvolvimento de Belo Horizonte, até perder o posto de capital. Em 1980, foi considerada pela UNESCO como uma cidade Patrimônio Cultural da Humanidade.

## Pedra Azul



Figura 23 – Centro Histórico

Fonte: Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedra\\_Azul](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedra_Azul)>. Acesso em: 10 dez. 2015.

**População:** 24.683 habitantes.

**Economia:** Serviços e Agropecuária.

**Geografia:** Área territorial 1.594,651 (km<sup>2</sup>).

**Educação:** Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio.

**Datas importantes:** Em 1833, inicia-se o povoamento do município. Em 1943, teve o seu nome atual dado por um morador nativo das antigas terras. É uma cidade antiga e possui vários casarões históricos. Teve o declínio estabelecido após a criação da BR e desativação da ferrovia.

## São João Del Rei



Figura 24 – Sede da Prefeitura

Fonte: Disponível em: <<http://saojoaodelreitransparente.com.br/>>. Acesso em: 10 dez. 2015

**População:** 89.378 habitantes.

**Economia:** Turismo e comércio.

**Geografia:** Área territorial 1.464,327 (km<sup>2</sup>).

**Educação:** Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio.

**Datas importantes:** A história de São João del Rei começou em 1704, quando o Brasil ainda era colônia de Portugal. Na época, o local recebeu o nome de Arraial Novo Rio das Mortes e seu solo foi intensamente explorado devido à grande quantidade de ouro encontrado no local. Em 1713, para presentear Dom João V, Rei de Portugal, o Arraial foi nomeado Vila de São João del-Rei. Além disso, o município participou de importantes decisões estaduais e nacionais, como a Revolta Militar de Ouro Preto, em 1833, a Revolução Liberal, em 1842, e as revoluções de 1930 e 1964.

### Teófilo Otoni



Figura 25 – Praça Germânica

Fonte: Disponível em: <<http://www.teofilootoni.mg.gov.br/site/2014/08/praca-germanica-e-reformada/>>. Acesso em: 18 dez. 2015

<b>População:</b> 141.046 habitantes.
<b>Economia:</b> Extração mineral e comércio.
<b>Geografia:</b> Área territorial 3.242,270 (km <sup>2</sup> ). É cortada pelo rio Todos os Santos que têm cerca de 300 km de extensão, o clima da cidade é Tropical com Invernos Frios e Secos, e verões quentes e chuvosos
<b>Educação:</b> Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio.
<b>Datas importantes:</b> A abertura de estradas, o estabelecimento da navegabilidade do Rio Mucuri, em cuja rota a Campanha estabelecia pontos de colonização, e a vinda de numerosos colonos portugueses, holandeses, belgas, franceses, chineses e alemães marcaram o início do desenvolvimento de Teófilo Otoni. Dos colonos que ali chegaram, somente os alemães ficaram fixos. Até fins de 1858 o número de colonos já ascendia na localidade então denominada Filadélfia.

Como podem ser vislumbradas, ao observar as datas de fundação das cidades, em Minas Gerais, as cidades são, majoritariamente, do século XIX. Mas notam-se também cidades com datas de fundação do século XVIII e XX.

### 3.2.3 Localidades de São Paulo

#### Caraguatatuba



Figura 26 – Orla da cidade

Fonte: Disponível em: <<http://www.litoralvirtual.com.br/caragua/martinsa.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2015

<b>População:</b> 113.317 habitantes.
<b>Economia:</b> Turismo, Comércio, Serviços, Agricultura e Pesca.

**Geografia:** Área territorial 485,097 (km<sup>2</sup>).

**Educação:** Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio. Possui ensino superior também.

**Datas importantes:** Surgiu no século XVII, por meio da concessão de Sesmarias. Nos primeiros anos de 1600, o capitão-mor Gaspar Conqueiro doou a Miguel Gonçalves Borba e Domingos Jorge a porção de terra localizada na bacia do Rio Juqueriquerê. Começou a nascer entre 1664 e 1665 que surgiram sinais de povoamento, com a construção dos primeiros prédios, como a pequena igreja de Santo Antônio. Em 27 de setembro de 1770, o novo povoado foi elevado à condição de Vila de Santo Antônio de Caraguatatuba. Em 16 de março de 1847, o presidente da Província de São Paulo, Manuel da Fonseca Lima e Silva, ordenou que a vila passasse a ser denominada Freguesia. Caraguatatuba recebeu sua emancipação política e administrativa em 20 de abril de 1857.

### Guaratinguetá



Figura 27 – Catedral de S. Antônio

Fonte: Disponível em: <<http://www.panoramio.com/>>. Acesso em: 10 dez. 2015

**População:** 119.073 habitantes.

**Economia:** Agropecuária e indústria de pequeno porte.

**Geografia:** Área territorial 752,636 (km<sup>2</sup>).

**Educação:** Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio e possui universidade.

**Datas importantes:** Em 13 de fevereiro de 1651, com a abertura da "estrada", o povoado é elevado a Vila e é erigido o pelourinho. Guaratinguetá destaca-se como uma das principais vilas da Capitania no Vale do Paraíba, no século XVIII, que reserva à cidade, além dos períodos do ouro e do açúcar, fatos de especial significância religiosa. Em 1844, Guaratinguetá é elevada à categoria de cidade.

### Taubaté



Figura 28 – Ruas da cidade

Fonte: Disponível em: <<http://guiataubate.com.br/>>. Acesso em: 10 dez. 2015

<b>População:</b> 302.331 habitantes.
<b>Economia:</b> Indústria, pecuária, serviços, comércio e agricultura,
<b>Geografia:</b> Área territorial 625,003 (km <sup>2</sup> ).
<b>Educação:</b> Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio e universidade.
<b>Datas importantes:</b> Fundada pelo Capitão Jacques Félix, por volta de 1640, Taubaté foi o primeiro núcleo de povoamento oficialmente formado no vale do rio Paraíba do Sul. Em 5 de dezembro de 1645, Taubaté tornou-se oficialmente vila. A cidade se destacou na história nacional como importante centro de atividades bandeiristas. Em 1900, Taubaté foi o município que mais produziu café no Vale do Paraíba, sediando a 26 de fevereiro de 1906, o Convênio de Taubaté, para tratar de interesses da produção e comércio daquele produto.

No estado de São Paulo, as cidades mencionadas anteriormente são todas fundadas no mesmo século, XVII, ou seja, foram terras povoadas em momentos históricos próximos.

### 3.2.4 Localidades do Espírito Santo

#### Alegre



Figura 29 – Igreja Católica de Alegre

Fonte: Disponível em: <<http://alegre.es.gov.br/>>. Acesso em: 10 dez. 2015

<b>População:</b> 32.236 habitantes.
<b>Economia:</b> As atividades que geram a maior parcela do PIB são as de comércio e serviços, com 71,2%; por sua vez, o setor primário (atividades agropecuárias) é responsável por cerca de 26,6% do PIB, e, por fim, sobra para o setor secundário (indústrias) apenas 2,2%, demonstrando uma baixa industrialização. Na zona rural, destacam-se a cafeicultura, a olericultura, a pecuária leiteira e o ecoturismo. Além das produções de milho, a do feijão, da banana e do tomate.
<b>Geografia:</b> Abrange uma área de 778,6 km <sup>2</sup> .
<b>Educação:</b> Além dos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, Alegre possui três estabelecimentos de nível superior.
<b>Datas importantes:</b> 23 de julho de 1858 - é criada a freguesia, pela Lei nº 22, sob

a denominação de Nossa Senhora da Conceição do Alegre; 04 de novembro de 1869 - pela Lei nº 7, o povoado recebe nova denominação — "Freguesia de Nossa Senhora da Penha do Alegre"; 03 de abril de 1884 - é criado o município, pela Lei nº 18. Em 06 de janeiro de 1891 - são oficialmente instalados a vila e o município. Em 22 de dezembro de 1919 - pela Lei nº 1.208, a vila é elevada à categoria de cidade.

### Barra de São Francisco



Figura 30 – Centro de B. de S. Francisco

Fonte: Disponível em: <<http://mapio.net/>>. Acesso em: 10 dez. 2015

**População:** 44.599 habitantes.

**Economia:** Hoje, a principal fonte da economia está baseada na extração de granitos, emergida nos anos 80. Há, também, a agricultura. A cidade possui um comércio diversificado, o que atrai, de certo modo, vários profissionais, sobretudo os que estão ligados à mineração.

**Geografia:** Abrange uma área de 933,747 km<sup>2</sup>.

**Educação:** Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio. Há polos das faculdades a distância.

**Datas importantes:** Criado, inicialmente, com a denominação de Barra de São Francisco, em 24 de junho de 1935, subordinado ao município de São Mateus. Em 31 de dezembro de 1943, alcançou a sua independência e foi elevado a município, sendo desmembrado do município de São Mateus. Pela lei estadual nº 4166, de 06 de maio de 1988, são desmembrados do município de Barra de São Francisco os distritos de Água Doce do Norte (tornou-se um novo município), Governador Lacerda de Aguiar, Santa Luzia do Azul, Santo Agostinho e Vila Nelita. Em 01 de junho de 1995, o município é constituído de 7 distritos: Barra de São Francisco, Cachoeira de Itaúna, Itaperuna, Monte Sinai, Paulista, Poranga e Santo Antônio.

### Santa Teresa



Figura 31 – Centro da cidade

Fonte: Disponível em:

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/07.082/5001>>. Acesso em: 10 dez. 2015

<b>População:</b> 23.735 habitantes.
<b>Economia:</b> É o maior produtor de uva e vinho do Espírito Santo, representando 80% da produção estadual.
<b>Geografia:</b> A cidade é cercada pelas montanhas da região serrana; cerca de 40% de seu território coberto por Mata Atlântica preservada.
<b>Educação:</b> Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio.
<b>Datas importantes:</b> Em 1891, foi criado e instalado o município de Santa Teresa, quatro anos depois, foram criadas a Comarca e a Paróquia. Em 1995, foi desmembrado o Distrito de São Roque do Canaã, dando origem a um novo Município. Possui data de Fundação: 26 de junho de 1875 e data da Emancipação: 22 de fevereiro de 1891; e sua população descende de italianos: aproximadamente 90%; oriundos do Norte da Itália – Trento, Veneto e Lombardia.

### São Mateus



Figura 32 – Centro Histórico

Fonte: Disponível em: <<http://turismosaomateus.es.gov.br/>>. Acesso em: 10 dez. 2015

<b>População:</b> 124.575 habitantes.
<b>Economia:</b> Extração vegetal e silvicultura.
<b>Geografia:</b> Área demográfica 2.338,727 (km <sup>2</sup> ).
<b>Educação:</b> Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio.
<b>Datas importantes:</b> Os primeiros colonizadores portugueses chegaram a São Mateus por volta de 1544. Vale destacar que a vila de São Mateus passou a depender do governo da Bahia, e, a partir desse momento, houve grande

crescimento das atividades comerciais, pois muitas famílias importantes daquele Estado passaram a se mudar para São Mateus. Outro fato que se destaca é que a Vila de São Mateus passou a ser Município por Ato Provincial de 03 de abril de 1848.

### Vitória



Figura 33 – Orla Marítima de Vitória

Fonte: Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Esp%C3%ADrito\\_Santo\\_\(estado\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Esp%C3%ADrito_Santo_(estado))>  
Acesso em: 10 dez. 2015

**População:** 355.875 habitantes.

**Economia:** Extração vegetal e silvicultura, além da produção agrícola e turismo.

**Geografia:** Área territorial 98.114 (km<sup>2</sup>).

**Educação:** Há instituições de ensino espalhadas por toda cidade, entre escolas do nível fundamental, médio e universidade.

**Datas importantes:** A fundação do Espírito Santo e de Vitória começa 34 anos depois de o Brasil ter sido descoberto, em 1500. A capitania do Espírito Santo foi doada ao fidalgo Vasco Fernandes Coutinho, que tomou posse em 23 de maio de 1535. Por um decreto lei, em 1823, foi elevada a categoria de cidade. Em divisão territorial datada de 01 de julho de 1960, o município é constituído de 2 distritos: Vitória e Goiabeiras. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2009. É a terceira cidade mais antiga do Brasil, sendo Salvador e Recife as duas mais antigas. É a atual capital do estado.

As cidades capixabas são fundadas no século XIX, a exceção da capital, Vitória, fundada no século XVI, e da cidade de Barra de São Francisco, fundada no século XX. Portanto, foram cidades fundadas em momentos históricos distintos.

#### 3.1.3 Localidades do Rio de Janeiro

### Arraial do Cabo



Figura 34 – Portal da Cidade

Fonte: Disponível em: <[http://www.arraialdocabo-rj.com.br/cidade/portico\\_pracas.html](http://www.arraialdocabo-rj.com.br/cidade/portico_pracas.html)>.  
Acesso em: 18 dez. 2015

**População:** 29.097 habitantes.

**Economia:** Grande exportadora de vidros, além da atividade de pesca.

**Geografia:** O clima é tropical litorâneo, com muito vento que estabiliza as temperaturas, chove bem pouco, com períodos de insolação.

**Educação:** Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio.

**Datas importantes:** A cidade tem como ano de fundação 1503. Por muitas décadas, a cidade pertenceu a Cabo Frio, que era o principal distrito, mas Arraial do Cabo permaneceu por muito tempo isolado dos outros municípios. Em 1985, a cidade foi emancipada e, em novembro do mesmo ano, teve eleito seu primeiro prefeito. Atualmente, possui os distritos: Monte Alto, Figueira, Parque das Garças, Sabiá, Pernambuco, Novo Arraial e Caiçara.

### Barra Mansa



Figura 35 – Ponte dentro do município

Fonte: Disponível em: <<http://www.encontrabarramansa.com.br/>>. Acesso em: 18 dez. 2015

**População:** 179.915 habitantes.

**Economia:** Agricultura, pecuária, pesca, serviços e indústria.

**Geografia:** Localizado no Sudeste do Brasil, no Sul Fluminense do Estado do Rio de Janeiro, há 110 km do Rio de Janeiro (RJ), 300 km de São Paulo (SP), 460 km de Belo Horizonte (MG), 650 km de Vitória (ES), 85 km do porto de Angra dos Reis (RJ) e 90 km do porto de Sepetiba, no município de Itaguaí (RJ), o município possui uma localização estratégica, pela proximidade de importantes cidades brasileiras.

**Educação:** Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio.

**Datas importantes:** Em 1832, o governo decretou a criação do município, com desmembramento de terras de Resende. Em 1857, a vila de Barra Mansa foi elevada à categoria de cidade. Em divisão territorial, 2007, o município é constituído de 6 distritos: Barra Mansa, Antônio Rocha, Floriano, Nossa Senhora do Amparo, Rialto e Santa Rita de Cássia.

### Campos dos Goytacazes



Figura 36 – Praça São Salvador

Fonte: Disponível em: <<http://www.viuonline.com.br/>>. Acesso em: 18 dez. 2015

**População:** 483.970 habitantes.

**Economia:** Importante polo comercial e financeiro, também possui forte polo de exploração de petróleo e gás natural pela Petrobras e a maior produtora de cerâmica fluminense.

**Geografia:** Área territorial 4.026,696 (km<sup>2</sup>).

**Educação:** Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio, além de universidades públicas e privadas.

**Datas importantes:** Destaca-se por ter sido a última cidade brasileira a aderir à abolição da escravidão. O surgimento, em 1652, da agroindústria açucareira, com a instalação do primeiro engenho em Campos, deu início ao progresso da região. O petróleo foi oficialmente descoberto no farol de São Tomé, reativando o desenvolvimento da região. Em divisão territorial, em 1991, o município é constituído de 14 distritos: Campos de Goytacazes, Dolores de Macabu, Ibitioca, Morangaba, Morro do Côco, Mussurepe, Santa Maria, Santo Amaro de Campos, Santo Eduardo, São Sebastião de Campos, Serrinha, Tocos, Travessão e Vila Nova de Campos.

### Itaperuna



Figura 37 – Centro de Itaperuna

Fonte: Disponível em: <<http://www.familiaboachat.com/primeironcontroboachat.htm>>  
>Acesso em: 18 dez. 2015

**População:** 99.021 habitantes.

**Economia:** Agropecuária e o setor de serviços, que está em crescimento.

**Geografia:** Unidades de relevo: a primeira está ligada a antigas superfícies cristalinas e a segunda é constituída pelas planícies aluviais intermontanas. E recebe as águas do rio Muriaé e do rio Carangola.

**Educação:** Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio, além de universidades públicas e privadas.

**Datas importantes:** Em 6 de dezembro de 1889, foi a vila de São José do Avaí transformada em município de Itaperuna, sendo criada sua respectiva Comarca. A cultura cafeeira foi um grande destaque na economia da cidade por mais de quatro décadas, tornando-a em 1927 a maior produtora nacional. Do território original do município de Itaperuna foram desmembrados outros seguintes: Bom Jesus do Itabapoana em 1938, Natividade e Porciúncula em 1947 e Laje do Muriaé em 1962, ficando Itaperuna com seu atual contorno.

### Macaé

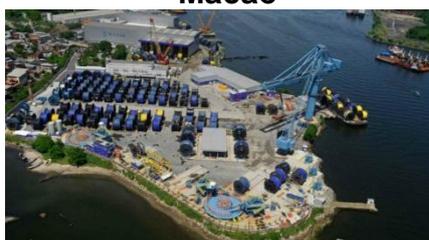


Figura 38 – Porto de Macaé

Fonte: Disponível em: <<http://turismo.culturamix.com/>>. Acesso em: 10 dez. 2015

<b>População:</b> 234.628 habitantes.
<b>Economia:</b> As principais lavouras do município são as de: cana-de-açúcar, laranja, tomate, café, mandioca, banana, feijão, batata-doce, milho, arroz e abacaxi. A pecuária também é bastante desenvolvida. Também é um polo de extração de petróleo.
<b>Geografia:</b> As belezas naturais do município convivem de maneira harmoniosa com a indústria do petróleo.
<b>Educação:</b> Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio, além dos institutos de ensino tecnológico. Ademais, há três universidades públicas.
<b>Datas importantes:</b> Em 15 de abril de 1846, a lei provincial nº 364 eleva a Vila São João de Macaé à categoria de cidade. Ainda em 1938, a Comarca de Macaé passa a constar de dois distritos: Macaé e Casimiro de Abreu. Vinte anos depois, a lei 3.386 constitui a Comarca de Macaé composta pelos distritos de Macaé, Barra de Macaé, Carapebus, Quissamã, Córrego do Ouro, Cachoeiro de Macaé, Glicério e Sana. Mais tarde, seriam incorporados os distritos de Vila Paraíso, Frade, Parque Aeroporto e Imboassica.

### Niterói

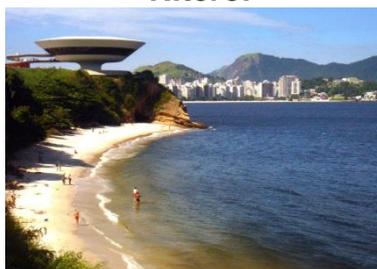


Figura 39 – Caminho Niterói

Fonte: Disponível em: <<https://wanbora.wordpress.com/2011/07/18/caminho-de-arariboia-2011-1o-dia-centro-de-niteroi-a-itaipuacu-30-km-17072011-2/>>. Acesso em: 10 dez. 2015

<b>População:</b> 496.696 habitantes.
<b>Economia:</b> Agropecuária, serviços e indústria.
<b>Geografia:</b> Área territorial 133,916 (km²).
<b>Educação:</b> Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio, além dos institutos de ensino tecnológico. Também possui universidades públicas e privadas.
<b>Datas importantes:</b> Foi a primeira capital do Estado, pela Lei Provincial n.º 2, de 26 de março de 1835. Recebeu foros de Cidade com a denominação de Niterói, pela Lei Provincial n.º 6, de 28 de março de 1835. Deixou provisoriamente de ser Capital do Estado em decorrência das Leis Estaduais n.º 50, 30 de janeiro de 1894. Voltou a ser a capital do Estado, pela Lei Estadual n.º 542, de 04 agosto de 1902, e reinstalada em 20 de junho de 1895. Por força do disposto da Lei Complementar n.º 20, de 01 de junho de 1974, o município de Niterói deixou de ser capital do estado.

### Nova Friburgo



Figura 40 – Praça do Suspiro

Fonte: Disponível em: <<http://www.rj.gov.br/web/>>. Acesso em: 10 dez. 2015

**População:** 184.460 habitantes.

**Economia:** Indústrias (têxtil e metalúrgica).

**Geografia:** Área territorial 933, 414(km<sup>2</sup>).

**Educação:** A cidade possui escolas dos níveis fundamental e médio.

**Datas importantes:** Em janeiro de 1820, considerando o progresso da colônia, foi elevada à categoria de Vila e, conseqüentemente, foram desmembradas suas terras da área de Cantagalo. A instalação da Vila verificou-se aos 17 de abril do mesmo ano, localizando-se a sede na povoação do Morro Queimado. Anos depois, com a chegada de imigrantes italianos, portugueses e sírios, acentuou-se o progresso da localidade, que a 8 de janeiro de 1890 foi elevada a categoria de cidade.

### Nova Iguaçu



Figura 41 – Ruínas da Vila de Cava

Fonte: Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/cinco-pontos-turisticos-na-baixada-fluminense>>. Acesso em: 18 dez. 2015

**População:** 807.492 habitantes.

**Economia:** Comércio e serviços destacam-se, mas a indústria e o polo automotivo são fontes mais rentáveis.

**Geografia:** Área territorial 521,249 (km<sup>2</sup>).

**Educação:** Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio, há, também, faculdades.

**Datas importantes:** Criado no dia 15 de janeiro de 1833, com sua sede instalada às margens do Rio Iguassú, que serviu de inspiração para o seu nome. Em 1822, durante o Ciclo do Café, foi aberta a Estrada Real do Comércio, que em conexão com os portos de Iguassú, escoava a produção de cana-de-açúcar e do café plantado nas serras, devido ao grande movimento, passou a usufruir do status de município. Em 1952, com a inauguração da Rodovia Presidente Dutra e a recuperação da malha ferroviária, a cidade passou por um aumento populacional e assumiu outras funções, entre elas, a de cidade dormitório e de corredor de acesso à capital.

### Paraty

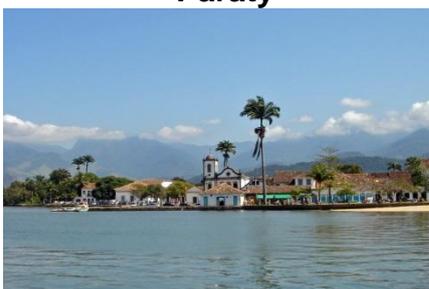


Figura 42 – Orla de Paraty

Fonte: Disponível em: <<http://www.paraty.com.br/>>. Acesso em: 10 dez. 2015

**População:** 40.478 habitantes.

**Economia:** Comércio, serviços e turismo.

**Geografia:** Área territorial 925,392 (km<sup>2</sup>).

**Educação:** Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio.

**Datas importantes:** Há divergências, em relação à data de fundação. Uns falam que em 1540/1560; outros, de 1597; alguns outros, de 1600; e alguns mais, 1606, quando da chegada dos primeiros sesmeiros da Capitania de Itanhahém que, acredita-se, venha a ser a origem do povoamento como, grosso modo. Em 1870, devido à abertura de um novo caminho ferroviário, entre Rio de Janeiro e São Paulo, através do Vale do Paraíba, a antiga trilha de burros pela Serra do Mar perdeu sua função, afetando de forma intensa a atividade econômica de Paraty como um todo. Um segundo fator de decadência do comércio e da cidade foi a Abolição da Escravatura em 1888, causando um êxodo. Assim, isolando a cidade das demais cidades brasileiras.

### Petrópolis

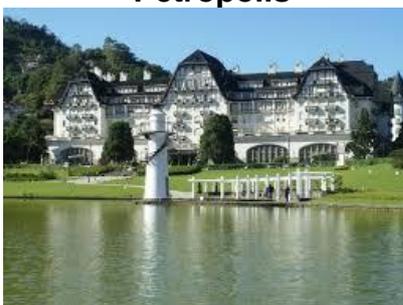


Figura 43 – Palácio Quitandinha

Fonte: Disponível em: <<http://socerj.org.br/historia-de-petropolis/>>. Acesso em: 10 dez. 2015

<b>População:</b> 40.478 habitantes.
<b>Economia:</b> Serviços e turismo.
<b>Geografia:</b> Área territorial 795,799 (km <sup>2</sup> ).
<b>Educação:</b> Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio, além de universidades.
<b>Datas importantes:</b> Assim como outros povoados coloniais, a cidade nasceu, inicialmente, em 1845. Em 1857, por uma decisão inédita, foi elevada à categoria de município/cidade, sem ao menos ter passado por ser vila. Anos depois, foram chegando muitos alemães que povoaram as terras.

### Rio de Janeiro



Figura 44 – Cristo Redentor

Fonte: Disponível em: <<http://jornalgggn.com.br/>>. Acesso em: 10 dez. 2015

<b>População:</b> 40.478 habitantes.
<b>Economia:</b> Diversificada, indústrias, serviços, comércio e turismo.
<b>Geografia:</b> Área territorial 1.197,463 (km <sup>2</sup> ).
<b>Educação:</b> Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio, além de importantes universidades públicas e privadas.
<b>Datas importantes:</b> Mencionadas anteriormente, quando relatadas a história de formação do estado e da cidade. Atual capital do estado.

### São João da Barra



Figura 45 – Porto do Açú

Fonte: Disponível em: <<http://www.progresso.com.br/>>. Acesso em: 10 dez. 2015

<b>População:</b> 34.583 habitantes.
<b>Economia:</b> Agropecuária e pesca.
<b>Geografia:</b> Área territorial 455,044 (km <sup>2</sup> ).
<b>Educação:</b> Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio. Há, também, faculdades.
<b>Datas importantes:</b> Em 1676, o povoado foi elevado à categoria de Vila e a economia girava em torno da pesca, criação de gado e o início da cultura da cana. No final da década de 1970, a cidade voltou a prosperar com a descoberta do

petróleo, recebendo *royalties* por ser município limítrofe aos campos produtores de petróleo, tornando-se definitivamente produtor a partir do ano de 2000 e, hoje, promete ainda mais desenvolvimento com a construção do Porto do Açú.

### Três Rios



Figura 46 – Praça Três Rios

Fonte: Disponível em: <<http://www.rj.gov.br/>> Acesso em: 18 fev. 2016

**População:** 79.264 habitantes.

**Economia:** Agropecuária e pesca.

**Geografia:** Área territorial 326,757 (km<sup>2</sup>).

**Educação:** Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio.

**Datas importantes:** A referência mais distante sobre o território do município de Três Rios remonta ao início do século XIX, quando Antônio Barroso Pereira obteve terras. A partir do final de 1943, o município de Entre-Rios passou a se chamar Três Rios, numa clara conotação aos três mais importantes rios que cortavam o seu território: rios Paraíba do Sul, Piabanha e Paraibuna.

### Valença



Figura 47 – Campos Verdes

Fonte: Disponível em: <<http://www.panoramio.com/>>. Acesso em: 18 dez. 2015

**População:** 73.725 habitantes.

**Economia:** Comércio e atividades agrícolas e rurais.

**Geografia:** Área territorial 1.304,813 (km<sup>2</sup>).

**Educação:** Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio e sete faculdades.

**Datas importantes:** É um município herdeiro de uma vocação rural e agrícola, pois suas primeiras sesmarias datam de 1771. O município passou por um grande desenvolvimento à época da cultura do café, o que proporcionou à região a primeira etapa de unidade e civilização. Por esse motivo, a região progrediu ativamente na segunda metade do século XIX. Mas, logo após a abolição da escravatura, Valença passou a viver um novo momento.

No estado do Rio de Janeiro, como pode ser observado, há cidades fundadas em diferentes períodos da história do Brasil, mas há um predomínio das cidades fundadas no século XIX, embora tenham cidades com data de fundação nos séculos XVI, XVII e XVIII.

### 3.3 A ELEIÇÃO DA ÁREA SEMÂNTICA<sup>9</sup>

As escolhas pelo léxico e pela área semântica dos *jogos e diversões infantis* não foram aleatórias. O gosto pelo léxico surgiu devido a um trabalho desenvolvido na Iniciação Científica, como bolsista, vinculado ao Projeto ALiB, sob a orientação da professora doutora Marcela Paim. Na ocasião, a pesquisa debruçou-se sobre as diferenças lexicais de itens da área semântica do *vestuário e acessórios*, no Norte e Nordeste brasileiros. Desde então, nasceu e cresceu um desejo pelos estudos lexicais. Logo, escolher os *jogos e diversões infantis* foi consequência de querer colaborar com as pesquisas que já vinham sendo desenvolvidas no âmbito do Projeto ALiB, com vistas a revelar a faceta dialetal brasileira, no que tange às diferenças e semelhanças lexicais. Estudar tal área semântica é interessante por motivos diversos, dentre os quais se destacam os seguintes: a) ao falar sobre o passado, sobretudo sobre momentos de lazer na infância, os informantes acabam por revelar aspectos sociais e culturais da localidade; b) alguns itens documentados são representativos de um passado, uma vez que tende ao desaparecimento, em virtude das novas formas de brincar contemporâneas; c) ao falar das brincadeiras e jogos, às vezes, os informantes ajudam muito ao fornecer materiais linguísticos vernaculares.

Nesta dissertação, analisam-se os dados de 13 (treze) questões do QSL, pertencentes à área dos *jogos e diversões infantis*, a saber:

---

<sup>9</sup> Adota-se a mesma concepção utilizada pelos Questionários ALiB (2001).

QSL – jogos e diversões infantis	
Nº	Pergunta
155	Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? ( <i>Mímica</i> ).
156	Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?
157	Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha ( <i>mímica</i> ), que os meninos usam para matar passarinho? ( <i>Mostrar gravura</i> ).
158	Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?
159	E um brinquedo parecido com o ____ ( <i>cf. item 158</i> ) também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?
160	Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?
161	Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?
162	Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?
163	Como se chama esse ponto combinado?
164	Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?
165	Como se chama uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? ( <i>Mímica</i> ) ( <i>Mostrar gravura</i> ).
166	Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? ( <i>Mímica</i> ) ( <i>Mostrar gravura</i> ).
167	Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha ( <i>mímica</i> ) e vão pulando com uma perna só? SOLICITAR DESCRIÇÃO DETALHADA.

Quadro 5 – Perguntas da área semântica *jogos e diversões infantis* do QSL – ALiB.

Os dados foram levantados a partir de uma breve consulta às transcrições grafemáticas, embora elas sirvam e auxiliem bastante, recorreu-se, sempre, às gravações em áudio, isto é, à audição atenta do material coletado *in loco*, a fim de obter os dados verídicos, tal como foram obtidos na pesquisa de campo. Posteriormente, fez-se o levantamento sistemático de todas as formas documentadas atinentes às perguntas anteriormente mencionadas, a partir de alguns critérios, tais como:

- ✓ Levantamento criterioso de todas as variantes coletadas para cada pergunta em análise;

- ✓ Identificação dessas variantes, a partir das elocuições, atentando-se para a posição as quais aparecem, por exemplo: primeira, segunda e/ou terceira resposta;
- ✓ Seleção de contextos nos quais os informantes forneceram pistas importantes para caracterização do jogo ou da brincadeira, do contexto, bem como, às vezes, a evidencia de um pensamento e juízo de valor;
- ✓ Registro de comentários ao longo do fichamento, objetivando, assim, possíveis notas explicativas de casos singulares, por exemplo.

As respostas não obtidas foram agrupadas em três subgrupos, a saber:

- ✓ **NS** – Não Sabe: são assinaladas com NS as elocuições que os informantes declaram não conhecer o referente que lhe foi questionado;
- ✓ **NL** – Não Lembra: são aquelas consideradas, a partir da fala do informante, como esquecidas por ele, embora saiba o que tenha sido questionado;
- ✓ **NO** – Não Obtida: são todas as ocorrências em que a resposta não foi dada, embora o inquiridor tenha tentado, por meio de várias reformulações, e não obteve êxito. Há casos, também, em que o inquiridor, ao formular a pergunta, fala a resposta. Além dessas, são assinaladas os casos de problemas técnicos nos áudios. De imediato, considera-se como resposta não obtida.

No que é atinente à disposição dos dados, cada questão é apresentada e analisada isoladamente. Devido à natureza do trabalho e das muitas respostas coletadas, foi necessário criar agrupamentos, para algumas questões, em alguns casos, desprezando-se as variantes fônicas, por exemplo.

Outros procedimentos foram adotados, são eles: os itens com apenas uma ocorrência foram agrupados em *outras formas*, em cada item do questionário; simplificação das flexões de gênero e número; simplificação da derivação por grau – diminutivo ou aumentativo, exceto nos casos de *bolinha de gude*, *bolinha de vidro* e *bolinha*; presença x ausência de verbos de ação – optando-se pela retirada de verbos, por exemplo; agrupamento de lexias compostas a lexias simples;

simplificação de lexiais complexas em lexiais simples como, por exemplo, *brincar de...* e *brincadeira de...*

No que tange ao tratamento estatístico, os dados são apresentados por duas maneiras. A primeira é a frequência por número de ocorrências, tal frequência é obtida com base no total geral de ocorrências coletadas, tem um universo variável por item do questionário estudado e vem apresentada ao final da descrição dos agrupamentos, podendo ser apresentada em tabelas e gráficos. As respostas documentadas apenas uma única vez foram agrupadas em *outras formas* e virão descritas em cada item.

Adotando-se esses procedimentos, passou-se à análise de cada item, conforme se observa no capítulo quatro.

Em seguida, após a descrição detalhada dos dados encontrados, apresenta-se a cartografia dos dados, atentando-se para as semelhanças e diferenças linguísticas, a fim de atestar, na atualidade, a partir dos itens lexicais, se ainda vigora a área denominada como *Falar Fluminense*. O planejamento cartográfico, a edição da base e a composição da cartografia temática foram elaboradas por Ana Regina Torres Ferreira Teles, professora da UFBA e membro da Comissão de Informatização e Cartografia do Projeto ALiB, tendo como fonte a Base Cartográfica do IBGE (bCIMd), versão 2.0, e a utilização do software ARcGis (versão 1.0). A análise linguística foi realizada pelo autor da dissertação.

As cartas elaboradas seguem alguns critérios para a cartografia temática, são eles: a) representação das lexiais documentadas na amostra; b) consideração da frequência em localidades como determinante para o ordenamento da legenda (maior para menor) e c) indicação dos resultados em cada localidade pelo formato *pizza*, mantendo-se a ordem da legenda, embora tenha havido a dificuldade de representação, por proximidade dos pontos, sobretudo no Rio de Janeiro. Vale destacar a inovação em cartografar os dados NS/NL/NO, agrupados na forma *não obtida*, tal feito torna-se importante para os estudos dialetológicos, por se tratar de uma realidade encontrada nas pesquisas dessa natureza, e que, geralmente, ficavam fora do registro cartográfico, além de poder colaborar para o entendimento dos fenômenos estudados e representados no espaço geográfico, deixando de forma explícita os dados encontrados nas localidades, extinguindo possíveis inferências dos leitores das cartas. Destaca-se que as cartas elaboradas para este

trabalho, de certo modo, tomou como base as cartas que constam nos dois primeiros volumes no Atlas Linguístico do Brasil.

Quando para uma pergunta foram encontradas várias formas para nomear o referente, optou-se por cartografar as três formas mais vitais e o quarto item foi nomeado em “outras”, que, por sua vez, é representado em outra carta, nomeada como “outras denominações...”

Torna-se preponderante ressaltar, ainda, que será feita uma comparação do brinquedo e/ou jogo em questão com os resultados encontrados nos estudos de Ribeiro (2012) e Portilho (2013) em todas as 13 questões, *subfalar baiano* e *subfalar amazônico*, respectivamente, e com Romano (2015), uma questão, 156-*Gude*, apenas, *subfalar sulista*, com um intuito de fazer um cotejo entre os estudos e obter, mesmo que de forma parcial, uma visão panorâmica das formas documentadas pelo Brasil, por meio dos estudos alibianos que versaram sobre o mesmo tema e/ou questões.

Avalia-se como indispensável trazer alguns depoimentos dos informantes que, ao responderem às questões, informaram aspectos sociais, valores, crenças e juízos de valores sobre a época, a localidade, o brinquedo e o contexto de uso. Reconhece-se, desse modo, como a língua é importante na construção dos sujeitos, bem como ela vai moldar a sua identidade, suas percepções e, conseqüentemente, o seu discurso e maneira de ser/estar no mundo. Tem-se, com isso, a tentativa de analisar os dados observando os aspectos sociais e extralinguísticos, sugeridos pela Sociolinguística e suas duas vertentes, conforme explicitado no capítulo 2.

Por fim, revela-se como um ponto importante a busca das formas documentadas em alguns dicionários pedagógicos, a saber: Bueno (2010) e Telles & Bentes (2011), obras destinadas ao Ensino Fundamental II, dicionários do tipo 3; Bechara (2011) e Borba (2011), destinados ao Ensino Médio, dicionários do tipo 4<sup>10</sup>. De certo modo, a escola, às vezes, é responsável por perpetuar certas brincadeiras.

O intuito, com isso, é verificar se as obras lexicográficas dedicadas ao plano escolar trazem em seus registros as mesmas brincadeiras e/ou jogos documentados nas elocuições dos informantes. Sabe-se que as obras de cunho lexicográfico exercem uma função singular, no tocante à expectativa fomentada pelos

---

<sup>10</sup> Conforme o que preconiza o PNL (2012), os dicionários dos tipos 3 e 4 diferem por apresentarem número de verbetes distintos e possuírem uma proposta pedagógica específica para o público que as obras se destinam.

consultantes, ao se dirigir até tais obras, em busca de respostas e definições esclarecedoras. Desse modo, espera-se dos dicionários uma aproximação com o léxico de determinada língua. Reconhece-se, contudo, as limitações das obras, desde então, porque é de conhecimento geral os constantes movimentos feitos pela língua. Torna-se preponderante salientar que a escolha por obras lexicográficas do plano escolar se deu pelo fato de outros tipos de obras já terem sido alvo de pesquisas e documentação por trabalhos da mesma natureza, a saber: Ribeiro (2012), Portilho (2013) e Romano (2015).

Após esses procedimentos, há uma seção específica para agrupar os resultados das análises, a fim de cumprir o objetivo central da pesquisa, e revelar possíveis áreas e subáreas linguísticas. Com isso, nesta seção, as considerações de cada brinquedo e/ou brincadeira serão compiladas, objetivando evidenciar o que foi encontrado na área em análise e o favorecimento dos itens lexicais para o estabelecimento de possíveis espaços linguísticos comuns. Nesta seção, procura-se estabelecer possíveis caminhos que nos levaram às descobertas.

#### 4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentam-se a descrição e a análise das respostas coletadas, abordam-se as formas lexicais registradas para as questões da área temática *jogos e diversões infantis* do Questionário Semântico Lexical.

A fim de tornar a leitura dos dados mais acessível, alguns procedimentos foram necessários, a saber:

a) Inicialmente, cada questão é apresentada e analisada isoladamente, haja vista a natureza do trabalho que é identificar possíveis áreas dialetais, através de itens lexicais. Para tal, foi necessário criar agrupamentos, para algumas questões, pois, em alguns casos, as variantes fônicas foram desprezadas, porque não foram consideradas como fatores determinantes para a escolha de uma determinada forma, também, como já foi mencionado, o objetivo desse trabalho, em perspectiva lexical, é demarcar fronteiras linguísticas.

b) A cartografia dos dados coletados e agrupados faz-se indispensável, uma vez que irá atender aos objetivos desse trabalho, permitindo, assim, uma melhor visualização dos itens dispostos no espaço geográfico, podendo facilitar o traçado de isoglossas, a fim de confirmar, refutar e/ou estabelecer novas subáreas dialetais para a área do *falar fluminense*. Ainda, nesse segundo passo, os itens são apresentados considerando o maior número de frequência em ocorrência nas localidades pesquisadas, vale ressaltar. O passo subsequente evidencia um panorama para as pesquisas sobre áreas dialetais brasileiras.

c) Será feita uma comparação do brinquedo e/ou jogo em questão com os resultados encontrados nos estudos de Ribeiro (2012) e Portilho (2013) em todas as 13 questões, *subfalar baiano* e *subfalar amazônico*, respectivamente, e Romano (2015), uma questão, apenas, *subfalar sulista*, visando uma breve contemplação sobre os falares brasileiros, até então estudados, no que tange aos itens da mesma área semântica. A seguir, exemplos das elocuições serão ilustradores.

d) Considerando-se que a fala é um elemento caracterizador de aspectos sócio-históricos e culturais de um determinado povo, evidenciando, assim, alguns processos de crenças, valores e mudanças sofridas na localidade, sendo assim, depoimentos foram destacados, a fim de ratificar a premissa defendida, o vínculo indissociável entre língua e cultura, isto é, os dados serão tratados pelo prisma

vertical sob as duas orientações sociolinguísticas, quantitativa e interacional, quando possível.

e) Foi empreendida uma pesquisa em dicionários, objetivando apurar presença e/ou ausência dos itens encontrados, sobretudo nas obras aprovadas pelo PNL D (2012), duas destinadas ao ensino médio e duas destinadas ao ensino fundamental II, visando estabelecer um cotejo entre os dados dialetais – Dialetologia – e os dicionários – Lexicografia, principalmente tentando observar a forma de abordagem dos dicionários, uma vez que as obras construídas são para o público escolar.

#### 4.1 CAMBALHOTA

“Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?” (COMITÊ NACIONAL... 2001, p.34) é a questão 155 do QSL que busca apurar as denominações para a brincadeira. A partir das análises prévias, pode-se constatar que o total de respostas para esse pergunta foi de 156 ocorrências, das quais 94,2% são respostas válidas, perfazendo o total de 147 ocorrências, ao passo que 5,8% são de NS/NL/NO<sup>11</sup>, totalizando 9 ocorrências. Na tabela 1, apresentam-se os dados obtidos em valores absolutos e em valores relativos.

Tabela 1 – Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/155 – todas as respostas.

<b>Formas lexicais</b>	<b>Total absoluto</b>	<b>%</b>
<b>cambalhota</b>	126	86,9%
<b>cambota</b>	11	7,6%
<b>pirueta</b>	3	2,1%
<b>mortal</b>	3	2,1%
<b>caneleta</b>	2	1,4%
<b>total</b>	<b>145</b>	<b>100,0%</b>

A forma lexical que mais ocorre é *cambalhota*, pois teve frequência de 86,9% do total de respostas válidas, obtendo em total absoluto 126 ocorrências, e está presente em quase todas as localidades. Nota-se que a brincadeira, na região em

<sup>11</sup> A forma *balango* foi documentada na fala da informante 148/02 ( Juíz de Fora – MG), mas foi descartada, por se distanciar do referente requerido na questão.

estudo, é conhecida e nomeada, majoritariamente, pela forma mencionada, mas outras formas foram documentadas, seguem as frequências obtidas por cada uma delas: *cambota*, que obteve 7,6%, *mortal* e *pirueta* obtiveram 2,1% e, por fim, a forma *caneleta* com 1,4%. Assim, todas as formas representam um total absoluto de 147 ocorrências, o que permite afirmar que há variação para nomear a brincadeira em questão, embora a área estudada seja de predomínio de *cambalhota* e variantes fônicas. Conforme se verifica no gráfico 1:

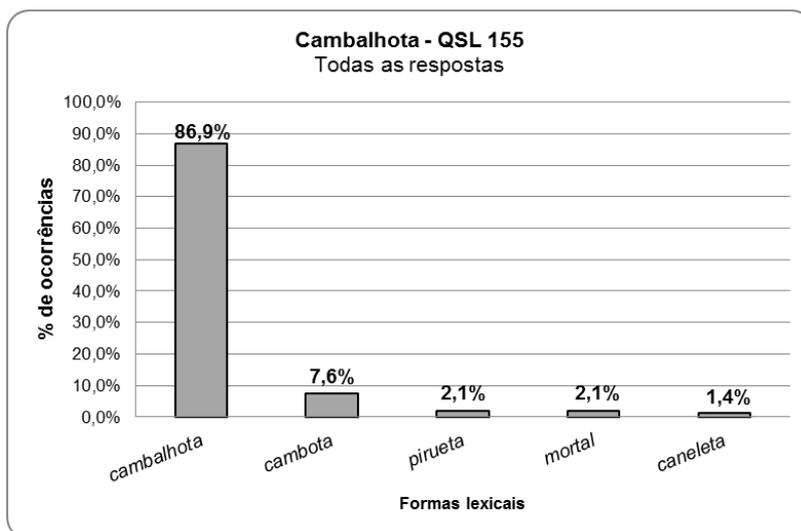


Gráfico 1 – Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/155 – todas as respostas

Para se chegar aos resultados mencionados anteriormente, alguns agrupamentos foram necessários. Todas as respostas válidas totalizam 145 ocorrências, distribuídas em um conjunto de 16 formas lexicais distintas, que foram agrupadas, conforme critérios mencionados na metodologia, em 5 grupos, a saber: *cambalhota*, *cambota*, *caneleta*, *pirueta* e *mortal*.

#### 4.1.1 Cartografia dos dados e o olhar horizontal

Em relação à diatopia, segundo nota-se na figura 48, no do estado Espírito Santo, a forma *cambalhota* é categórica, sendo a única denominação em todas as localidades capixabas.

No Rio de Janeiro, *cambalhota* é predominante, com uma ocorrência de *cambota*, em Macaé, e *mortal*, em Campos dos Goytacazes.

Em Minas Gerais, há a predominância das formas *cambalhota* e *cambota*.

No estado São Paulo, a forma *caneleta* ocorre duas vezes e em duas localidades diferentes, embora estejam no mesmo estado, Guaratinguetá e Caraguatatuba. Neste mesmo estado, foram registradas as formas *pirueta*, *cambota* e *cambalhota*.

Em Caravelas, na Bahia, a predominância é de *cambalhota*.

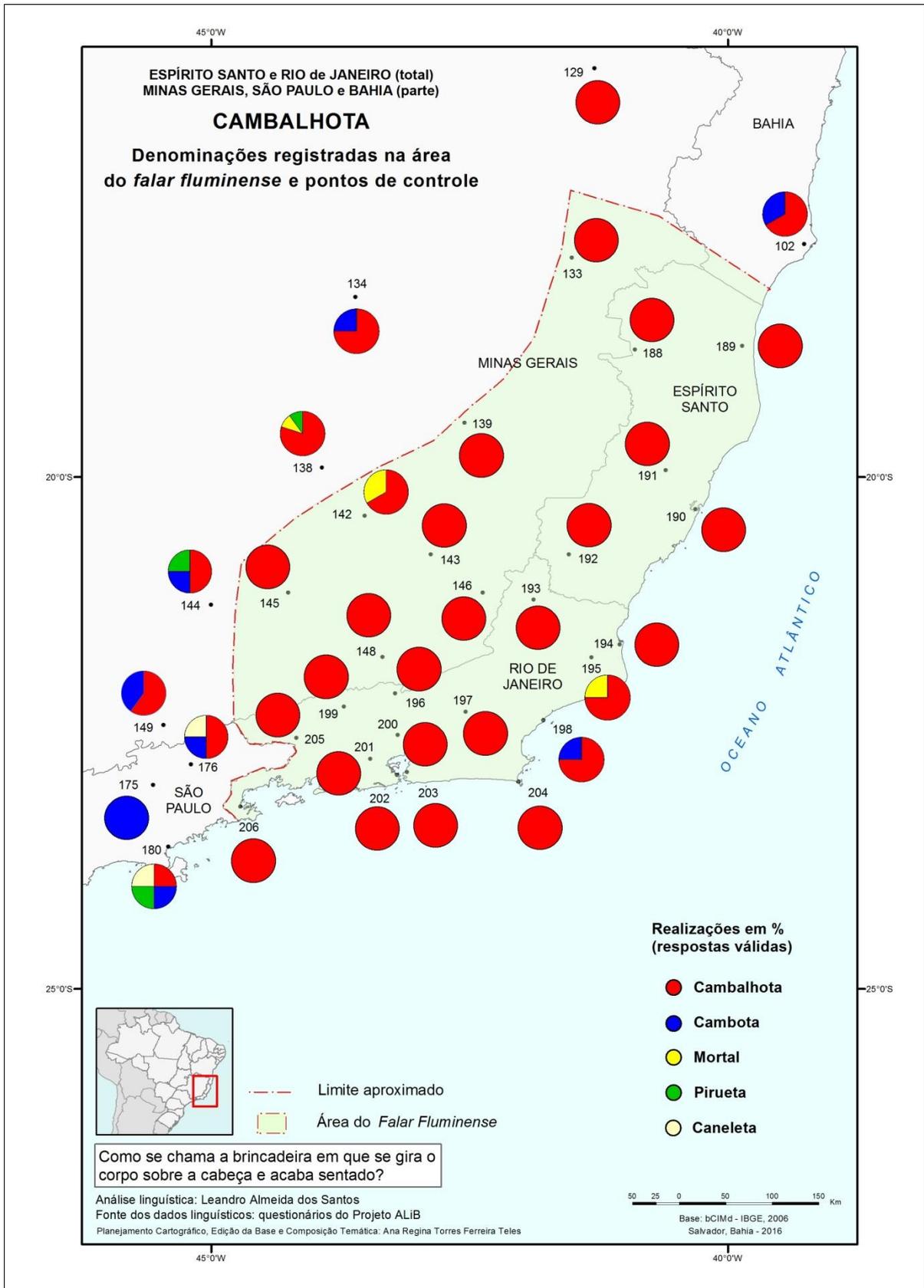


Figura 48 – Carta Cambalhota

Em virtude do que pode ser visto na figura 48, há predominância da forma *cambalhota* na área do *Falar Fluminense*, fato que determina, em termos de léxico, na área em questão, que a brincadeira é mais conhecida como *cambalhota*.

No tocante aos pontos de controle, é o local onde ocorre, com mais frequência, o aparecimento de outras formas para nomear a brincadeira como, por exemplo, *cambota*.

#### 4.1.2 Panorama dos estudos lexicais sobre áreas dialetais com dados do Projeto ALiB: Ribeiro (2012) e Portilho (2013)

Tecer considerações acerca de áreas dialetais brasileiras, sob o ponto de vista lexical, torna-se preponderante trazer à cena estudos semelhantes.

Para a área do *subfalar baiano*, Ribeiro (2012) encontrou *cambalhota*, a lexia foi documentada em 47 dos 57 pontos da pesquisa e é a forma mais conhecida com 38,5% do total de respostas válidas que corresponde a 96,5%. Destaca-se que há várias possibilidades para nomear a brincadeira, tais como: *maria-escambota*, *pulo/salto mortal*, *bunda canastra*, *maria escambona*, *pirueta*, *cabriola*, *ginástica*, *cangapé*, *bananeira*, *aú*, *tumbica*, *tiúba* e *combute*, além das formas agrupadas em respostas únicas<sup>12</sup>. (RIBEIRO, 2012, p. 165).

Portilho (2013), ao se debruçar sobre o *subfalar amazônico*, aponta para a maior vitalidade da forma *cambalhota*, presente em quase todas as localidades. No entanto, conforme a citada autora, 23 formas foram documentadas como, por exemplo: *cambota*, *cambola*, *cambela*, *cambota*, *cambiola*, *cambiela*, *cambiota*, *calhambota*, *calambota*, *calambiota*, *calambola*, *calambiola*, *tiúba*, *mortal*, *salto mortal*, *salto*, *cangapé*, *bunda-canastra*, *pirueta*, *piruleta*, *capoeira* e *giro* (PORTILHO, 2013, p. 69). Além disso, destaca o baixo índice de não respostas, 3,1%, ou seja, apenas, 4 informantes não fornecerem respostas para a questão em estudo.

Diante dessas considerações, ao comparar os levantamentos citados com os documentados para esta dissertação, nota-se que *cambalhota* é a forma mais conhecida e utilizada, nos três *subfalares baiano*, *amazônico* e *fluminense*.

---

<sup>12</sup> Em Ribeiro (2012) e em Portilho (2013), as *respostas únicas* correspondem ao que nesta dissertação engloba-se em *outras formas*.

Ressalte-se, entretanto, que tanto no *Falar Baiano* quanto no *Falar Amazônico* houve uma maior presença de lexias distintas. Outros aspectos que merecem destaque são as lexias que são comuns aos três falares, a saber: *cambalhota*, *cambota*, *calhambota*, *carambota*, *mortal* e *pirueta*, conforme pode ser visto no item Cambalhota.

#### 4.1.3 O enfoque sob o olhar vertical

No que é atinente à perspectiva social, sob o prisma da interação, nas elocuições dos informantes, não foram encontrados dados que fizessem alusão aos aspectos sociais e culturais. No entanto, destacam-se as três respostas NS/NL/NO, para a pergunta em questão, as quais foram dadas por informantes da faixa II, em cidades distintas, mas todas no estado do Rio de Janeiro. Em relação às perspectivas diageracional e diassexual, não houve diferenças significativas.

#### 4.1.4 Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível

Apresenta-se, no quadro 6, a dicionarização de itens que foram documentados na pesquisa para a pergunta 155 do QSL.

Formas Lexicais	Dicionários consultados (PNLD - 2012)			
	<i>Bueno (2010)</i>	<i>Telles &amp; Bentes (2011)</i>	<i>Bechara (2011)</i>	<i>Borba (2011)</i>
<b><i>cambalhota</i></b>	DMS	DMS	DMS	DMS
<b><i>cambota</i></b>	DMS	DMS	DMS	DMS
<b><i>caneleta</i></b>	ND	ND	ND	ND
<b><i>mortal</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b><i>pirueta</i></b>	DOS	DMS	DOS	DOS

Legenda: DMS – dicionarizado com o mesmo sentido; ND – não dicionarizado; DOS – dicionarizado com outro sentido.

Quadro 6 – Dicionarização das formas lexicais documentadas para QSL/155.

Conforme pode ser visto no quadro 6, os dicionários consultados apresentam semelhanças quanto às formas pesquisadas, a exceção da forma *pirueta*, que foi dicionarizada em Telles & Bentes (2011) como *cambalhota no ar*, desse modo, apresentado a mesma significação para o item. A uniformização quanto aos itens dicionarizados é bastante importante para os consulentes.

A forma *caneleta* não foi dicionarizada em nenhum dos dicionários.

## 4.2 BOLINHA DE GUDE

“Como chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?” (COMITÊ NACIONAL... 2001, p.34) é a pergunta do QSL, número 156, responsável por apurar as denominações para um brinquedo tão popular e, geralmente, pertencente ao universo masculino. Vale destacar a última afirmação, pois ela subsidiará as discussões, na apresentação dos exemplos, com ênfase nos dados sociais.

Conforme o levantamento e tratamento estatístico dos dados, a resposta mais conhecida nessa área foi *bola/ bolinha de gude*, com 65,1%. Segundo pesquisas, o jogo surgiu em berços gregos, foi se perpetuando e aperfeiçoando até os dias atuais. Atualmente, sabe-se que há muitas variantes que nomeiam esse jogo, conforme pode ser visto na tabela 2.

Tabela 2 – Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/156 – todas as respostas

<b>Formas lexicais</b>	<b>Total absoluto</b>	<b>Total relativo</b>
<i><b>bola/bolinha de gude</b></i>	121	65,1%
<i><b>boleba</b></i>	30	16,1%
<i><b>bolinha de vidro</b></i>	12	6,5%
<i><b>birosca</b></i>	10	5,4%
<i><b>bolinha</b></i>	5	2,7%
<i><b>china</b></i>	4	2,2%
<i><b>bolinha de crique</b></i>	2	1,1%
<i><b>outras formas</b></i>	2	1,1%
<b>Total</b>	<b>186</b>	<b>100,0%</b>

A forma *boleba* apresenta-se como a segunda mais conhecida, com 16,1%, seguida de *bolinha de vidro* – 6,5%, *birosca* – 5,4 – *bolinha*, 2,7% – *china*, 2,2% – e *bolinha de crique* 1,1%. Em relação à frequência das formas documentadas, a leitura do gráfico 2 se faz indispensável.

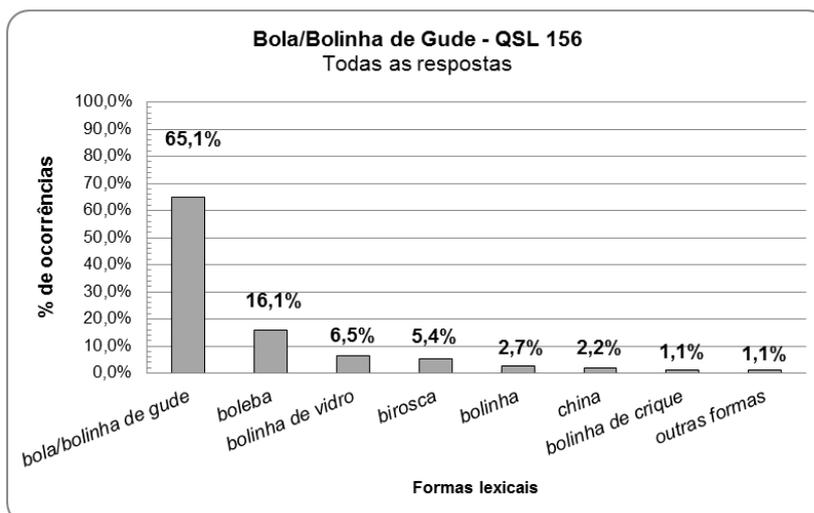


Gráfico 2 – Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/156 – todas as respostas

#### 4.2.1 Cartografia dos dados e o olhar horizontal

Observa-se que, na área estudada, há uma predominância de algumas formas, porém, também, há de se constatar que existe um leque de opções para nomear as *coisinhas redondas de vidro, que os meninos gostam de brincar* (COMITÊ NACIONAL... 2001, p.34), conforme pode ser vislumbrado na figura 49. Desse modo, destaca-se, com baixos percentuais, a forma *crique* que foi documentada, apenas, em Lavras, interior de Minas Gerais. Outros estudos poderão comprovar se nesta área o item *crique* é produtivo.

Nas análises gerais, após tratamento atento dos dados, foram documentadas, para essa questão, 189 respostas, sendo que 3 delas foram de NS/NL/NO, o que perfazem uma frequência de 98,4% e 1,6%, respectivamente. Sendo assim, obteve-se um total de respostas válidas, para a questão em estudo de 186 ocorrências.

O percentual de *outras formas* foi de 1,1%, para duas ocorrências que foram documentadas em localidades distintas, *peteca*, em Macaé, e *belisco*, em Ipatinga, ambas uma vez, apenas, por informantes mulheres.

Em relação à diatopia, conforme pode ser visto na carta *Bolinha de gude*, há determinadas formas coexistindo no espaço geográfico estudado.

No Espírito Santo, as formas *bola/ bolinha de gude*, *bolinha de vidro*, *boleba* e *birosca*, forma que ocorre em uma localidade do estado, apenas, Barra de São Francisco, demonstram a diversidade de formas para nomear o objeto utilizado para

a brincadeira. Ao passo que, no Rio de Janeiro, observa-se a predominância de *bola/bolinha de gude* e *boleba*, mas destaca-se o registro de *bolinha*, em Valença.

Por sua vez, em Minas Gerais, também, há uma diversidade de formas, em destaque, aparecem as formas *crique*, a forma *bolinha* e a forma *belisco* na fala das informantes mais idosas. Além de *birosca* que foi documentada em quatro localidades mineiras, a saber: Ouro Preto, São João Del Rei, Ipatinga e Belo Horizonte.

Em São Paulo, aparecem *bolinha de vidro* e *bolinha*, mas *bola/bolinha de gude* é predominante e, por fim, em Caravelas, na Bahia, categoricamente, foi documentada a forma *bola/bolinha de gude*.

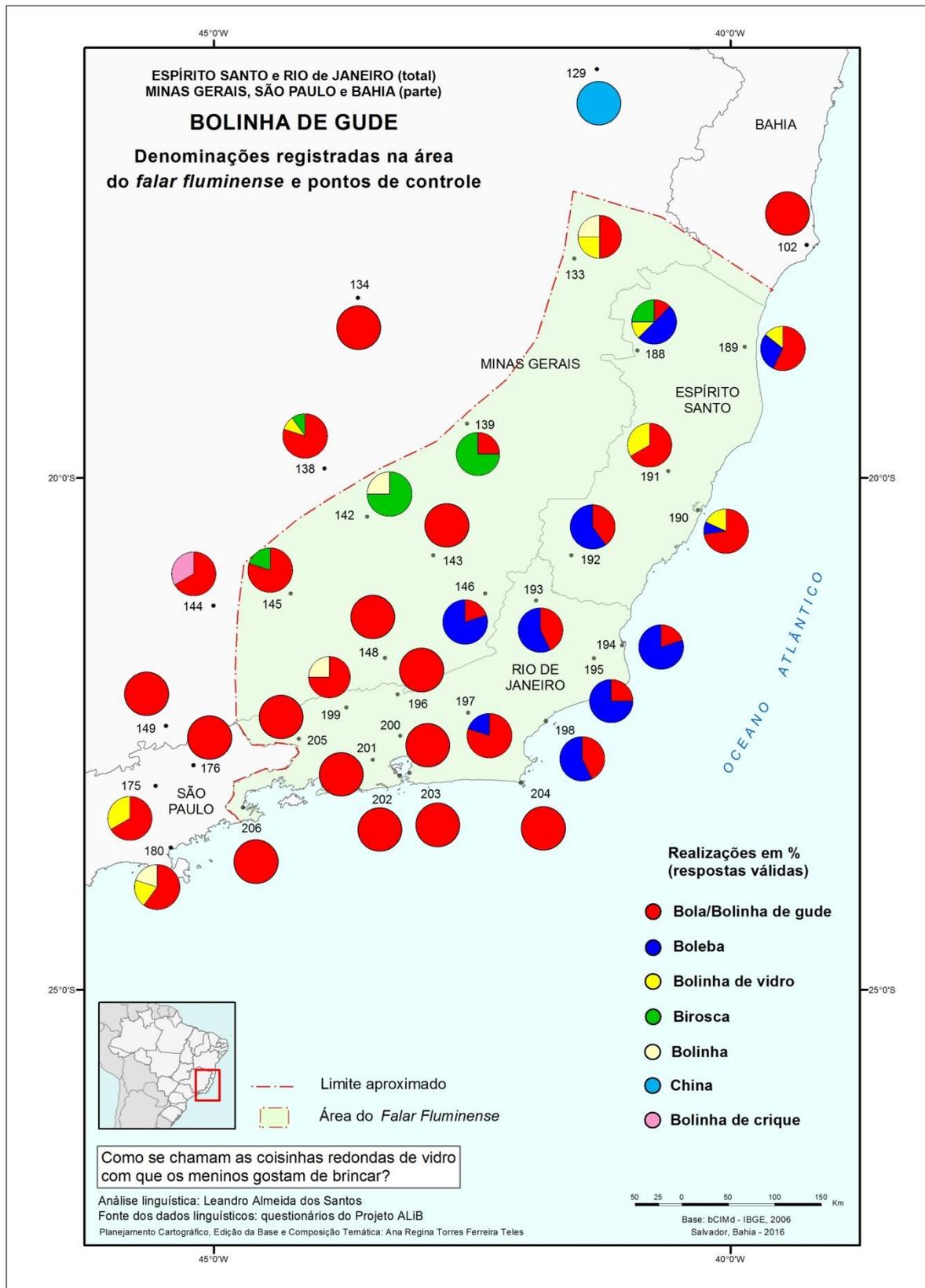


Figura 49 – Carta Bolinha de Gude

A área do *Falar Fluminense*, como pode ser visto, apresenta uma gama de denominações para nomear o brinquedo, embora a forma mais conhecida e utilizada seja *bola/bolinha de gude*.

Em relação aos pontos de controle, a situação se assemelha à área do *Falar Fluminense*, no que tange à predominância da forma *bola/bolinha de gude*, embora existam outras maneiras de nomear o brinquedo.

#### 4.2.2 Panorama dos estudos lexicais sobre áreas dialetais com dados do Projeto ALiB: Ribeiro (2012); Portilho (2013) e Romano (2015)

Para o brinquedo em foco, na área do *subfalar baiano*, destaca-se o baixo índice de respostas NS/NL/NO, apenas cinco informantes não forneceram respostas, ao passo que a resposta mais frequente foi *gude*<sup>13</sup>, com 65,3%, num total de 314 ocorrências válidas, evidenciando, assim, a vitalidade da citada forma, em detrimento das outras que também foram documentadas, a saber: *(bola de) vidro, bolinha, bila, biloca, peteca, ximbra, (bola de) marraio, birosca, boleba, bolita e china* (RIBEIRO, 2012, p. 189).

No estudo sobre o *subfalar amazônico*, foram encontradas cinco formas *peteca, bola de gude/bolinha de gude, bolita/bolica, bolinha e bila*. Destaca-se que não houve casos de NS/NL/NO. É notável a presença majoritária da forma *peteca*, tanto nas capitais quanto nos interiores. Todavia, em duas localidades da área de controle, situadas no Mato Grosso, a forma agrupada predominante é *bolita-bolica*.

Romano (2015), ao se debruçar sobre as particularidades do *subfalar sulista*, encontrou 663 registros – incluem-se as variantes fonéticas – distribuídos em 11 itens. Com isso, a forma com mais vitalidade foi *bola de gude*, com 43,44%, seguida das formas *bolita* – 18,70% – *bolinha/bola de vidro* – 12,97% – *búrica* – 12,67% – e *biloca* – 6,94%, além das formas com índices menores que 2%: *clica, birola, fubeca, peca e peteca*.

Ao considerar esses estudos, tem-se para o brinquedo em debate o único que, até então, possui estudos que contemplam os quatro subfalares: *baiano, amazônico, sulista e fluminense*, podendo traçar, mesmo que de forma não

<sup>13</sup> *Gude* foi o rótulo adotado na tese de doutorado de Ribeiro (2012) e representada as formas *bola de gude, bolinha de gude* e a própria *gude*.

definitiva, isoglossas lexicais, porque os dados fornecem subsídios para isso. Desse modo, *bola/bolinha de gude* está distribuída nas quatro subáreas analisadas, com predominância notável em três delas, *baiano, sulista e fluminense*.

#### 4.2.3 O enfoque sob o olhar vertical

No que tange ao enfoque social, a partir de algumas respostas coletadas, pode-se inferir que, culturalmente, no imaginário popular ocidental existem brinquedos feitos para os meninos e outros que são construídos para as meninas. Tal fato denota de forma evidente o preconceito fomentado por essa cultura. Segundo observa-se no exemplo 01.

(01) INF. – **Boleba**.

INQ. – Você já brincou disso?

INF. – Não, mas a minha menina, nossa senhora, ela adorava **boleba**, eu achava que ela ia ser até macho, sapatona (risos) de tanto que ela gostava (risos) é pipa, é pião, eu dizia, meu Deus do céu, pronto que vai ser sapatona, acabou que foi coisa da idade. (risos)

(Inq. 146. 04 – Muriaé/MG – Inf: mulher, faixa 2, ensino fundamental incompleto)

Nota-se, a partir da elocução da informante, idosa, o juízo de valor exposto. No entanto, conforme pode ser notado no exemplo 02 seguinte, a informante também idosa, porém da capital do Rio de Janeiro, julga o brinquedo por outro prisma.

(02) INQ. – Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

INF. – Menino não, eu jogava e eu não era menino, **bola de gude**, (risos)... **bola de gude**.

INQ. – Que crianças jogam...

INF. – Ah, é isso aí. Que menino nada! Eu joguei muita.

(Inq. 202. 04 – Rio de Janeiro/RJ – Inf: mulher, faixa 2, ensino superior completo)

Infere-se, ao notar o grau de escolaridade da informante, o fato de ter obtido um maior grau de escolarização, conseqüentemente, tendo acesso ao maior número

de bens culturais, no caso da informante do Rio de Janeiro, pode ter influenciado na percepção e visão de mundo, desconstruindo um olhar sob perspectivas dicotômicas, sobretudo no que tange às questões diagenéricas. Ademais, vale ressaltar que as vivências são diferenciadas e que os aspectos de formação educacional e os valores adquiridos no seio familiar são importantes balizadores para determinados contextos, sobretudo para as escolhas lexicais.

Com o exemplo 03, percebe-se que o informante volta-se às suas lembranças para nomear o brinquedo, comparando as várias formas existentes na localidade, fazendo alusão às transformações ocorridas nos valores culturais, que levaram ao predomínio de uma forma sobre a outra.

(03) INF. – **Bolinha de gude.**

INQ. – Já ouviu outro nome?

INF. – **Bolinha de crique, crique** ou **gude.**

INQ. – Qual o nome mais comum?

INF. – Na época, **bolinha de crique**, depois que foi ficando evoluído se tornou-se **bolinha de gude.**

(Inq. 144. 03 – Lavras/MG – Inf: homem, faixa 2, ensino fundamental incompleto)

Outro fator que, certamente, influencia a fala dos informantes é a televisão, pois muitos deles passam boa parte do dia assistindo-a, conforme pode ser notado na fala do informante do exemplo 04, apesar de usar a forma *bolinha de gude*, ela conhece outra, em virtude de ter adquirido através das programações televisivas, meio de entretenimento que, muitas vezes, em algumas localidades, torna-se grande modificador dos hábitos culturais e linguísticos.

(04) INF. – **Bolinha de gude.**

INQ. – E tem outro nome aqui?

INF. – Não. **Bolinha de gude**, só. Tem outro nome, mas aqui é **bolinha de gude.**

INQ. – E você já ouviu?

INF. – **Bolinha de vidro.**

INQ. – Onde você ouviu?

INF. – Acho que foi na tevê que eu já ouvi falar **bolinha de vidro**, mas aqui é **bolinha de gude.**

(Inq. 175. 02 – Taubaté/SP – Inf: mulher, faixa 1, ensino fundamental incompleto)

Destaca-se que o brinquedo em análise atravessa gerações, isto é, embora seja jogado por crianças, geralmente, existem alguns adultos que se divertem jogando, conforme pode ser visto em Petrópolis (RJ), pela elocução do informante.

(05) INQ. – Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

INF. – Aqui, é homem velho e o caramba, **bolinha de gude**.

INQ. – Ah, é?

INF. – Aqui, nego joga até hoje, joga até hoje, todo mundo joga, eu que não jogo muito, mas o pessoal joga.

(Inq. 200. 01 – Petrópolis/RJ – Inf: homem, faixa 1, ensino fundamental incompleto)

#### 4.2.4 Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível

No quadro 7, a dicionarização de itens que foram documentados na pesquisa para a pergunta 156 do QSL pode ser visualizada.

Formas Lexicais	Dicionários (PNLD - 2012) consultados			
	<i>Bueno (2010)</i>	<i>Telles &amp; Bentes (2011)</i>	<i>Bechara (2011)</i>	<i>Borba (2011)</i>
<b><i>gude</i></b>	DMS	DMS	DMS	DMS
<b><i>boleba</i></b>	ND	ND	ND	ND
<b><i>birosca</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b><i>vidro</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b><i>china</i></b>	ND	DOS	DOS	DOS
<b><i>crique</i></b>	ND	ND	ND	ND
<b><i>belisco</i></b>	ND	ND	DOS	ND
<b><i>bolinha</i></b>	ND	ND	ND	ND
<b><i>peteca</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS

Legenda: DMS – dicionarizado com o mesmo sentido; ND – não dicionarizado; DOS – dicionarizado com outro sentido.

Quadro 7 – Dicionarização das formas lexicais documentadas para QSL/156.

Conforme pode ser notado no quadro 7, os dicionários consultados apresentam semelhanças quanto às formas pesquisadas. Tendem a não apresentação das várias formas de nomear o brinquedo que são encontradas na língua falada.

### 4.3 ESTILINGUE

A questão 157 do QSL, pertencente à área semântica escolhida para a dissertação, *jogos e diversões infantis*, busca obter as formas utilizadas pelos informantes para nomear “o brinquedo feito de uma forquinha e duas tiras de borracha (*mímica*), que os meninos usam para matar passarinho” (COMITÊ NACIONAL... 2001, p.34).

A resposta predominante nessa área foi *estilingue*, com 49,7%. Vale destacar que a forma *seta* foi a segunda mais utilizada, com 23,4%, seguida das formas *bodoque* e *atiradeira*, com 14,2% e 12,2%, respectivamente. Houve o registro de uma única ocorrência, em Caraguatatuba/SP, da forma *garrote*. Observam-se mais detalhes na tabela 3.

Tabela 3 – Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/157 – todas as respostas

<b>Formas lexicais</b>	<b>Total absoluto</b>	<b>Total relativo</b>
<i>estilingue</i>	98	49,7%
<i>seta</i>	46	23,4%
<i>bodoque</i>	28	14,2%
<i>atiradeira</i>	24	12,2%
<i>outras formas</i>	1	0,5%
<b>Total</b>	<b>197</b>	<b>100,0%</b>

A partir das análises e do tratamento estatístico dos dados, pode-se constatar que o total de respostas para esse pergunta foi de 202 ocorrências, das quais 97,5% são respostas válidas, perfazendo o total de 197 ocorrências, ao passo que 2,5% são de NS/NL/NO, totalizando 5 ocorrências. No gráfico 3, apresentam-se as formas em percentual de ocorrências.

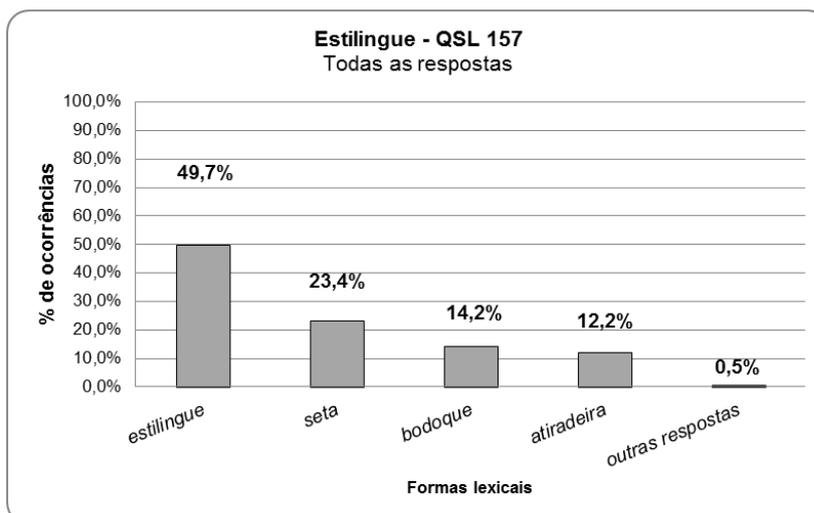


Gráfico 3 – Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/157 – todas as respostas

Para este brinquedo, alguns agrupamentos foram feitos, obedecendo aos critérios já mencionados, neste caso, neutralização das variantes fônicas, como por exemplo, *atiradeira* – *tiradeira*; *bodoque* – *badoque* – *badogue*; *seta* – *setra*.

#### 4.3.1 Cartografia dos dados e o olhar horizontal

Em relação ao eixo horizontal, como pode ser visto na figura 50, nas localidades do Espírito Santo, há a coocorrência de duas formas, *estilingue* e *seta*. Nas localidades do Rio de Janeiro, nota-se uma área de *estilingue*, *seta* e *atiradeira*, com poucos casos de *bodoque*.

Em Minas Gerais, nas localidades estudadas, verifica-se uma diversidade lexical para nomear o brinquedo em questão. Vale destacar as formas *bodoque* e *atiradeira* que são tão presentes quanto *estilingue*, ao passo que *seta* aparece poucas vezes.

Nas cidades do interior de São Paulo, verifica-se a predominância de *estilingue*. E, em Caravelas, ponto de controle, situada no interior da Bahia, *bodoque* é a forma mais conhecida, seguida de *estilingue*.



Embora a área do *Falar Fluminense* seja predominantemente de *estilingue*, tal forma convive com outras como, por exemplo, o litoral do Rio de Janeiro e do Espírito Santo a forma *seta* é bem conhecida e utilizada. Nota-se que há uma heterogeneidade das formas em todo o espaço geográfico, tanto na área estudada e referida quanto nos pontos de controle.

#### 4.3.2 Panorama dos estudos lexicais sobre áreas dialetais com dados do Projeto ALiB: Ribeiro (2012) e Portilho (2013)

Conforme as afirmações de Ribeiro (2012), 375 ocorrências foram documentadas, como respostas válidas. A resposta *estilingue* foi predominante, estando em todas as localidades pesquisadas. Destaca-se, também, o número expressivo de segundas e terceiras respostas, o que denota o quanto o brinquedo é conhecido e que há várias formas de nomeá-lo. Além da forma predominante, foram obtidas as respostas: *atiradeira*, *badoque*, *baladeira*, *beca*, *peteca*, *seta* e outras agrupadas em respostas únicas, por apresentarem índice baixo.

Portilho (2013) encontrou as seguintes formas: *baladeira*, *balador*, *estilingue*, *botoque*, *estilete(a)* e *atiradeira*. Com 70% das ocorrências, predominou a primeira forma citada. Porém, novamente, as localidades do Mato Grosso apresentaram dados diferentes, nas quais a forma *estilingue* foi a mais encontrada.

Estabele-se, dessa maneira, uma comparação entre os *três subfalares* e identifica-se, novamente, uma forma predominante, *estilingue*, em dois deles, *baiano* e *fluminense*, ao passo que, *no amazônico*, encontra-se *baladeira*, como a forma predominante.

#### 4.3.3 O enfoque sob o olhar vertical

No que é atinente ao eixo vertical, optou-se por dar ênfase às elocuições que demonstram uma mudança na forma de nomear o brinquedo, conforme pode ser visto nos exemplos 06 e 07.

(06) INF. – ***Estilingue***.

INQ. – Tem outro nome aqui mais comum?

INF. – Tem ***seta***, mas o mais comum é ***estilingue***.

INQ. – Você ouve mais as pessoas falando seta ou estilingue?

INF. – **Estilingue**.

INQ. – E quem fala seta?

INF. – Os idosos, (risos).

(Inq. 193. 01 – Itaperuna/RJ – Inf: homem, faixa 1, ensino fundamental incompleto)

(07) INF. – Era conhecido como **seta**.

INQ. – E como é hoje?

INF. – Hoje, é **estilingue**, antigamente, era **seta**

(Inq. 193. 04 – Itaperuna/RJ – Inf: mulher, faixa 2, ensino fundamental incompleto)

Nota-se que, conforme os exemplos ilustrativos, transformações ocorridas em Itaperuna fizeram com que a forma *seta*, outrora mais conhecida, fosse cedendo espaço para a forma atual, *estilingue*. Assim, *toda denominação pressupõe um quadro sociocultural transmitido pela linguagem e aplicado ao real* (KISHIMOTO, 2011, p. 19). Tal aspecto ratifica as premissas sociolinguísticas que preconizam que não há fala que não seja influenciada pelos aspectos sócio-históricos e culturais.

Observa-se que, ao analisar as elocuições dos trechos supracitados, jovens e idosos podem ter falas diferentes, ou seja, eles podem apresentar preferências lexicais distintas, mesmo convivendo em um mesmo espaço geográfico. Novamente, com isso, atestam-se o caráter multifacetado da língua e que a fala dos idosos deve ser alvo de mais investigações, pois ela possui uma importância para se entender as mudanças sofridas na língua e na sociedade. Por esse parâmetro, seguem os exemplos 08, 09, 10 e 11.

(08) INF. – **Estilingue**.

INQ. – Ou?

INF. – Na minha época não era **estilingue** não, era **seta**.

INQ. – Qual o mais comum?

INF. – Hoje fala **estilingue**, né? Hoje é mais moderno. Antigamente, a gente mesmo fazia **seta**.

(Inq. 197. 04 – Nova Friburgo/RJ – Inf: mulher, faixa 2, ensino fundamental incompleto)

(09) INF. – Aquele ali tem diversos nomes. Lá na roça, tratava aquilo de **bodogue**, agora, aqui, hoje já mudaram o nome, chamam de **estilingue**.

(Inq. 142. 03 – Ouro Preto/MG – Inf: homem, faixa 2, ensino fundamental incompleto)

(10) INF. – **Atiradeira**, aqui é **atiradeira**, mas hoje, **atiradeira** é dos tempos passados, mas hoje é **estilingue**.

INQ. – Se eu perguntar aqui pras pessoas elas vão falar qual?

INF. – Eles podem falar, a maioria podem falar **atiradeira**.

(Inq. 146. 03 – Muriaé/MG – Inf: homem, faixa 2, ensino fundamental incompleto)

(11) INF. – **Seta, estilingue...**

INQ. – Qual o mais comum?

INF. – **Estilingue** né, nós falava **seta**, quando era moleque.

INQ. – Agora não fala mais?

INF. – Agora fala mais **estilingue**, né?

(Inq. 175. 03 – Taubaté/SP – Inf: homem, faixa 2, ensino fundamental incompleto)

Verifica-se que, com o passar do tempo, as mudanças no ambiente acabam afetando a forma com que as pessoas nomeiam o brinquedo, a afirmação é confirmada pelas falas e pelos marcadores temporais, importantes denunciadores de um antes x um depois. Além disso, mudanças nos hábitos culturais podem ser considerados importantes motores deste processo, os quais podem ser citados: o maior contato com a escolarização e com meios de comunicação, ou seja, fatores externos à língua, são desencadeadores de mudanças nas escolhas linguísticas de um determinado povo, em muitos casos.

Notoriamente, nos trechos escolhidos, há falas de informantes mais idosos que, por seu turno, acompanharam a transição na preferência lexical das pessoas da localidade. Conforme assinala Preti:

A rememoração do passado faz parte da própria organização do discurso do idoso e é feita por meio de vários tipos de informação, que vão desde as datas constantemente citadas para situar o que os falantes chamam de “nosso tempo”, até as indicações de lugares, menção a objetos, valores monetários, marcas comerciais, pessoas, instituições, acontecimentos públicos situados no passado. (PRETI, 1991, p.53)

Sendo assim, destaca-se que a fala desse público, idoso, pode ser de grande utilidade para várias áreas de estudos, a saber: Linguística, Antropologia, Sociologia, Psicologia etc, pois essas elocuições denunciam aspectos socio-culturais, sócio-históricos e, por vezes, torna-se uma forma de salva-guardar a língua, fator de identidade idiossincrática.

#### 4.3.4 Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível

Apresenta-se, no quadro 8, a dicionarização de itens que foram documentados na pesquisa para a pergunta 157 do QSL.

Formas Lexicais	Dicionários consultados (PNLD - 2012)			
	<i>Bueno</i> (2010)	<i>Telles &amp; Bentes</i> (2011)	<i>Bechara</i> (2011)	<i>Borba</i> (2011)
<b><i>estilingue</i></b>	DMS	DMS	DMS	DMS
<b><i>bodoque</i></b>	ND	ND	DMS	DMS
<b><i>seta</i></b>	DOS	DOS	DOS	ND
<b><i>atiradeira</i></b>	DMS	DMS	DMS	DOS
<b><i>garrote</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS

Legenda: DMS – dicionarizado com o mesmo sentido; ND – não dicionarizado; DOS – dicionarizado com outro sentido.

Quadro 8 – Dicionarização das formas lexicais documentadas para QSL/157.

Conforme pode ser visto no quadro 8, os dicionários consultados apresentam muitas semelhanças, quanto às formas pesquisadas, tendem a registrar a forma mais conhecida e utilizada. Destacam-se as formas *bodoque*, que foi dicionarizada apenas em Bechara (2011) e Borba (2011), e *atiradeira* que não foi dicionarizada com o mesmo sentido em Borba (2011).

#### 4.4 PIPA (COM VARETAS)

“Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha”? (COMITÊ NACIONAL... 2001, p.34) essa questão do QSL, número 158, busca apurar as denominações para um brinquedo que é uma herança trazida pelos portugueses, estima-se que o surgimento da *pipa* se deu em solos orientais, mais precisamente na China. Lá, inicialmente, as *pipas* eram usadas como instrumentos de avisos e sinais de guerra, por isso, as diversas cores, tamanhos e formas.

Constata-se uma grande variedade de formas para nomear esse brinquedo tão popular. Desse modo, o total de respostas para esse pergunta foi de 239 ocorrências, das quais 99,2% são respostas válidas, perfazendo o total de 237 ocorrências, ao passo que 0,8% são de NS/NL/NO, totalizando 2 ocorrências. Na tabela 4, apresentam-se os dados obtidos em valores absolutos e valores relativos.

Tabela 4 – Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/158 – todas as respostas

<b>Formas lexicais</b>	<b>Total absoluto</b>	<b>Total relativo</b>
<i><b>pipa</b></i>	138	58,2%
<i><b>papagaio</b></i>	64	27,0%
<i><b>arraia</b></i>	14	5,9%
<i><b>cafifa</b></i>	5	2,1%
<i><b>jaú</b></i>	3	1,3%
<i><b>pião</b></i>	3	1,3%
<i><b>papa vento</b></i>	2	0,8%
<i><b>balão</b></i>	2	0,8%
<i><b>outras formas</b></i>	6	2,5%
<b>Total</b>	<b>237</b>	<b>100,0%</b>

A forma lexical que mais ocorre é *pipa*, pois teve frequência de 58,2% do total de respostas válidas, obtendo em total absoluto 138 ocorrências. Portanto, é a forma mais conhecida e utilizada pelos informantes da área em estudo. Nota-se que a brincadeira também é conhecido pela forma *papagaio*, uma vez que ela representa um total absoluto de 64 ocorrências, com frequência de 27%. Outras formas lexicais também foram documentadas, tais como: *arraia*, que obteve frequência de 5,9%; *cafifa*, com 2,1%; *jaú* e *pião*, com frequências de 1,3%, seguidas das formas *balão* e *papa-vento*, ambas com frequência de 0,8%. Por fim, destaca-se o percentual de *outras formas* 2,5%, como por exemplo, *bandeja*, *chupão*, *cata-vento*, *pandorga* e *rabiola*. Juntas, as formas representam um total absoluto de 237 ocorrências, o que permite afirmar que existem várias formas para nomear a brincadeira em questão, embora a área estudada seja de predomínio de *pipa*, conforme se verifica no gráfico 4.

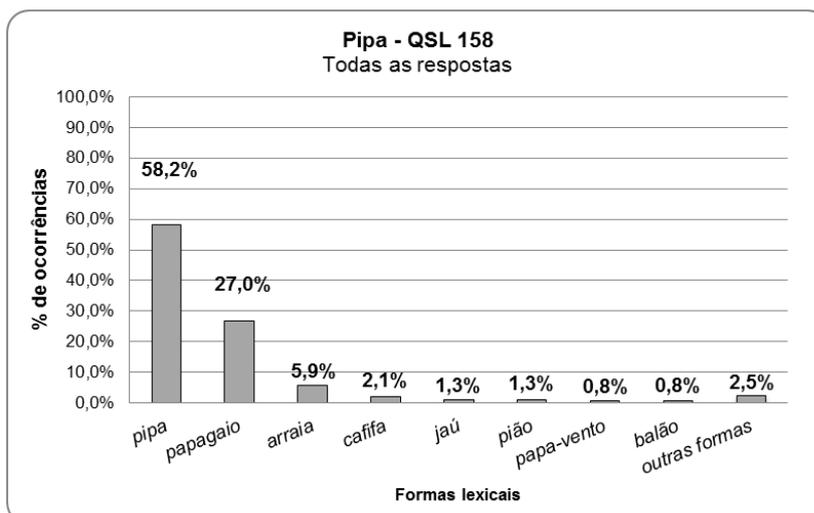


Gráfico 4 – Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/158 – todas as respostas

#### 4.4.1 Cartografia dos dados e o olhar horizontal

Em relação à diatopia, conforme pode ser visto na carta *Brinquedo de empinar (com varetas)*, há determinadas formas coexistindo no espaço geográfico estudado. No entanto, existem formas que predomina em determinados estados, a saber:

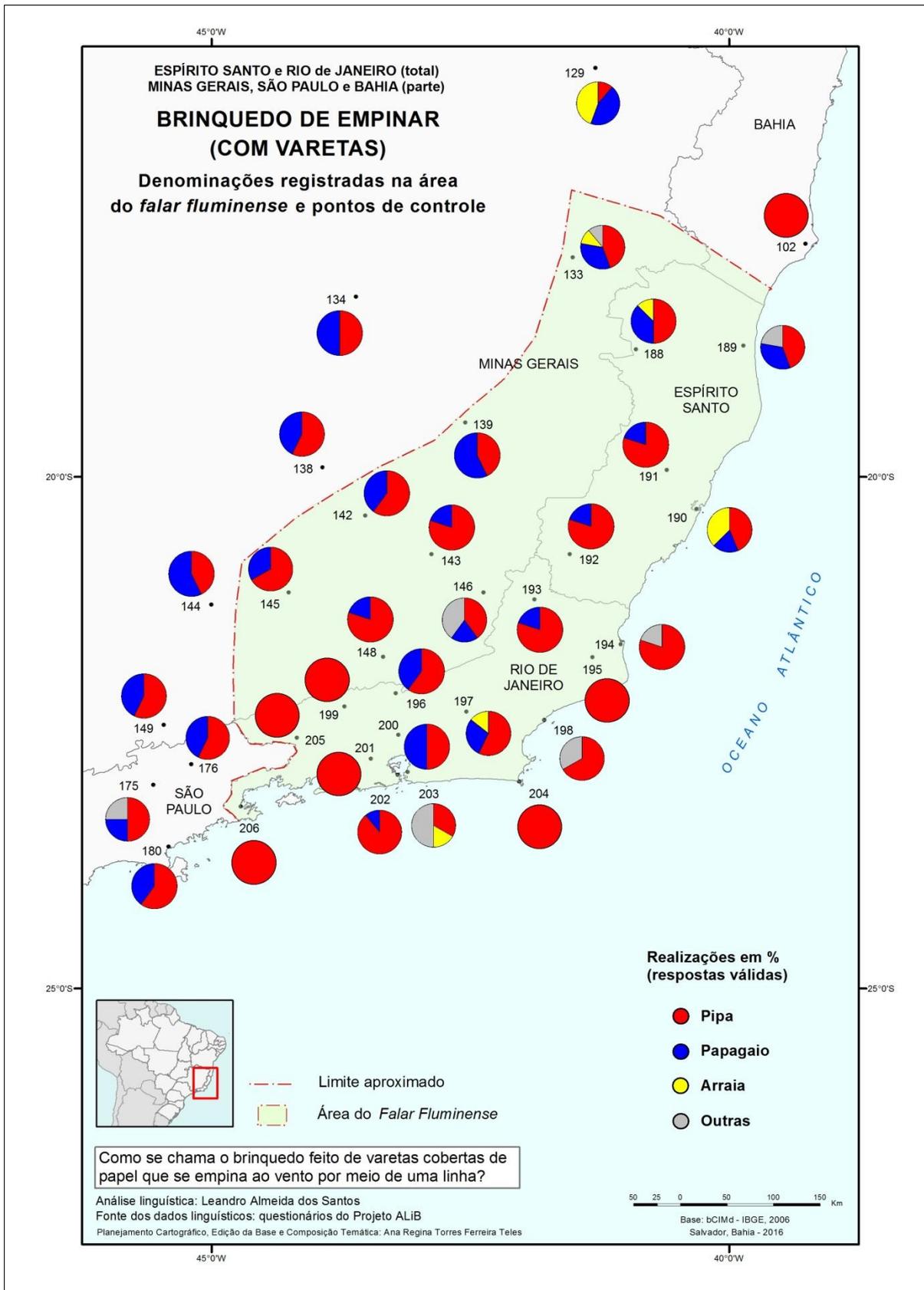
No Espírito Santo, as formas *pipa*, *papagaio* e *arraia* são as que mais ocorrem. Assim, demonstram a diversidade e vitalidade de formas para nomear o brinquedo. Em Minas Gerais, também há uma diversidade de formas, com destaque para a forma *jaú*, em Muriaé. Entre os dois estados mencionados, há uma forma que ocorre apenas uma vez em localidades distintas, é o caso da forma *pião*, presente em São Mateus (ES), Teófilo Otoni (MG) e Muriaé (MG).

No Rio de Janeiro, observa-se a predominância de *pipa*, mas aparecem várias formas, tais como: *arraia*, *papagaio*, *balão* e *cafifa*, a última destaca-se, pois foi registrada, apenas, na localidade de Macaé.

Em São Paulo, aparecem *papa vento* e *cata-vento*, mas *pipa* é predominante e, por fim, em Caravelas, na Bahia, também, há predominância para a forma *pipa*.

No que tange à área do *Falar Fluminense*, as formas *pipa* e *papagaio* convivem como as duas mais conhecidas e utilizadas para nomear o brinquedo que se empina ao vento com varetas, como pode ser observado na carta 51.

Nos pontos de controle, conforme as figuras 51 e 52, possui aspectos semelhantes à área do *Falar Fluminense*.



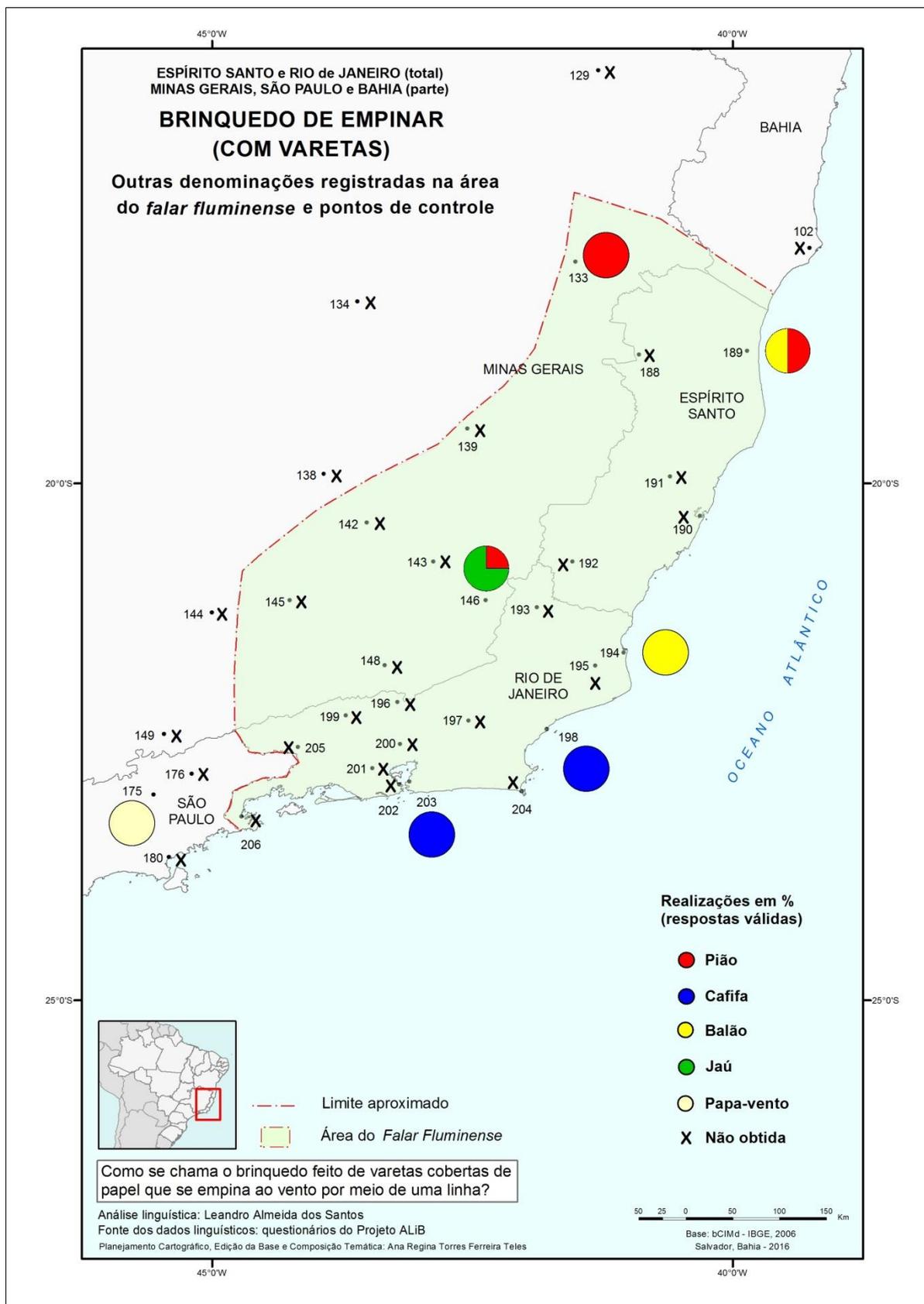


Figura 52 – Brinquedo de empinar (com varetas) outras denominações

#### 4.4.2 Panorama dos estudos lexicais sobre áreas dialetais com dados do Projeto ALiB: Ribeiro (2012) e Portilho (2013)

Pelo estudo proposto por Ribeiro (2012), foram encontradas 425 ocorrências válidas, o que evidencia um índice alto de lexias para nomear o brinquedo, pois, somente, quatro respostas ficaram computadas para o grupo NS/NL/NO. Nesse sentido, evidencia-se a produtividade da forma *pipa*, porque ela foi encontrada em 194 elocuições dos 244 informantes e está presente em todas as localidades. Outras formas foram registradas como, por exemplo: *arraia*, *papagaio*, *suru*, *sura*, *surucu*, *cuíca*, *curica*, *arara*, *balão*, *pião*, *peixinho*, *carambola* e *avião*, além das agrupadas em respostas únicas.

Portilho (2013) aponta para a documentação de 11 denominações, tais como: *papagaio*, *pipa*, *rabiola*, *curica*, *pepeta*, *arraia*, *cangula*, *cometa*, *andorinha*, *casquetinho* e *carrapeta*. Ocorreram com a maior produtividade as formas *papagaio*, 54,5%, e *pipa*, 30,6%, que foi a segunda mais produtiva, assim, *nota-se a presença de dois itens lexicais em competição, papagaio e pipa* (PORTILHO, 2013, p. 94).

No cotejo entre os *subfalares baiano, amazônico e fluminense*, percebe-se uma maior convergência entre os subfalares do *sul, baiano e fluminense*, nos quais a forma *pipa* foi a que apresentou maior vitalidade. O subfalar do *norte, amazônico*, como evidenciado, apresenta uma forma vital que difere, *papagaio*.

#### 4.4.3 O enfoque sob o olhar vertical

Na perspectiva social, a partir de algumas respostas coletadas, verifica-se a convivência de formas, nas comunidades de fala, sob influência de vários motivos, mas, em alguns casos, há formas que vão deixando de ser usadas, ou são usadas pelos informantes mais idosos, segundo observa-se nos exemplos 12 e 13.

(12) INF. – **Pipa.**

INQ. – Tem outro nome por aqui?

INF. – **Raia.**

INQ. – Qual o que vocês mais usam?

INF. – **Pipa. Raia** é bem do tempo da minha mãe mesmo, minha mãe falava é **raia** mesmo.

(Inq. 197. 02 – Nova Friburgo/RJ – Inf: mulher, faixa 1, ensino fundamental incompleto)

(13) INF. – **Pipa.**

INQ. – Tem nome mais antigo?

INF. – **Papagaio, pipa...**

INQ. – Qual o mais antigo?

INF. – O **papagaio** é mais antigo.

INQ. – E hoje só usam...?

INF. – **Pipa.**

(Inq. 176. 03 – Guaratinguetá/SP – Inf: homem, faixa 2, ensino fundamental incompleto)

Sabe-se que existem várias denominações para nomear o brinquedo em análise, sobretudo porque há outro brinquedo bem parecido que, também, se empina ao vento. Geralmente, tais brinquedos permeiam mais o universo lúdico dos meninos, na infância e adolescência, sendo estes, quando adultos, sabedores das diferenças entre cada um deles, especificando formatos e formas, como se verifica nos exemplos seguintes.

(14) INF.- Ah, **pipa. Arraia** também muito pouco. Falá a verdade aqui costu...  
na minha época de criança existia a distinção entre a **arraia** e **pipa**.

INQ.- Qual era?

INF.- O formato. A... **arraia** era com duas varetas formando uma cruz, emenda-se madeira em cada uma e você cola o papel de seda, não necessariamente tem rabiola. Mas... assim, a rabiola que seria aquele rabinho nas pontas né. Isso normalmente era **arraia** e pouca gente usava porquê num é muito... num é muito es, estável no céu. A **pipa** era feito com três vareta. Era uma e duas em paralelo, imenda as pontas e quando 'cê vai colocá o papel de seda você dexa o triângulo superior discuberto e a rabiola tem que ser cumprida, é uma linha cumprida com um monte de fitinha, isso era a **pipa** e é essa que era mais popular aqui, essa de formato de losango... era mui, muito pouco.

(Inq. 190. 05 – Vitória/ES – Inf: homem, faixa 1, ensino superior completo)

(15) INF. – **Pipa.**

INQ. – Tem outro nome?

INF. – **Papa-vento.**

INQ. – Qual a diferença?

INF. – O **papa-vento** é sem rabiola e a pipa é com rabiola.

INQ. – Mas o formato é igual?

INF. – Igual. O **papa-vento** é com duas varetas e a **pipa** é com três.

(Inq. 175. 01 – Taubaté/SP – Inf: homem, faixa 1, ensino fundamental incompleto)

(16) INF. – **Pipa**.

INQ. – Tem outro nome?

INF. – **Papagaio, jaú e pião**.

INQ. – Como é o pião?

INF. – O **pião** não tem rabiola e é feito de papel. O **jáú** não tem rabiola também e é feito de plástico, já a **pipa** tem rabiola e é feita de papel.

(Inq. 146. 01 – Muriaé/MG – Inf: homem, faixa 1, ensino fundamental incompleto)

A forma *pião*, conforme exemplos 16, 17 e 18, aparece como uma inovação, pois, todas as ocorrências documentadas foram nas falas de informantes mais jovens e homens.

(17) INF. – Tem **pião** e tem **arraia**.

INQ. – Tudo que empina pra você é?

INF. – **Pipa**.

INQ. – E esse quadradinho?

INF. – **Pião**.

(Inq. 133.01 – Teófilo Otoni/MG – Inf: homem, faixa 1, ensino fundamental incompleto)

(18) INF. – Esse aqui é **pipa** e esse aqui é **pião**. Os dois são **papagaio**.

INQ. – E sem as varetas?

INF. – **Ratinho**.

(Inq. 189.01 – São Mateus/ES – Inf: homem, faixa 1, ensino fundamental incompleto)

Mediante isso, observa-se que algumas inovações linguísticas se dão, sobretudo por que:

O ser humano é um ser sensível que, diante do mundo, busca significações, o que torna seu pensamento dinâmico por excelência; e é a metáfora, com suas múltiplas possibilidades de combinação, que possibilita a mediação entre realidade e pensamento. (DIAS, 2011, p.52)

Acredita-se que as inovações, conforme estudos sociolinguísticos, tendem a surgir dos homens, devido a certo conservadorismo feminino e preferência pelas formas consagradas e mais próximas do padrão (TRUDGILL, 1991). No caso de

*pião*, certamente, futuros estudos poderão comprovar se a forma lexical se consolidou, ou ficou restrita à fala dos homens, neste particular, mais jovens.

#### 4.4.4 Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível

Apresenta-se, no quadro 9, a dicionarização de itens que foram documentados na pesquisa para a pergunta 158 do QSL.

Formas Lexicais	Dicionários (PNLD - 2012) consultados			
	<i>Bueno (2010)</i>	<i>Telles&amp;Bentes (2011)</i>	<i>Bechara (2011)</i>	<i>Borba (2011)</i>
<i>pipa</i>	DMS	DMS	DMS	DMS
<i>papagaio</i>	DMS	DMS	DMS	DMS
<i>arraia</i>	DMS	DMS	DMS	DMS
<i>cafifa</i>	ND	ND	ND	ND
<i>jaú</i>	DOS	DOS	DOS	DOS
<i>pião</i>	DOS	DOS	DOS	DOS
<i>papa-vento</i>	DOS	ND	ND	DOS
<i>balão</i>	DOS	DOS	DOS	DOS
<i>pandorga</i>	DMS	DMS	DMS	DMS
<i>rabiola</i>	DOS	ND	ND	DOS
<i>chupão</i>	DOS	DOS	DOS	DOS
<i>cata-vento</i>	DOS	DOS	DOS	DOS
<i>bandeja</i>	DOS	DOS	DOS	DOS
<i>estrela</i>	DOS	DOS	DOS	DOS

Legenda: DMS – dicionarizado com o mesmo sentido; ND – não dicionarizado; DOS – dicionarizado com outro sentido.

Quadro 9 – Dicionarização das formas lexicais documentadas para QSL/158.

Como mostra o quadro 9, os dicionários consultados apresentam semelhanças e tendem a registrar os itens mais conhecidos e utilizados (*pipa*, *papagaio* e *arraia*). A exceção se verifica para duas lexias *papa-vento* e *rabiola* que em dois dicionários estão apontadas com outro sentido (DOS) e em dois outros não foram registradas (ND), além da forma *pandorga*, que foi encontrada (DMS).

#### 4.5 PAPAGAIO (SEM VARETAS)

“E um brinquedo parecido com o (a) \_\_\_\_\_ (cf. item 158)<sup>14</sup>, também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?” (COMITÊ NACIONAL... 2001, p.34) (grifo nosso) é a questão que busca coletar as

<sup>14</sup> A recomendação metodológica é que o inquiridor formule a questão utilizando a mesma lexia apresentada pelo informante durante a coleta da respostas anterior.

denominações para um brinquedo sem varetas, mas que, muitas vezes, é confundido com o que é feito com varetas.

Conforme o levantamento e tratamento estatístico dos dados, a resposta mais conhecida nessa área foi *papagaio*, com 28,9%. No entanto, sabe-se que há muitas variantes que nomeiam esse jogo, conforme pode ser visto na tabela 5.

Tabela 5 – Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/159 – todas as respostas

<b>Formas lexicais</b>	<b>Total absoluto</b>	<b>Total relativo</b>
<i>papagaio</i>	39	28,9%
<i>arraia</i>	20	14,8%
<i>pipa</i>	17	12,6%
<i>gereco</i>	11	8,1%
<i>avião</i>	10	7,4%
<i>caixote</i>	6	4,4%
<i>ratinho</i>	5	3,7%
<i>balão</i>	5	3,7%
<i>capucheta</i>	4	3,0%
<i>papa-vento</i>	3	2,2%
<i>pião</i>	3	2,2%
<i>estrela</i>	2	1,5%
<i>outras formas</i>	10	7,4%
<b>Total</b>	<b>135</b>	<b>100%</b>

As formas *arraia* e *pipa* apresentam-se como a segunda e a terceira mais conhecidas, com 14,8% e 12,6%, seguidas de *gereco*, com 8,1%, e *avião*, com 7,4%.

As outras formas coletas foram *caixote*, com 4,4%; *balão* e *ratinho*, com 3,7%; *capucheta* 3,0%; *papa-vento* e *pião*, 2,2%, ambas, e *estrela*, com 1,5%. Para essa questão, observa-se um elevado índice de *outras formas*, isto é, respostas que só foram documentadas uma única vez, dentre elas estão: *cotó*, *catreco*, *rabiola*, *morcego*, *gaivota*, *galochinha*, *cata-vento*, *mutuca*, *cafifa* e *cata-tempo*, que perfazem um total de 7,4%. Em relação ao percentual de ocorrências, a leitura do gráfico 5 se faz salutar.

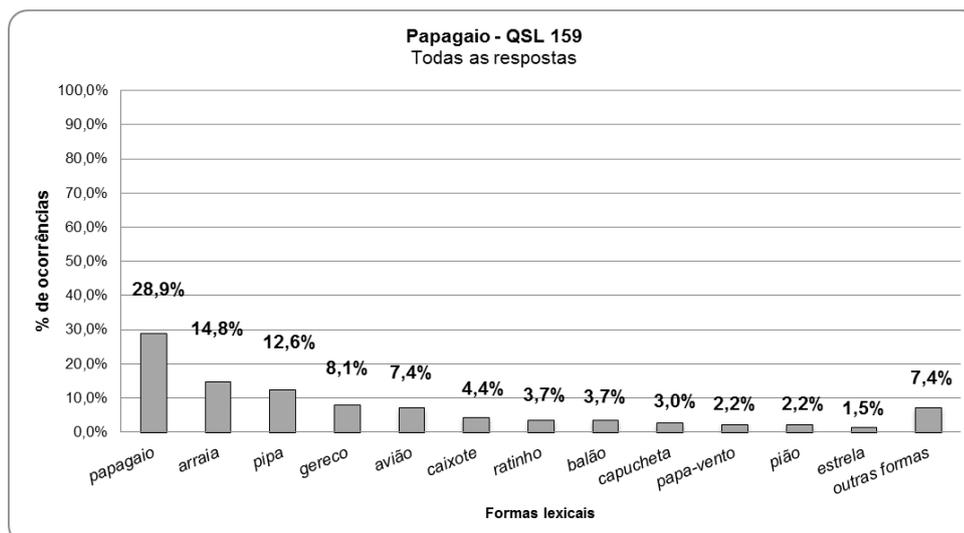


Gráfico 5 – Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/159 – todas as respostas

Nas análises gerais, após tratamento atento dos dados, foram documentadas, para essa questão, 166 respostas, 81,3%, sendo que 31 delas foram de NS/NL/NO, o que perfaz um total de 18,7%. Sendo assim, obteve-se um total de respostas válidas, para a questão em estudo de 135 ocorrências.

#### 4.5.1. Cartografia dos dados e o olhar horizontal

Em relação à diatopia, conforme pode ser visto nas figuras 53 e 54, há determinadas formas coexistindo no espaço geográfico estudado, mas, em alguns estados, existem formas que predomina. A forma mais conhecida e utilizada, *papagaio*, foi documentada em todos os estados.

Nas cidades capixabas, foram encontradas várias respostas, totalizando nove formas diferentes para nomear o brinquedo. *Ratinho* cinco ocorrências em Barra de São Francisco e São Mateus, no ES.

No Rio de Janeiro, esse índice é um pouco maior, foram documentadas dez respostas diferentes.

Nas cidades mineiras, nove respostas foram coletadas, com destaque para a forma *capucheta*, também encontrada em duas das três cidades paulistas, Guaratinguetá e Caraguatatuba. Além dessa forma, em São Paulo, outras cinco formas foram documentadas. Por fim, em Caravelas, única cidade baiana que compõe o estudo, as formas *papagaio* e *pipa* foram às preferidas dos informantes.

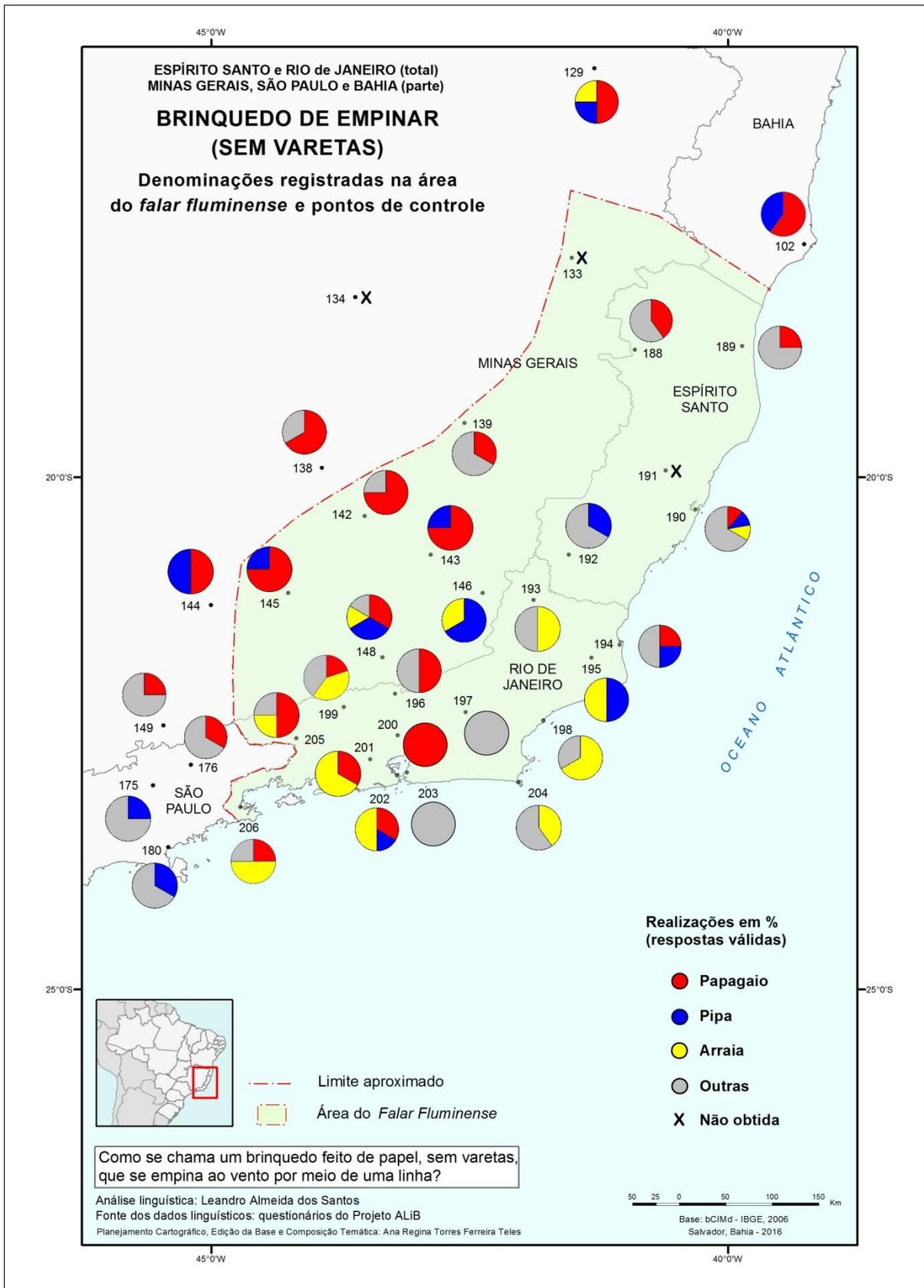


Figura 53 – Brinquedo de empinar (sem varetas)

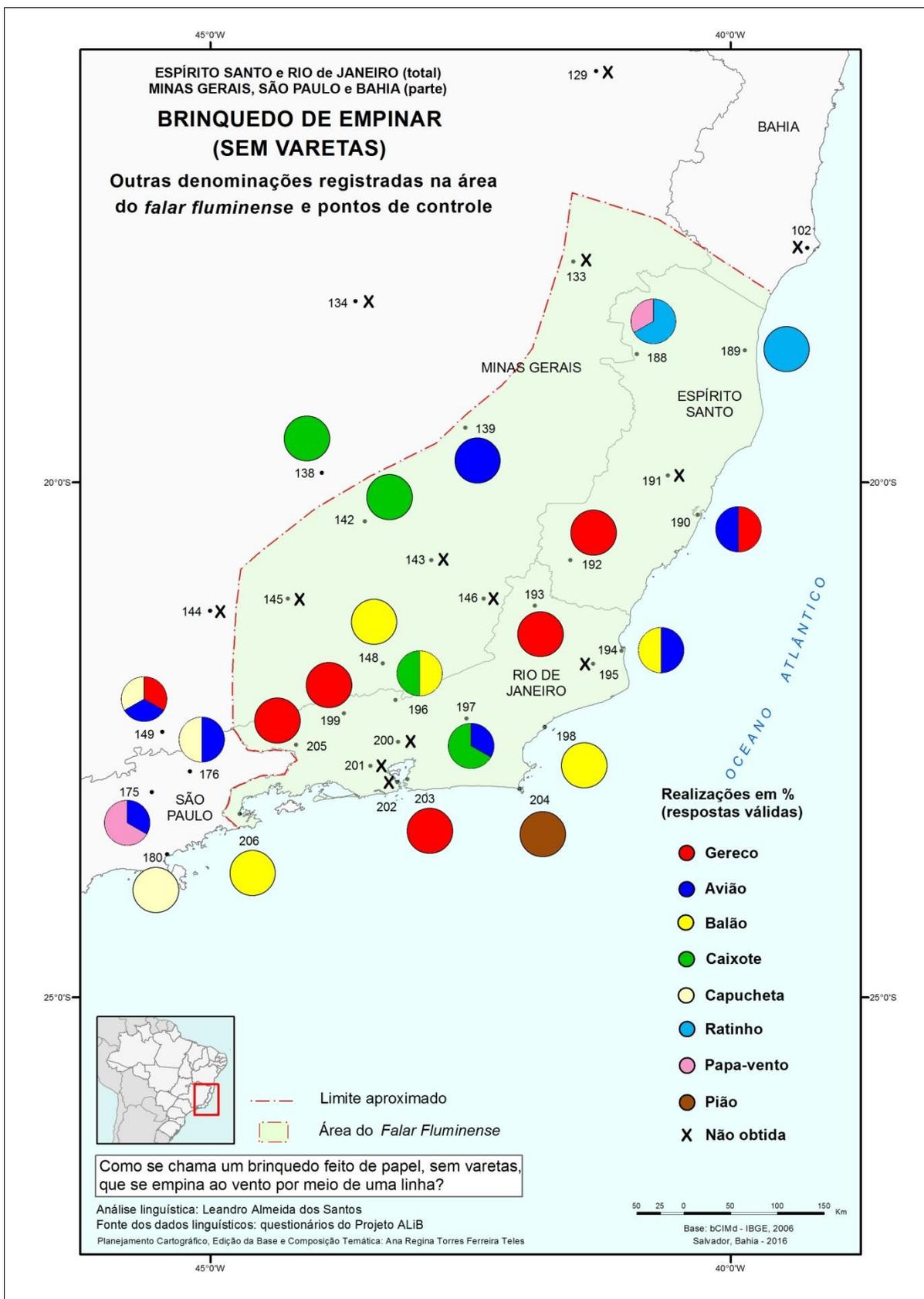


Figura 54 – Carta Brinquedo de empinar (sem varetas) outras denominações

#### 4.5.2 Panorama dos estudos lexicais sobre áreas dialetais com dados do Projeto ALiB: Ribeiro (2012) e Portilho (2013)

*Pipa* e *papagaio*, no estudo sobre a área do *subfalar baiano*, foram as mais produtivas, com 26,4% e 19,3%, respectivamente, seguida de *arraia*, com 15,7%. Desse modo, torna-se importante ressaltar que *em pipa (com varetas) vê-se pipa, arraia e papagaio e em pipa (sem varetas) observa-se pipa, papagaio e arraia* (RIBEIRO, 2012, p.269). Ainda, conforme a citada autora, *pipa* (sem varetas) e variantes possuem baixa ocorrência.

Por esse viés, no estudo sobre a área do *subfalar amazônico*, encontra-se, também, um expressivo índice de não respostas, 35,2%. Das formas documentadas, a forma *curica (curiquinha)* é a denominação que possui mais vitalidade, responsável por 54% das ocorrências, levando-nos a crer que se trata de uma forma regional do Norte do Brasil (PORTILHO, 2013, p. 101). As formas seguintes foram *pipa* e *papagaio*, com 19,3% e 10,2%, respectivamente.

Observa-se que, a partir do exposto, ao comparar os dados encontrados pelos dois estudos anteriormente mencionados com os desta dissertação, há um consenso entre os três autores, no que tange a dois itens que figuram nas três posições mais vitais, *pipa* e *papagaio*. Outro fato que se destaca é a coincidência entre os subfalares do *sul*, nos quais as três formas mais vitais são *pipa, papagaio e arraia*, ao passo que, também, merece atenção é a forma mais produtiva do citado subfalar do *norte, curica*, que difere das documentadas no *sul*.

#### 4.5.3 O enfoque sob o olhar vertical

Para o brinquedo em análise, no que tange aos aspectos sociais, não foram encontrados dados interacionais, para subsidiar as reflexões diastráticas. No entanto, foram percebidos alguns dados dignos de considerações, a saber: a) a forma *caixote*, com quatro ocorrências, todas na fala dos informantes da faixa I; b) *capucheta*, com sete ocorrências, sendo cinco na fala dos jovens e duas na fala dos idosos, do sexo masculino; c) *gereco*, com 10 ocorrências, oito na fala do jovem homem e duas da jovem; e, por fim; d) *ratinho*, cinco ocorrências, majoritariamente,

na fala dos jovens. O que denota o surgimento de novas formas para nomear o brinquedo em análise, na região estudada, isto é, inovações lexicais.

#### 4.5.4 Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível

A partir do quadro 10, a dicionarização de itens que foram documentados na pesquisa para a pergunta 159 do QSL pode ser contemplada.

Formas Lexicais	Dicionários (PNLD - 2012) consultados			
	<i>Bueno (2010)</i>	<i>Telles &amp; Bentes (2011)</i>	<i>Bechara (2011)</i>	<i>Borba (2011)</i>
<b><i>papagaio</i></b>	DMS	DMS	DMS	DMS
<b><i>arraia</i></b>	DMS	DMS	DMS	DMS
<b><i>pipa</i></b>	DMS	DMS	DMS	DMS
<b><i>gereco</i></b>	ND	ND	ND	ND
<b><i>avião</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b><i>caixote</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b><i>ratinho</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b><i>balão</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b><i>capucheta</i></b>	ND	ND	ND	ND
<b><i>papa-vento</i></b>	DOS	ND	ND	DOS
<b><i>pião</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b><i>estrela</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b><i>bandeja</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b><i>estrela</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b><i>cotó</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b><i>catreco</i></b>	ND	ND	ND	ND
<b><i>rabiola</i></b>	DOS	ND	ND	DOS
<b><i>morcego</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b><i>mutuca</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b><i>gaivota</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b><i>galochinha</i></b>	ND	ND	ND	ND
<b><i>cata-vento</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b><i>cafifa</i></b>	ND	ND	ND	DOS
<b><i>cata-tempo</i></b>	DOS	DOS	DOS	ND

Legenda: DMS – dicionarizado com o mesmo sentido; ND – não dicionarizado; DOS – dicionarizado com outro sentido.

Quadro 10 – Dicionarização das formas lexicais documentadas para QSL/159.

Conforme podem ser vislumbradas no quadro 10, as obras consultadas apresentam semelhanças, quanto na forma de registro das formas mais conhecida quanto na forma de não registrar as outras maneiras de nomear o brinquedo.

#### 4.6 ESCONDE-ESCONDE

“Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras? (COMITÊ NACIONAL... 2001, p.34) é a questão 160 do QSL que busca apurar as denominações para esta brincadeira.

A partir das análises prévias, pode-se constatar que as respostas predominantes, nessa área, foram as que têm o sema “*esconder*”, com total absoluto de 138 ocorrências e com percentual de 92%. Observam-se mais detalhes na tabela 6.

Tabela 6 – Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/160 – todas as respostas

<b>Formas lexicais</b>	<b>Total absoluto</b>	<b>Total relativo</b>
<b><i>sema "esconder"</i></b>	138	92%
<b><i>pique</i></b>	6	4,0%
<b><i>pegador</i></b>	5	3,3%
<b><i>outras formas</i></b>	1	0,7%
<b>Total</b>	<b>150</b>	<b>100,0%</b>

Nota-se que a brincadeira, na região em estudo, é conhecida e nomeada, majoritariamente, pelas formas que possuem o sema “*esconder*”, uma vez que outras formas foram documentadas, mas não obtiveram frequências elevadas, tais como: *pique*, que obteve 4%, *pegador*, com 3,3% e, por fim, *outras formas*, 0,7%. Juntas as formas representam um total absoluto de 150 ocorrências, conforme se verifica no gráfico 6.

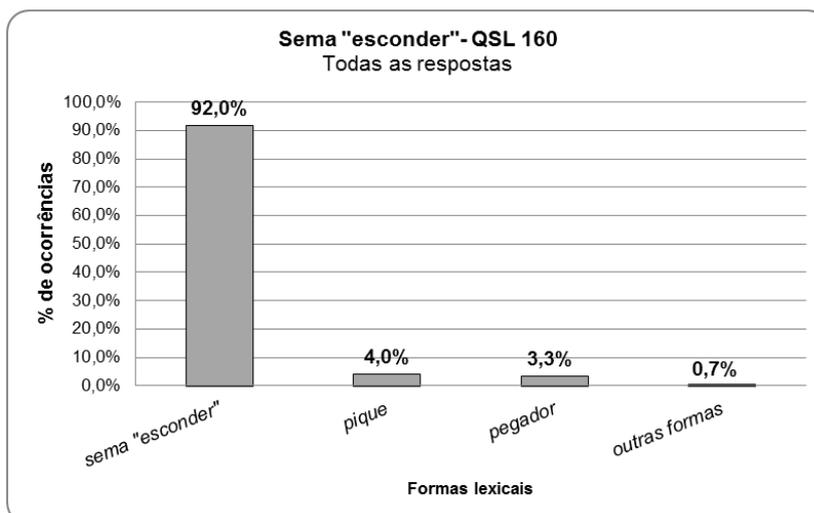


Gráfico 6 – Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/160 – todas as respostas

Para se chegar aos resultados mencionados, alguns agrupamentos foram necessários, sobretudo para o sema “esconder”, que possui, conforme os dados, muita vitalidade. A tabela 7 demonstra o resumo do agrupamento.

Tabela 7 – Frequência do agrupamento do sema *esconder* – todas as respostas

Formas lexicais	Total absoluto	Total relativo
<i>pique-esconde</i>	84	60,9%
<i>esconde-esconde</i>	37	26,8%
<i>pique (de) (se) esconde(r)</i>	10	7,2%
<i>(se) esconder</i>	6	4,3%
<i>pega-esconde</i>	1	0,7%
<b>Total</b>	<b>138</b>	<b>100,0%</b>

A forma lexical que mais ocorre é *pique-esconde*, pois teve frequência de 60,9% do total de respostas do agrupamento mencionado, obtendo em total absoluto 84 ocorrências. Nota-se que a brincadeira é conhecida e, também, nomeada por outras formas, tais como: *esconde-esconde*, que obteve 26,8%, *pique (de) (se) esconde (r)*, com 7,2%; *(se) esconder*, com 4,3% e, por fim, *pega-esconde* 0,7%. Todas as formas documentadas no agrupamento representam um total absoluto de 138 ocorrências, o que permite afirmar que existe variação para nomear a brincadeira em questão, embora a área estudada seja de predomínio de *pique-esconde*, segundo constata-se no gráfico 7.

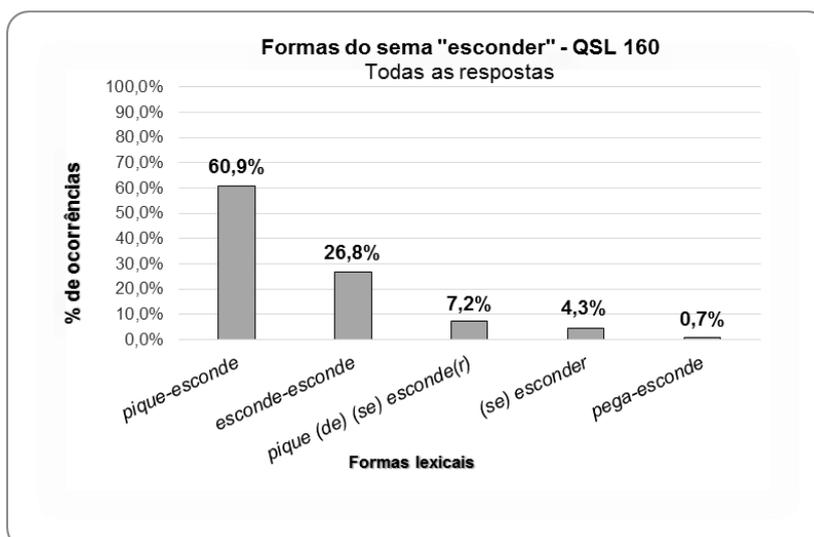


Gráfico 7 – Percentual das formas lexicais do sema *esconder* – todas as respostas

#### 4.6.1 Cartografia dos dados e o olhar horizontal

Em relação à diatopia, as formas presentes no sema “*esconder*” estão distribuídas por todos os cinco estados.

No Espírito Santo, a predominância é da forma *pique-esconde*, com algumas ocorrências de *pique (de) (se) esconder*. Nas localidades do Rio de Janeiro, há, majoritariamente, maior vitalidade do *pique-esconde*, com poucos casos de *esconde-esconde*.

Em Minas Gerais, as formas estão distribuídas por todas as localidades, mas, novamente, *pique-esconde* tem mais vitalidade.

Nos estados de São Paulo e, em Caravelas, na Bahia, a predominância é de *esconde-esconde*.

Portanto, conforme pode ser visto nas figuras 55 do sema *esconder* e 56 desdobramentos do sema *esconder*, tanto a área do *Falar Fluminense* quanto nos pontos de controle há a predominância das formas do sema “*esconder*”. Dentre elas, destacam-se *pique-esconde* e *esconde-esconde*.

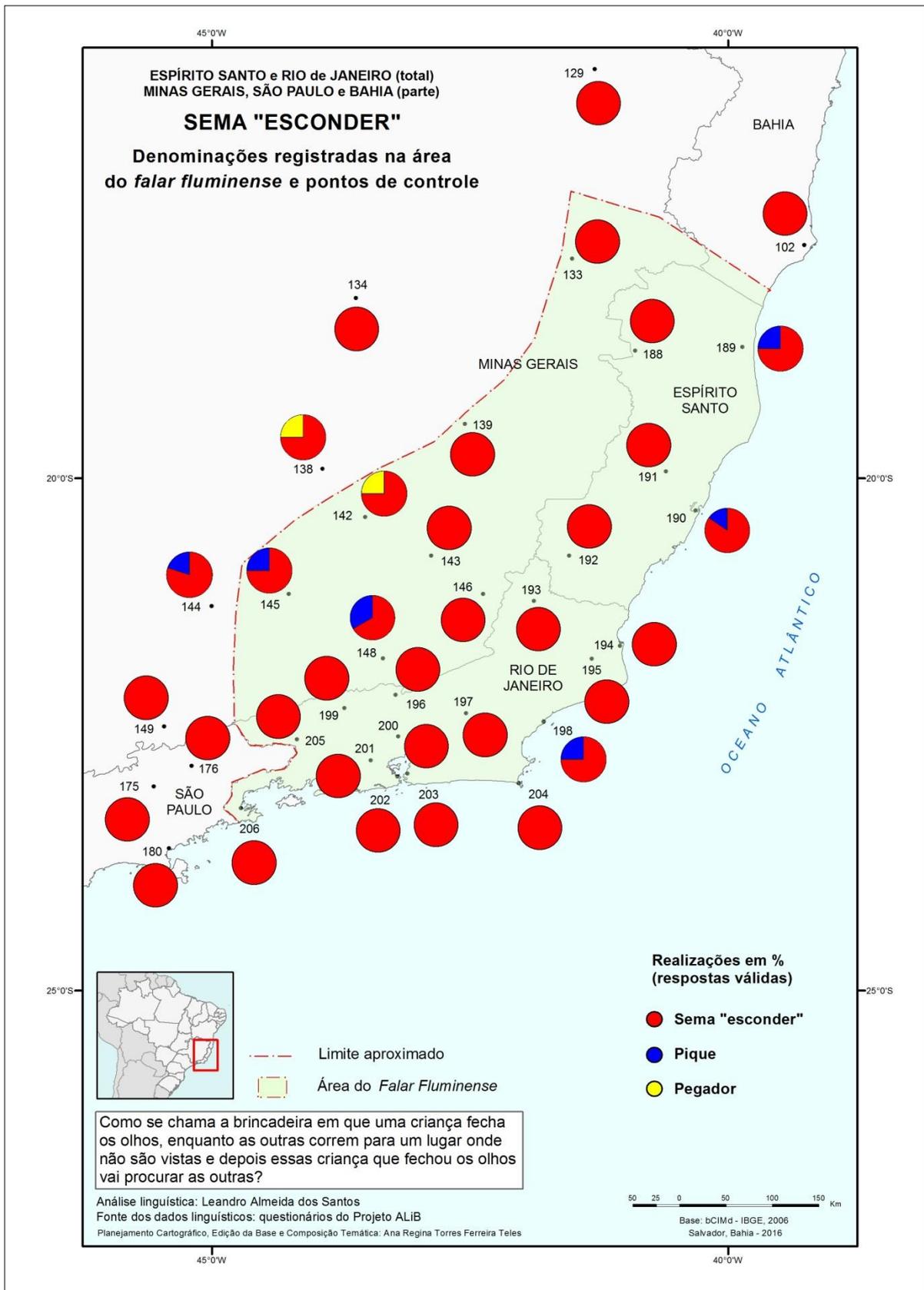


Figura 55 – Carta do sema “esconder”

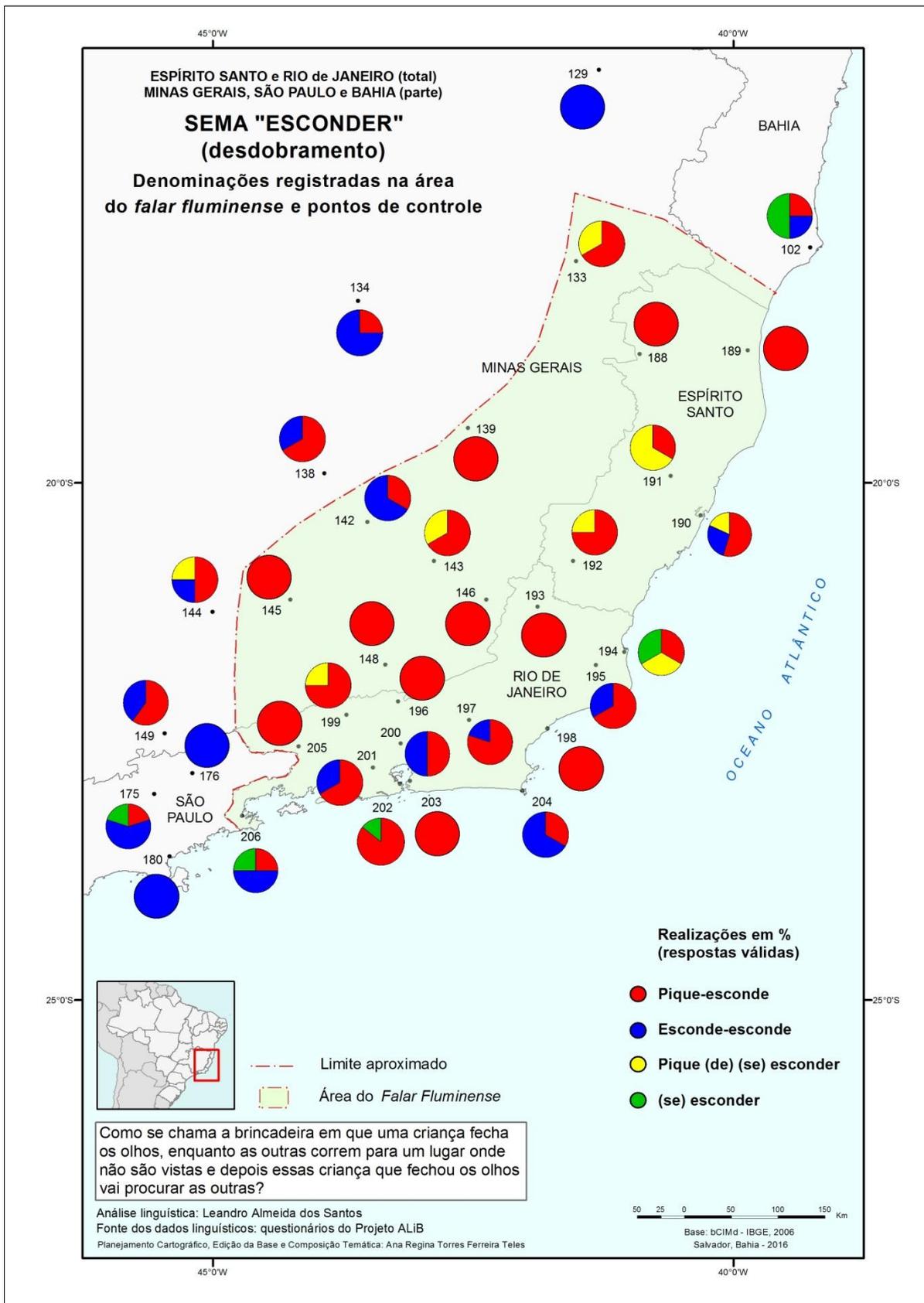


Figura 56 – Carta do sema “esconder” (desdobramentos)

#### 4.6.2 Panorama dos estudos lexicais sobre áreas dialetais com dados do Projeto ALiB: Ribeiro (2012) e Portilho (2013)

Para a brincadeira em análise, na pesquisa sobre a área do *subfalar baiano*, *esconde-esconde* foi a resposta mais produtiva e, por isso, foram feitas duas cartas linguísticas, outras respostas também foram documentadas, tais como: *esconder*, *se esconder*, *pique-esconde*, *esconderijo*, *esconder o olho*, *pique*, *cobra-cega*, *bacondê*, *bicho*, *pega-pega* e *picula*, além das respostas únicas. Destacam-se a predominância das formas com o sema “*esconder*”, com 86% das ocorrências coletadas.

Já no *subfalar amazônico*, também há o predomínio de *esconde-esconde*, uma vez que foram documentadas 60,9% das ocorrências. Assim, *no caso dessa pergunta, não há grandes divergências entre o que predomina na área dialetal e na área de controle* (PORTILHO, 2013, p. 103).

Ao cotejar os dois estudos mencionados com o proposto nesta dissertação, encontra-se uma divergência, no que diz respeito ao item lexical mais produtivo, *esconde-esconde* presente no *Falar Baiano* e *Amazônico*. No *Falar Fluminense*, destaca-se *pique-esconde*.

#### 4.6.3 O enfoque sob o olhar vertical

Na perspectiva social, não foram encontrados, nas elocuições dos informantes, dados que fizessem alusão aos aspectos sociais. Mas, sob o prisma diageracional, nota-se que as oito não respostas, NS/NL/NO, foram documentadas na fala dos informantes da faixa II, o mesmo ocorre com as denominações *pique* e *pique-pegue* e com as duas respostas únicas, encontradas na fala das mulheres idosas. Na fala dos informantes da faixa I, há uma predominância das formas com o sema “*esconder*”. Sob o ponto de vista diastrático e diassexual, as diferenças não foram destacáveis.

#### 4.6.4 Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível

Apresenta-se, no quadro 11, a dicionarização de itens que foram documentados na pesquisa para a pergunta 160 do QSL.

Formas Lexicais	Dicionários consultados (PNLD - 2012)			
	<i>Bueno (2010)</i>	<i>Telles &amp; Bentes (2011)</i>	<i>Bechara (2011)</i>	<i>Borba (2011)</i>
<i>pique</i>	DOS	DOS	DOS	DOS
<i>pegador</i>	ND	ND	ND	ND
<i>picolé</i>	ND	ND	ND	ND
<i>pique-esconde</i>	ND	ND	ND	ND
<i>esconde-esconde</i>	DMS	DMS	DMS	DMS
<i>pique de se esonder</i>	ND	ND	ND	ND
<i>esconder</i>	ND	ND	ND	ND
<i>pega-esconde</i>	ND	ND	ND	ND

Legenda: DMS – dicionarizado com o mesmo sentido; ND – não dicionarizado; DOS – dicionarizado com outro sentido.

Quadro 11 – Dicionarização das formas lexicais documentadas para QSL/160.

Por meio do quadro 11, as obras lexicográficas consultadas apresentam semelhanças, ao registrar apenas a forma *esconde-esconde* como a brincadeira em que uma criança fecha os olhos conta até 10 por alguns segundos e em seguida tenta descobrir o esconderijo das outras.

#### 4.7 CABRA-CEGA

“Como chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?” (COMITÊ NACIONAL... 2001, p.34) é a pergunta do QSL, número 161, responsável por apurar as denominações para uma brincadeira bastante popular e muito praticada na infância.

Conforme o levantamento e tratamento estatístico, a resposta mais conhecida na área estudada foi *cobra-cega*, com 65,2%, obtendo um total absoluto de 88 ocorrências, como pode ser visto na tabela 8.

Tabela 8 – Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/161– todas as respostas

Formas lexicais	Total absoluto	Total relativo
<i>cobra-cega</i>	88	65,2%
<i>cabra-cega</i>	32	23,7%
<i>gata-cega</i>	11	8,1%
<i>outras formas</i>	4	3,0%
<b>Total</b>	<b>135</b>	<b>100,0%</b>

A forma *cabra-cega* apresenta-se como a segunda mais conhecida, com 23,7%, seguida de *gata-cega*, com 8,1%, ao passo que, em *outras formas*, estão quatro formas, *brincar de cego*, *cobra-morta*, *tapa-cego* e *combater*. Em relação à frequência das formas documentadas, o gráfico 8 ilustra os dados.

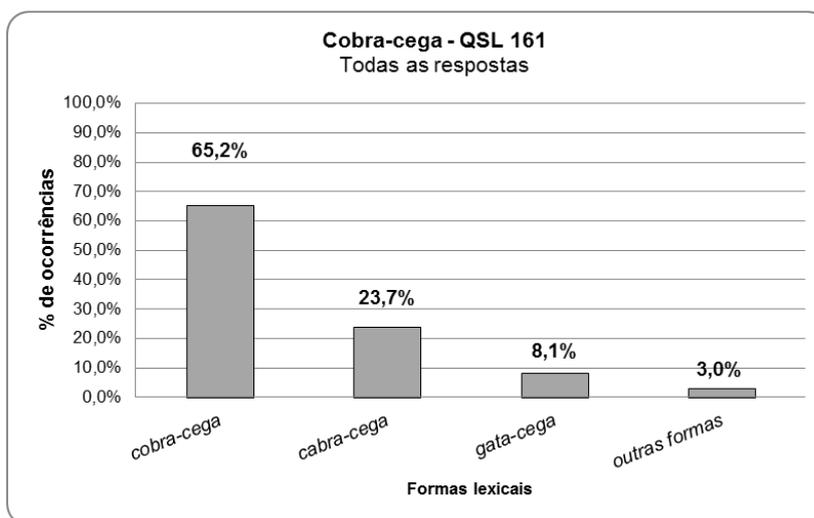


Gráfico 8 – Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/161– todas as respostas

Nas análises gerais, após o tratamento estatístico, foram documentadas, para essa questão, 156 respostas, 86,5%, sendo que 21 delas foram de NS/NL/NO, o que perfaz um total de 13,5%. Desse modo, obteve-se um total de respostas válidas de 135 ocorrências.

#### 4.7.1 Cartografia dos dados e o olhar horizontal

Em relação ao eixo diatópico, conforme pode ser visto na figura 57, há formas coexistindo no espaço geográfico estudado, todavia, em determinados estados, existem formas que pedrominam, como pode ser visto nas localidades capixabas, nas quais a forma *cobra-cega* possui mais vitalidade, se comparada com as outras duas formas mais relatadas pelos informantes.

Nas localidades do Rio de Janeiro, há uma disputa entre as formas *cobra-cega* e *cabra-cega*, com um índice um pouco maior de *cobra-cega*. Em Minas Gerais, nas cidades pertencentes à área estudada, há a mesma disputa que ocorre nas cidades do Rio de Janeiro, mas a forma *gata-cega* é bastante produtiva, com uma ocorrência de *cobra-morta*.

Nas cidades interioranas de São Paulo e em Caravelas, interior da Bahia, a forma majoritária é *cobra-cega*, com um único registo de *combater*, na última cidade mencionada.

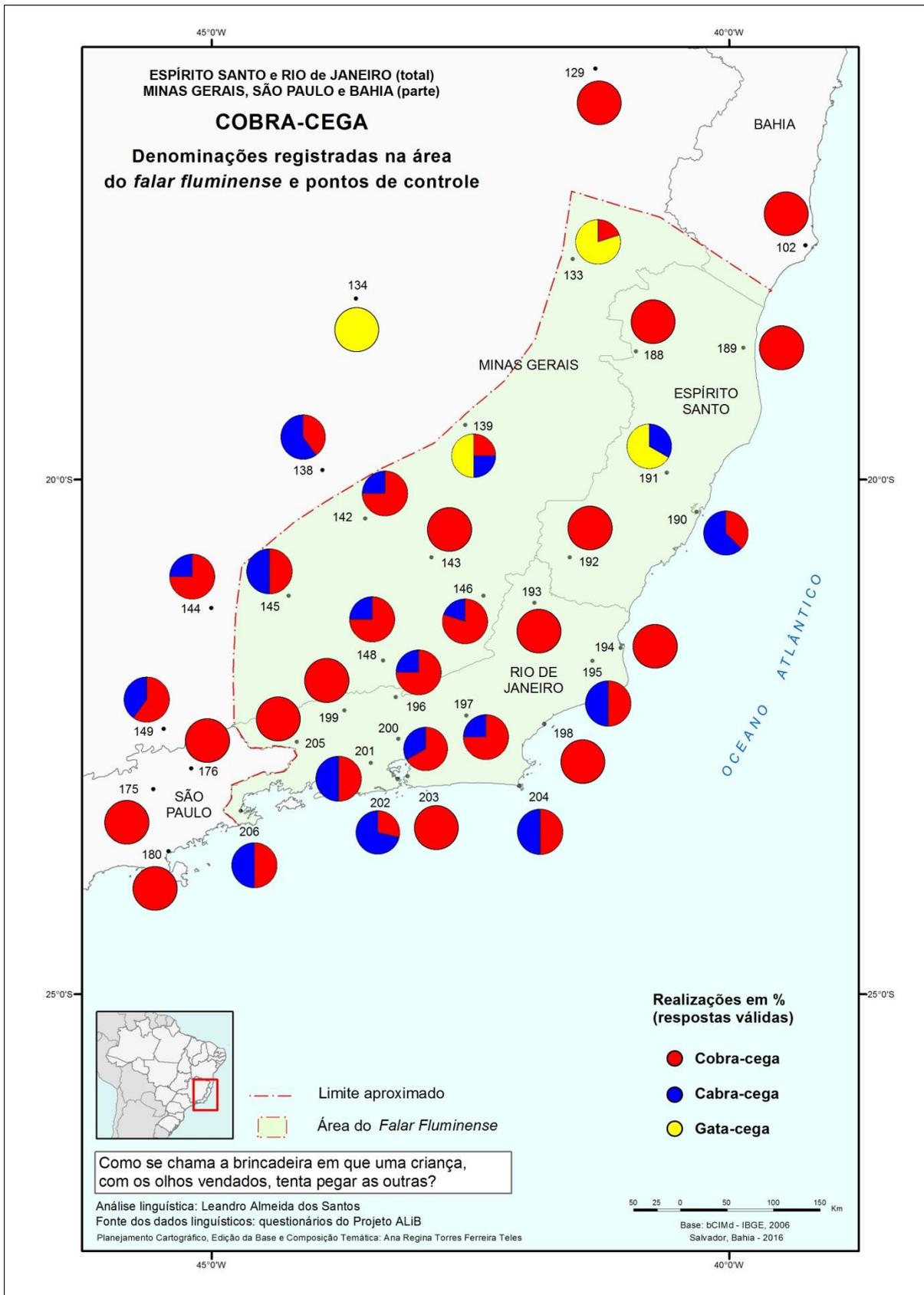


Figura 57 – Carta Cobra-cega

#### 4.7.2 Panorama dos estudos lexicais sobre áreas dialetais com dados do Projeto ALiB: Ribeiro (2012) e Portilho (2013)

Ribeiro (2012) documentou, dentre outras, três formas mais produtivas, todas podem ser agrupadas no sema “cego-cega”, são elas: *cobra-cega*; *cabra-cega* e *gata-cega*, com 47,6%, 40,0% e 5,7%, respectivamente. Mas há que evidenciar alguns aspectos como, por exemplo: a) *gata-cega* ocorreu apenas nas localidades de Minas Gerais; b) há coocorência das duas formas mais produtivas nos estados de Pernambuco, Bahia, Goiás, Minas Gerais e Espírito Santo.

Para as análises de um dos falares do norte, o Amazônico, constata-se que a pergunta em foco *motivou o registro de 09 unidades lexicais: pata-cega (58,2% das ocorrências), cobra cega (19,7%) e cabra cega (17,2%)* (PORTILHO, 2013, p.106), e 06 respostas únicas.

A partir dessas considerações, nota-se uma tendência de aproximação e unidade na área nomeada por falares do sul, haja vista a coincidência entre os resultados obtidos por Ribeiro (2012) e o estudo ora proposto, aproxima-se pelas lexias *cobra-cega*, *cabra-cega* e *gata-cega*. Evidencia-se, novamente, o subfalar do *norte*, citado anteriormente, como uma área peculiar e com particularidades que a difere dos mencionados subfalares do *sul*, pois se difere pela documentação da forma *pata-cega*.

#### 4.7.3 O enfoque sob o olhar vertical

Para as análises na perspectiva interacional, ou seja, na visão social, os exemplos, bem como os contextos de usos são de relevância para fomentar as reflexões, segundo observa-se no exemplo 19.

(19) INF. – **Cobra-cega.**

INQ. – Tem mais algum nome?

INF. – Tem gente que fala, **cabra-cega**, até hoje eu não sei se é **cobra** ou **cabra-cega**, mas é isso mesmo.

INQ. – Você ouviu aqui os dois?

INF. – Ouço os dois, quer dizer, hoje em dia é difícil vê as crianças brincarem dessas coisas, né? Mas, na minha época, a gente falava **cobra-cega**.

(Inq. 149.02 – Itajubá/MG – Inf: mulher, faixa 1, ensino fundamental incompleto) (grifo nosso)

Nota-se que, a partir da fala da informante e das análises dos dados, pois das 14 NS/NL/NO, 11 ocorrências foram documentadas na fala dos mais jovens, a brincadeira vem deixando de fazer parte do dia a dia das crianças, fato que pode ser entendido facilmente pelos processos transformacionais que a sociedade vem sofrendo, tanto para os aspectos relacionados aos avanços tecnológicos, tais como celular e computador, quanto aos que possuem relação com a violência urbana, cada vez mais crescente nas cidades brasileiras. Torna-se salutar afirmar que:

É certo que, atualmente, nossa cultura lúdica, está muito orientada pela manipulação de objetos; sem dúvida, isso é uma dimensão essencial. Como consequência, ela evolui, em parte, sob o impulso de novos brinquedos. Novas manipulações (inclusive jogos eletrônicos e de vídeo-game), novas estruturas de brincadeiras, ou desenvolvimento de algumas em detrimento das outras... (BROUGÈRE, 2010, p.54)

Assim, as preferências pelos jogos e brincadeiras antigas vêm sendo substituídas pelos jogos e brincadeiras cada vez mais eletrônicos e/ou informatizados, fato que traz como consequências alguns problemas nas crianças como, por exemplo, obesidade, depressão, solidão e problemas psicológicos, como dito no capítulo de Fundamentação Teórica, item 2.5.2. No entanto, conforme pesquisas, os jogos eletrônicos, também, trazem benefícios para as crianças e adolescentes, um posicionamento equilibrado, por parte dos pais e responsáveis deve ser tomado, uma vez que não se trata de rechaçar as inovações, mas não deixá-las dominar e viciar as crianças, tornando-as reféns e afastando-as das práticas e brincadeiras que priorizam um contato mais real com o outro.

#### 4.7.4 Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível

No quadro 12, a dicionarização de itens que foram documentados na pesquisa para a pergunta 161 do QSL.

Formas Lexicais	Dicionários consultados (PNLD - 2012)			
	<i>Bueno (2010)</i>	<i>Telles &amp; Bentes (2011)</i>	<i>Bechara (2011)</i>	<i>Borba (2011)</i>
<b><i>cobra-cega</i></b>	DMS	ND	ND	ND
<b><i>cabra-cega</i></b>	DMS	DMS	DMS	ND
<b><i>gata-cega</i></b>	ND	ND	ND	ND
<b><i>cobra morta</i></b>	ND	ND	ND	ND
<b><i>combater</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b><i>tapa-cego</i></b>	ND	ND	ND	ND

Legenda: DMS – dicionarizado com o mesmo sentido; ND – não dicionarizado; DOS – dicionarizado com outro sentido.

Quadro 12 – Dicionarização das formas lexicais documentadas para QSL/161.

A leitura do quadro 12 permite verificar que os dicionários consultados apresentam divergências, pois a forma *cobra-cega* só foi registrada com o mesmo sentido em Bueno (2010). A forma *cabra-cega* foi encontrada em todas as obras.

#### 4.8 PEGA-PEGA

“Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado? (COMITÊ NACIONAL... 2001, p.34) é a questão 162 do QSL que busca apurar as denominações para esta brincadeira.

Nas análises gerais, após tratamento estatístico dos dados, foram documentadas, para essa questão, 162 respostas, 70,4%, sendo que 48 delas foram de NS/NL/NO, o que perfaz um total de 29,6%. Sendo assim, obteve-se um total de respostas válidas, para a questão em estudo, de 114 ocorrências.

Pode-se constatar que as respostas predominantes nessa área foram as que têm o sema “*pegar*”, com total absoluto de 63 ocorrências e com total relativo de 55,3%. Observam-se mais detalhes na tabela 9.

Tabela 9 – Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/162– todas as respostas

Formas lexicais	Total absoluto	Total relativo
<b><i>sema "pegar"</i></b>	63	55,3%
<b><i>pique</i></b>	40	35,1%
<b><i>queimada</i></b>	5	4,4%
<b><i>outras formas</i></b>	6	5,3%
<b>Total</b>	<b>114</b>	<b>100,0%</b>

Nota-se que a brincadeira, na região em estudo, é conhecida e nomeada, majoritariamente, pelas formas que possuem o sema “pegar”, mas outras formas foram documentadas tais como: *pique*, que obteve 35,1%, *queimada*, com 4,4% e *outras formas*, 5,3%. Juntas as formas representam um total absoluto de 114 ocorrências, conforme se verifica no gráfico 9.

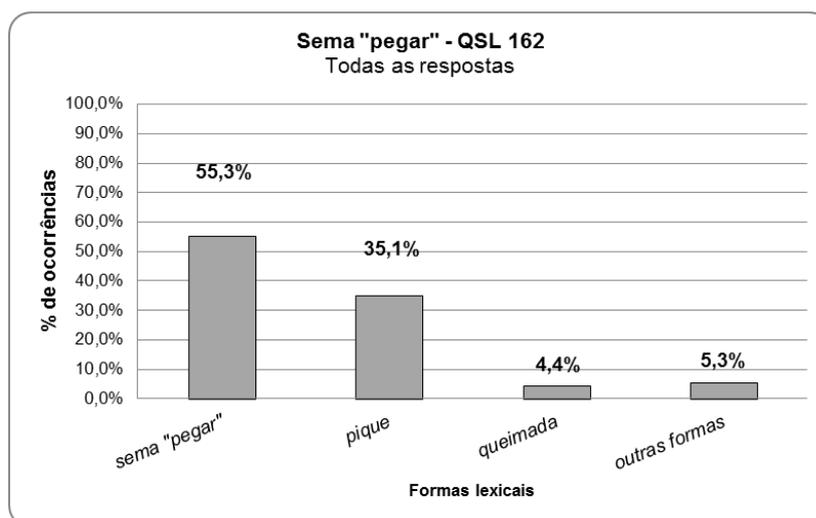


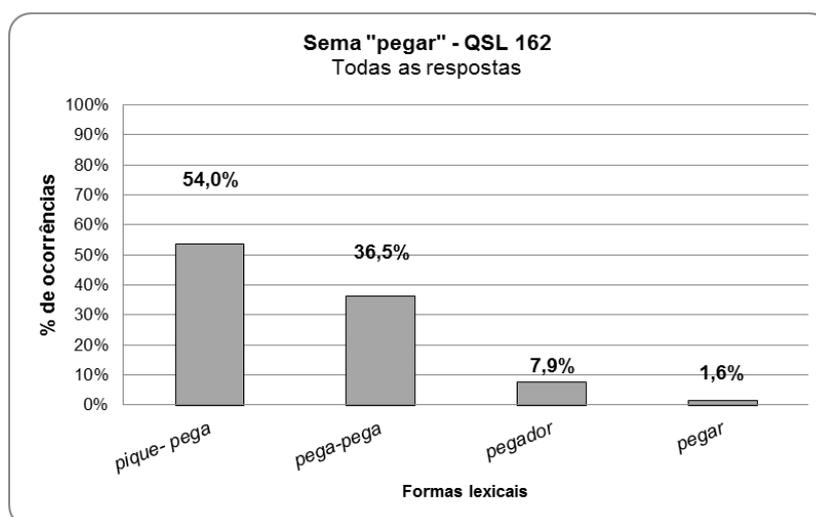
Gráfico 9 – Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/162 – todas as respostas

Para se chegar aos resultados mencionados, alguns agrupamentos foram necessários, sobretudo para o sema “pegar”, que possui, conforme os dados, muita vitalidade. A tabela 10 demonstra o resumo do agrupamento.

Tabela 10 – Frequência do agrupamento do sema “pegar” – todas as respostas

Formas lexicais	Total absoluto	Total relativo
<i>pique - pega</i>	34	54,0%
<i>pega - pega</i>	23	36,5%
<i>pegador</i>	5	7,9%
<i>pegar</i>	1	1,6%
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0%</b>

A forma lexical que mais ocorre é *pique-pega*, pois teve frequência de 54% do total de respostas do agrupamento, obtendo em total absoluto 34 ocorrências. Nota-se que a brincadeira é conhecida e nomeada por outras formas, tais como: *pega-pega*, que obteve 36,5%, *pegador*, com 7,9%, e, por fim, com 1,6%, *pegar*. Todas as formas documentadas no agrupamento representam um total absoluto de 63 ocorrências, segundo verifica-se no gráfico 10.

Gráfico 10 – Percentual das formas lexicais do sema *pegar* – todas as respostas

#### 4.8.1 Cartografia dos dados e o olhar horizontal

Em relação à diatopia, há formas coexistindo na área estudada, porém, em determinados estados, existem formas que predominam, como pode ser visto nas localidades capixabas, nas quais as formas com o sema “*pegar*” possuem mais vitalidade, segundo a figura 58.

Nas localidades do Rio de Janeiro, há uma disputa entre as formas do sema “*pegar*” com a forma *pique*. Em Minas Gerais, nas cidades pertencentes à área

estudada, há a mesma vitalidade do sema “*pegar*” e, quando feitos os desdobramentos desse agrupamento, *pique-pegar* e *pegar-pegar* duelam pela preferência lexical dos falantes daquelas localidades.

Nas cidades interioranas de São Paulo, *pegar-pegar* é categórica. Em Caravelas, na Bahia, foram documentadas duas respostas, *pegar-pegar* e *jôti*.

No tocante à área do *Falar Fluminense*, há uma predominância das formas como o sema “*pegar*”, assim como nos pontos de controle. Ressalte-se, a forma *pique* presente em muitos pontos na área do *Falar Fluminense*. Na figura 58, observa-se que, após seguimentar as ocorrências agrupadas no sema “*pegar*”, a área do *Falar Fluminense* é de *pique-pegar*, e nos pontos de controle é de *pegar-pegar*.

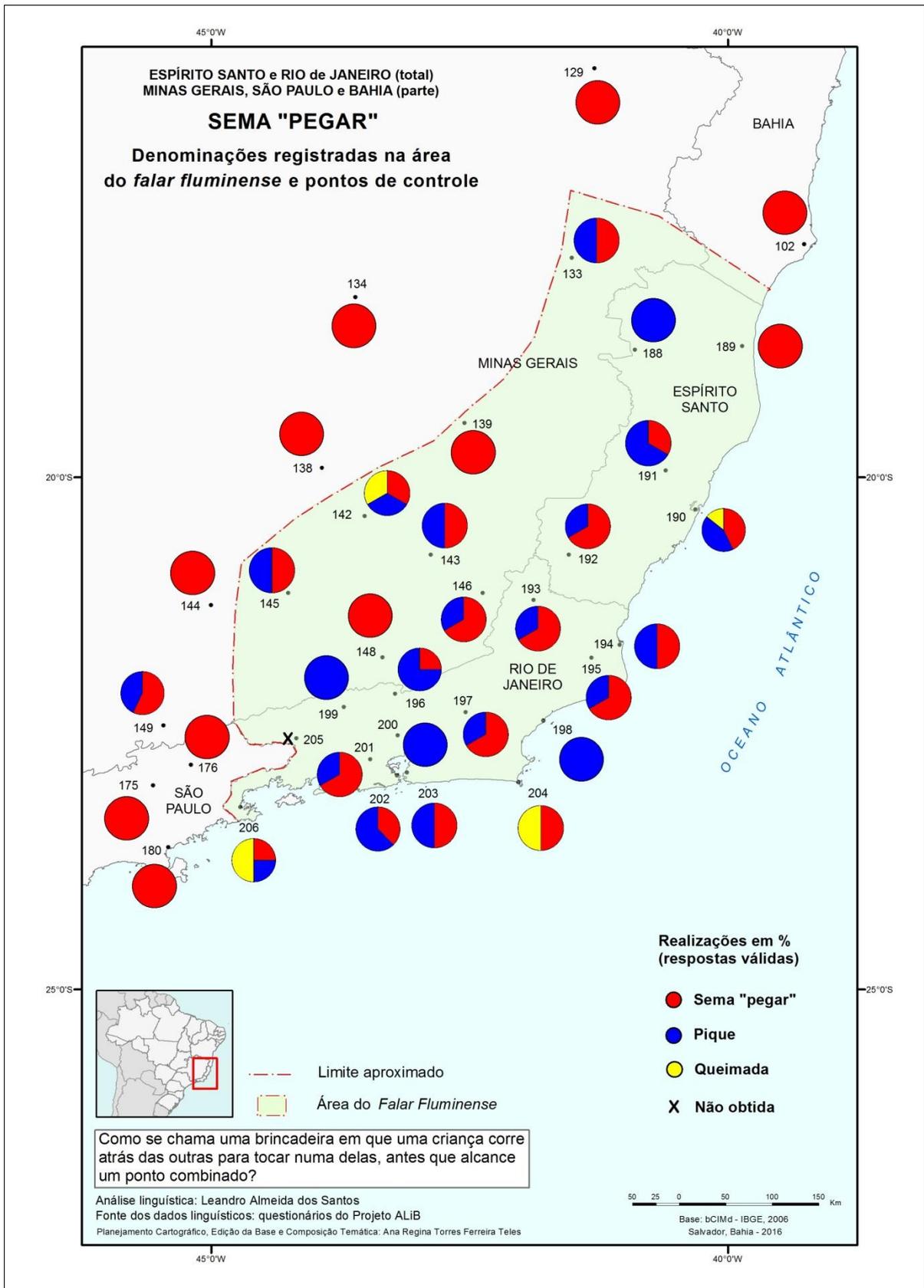


Figura 58 – Carta do sema “pegar”

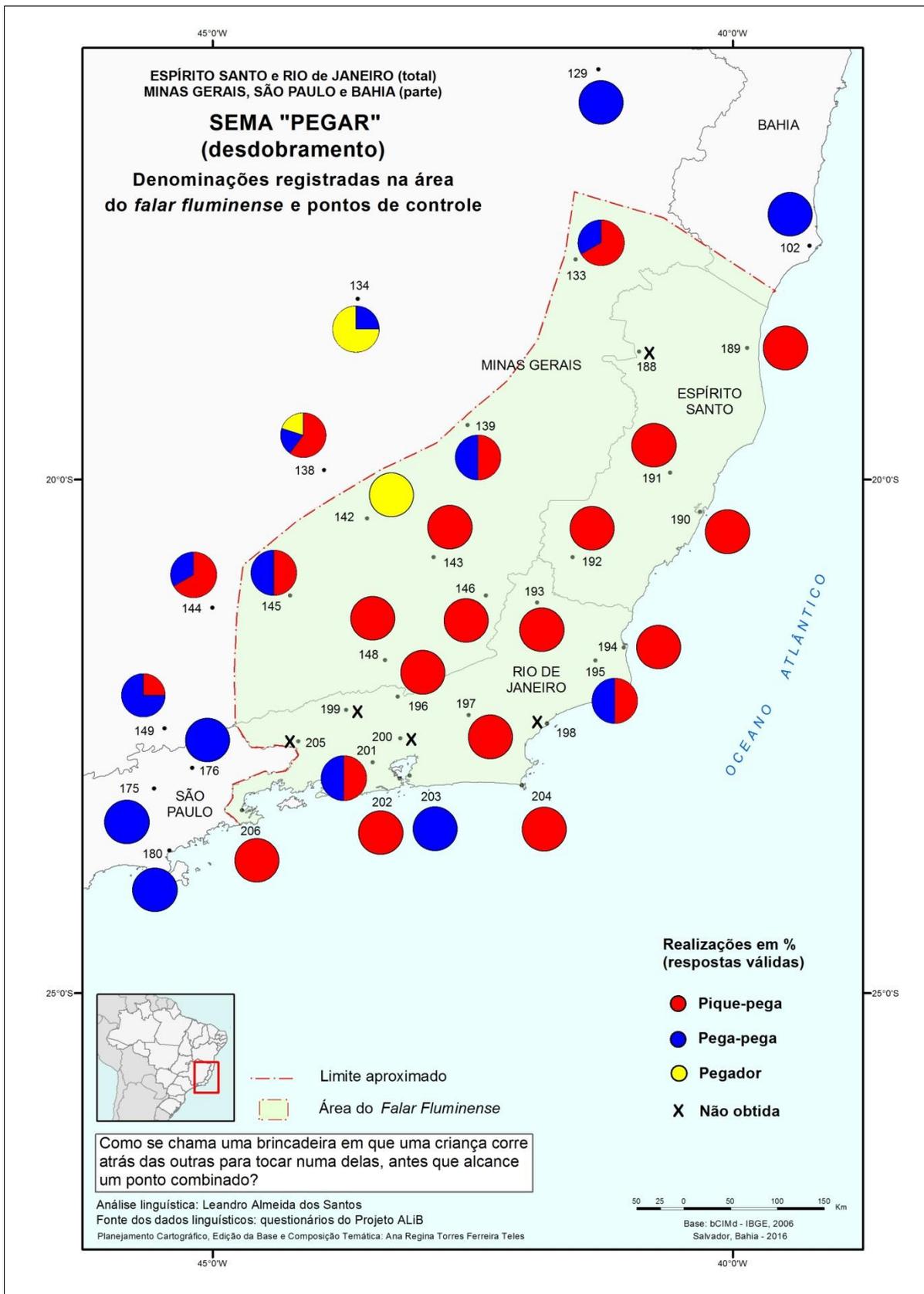


Figura 59 – Carta do sema “pegar” (desdobramentos)

#### 4.8.2 Panorama dos estudos lexicais sobre áreas dialetais com dados do Projeto ALiB: Ribeiro (2012) e Portilho (2013)

Para a área do *subfalar baiano*, *pega-pega* foi a resposta mais produtiva, estando presente em 52 dos 57 pontos da pesquisa, além dela, há outras formas para nomear a brincadeira, tais como: *pega*, *pique-pega*, *pegador*, *triscou-pegou*, *pique*, *picula*, *manja*, *trisca*, *bôto*, *tóda*, *bacondê*, *bira*, *chave*, *João-golô/gorô*, *jôti/lôti* e as respostas únicas (RIBEIRO, 2012, p. 314).

Portilho (2013), ao se debruçar sobre o *subfalar amazônico*, aponta para a maior vitalidade da forma *pira* e variantes. No estudo, portanto, a citada autora documentou as seguintes formas: *pira*, *pira-mãe*, *pira-pega*, *pira-cola*, *pira-pira*, *pira-esconde*, *pira-toca*, *pira-alta*, *manja*, *manja-pega*, *manja-cola*, *manja-trepa*, *pega*, *do pega*, *pega-pega*, *pegador*, *pega-ladrão*, *pique*, *pique-pega*, *pique-esconde*, *cola*, *brincadeira do cola*, *cola-descola*, *brincadeira do trisca*, *mãe*, *congelar/congelado*, *juju*, *Jô-jô*, *queimei*, *barra*, *papai ajuda*, *chicote quente*, *brincadeira do lário* e *estátua* (PORTILHO, 2013, p. 109-110).

Diante dessas considerações, ao comparar os levantamentos citados anteriormente com os documentados para esta dissertação, nota-se que há formas comuns aos três subfalares: *pega*, *pique-pega*, *pega-pega*, *pegador*, *manja*, dentre outras. Ressalta-se, por fim, as semelhanças entre os *subfalares baiano* e *fluminense*, quando se constatam as presenças de *pique-pega*, *pega-pega*, e a sutil diferença do *subfalar amazônico*, que, embora apresente às formas citadas anteriormente, as formas *pira-* e *manja-* são as mais encontradas na área amazônica.

#### 4.8.3 O enfoque sob o olhar vertical

O enfoque, na perspectiva interacional, não foi dado, pois não foram encontrados nas elocuções dos informantes dados que fizessem alusão aos aspectos sociais.

Desse modo, as análises ficaram restritas aos aspectos quantitativos, pois as respostas, num total de cinco, quatro delas foram documentadas na fala dos informantes da faixa II. Sob outros primas, não foram documentados diferenças notáveis.

#### 4.8.4 Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível

A dicionarização de itens que foram documentados na pesquisa para a pergunta 162 do QSL pode ser vista no quadro 13, a saber:

Formas Lexicais	Dicionários consultados (PNLD - 2012)			
	<i>Bueno (2010)</i>	<i>Telles &amp; Bentes (2011)</i>	<i>Bechara (2011)</i>	<i>Borba (2011)</i>
<b><i>pique</i></b>	DMS	DMS	DMS	DMS
<b><i>queimada</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b><i>maria</i></b>	ND	ND	ND	ND
<b><i>boi</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b><i>corre-corre</i></b>	ND	ND	DOS	DOS
<b><i>liga</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b><i>jôti</i></b>	ND	ND	ND	ND
<b><i>pique-cola</i></b>	ND	ND	DMS	ND
<b><i>pique-pega</i></b>	ND	ND	ND	ND
<b><i>pega-pega</i></b>	DMS	DMS	DOS	DMS
<b><i>pegador</i></b>	ND	DOS	DOS	ND
<b><i>pegar</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS

Legenda: DMS – dicionarizado com o mesmo sentido; ND – não dicionarizado; DOS – dicionarizado com outro sentido.

Quadro 13 – Dicionarização das formas lexicais documentadas para QSL/162.

Como é possível visualizar no quadro 12, os dicionários consultados apresentam semelhanças, quanto às formas pesquisadas *pique* e *pega-pega*, a exceção da obra de Bechara (2011) que registrou a forma *pega-pega* com outro sentido.

#### 4.9 PIQUE (LOCAL COMBINADO)

A questão 163 do QSL, pertencente à área semântica escolhida para o trabalho, *jogos e diversões infantis*, busca obter as formas utilizadas pelos informantes para nomear “o ponto combinado” para a brincadeira em que uma criança corre para pegar as outras, antes que se alcance um local acordado previamente. (COMITÊ NACIONAL... 2001, p.34)

A partir das análises prévias, pode-se constatar o elevado índice para as respostas NS/NL/NO, que totalizam 118 ocorrências, o que equivale dizer que 77,1% do total de informantes não forneceram respostas, ao passo que a resposta

mais frequente, *pique*, obtém 27 ocorrências, como pode ser notado, a partir da tabela 11.

Tabela 11 – Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/163 – todas as respostas

Formas lexicais	Total absoluto	Total relativo
<i>pique</i>	27	77,1%
<i>altinho</i>	2	5,7%
<i>outras formas</i>	6	17,1%
<b>Total</b>	<b>35</b>	<b>100,0%</b>

Nota-se que, o *ponto combinado*, na região em estudo, também é conhecido e nomeado pelas formas *altinho*, com 5,7%, e *outras formas*, 17,1%, que estão agrupadas as formas: *picolê*, *poste*, *santinho*, *seguro* e *pegador*. Juntas, as formas representam um total absoluto de 35 ocorrências, conforme os valores dispostos no gráfico 11.

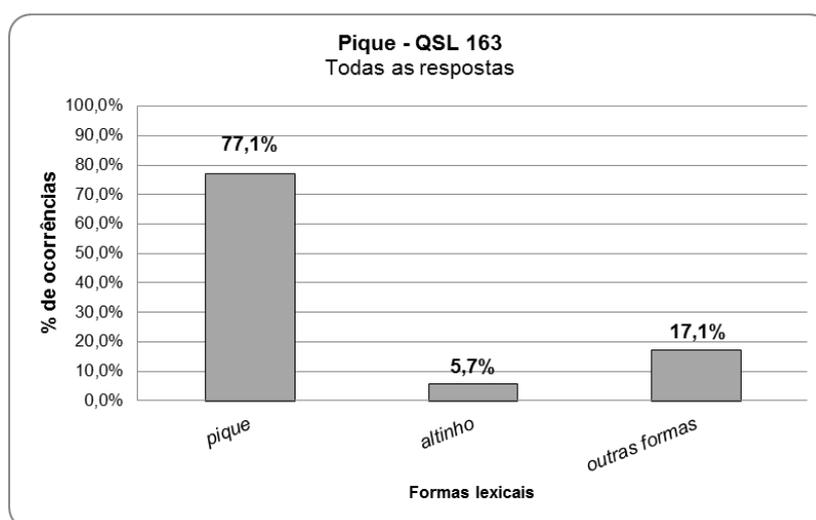


Gráfico 11 – Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/163– todas as respostas

#### 4.9.1 Cartografia dos dados e o olhar horizontal

Em relação à distribuição das formas no espaço geográfico em questão, nas localidades do Espírito Santo, foram documentadas três formas, *pique*, *picolê* e *poste*, as duas últimas como *outras respostas*.

Nas cidades do Rio de Janeiro, há poucas ocorrências de *pique*, com uma ocorrência de *altinho*, mas destaca-se que, os informantes dessas localidades, não conhecem ou não sabem nomear o local combinado para a brincadeira.

Tal situação se repete em Minas Gerais, nas cidades pertencentes a área estudada. No entanto, ocorrem casos de *pique*, poucos, e uma ocorrência de *pegador*, em Ouro Preto.

Nas cidades interioranas de São Paulo, *pique*, *altinho* e *santinho* são as formas encontradas. Por fim, na cidade baiana de Caravelas, *pique* foi a forma com mais vitalidade, com uma ocorrência de *jôti*.

Devido às considerações explicitadas, a figura 60 apresenta a cartografia das formas obtidas e das respostas não obtidas.

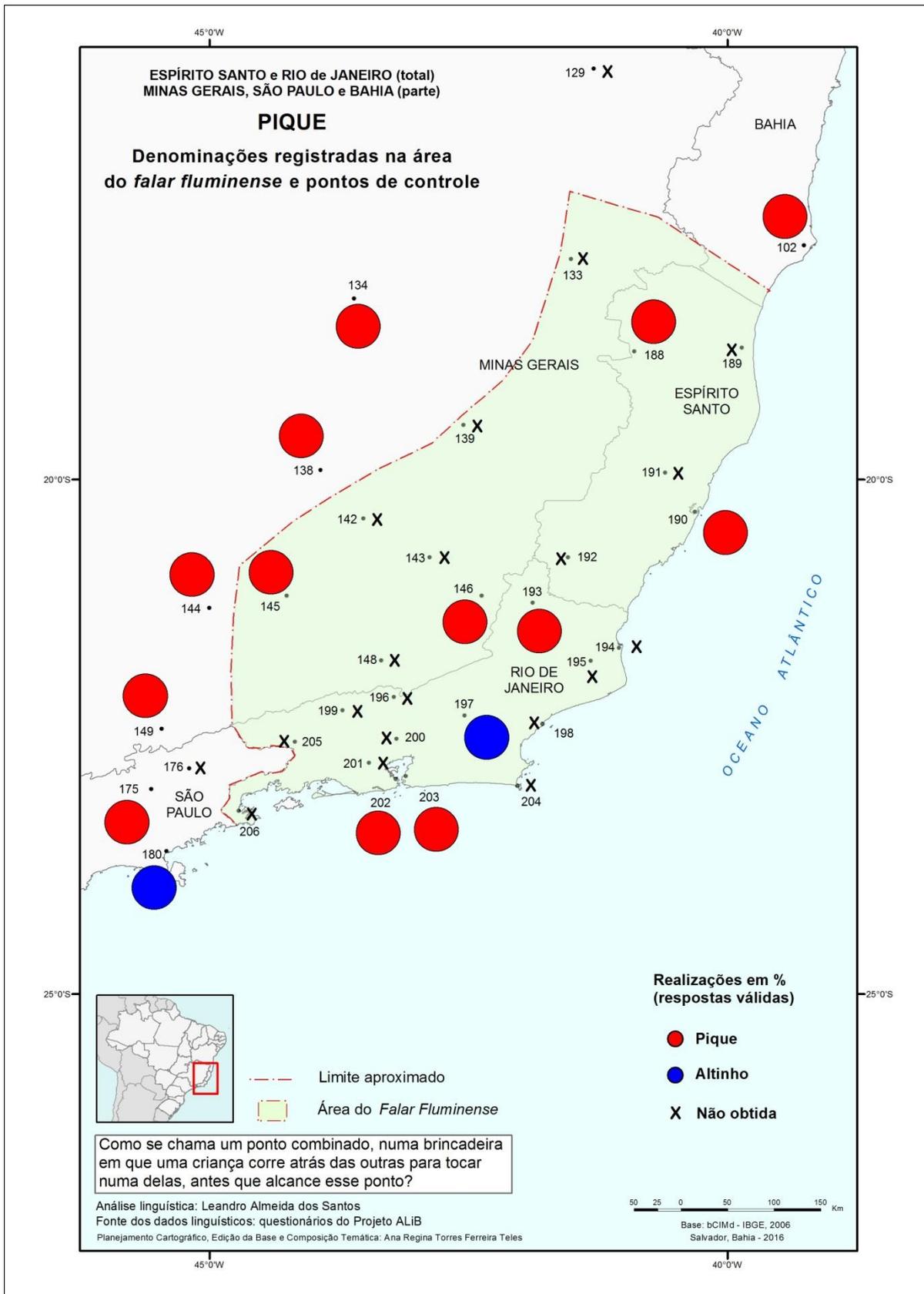


Figura 60 – Carta Pique

#### 4.9.2 Panorama dos estudos lexicais sobre áreas dialetais com dados do Projeto ALiB: Ribeiro (2012) e Portilho (2013)

Para a questão em foco, no estudo sobre a área do *subfalar baiano*, destaca-se a baixa produtividade das respostas, com 33,2%, para as respostas válidas, ao passo que as ocorrências registradas para as respostas NS/NL/NO são de 66,8%, mas, mesmo assim, as análises foram empreendidas *dada a cobertura geográfica ser superior a 70% das localidades estudadas* (RIBEIRO, 2012, p.345). Ainda, conforme a citada autora, *pique* e *manja* foram as mais conhecidas, com 49,4% e 18,5%, respectivamente.

Por esse viés, no estudo sobre a área do *subfalar amazônico*, encontra-se, também, um expressivo índice de não respostas, 58,6%. Das formas documentadas, (41,4%) as formas: *mãe* (32,8%), *manja* (21,2%) e *pique/pique no alto* (13,6%), foram as mais produtivas (PORTILHO, 2013, p. 113).

Observa-se, a partir do exposto, que, ao comparar os dados encontrados pelos dois estudos mencionados com os dados desta dissertação, há um consenso entre os três autores, no que tange ao alto índice de NS/NL/NO. Infere-se, assim, que a maioria dos informantes, das três subáreas estudadas, sabe brincar, mas não sabe nomear o ponto combinado, uma vez que as perguntas 162 e 163 possuem uma ligação. Ressalte-se, ainda, a presença de *manja* documentada no *Falar Baiano e Amazônico*.

#### 4.9.3 O enfoque sob o olhar vertical

O enfoque, na perspectiva sociointeracional, foi dado, pois, conforme nota-se no exemplo 20, um dos informantes demonstrou conhecimento, ao nomear o ponto combinado.

(20) INF.- Tem as duas brincadeiras.

INQ.- Fala pra mim.

INF.- Num tem... o **pique** se brinca das duas formas. Você pode brincar com esse ponto ou sem esse ponto.

INQ.- E esse ponto, quando tem, chama de alguma coisa?

INF.- É o mesmo do... do pique-esconde, como é mesmo... Ah, num me lembro. Agora num me lembro. Mas tem um nome sim.

INQ.- Tem uma outra brincadeira também, Gabriel, que as crianças elas ficam em círculo, às vezes sentadas, às vezes em pé...

INF.- Eu posso voltar pra pergunta anterior?

INQ.- Pode.

INF.- O **pique** quando... é **pique** o nome também, o ponto chama de **pique**. Se o, se 'cê vai brincá sem desse ponto chama de pique sem pique, né, pique sem pique, ficô nada né, mais é o nome que pelo meno na minha época se dava.

(Inq. 190. 05 – Vitória/ES – Inf: homem, faixa 1, ensino superior)

Outro fato que mereceu destaque, ao notar a fala da informante e compará-la com o que assinala Preti é que:

Quando se estuda a linguagem dos idosos, podem-se ter em mente várias perspectivas. Primeiramente, uma de caráter cultural, isto é, os idosos devem ter um papel específico na sociedade em que vivem, de acordo com a tradição cultural a que pertencem; em segundo lugar, uma de caráter social, ou seja, a sociedade possui uma postura em relação aos idosos e, de acordo com ela, processam-se as relações sociais entre os velhos e os demais grupos etários; por último, uma perspectiva de caráter psicológico individual: uma pessoa é tão velha quanto imagina ser. (PRETI, 2001, p. 25-26)

(21) INF.- **Pique**.

INQ.- A senhora é boa, viu?.

INF.- Eu brinco, ainda, na terceira idade, (risos)

(Inq. 175. 04 – Taubaté/SP – Inf: mulher, faixa 2, ensino fundamental incompleto)

Diante do que foi exposto, revela-se uma aproximação com a perspectiva do caráter psicológico individual, pois a informante ainda brinca, mesmo tendo passado muito tempo da sua infância. Evidencia-se, assim, a atemporalidade da brincadeira, uma vez que todos precisam brincar, porque as brincadeiras ajudam a suavizar as tensões vivenciadas no cotidiano. Dessa forma, portanto, os jogos, brinquedos e brincadeiras *contém sempre uma referência ao tempo de infância do adulto com representações veiculadas pela memória e imaginação* (KISHIMOTO, 2011, p. 24).

#### 4.9.4 Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível

A respeito do cotejo entre dados da língua fala e os dicionários do plano escolar, no quadro 14, encontram-se as formas que foram documentadas na pesquisa para a pergunta 163 do QSL.

Formas Lexicais	Dicionários consultados (PNLD - 2012)			
	<i>Bueno (2010)</i>	<i>Telles &amp; Bentes (2011)</i>	<i>Bechara (2011)</i>	<i>Borba (2011)</i>
<b><i>pique</i></b>	DMS	DOS	DMS	DOS
<b><i>altinho</i></b>	ND	ND	ND	ND
<b><i>salvador</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b><i>pegador</i></b>	ND	DOS	ND	DOS
<b><i>picolé</i></b>	ND	ND	ND	ND
<b><i>poste</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b><i>santinho</i></b>	ND	ND	ND	ND
<b><i>seguro</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS

Legenda: DMS – dicionarizado com o mesmo sentido; ND – não dicionarizado; DOS – dicionarizado com outro sentido.

Quadro 14 – Dicionarização das formas lexicais documentadas para QSL/163.

Ao visualizar o quadro 14, os dicionários consultados apresentam uma pequena divergência, pois dois deles registram a forma *pique* como nomeadora do local combinado, Bueno (2010) e Bechara (2011), ao passo que duas outras obras apontam para outro sentido, Telles & Bentes (2011) e Borba (2011).

#### 4.10 CHICOTINHO-QUEIMADO

“Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair? (COMITÊ NACIONAL... 2001, p.34) QSL, número 164, pergunta que busca apurar as denominações para uma brincadeira cantada pertencente ao folclore brasileiro.

Constata-se que a pergunta não foi produtiva. Sendo assim, poucas respostas foram obtidas. Na tabela 12, apresentam-se os dados obtidos, os valores absolutos e valores relativos. Para essa pergunta, foram contabilizadas 154 ocorrências, das quais 83,8% são de NS/NL/NO, totalizando 129 ocorrências.

Tabela 12 – Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/164 – todas as respostas

Formas lexicais	Total absoluto	Total relativo
<i>corre-cotia</i>	9	37,5%
<i>chicotinho-queimado</i>	6	25,0%
<i>ovo-choco</i>	3	12,5%
<i>outras formas</i>	6	25,0%
<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>100,0%</b>

Nota-se que a brincadeira, na região analisada, é conhecida e nomeada pelas formas *corre-cotia*, com 37,5%, *chicotinho-queimado*, com 24%, *ovo-choco*, com 12,5% e *outras formas*, 25%, que estão agrupadas, são elas: *ovo-amarelinho*, *galho-seco*, *rabo*, *roda-roda*, *pega lenço* e *maria chiquinha*, com 6 ocorrências, conforme visualiza-se no gráfico 12.

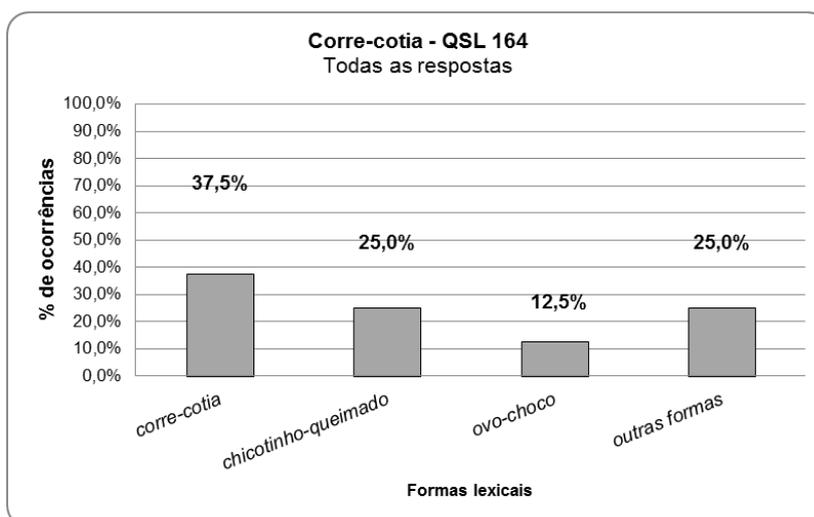


Gráfico 12 – Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/164– todas as respostas

#### 4.10.1 Cartografia dos dados e o olhar horizontal

Em relação à distribuição das formas no espaço geográfico em análise, nas localidades do Espírito Santo, foram documentadas quatro formas, *ovo-choco*, que foi a mais produtiva, *chicotinho-queimado*, *rabo* e *ovo-amarelinho*, as duas últimas como *outras formas*.

Nas cidades do Rio de Janeiro, há poucas ocorrências, mas destaca-se que os informantes dessas localidades não conhecem ou não sabem nomear a brincadeira cantada.

Tal situação se repete, em Minas Gerais, nas cidades pertencentes a área estudada. No entanto, foram documentadas ocorrências de *corre-cotia*.

Nas cidades interioranas de São Paulo, o índice também é elevado de NS/NL/NO, com ocorrências de *corre-cotia* e *roda-roda*. Na Bahia, em Caravelas, *chicotinho-queimado* e *galho-seco* foram as formas documentadas.

Com isso, a área do *Falar Fluminense* registra-se o alto índice de respostas não obtidas, conforme pode ser visto na figura 61.

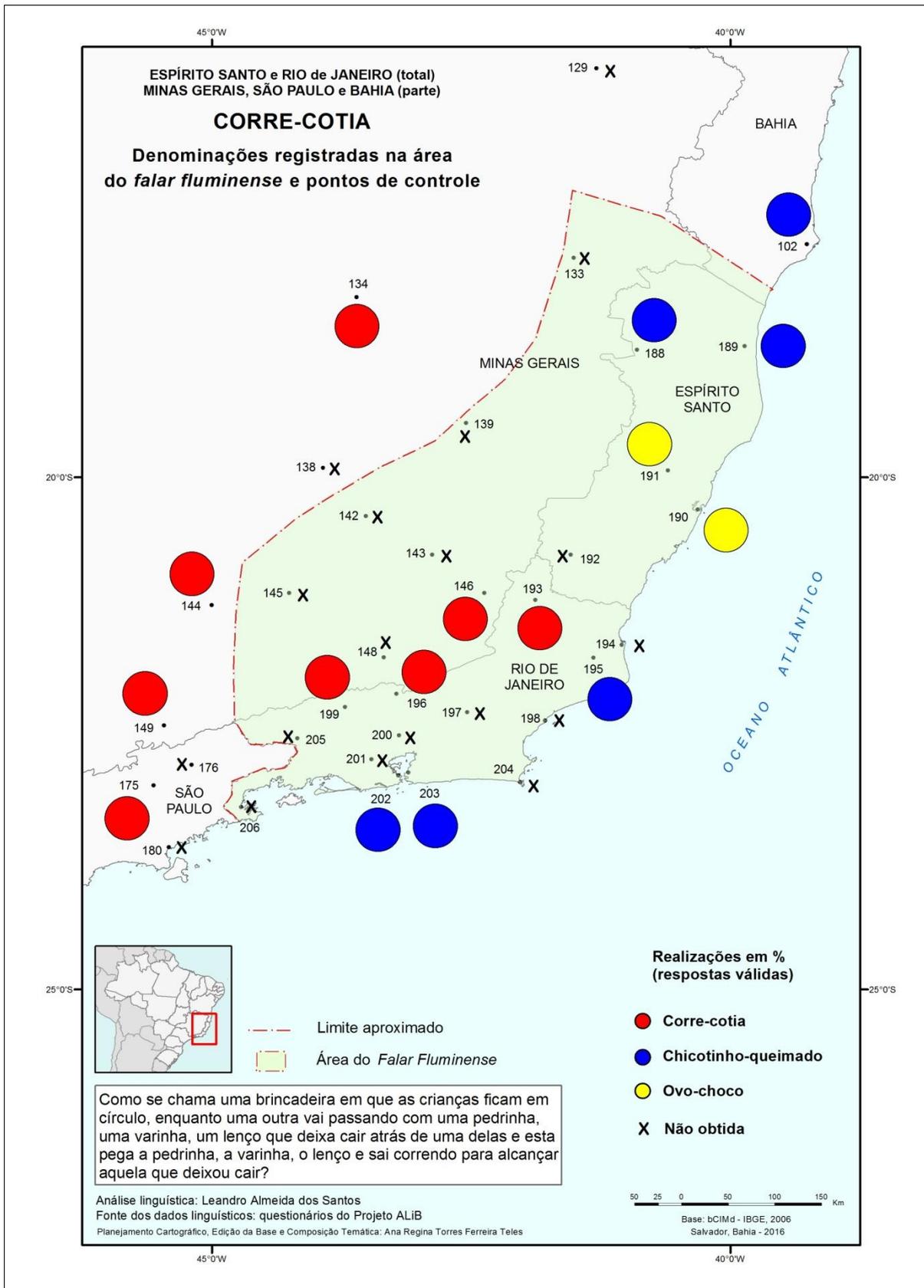


Figura 61 – Carta Corre-Cotia

#### 4.10.2 Panorama dos estudos lexicais sobre áreas dialetais com dados do Projeto ALiB: Ribeiro (2012) e Portilho (2013)

Conforme as afirmações de Ribeiro (2012), 245 ocorrências foram documentadas, como respostas válidas foram 48, ao passo que 197 ocorrências foram agrupadas em NS/NL/NO, o que denota baixa produtividade da questão. A resposta *chicotinho-queimado* foi a mais produtiva, seguida das formas *corre-cutia/ la coxia, roda* e *ciranda/ciranda-cirandinha*, além de 10 respostas únicas. A referida autora assinala que o *baixo número de ocorrências não significou “desaparecimento”, mas pode ser visto como indicativo de “desuso” nas localidades pesquisadas* (RIBEIRO, 2012, p. 363).

Segundo o estudo de Portilho (2013), há várias formas de nomear a brincadeira, as mais produtivas foram as seguintes formas: *má-cochila, corre-cotia, chicote-queimado, chicotinho-queimado*. No entanto, assim como na área pesquisada por Ribeiro (2012), existe um índice elevado de não respostas, pois do universo de 128 informantes, 108 deles desconheciam o referente em questão. (PORTILHO, 2013), sendo os informantes homens os maiores responsáveis para elevação desse índice.

Estabelece-se, dessa maneira, uma comparação entre os três subfalares e identifica-se a convergência deles, uma vez que o alto índice de NS/NL/NO foi predominante. No entanto os subfalares divergem, porque cada um apresenta uma forma mais vital distinta, dentre as várias denominações que foram documentadas, no *Falar Fluminense, corre-cotia; no Falar Baiano, chicotinho-queimado* é predominante; e, no *Falar Amazônico, predomina a má-cochia*.

#### 4.10.3 O enfoque sob o olhar vertical

Na perspectiva social, algumas falas foram selecionadas, a fim de retratar as percepções dos informantes, no que tange a uma brincadeira pertencente ao imaginário folclórico nacional. As formas, conforme o exemplo 22, foram documentadas juntamente com um reforço do marcador temporal de estrutura fraseológica, o que denuncia, de certo modo, uma volta às lembranças do passado, por parte dos informantes da faixa II.

(22) INF.- Foi na minha época, eu conhecia como **maria chiquinha, corre coxia**..

INQ.- Canta até uma musiquinha, né?

INF.- Aharam.

(Inq. 193. 04 – Itaperuna/RJ – Inf: mulher, faixa 2, ensino fundamental incompleto) (grifo nosso)

Destaca-se, na fala do informante (exemplo 23) a importância da escola para a preservação das brincadeiras antigas. Assim, dando opções de brincadeiras lúdicas e interacionais para as crianças.

(23) INF.- **Corre-cotia**..

INQ.- A primeira que fala, olha que maravilha!

INF.- Sabe porque? Meu menino chega da escola e fala “Mãe, vamos brincar de **corre-cotia**?” Aqui, ensina na escola.

INQ.- Olha, que bom! Estão recuperando as brincadeiras do tempo de criança. E vc, brincou disso? Chamava assim?

INF.- Brinquei, sim, chamava [...] Hoje em dia, as crianças estão muito na tecnologia, né?

(Inq. 146. 02 – Muriaé/MG – Inf: mulher, faixa 1, ensino fundamental incompleto)

Percebe-se que, de posse das informações obtidas com os exemplos 24 e 25 que a seguir são apresentados, no imaginário desses informantes há uma raiz de dicotomização entre brinquedos e brincadeiras de meninos e de meninas. Tal fator, certamente, denuncia as crenças e hábitos dos informantes. Nos dois casos, a falta de resposta é atribuída ao associar a brincadeira ao mundo infantil feminino.

(24) INF.- Não, também, não conheço não, é mais coisa de menina, né?

(Inq. 192. 03 – Alegre/ES – Inf: homem, faixa 2, ensino fundamental incompleto)

(25) INF.- O nome eu não sei!

INQ.- O senhor brincou?

INF.- Eu via brincar, é mais menina que brinca.

(Inq. 175. 03 – Taubaté/SP – Inf: homem, faixa 2, ensino fundamental incompleto)

#### 4.10.4 Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível

A observação do quadro 15 se torna de fundamental importância para o entendimento da dicionarização de itens que foram documentados na pesquisa para a pergunta 164 do QSL.

Formas Lexicais	Dicionários consultados (PNLD - 2012)			
	<i>Bueno (2010)</i>	<i>Telles &amp; Bentes (2011)</i>	<i>Bechara (2011)</i>	<i>Borba (2011)</i>
<b><i>corre-cotia</i></b>	DMS	ND	ND	ND
<b><i>chicotinho-queimado</i></b>	DMS	DMS	DMS	DMS
<b><i>ovo-choco</i></b>	ND	ND	ND	ND
<b><i>ovo amarelinho</i></b>	ND	ND	ND	ND
<b><i>pega-lenço</i></b>	ND	ND	ND	ND
<b><i>galho seco</i></b>	ND	ND	ND	ND
<b><i>rabo</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b><i>maria-chiquinha</i></b>	ND	ND	ND	DOS
<b><i>roda-roda</i></b>	ND	ND	ND	ND

Legenda: DMS – dicionarizado com o mesmo sentido; ND – não dicionarizado; DOS – dicionarizado com outro sentido.

Quadro 15 – Dicionarização das formas lexicais documentadas para QSL/164.

A partir dos dados dispostos no referido quadro, os dicionários consultados apresentam semelhanças, a exceção da forma *corre-cotia*, que foi dicionarizada com o mesmo sentido em Bueno (2010), apenas. *Chicotinho-queimado* encontra-se em todas as obras lexicográficas.

#### 4.11 GANGORRA

“Como se chama uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? *Mímica* (COMITÊ NACIONAL... 2001, p.35). A partir das análises, pode-se constatar que o total de respostas para essa pergunta foi de 155 ocorrências, sendo que 16 são de NS/NL/NO, totalizando um percentual de 10,3%. Na tabela 13, apresentam-se os dados obtidos, os valores absolutos e relativos, bem como os percentuais das formas documentadas.

Tabela 13 – Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/165 – todas as respostas

Formas lexicais	Total absoluto	Total relativo
<i>gangorra</i>	103	74,1%
<i>balanço</i>	24	17,3%
<i>sobe-desce</i>	3	2,2%
<i>balango</i>	2	1,4%
<i>zanga burrinho</i>	2	1,4%
<i>vai e vem</i>	2	1,4%
<i>outras formas</i>	3	2,2%
<b>Total</b>	<b>139</b>	<b>100,0%</b>

A forma lexical que mais ocorre é *gangorra*, pois teve frequência de 74,1% do total de respostas válidas, obtendo um total absoluto de 103 ocorrências, e estando presente em quase todas as localidades. Nota-se que o brinquedo, na região em estudo, é conhecido e nomeado por essa forma, *gangorra*, uma vez que outras formas foram documentadas, mas com menor vitalidade, seguem as frequências obtidas por cada uma delas, tais como: *balanço*, que obteve 17,3%, *sobe-desce*, com 2,2%, as formas seguintes são *balango*, *zanga-burrinho* e *vai e vem*, ambas com 1,4%, e, por fim, *outras formas* com 2,2%. Juntas todas as formas documentadas representam um total absoluto de 139 ocorrências, segundo pode ser visto no gráfico 13.

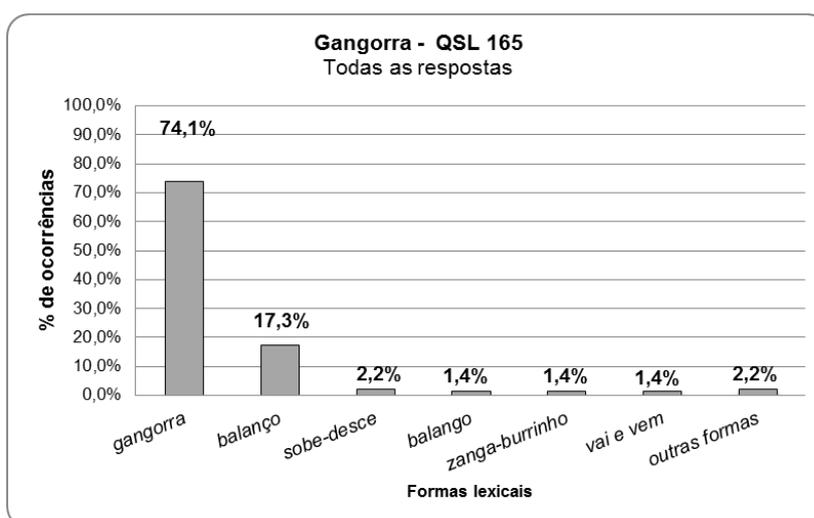


Gráfico 13 – Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/165 – todas as respostas

#### 4.11.1 Cartografia dos dados e o olhar horizontal

No que é atinente à diatopia, segundo a figura 62, a forma *gangorra* ocorre nos estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, exceto na Bahia.

Nas cidades capixabas, a forma mencionada é categórica. No Rio de Janeiro, a forma predominante é *gangorra*, mas foram documentadas outras, tais como *balanço*, *vai e vem* e, como ocorrência única, *sobe e desce*.

Em Minas Gerais, local que se destaca, nesta questão, por apresentar as formas *gangorra* e *balanço* possuem bastante vitalidade, mas outras foram coletadas, *vai e vem* e as formas *manjar* e *balango*.

Nos estados de São Paulo, assim como nas cidades do Espírito Santo, a única forma documentada foi *gangorra*. Em Caravelas, na Bahia, a forma *balanço* é categórica.

Evidencia-se que *gangorra* predomina tanto dentro da área do *Falar Fluminense* quanto nos pontos de controle.

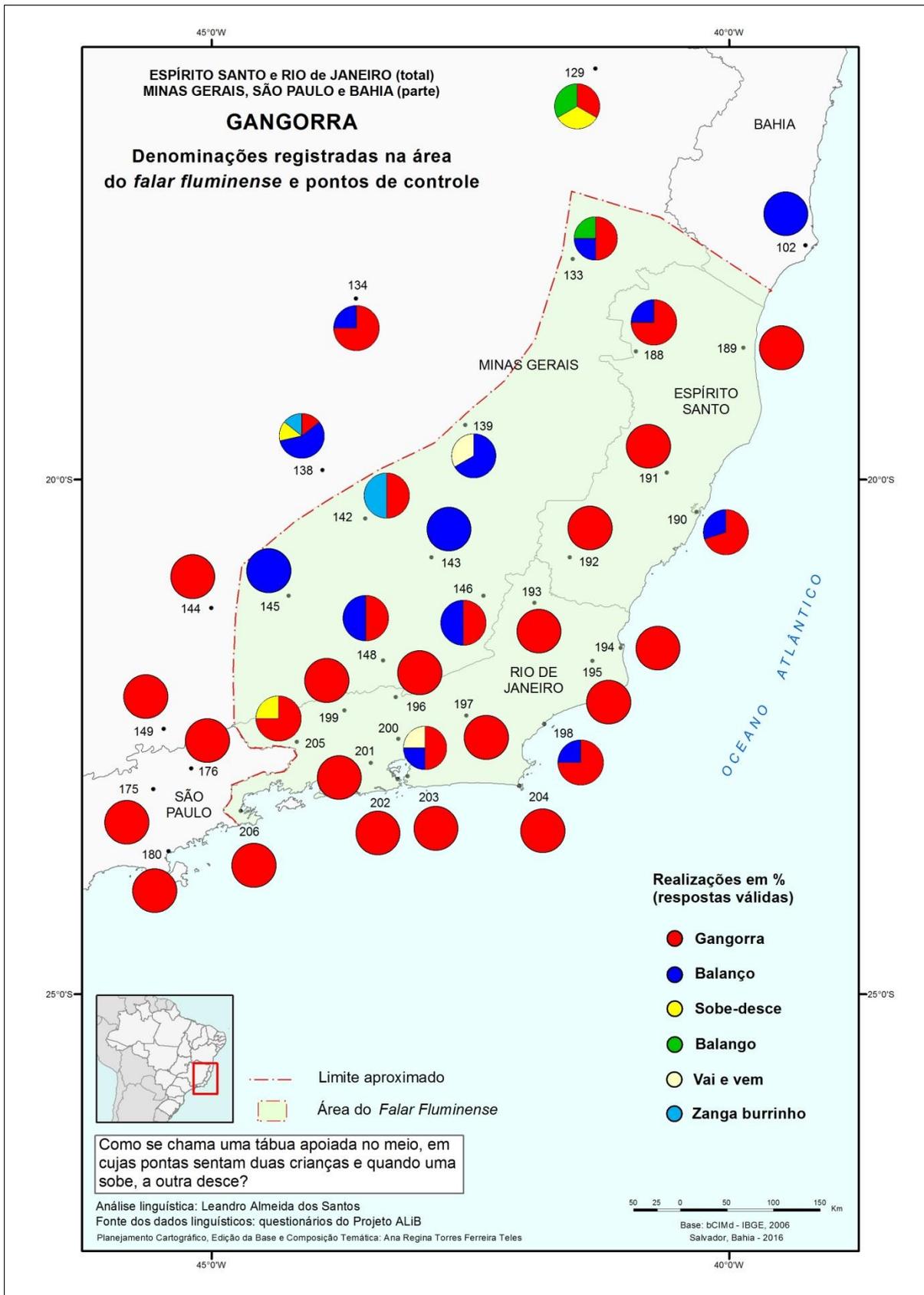


Figura 62 – Carta Gangorra

#### 4.11.2 Panorama dos estudos lexicais sobre áreas dialetais com dados do Projeto ALiB: Ribeiro (2012) e Portilho (2013)

Ribeiro (2012), para a pergunta 165 do QSL, documentou a *gangorra* como a resposta predominante, estando em 50 das 57 localidades pesquisadas. Assim, o total de respostas válidas foi 212 e, por sua vez, as NS/NL/NO chegaram a 50 ocorrências. Além da forma predominante, foram obtidas as respostas, como por exemplo: *balança*, *balanço*, *balanceio*, *balango*, *zanza* e outras agrupadas em *respostas únicas*.

Portilho (2013) encontrou as seguintes formas: *balanço*, *balancinho*, *balançador*, *gangorra*, *burrlica*, *barquinha*, *João galamarte*, *pula tábua*, *capa-sapo*, *equilibrista*, *cavalo*, *vai-e-vem*, *bate-bunda*, *baixa-e-levanta*, *brincadeira de tábua* e *elevado*. Com 47,5% das ocorrências, predominou a primeira forma citada.

Estabele-se, dessa maneira, uma comparação entre os *três subfalares* e identifica-se, novamente, uma forma predominante, *gangorra*, em dois deles, *baiano* e *fluminense*, ao passo que, *no amazônico*, encontra-se *balanço*, como a forma predominante.

#### 4.11.3 O enfoque sob o olhar vertical

O enfoque, na perspectiva sociointeracional, foi dado, pois a fala do informante denuncia, de certo modo, aspectos da realidade local de outrora, como nota-se no exemplo 24.

(24) INF. – Aquele ali, pra mim, chama **manjar**... **manjar**. É o único brinquedo que eu fazia lá na roça. Aquilo alí, cortava uma peça de madeira, uns 4 metros de comprimento, furava ela no meio, fincava um pau alí, e ela ficava no meio certinho. Sentava um do lado, outro do outro, e andava com a gente, chama **manjar**, essa tábua que fica no meio assim.

(Inq. 142. 03 – Ouro Preto/SP – Inf: homem, faixa 2, ensino fundamental incompleto)

Após visualizar o referido exemplo, notam-se os aspectos de *locus*, rural, no caso, onde o brinquedo era fabricado pelo próprio morador, certamente, infere-se, por ter aprendido com a cultura local transmitida pelos pais. Outro fato notável são

os detalhamentos dados pelo informante, o que denota um claro entendimento sobre a construção do brinquedo e certo saudosismo de um passado remoto, geralmente característica denunciada pela fala dos informantes mais idosos.

#### 4.11.4 Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível

No quadro 16, pode-se verificar a dicionarização de itens que foram documentados na pesquisa para a pergunta 165 do QSL.

Formas Lexicais	Dicionários consultados (PNLD - 2012)			
	<i>Bueno (2010)</i>	<i>Telles &amp; Bentes (2011)</i>	<i>Bechara (2011)</i>	<i>Borba (2011)</i>
<b>gangorra</b>	DMS	DMS	DMS	DMS
<b>balanço</b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b>balango</b>	ND	ND	ND	ND
<b>sobe-desce</b>	ND	ND	ND	ND
<b>vai e vem</b>	DOS	ND	DOS	DOS
<b>zanga burrinho</b>	ND	ND	ND	ND
<b>barca</b>	DOS	ND	DOS	DOS
<b>cavalinho de pau</b>	ND	ND	ND	ND
<b>manjar</b>	DOS	DOS	DOS	DOS

Legenda: DMS – dicionarizado com o mesmo sentido; ND – não dicionarizado; DOS – dicionarizado com outro sentido.

Quadro 16 – Dicionarização das formas lexicais documentadas para QSL/165.

Segundo os dados expostos no quadro 16, os dicionários consultados apresentam semelhanças, não havendo pontos divergentes entre formas dicionarizadas com mesmo sentido e com outro sentido.

#### 4.12 BALANÇO

“Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? *Mímica* (COMITÊ NACIONAL... 2001, p.35) é a questão que busca coletar as denominações para um brinquedo, mas que é feita com tábua e com fixação no solo, mas sem cordas.

Conforme o levantamento e tratamento estatístico dos dados, a resposta mais conhecida nessa área foi *balanço*, com 74,7%. Outras formas que nomeiam esse brinquedo foram coletadas, segundo pode ser visualizado na tabela 14.

Tabela 14 – Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/166 – todas as respostas

Formas lexicais	Total absoluto	Total relativo
<i>balanço</i>	115	74,7%
<i>gangorra</i>	24	15,6%
<i>balango</i>	14	9,1%
<i>outras formas</i>	1	0,6%
<b>Total</b>	<b>154</b>	<b>100,0%</b>

De posse dessas informações, nota-se que o brinquedo, na região em estudo, é conhecido pela forma *balanço*. No entanto, com menor vitalidade, percebem-se as formas: *gangorra*, que obteve 15,6%, *balango*, com 9,1% e, por fim, *outras formas* 0,6%. Assim, as respostas válidas representam um total absoluto de 154 ocorrências, os valores relativos podem ser vistos no gráfico 14.

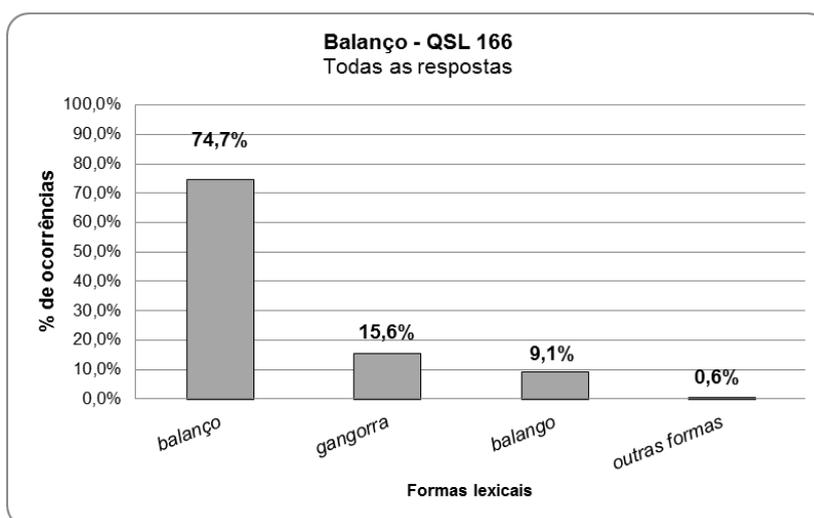


Gráfico 14 – Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/166– todas as respostas

#### 4.12.1 Cartografia dos dados e o olhar horizontal

Em relação à diatopia, segundo informações contidas na figura 63, a forma mais conhecida, *balanço*, foi documentada em todos os estados.

Nas cidades capixabas, nas cidades do Rio de Janeiro e nas cidades interioranas paulistas, a forma categórica é *balanço*.

Nas cidades mineiras, três respostas foram coletadas, com destaque para a forma *balango*, mas há uma disputa entre as duas formas, *balanço* e *gangorra*. Em Minas Gerais é o estado onde se documenta mais variação para o brinquedo.

Em Caravelas, única cidade baiana que compõe o estudo, as formas *gangorra* e *balanço* foram às preferidas dos informantes.

No tocante à área do *Falar Fluminense*, observa-se o predomínio de *balanço*. Conforme pode ser visto, nos pontos de controle, a forma *balanço* também é predominante, salvo os casos específicos de *balango* nos pontos 129 e 134 de MG.



#### 4.12.2 Panorama dos estudos lexicais sobre áreas dialetais com dados do Projeto ALiB: Ribeiro (2012) e Portilho (2013)

No estudo de Ribeiro (2012) foram documentadas várias denominações, a aplicação da questão em foco foi bastante produtiva, obtendo 275 ocorrências, duas foram de NS/NL/NO, apenas. Com isso, a forma mais produtiva foi *balanço*, presente em 54 das 57 localidades.

Para as análises de um dos falares do *norte*, o *amazônico*, constata-se que para a pergunta em foco, *balanço* foi a resposta mais produtiva, com 84,5%, presente em 11 localidades.

A partir dessas considerações, nota-se que o *balanço* foi predominante nos três subfalares, evidenciando, assim, uma unidade, embora haja várias denominações para nomear o brinquedo.

#### 4.12.3 O enfoque sob o olhar vertical

O enfoque, na perspectiva social, não foi dado, pois não foram encontrados nas elocuições dos informantes dados que fizessem alusão aos aspectos sociais e não foram significativos, sob o prisma quantitativo.

#### 4.12.4 Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível

Apresenta-se, no quadro 17, a dicionarização de itens que foram documentados na pesquisa para a pergunta 166 do QSL.

Formas Lexicais	Dicionários consultados (PNLD - 2012)			
	<i>Bueno (2010)</i>	<i>Telles &amp; Bentes (2011)</i>	<i>Bechara (2011)</i>	<i>Borba (2011)</i>
<b><i>balanço</i></b>	DMS	DMS	DMS	DMS
<b><i>gangorra</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b><i>balango</i></b>	ND	ND	ND	ND
<b><i>rede</i></b>	DOS	DOS	DOS	DOS

Legenda: DMS – dicionarizado com o mesmo sentido; ND – não dicionarizado; DOS – dicionarizado com outro sentido.

Quadro 17 – Dicionarização das formas lexicais documentadas para QSL/166.

Conforme os dados expostos no quadro 17, os dicionários consultados apresentam semelhanças, isto é, se aproximam da forma da *langue, balanço*, e as outras formas de nomear não foram contempladas.

#### 4.13 AMARELINHA

“Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só? SOLICITAR DESCRIÇÃO DETALHADA (COMITÊ NACIONAL... 2001, p.35) essa questão do QSL, número 158, busca apurar as denominações para uma brincadeira bastante popular e que adultos e crianças brincam, além de possuir vários nomes.

Constata-se um total de respostas para esse pergunta foi de 153 ocorrências, das quais 83,7% são respostas válidas, perfazendo o total de 128 ocorrências, ao passo que 16,3% são de NS/NL/NO, totalizando 25 ocorrências. Na tabela 15, apresentam-se os dados obtidos, os valores absolutos das formas documentadas.

Tabela 15 – Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/167– todas as respostas

Formas lexicais	Total absoluto	Total relativo
<i>amarelinha</i>	92	71,9%
<i>maré</i>	24	18,8%
<i>pula-pula</i>	3	2,3%
<i>maê</i>	3	2,3%
<i>baliza</i>	2	1,6%
<i>pé-pé</i>	2	1,6%
<i>outras formas</i>	2	1,6%
<b>Total</b>	<b>128</b>	<b>100,0%</b>

A forma lexical que mais ocorre é *amarelinha*, pois teve frequência de 71,9% do total de respostas válidas, obtendo em total absoluto 92 ocorrências. Nota-se que a brincadeira, na região em estudo, é conhecida e nomeada, majoritariamente, por essa forma, uma vez que outras formas foram documentadas, mas com menor vitalidade como, por exemplo: *maré*, que obteve 18,8%, *pula-pula* e *maê*, com 2,3%, ambas, *baliza*; *pé-pé* e *outras formas*, com 1,6%. Juntas as formas representam um total absoluto de 128 ocorrências, segundo observa-se no gráfico 15.

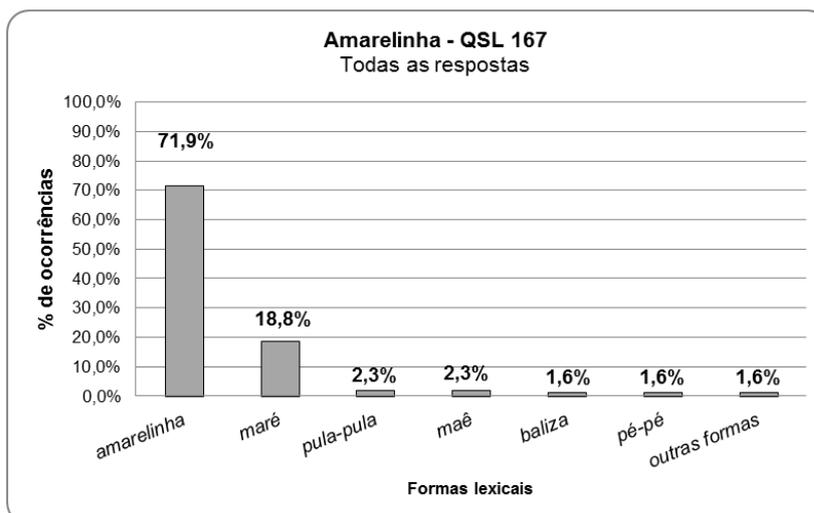


Gráfico 15 – Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/167– todas as respostas

#### 4.13.1 Cartografia dos dados e o olhar horizontal

No que tange à diatopia, há formas coexistindo na área estudada, no entanto, em determinados estados, existem formas que predomina, como pode ser visto nas localidades capixabas, nas quais a forma *amarelinha* é categórica.

Nas localidades do Rio de Janeiro, há diversas formas de nomear a brincadeira, tais como: *amarelinha*, *pula pula*, *maré*, *pé-pé* e *três marias*.

Em Minas Gerais, nas cidades pertencentes a área estudada, há uma predominância de *amarelinha*, mas outras formas aparecem como, por exemplo: *maré*, *mãe* e *baliza*.

Nas cidades interioranas de São Paulo, *amarelinha* é a mais conhecida e utilizada, com um registro de *pula-pula*, apenas. Em Caravelas, na Bahia, foram documentadas duas respostas, *amarelinha* e *macaco*.

A área do *Falar Fluminense* é predominantemente de *amarelinha*, com coocorrência majoritária nos pontos de Minas Gerais. Nos pontos de controle a situação é bem heterogênea, conforme figura 64.

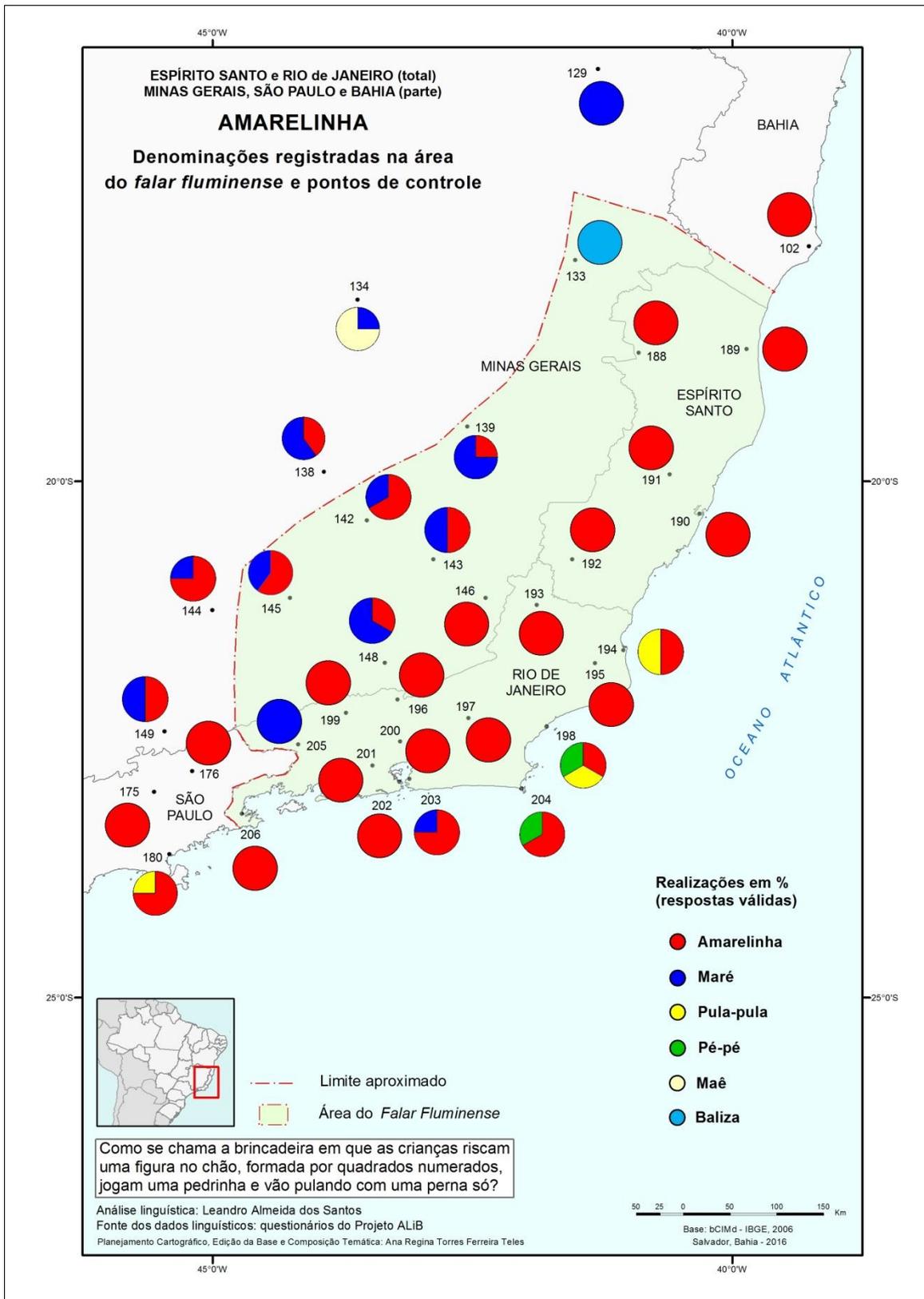


Figura 64 – Carta Amarelinha

#### 4.13.2 Panorama dos estudos lexicais sobre áreas dialetais com dados do Projeto ALiB: Ribeiro (2012) e Portilho (2013)

Ribeiro (2012) documentou que há duas possíveis respostas bem produtivas, *macaco*, ao considerar a frequência em ocorrências, 39,9%; e *amarelinha*, com 64,9%, ao considerar a frequência em localidades. Foram encontradas 265 ocorrências, sendo 188 respostas válidas e 77 agrupadas em NS/NL/NO.

Para as análises de um dos falares do norte, o *amazônico*, constata-se que a *designação macaca predominou dentre as escolhas lexicais dos informantes no conjunto geral das localidades investigadas, com 53,1% de produtividade* (PORTILHO, 2013, p. 130). No entanto, outras formas documentadas como, por exemplo: *macacão, macaco, macaquinha, amarelinha, cancan, tia chica, queimada, cemitério e jogo da velha*, que não foi computada. Cabe destacar que a forma *macaca* também foi documentada no *Falar Baiano*.

Nota-se, com isso, uma tendência de aproximação e unidade na área nomeada por falares do sul, haja vista a coincidência entre os resultados obtidos por Ribeiro (2012) e o estudo ora proposto, com a predominância de *amarelinha*, ao passo que se evidencia, novamente, o subfalar do *norte* citado anteriormente, como uma área peculiar e com particularidades que a difere dos mencionados subfalares do sul.

#### 4.13.3 O enfoque sob o olhar vertical

O enfoque, na perspectiva social, traz informações bem importantes e reveladoras das mudanças sofridas na forma de brincar das crianças de antes e de agora, conforme pode ser visto nos exemplos 25 e 26.

- (25) INF.- Eu conheço como vamos jogar **maré**... as crianças de agora falam... nossa gente, eu falei até, antigamente a gente falava era **maré**, agora é **amarelinha**.

(Inq. 145. 04 – S. João del Rei/MG – Inf: mulher, faixa 2, ensino fundamental incompleto)

- (26) INF.- Não sei, não tô lembrando agora não, mas todas essas brincadeiras era quando aqui era roça [...] então, as brincadeiras era essas coisas, hoje a brincadeira é computador, quando não, maconha e bandidagem...  
(Inq. 145. 03 – Taubaté/SP – Inf: homem, faixa 2, ensino fundamental incompleto)

As transformações sociais são alvos da elocução do informante 3 de Taubaté, na qual se percebe uma saudade ao lembrar-se do passado, se comparada ao presente, cercado pela violência urbana crescente, ao passo que as brincadeiras tradicionais decrescem, ora pela pressão exercida pelos brinquedos e jogos modernos, ora pela falta de segurança nos espaços públicos. A elocução do citado informante revela que a brincadeira tradicional *tem a função de perpetuar a cultura infantil, desenvolver formas de convivência social e permitir o prazer de brincar* (KISHIMOTO, 2011, p.43).

#### 4.13.4 Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível

A dicionarização de itens que foram documentados na pesquisa para a pergunta 167 do QSL encontra-se no quadro 18, a saber:

Formas Lexicais	Dicionários consultados (PNLD - 2012)			
	<i>Bueno (2010)</i>	<i>Telles &amp; Bentes (2011)</i>	<i>Bechara (2011)</i>	<i>Borba (2011)</i>
<b>amarelinha</b>	DMS	DMS	DMS	DMS
<b>maré</b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b>pula-pula</b>	ND	ND	ND	ND
<b>pé-pé</b>	ND	ND	ND	ND
<b>maê</b>	ND	ND	ND	ND
<b>baliza</b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b>macaco</b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b>três maria</b>	ND	ND	ND	ND

Legenda: DMS – dicionarizado com o mesmo sentido; ND – não dicionarizado; DOS – dicionarizado com outro sentido.

Quadro 18 – Dicionarização das formas lexicais documentadas para QSL/167.

Conforme pode ser visto no quadro 18, os dicionários consultados apresentam semelhanças. Novamente, como nos itens anteriores, a variação não é contemplada, o que evidencia um distanciamento das obras lexicográficas dos dados orais coletados.

#### 4.14 ALGUMAS DESCOBERTAS

Sabe-se que, ao trilhar os caminhos do léxico, muitas surpresas podem aparecer, haja vista que este é o nível da língua que mais apresenta fotografias dos percursos dos homens, além de registrar a história social, cultural e linguística de uma comunidade. Por tais motivos, este capítulo tem por meta apresentar os resultados encontrados nesta pesquisa, em síntese, bem como apontar possíveis direções para que se chegue às conclusões, embora se enfatize que outras análises complementares são necessárias.

Nos inquéritos analisados, nota-se a preferência por uma determinada forma na área estudada, embora também se constate muitas formas para nomear os referentes pesquisados. Identifica-se que, a partir da observação da tabela 16, mais de duas mil respostas foram documentadas para este estudo.

Tabela 16 – Índice de aproveitamento de respostas às perguntas do campo semântico *jogos e diversões infantis*.

Pergunta do QSL	Total de respostas			
	Documentadas	NS/NL/NO	Validadas	
			Valor absoluto	Valor relativo
155 - <i>cambalhota</i>	156	11	145	92,9%
156 – <i>bola/bolinha de gude</i>	189	3	186	98,4%
157 - <i>estilingue</i>	202	5	197	97,5%
158 - <i>pipa</i>	239	2	237	99,2%
159 - <i>papagaio</i>	166	31	135	81,3%
160 - <i>sema esconder</i>	163	13	150	92,0%
161 - <i>cobra-cega</i>	156	21	135	86,5%
162 - <i>sema pegar</i>	162	48	114	70,4%
163 - <i>pique</i>	153	118	35	22,9%
164 - <i>corre-cotia</i>	153	129	24	15,7%
165 - <i>gangorra</i>	155	16	139	89,7%
166 - <i>balanço</i>	161	7	154	95,7%
167 - <i>amarelinha</i>	153	25	128	83,7%
<b>Total</b>	<b>2208</b>	<b>429</b>	<b>1779</b>	<b>80,5%</b>

A partir dos valores dispostos na tabela 16, percebe-se que as questões escolhidas para a pesquisa tiveram um aproveitamento das respostas acima de 70%, a exceção de duas perguntas 163 (*pique*) e 164 (*chicotinho-queimado*), o que se erguem como hipóteses, no primeiro caso, o não conhecimento dos informantes

para o nome utilizado para indicar o *local combinado*, uma vez que a questão 163 (pique) se relaciona diretamente com a 162 (pega-pega), ou seja, eles sabem nomear a brincadeira, mas desconhecem os nomes dados ao *ponto combinado* para a brincadeira de pega-pega. Para a questão 164 (chicotinho-queimado), nota-se um desconhecimento generalizado da brincadeira, haja vista o alto índice de não obtenção semelhante às análises empreendidas em estudos similares.

No que se refere à diatopia e como visto nas cartas, algumas formas foram consideradas categóricas, por ser documentadas em todos os pontos analisados, no universo de 35 pontos, a saber: *pipa* e as formas pertencentes ao sema *esconder*. Na sequência, ainda, no que tange à distribuição no espaço e presença nas localidades, tem-se as formas *cambalhota*, *bola/bolinha de gude*, *estilingue*, *cobra-cega*, sema *pegar* e *amarelinha*, documentadas entre 30 e 34 localidades. Por sua vez, as formas *papagaio*, *pique* e *corre-cotia* tiveram presença inferior a 30 localidades.

Com isso, identifica-se, na região dialetal pesquisada, uma aproximação com a norma, ou seja, as preferências lexicais dos informantes tendem às formas prestigiadas, pois, das formas que figuraram com maior presença nas localidades e definidoras das considerações feitas em cada capítulo apresentado anteriormente, 10 delas aparecem dicionarizadas com o mesmo sentido nas quatro obras lexicográficas consultadas, a exceção das formas *cobra-cega* e *corre-cotia* disponíveis, apenas, em Bueno (2010) e a forma *pique* documentada em Bueno (2010) e Bechara (2011).

Constata-se que, no espaço geográfico estudado, *Falar Fluminense (FF)* e *Pontos de Controle (PC)*, os dados se comportam ora de forma uniforme ora de forma diversa, a saber:

**QSL-155:** *Cambalhota* encontra-se dentro do FF e nos PC; que apresenta, também, a forma *cambota* de maneira expressiva, estando presente em sete localidades, das nove que são controladas;

**QSL-156:** *Bola/bolinha de gude* é uma forma encontrada tanto no FF quanto nos PC. Destacam-se as formas *boleba*, presente no litoral do FF; *china* e *crique* que só foram documentadas nos PC;

**QSL-157:** *Estilingue* foi documentada em toda extensão estudada (FF e PC). No FF, destaca-se a forma *atiradeira*, ao passo que, nos Pontos de Controle, existem formas como *bodoque* e *seta*, uma única vez.

**QSL-158:** Ao citar o brinquedo com varetas, nota-se a predominância da forma *pipa* em toda a área estudada, com a coocorrência da forma *papagaio*, sobretudo nos Pontos de Controle. Na área do FF, destacam-se várias formas para nomear o brinquedo, o que se constata a alta produtividade da questão, a saber: *pião, cafiã, balão e jaú*.

**QSL-159:** Outro brinquedo que se empina, mas sem varetas, registra-se, por toda área investigada, a predominância de *papagaio*. Apenas no FF, foram documentadas as formas *ratinho, balão e pião*.

**QSL-160:** A brincadeira na qual uma criança se esconde, há a predominância, em todos os pontos em análise, das formas do sema *esconder*. Ao analisar as formas contidas dentro do agrupamento do sema *esconder*, notam-se diferenças, a saber: *pique-esconde* encontra-se por toda a área do FF e pelos PC, mas com a coocorrência de *esconde-esconde*.

**QSL-161:** *Cobra-cega* e *cabra-cega* estão por toda área estudada, com destaque para a forma *gata-cega*, até então, forma documentada exclusivamente nos limítrofes entre MG e ES.

**QSL-162:** As formas do sema *pegar* foram as mais vitais tanto dentro quanto fora da área do FF, mas a forma *pique*, quando visto isoladamente, conforme item 4.8) é também bem presente nas preferências lexicais dos informantes. Ao adentrar as peculiaridades das formas do sema *pegar*, percebe-se a forma *pega-pega* predomina nos PC e *pique-pega* na área reservada ao FF.

**QSL-163:** Assim como em outros estudos dessa natureza, a forma *pique* (local combinado), embora apresente baixa frequência nas localidades e um índice baixo em produtividade, é a forma mais conhecida dentro e fora da área circunscrita ao FF.

**QSL-164:** *Corre-cotia* foi documentada em toda a área analisada, seguida da forma *chicotinho-queimado*, exclusiva no litoral. A forma *ovo-choco* é exclusiva dos capixabas, embora esta também seja outra questão com grande índice de não obtenção de respostas válidas.

**QSL-165:** *Gangorra* é bem vital tanto no FF quanto nos PC, não podendo assim indicar áreas linguísticas diferentes. *Balango* e *zanga-burrinho* são formas documentadas em Minas Gerais. *Vai e vem* é exclusividade do FF.

**QSL-166:** O mesmo comportamento é verificado com a forma *balanço*, ao tentar encontrar áreas linguísticas, pois ela se encontra por quase todos os pontos.

Destacam-se a forma *balango*, neste item, restrita as cidades mineiras e capixabas, e a resposta *gangorra* predominantemente em MG.

**QSL-167:** Por sua vez, a forma *amarelinha* também foi documentada na área em análise por toda a sua extensão. No FF, existem formas exclusivas como, por exemplo: *pé-pé* e *baliza*. Ao passo que *maê* é exclusiva dos PC mineiros.

Destaca-se, nesta dissertação, um aspecto inovador e que pode servir de inspiração para os próximos trabalhos que tem por meta identificar certos usos linguísticos no espaço geográfico, a representação na carta linguística da forma *não obtida*, a qual se configura, também, em um dado importante para o entendimento, distribuição e caracterização dos itens linguísticos.

No que é atinente aos aspectos verticais, ratifica-se a importância de estudar a língua por tal viés, haja vista que as elocuições dos informantes comprovam o elo entre língua e as transformações sociais ocorridas nas localidades, sejam elas de qualquer natureza. Além disso, geralmente, considera-se que as crenças, os valores, a ideologia, os mitos, os sentimentos e a identidade dos sujeitos são manifestos por meio da sua elocução, desse modo, caracterizando os aspectos individuais, bem como fornecendo pistas para o entendimento da história da língua e das palavras na comunidade, tais como podem ser notadas nos exemplos dispostos anteriormente, conforme item *O enfoque sob o olhar vertical*.

É necessário enfatizar que é uma tarefa árdua para o pesquisador delimitar áreas linguísticas, quando se observa a formação identitária dos povos, a forma de ocupação dos territórios e a cultura local, embora sejam localidades pertencentes à mesma nação. Neste sentido, os movimentos empreendidos pelos homens e suas itinerâncias são pontos fulcrais para o entendimento do funcionamento da língua, difusão das palavras e variação dos itens lexicais, como, por exemplo, os caminhos da Estrada Real e as Bandeiras, além dos intensos movimentos de migração para as terras do sudeste brasileiro.

Ao considerar as obras lexicográficas, torna-se imprescindível destacar a relação delas com os dados dialetais. As obras, ainda, apresentam de forma incipiente as variações linguísticas, sejam elas escolares ou não. Tal fato revela-se nos quadros expostos em cada item *Dados dialetais x dicionários: um cotejo possível*. Nota-se que, com isso, a obra de Bueno (2010) é a que mais se aproxima de um dicionário de língua que contemple as várias formas designadas para nomear um referente, seguida da obra de Bechara (2011).

Atualmente, deve-se alertar que há, cada vez mais, a necessidade de um diálogo mais profícuo entre dialetólogos e lexicógrafos, a fim de poder oferecer obras mais representativas da fala do povo. Destaca-se, neste âmbito, o Projeto em curso para elaboração do Dicionário Dialetal Brasileiro (DDB), que *objetiva conjugar de forma abrangente língua e cultura no sentido de permitir o conhecimento maior possível da relação dialetal que se estabelece, através do léxico, nas comunidades que o utilizam* (MACHADO FILHO, 2010, p. 68).

Destaca-se, por fim, ainda neste sentido, o caráter peculiar do léxico regional, que, de certo modo, vai se moldando a partir dos movimentos e acontecimentos locais, fato que pode desencadear o surgimento, bem como o desaparecimento de lexias próprias daquela comunidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De posse de todas as informações de ordem linguística e social, este capítulo destina-se a apontar para o fim de um trabalho que teve por tarefa discutir e analisar, sob o prisma do léxico, a divisão dialetal brasileira proposta por Nascentes (1953), no tocante à área denominada como *Falar Fluminense*.

O trabalho ora desenvolvido conseguiu evidenciar pontos que servirão de subsídios para outros pesquisadores interessados no tema, sobretudo na caracterização do *Falar Fluminense*, uma vez que se trata de um empreendimento inédito, do que se tem notícia, ao estudar esta área.

Através das análises estabelecidas, podem-se tecer algumas considerações acerca da área em análise e dos itens do campo semântico *jogos e diversões infantis*, a saber:

- a) *Cambalhota* é uma forma linguística mais utilizada e conhecida pelos informantes dos três falares cotejados: *Baiano*, *Amazônico* e *Fluminense*;
- b) *Bola/Bolinha de gude* comprova a divisão de Nascentes (1953), quando separou o país em dois grandes grupos, pois apresenta predominância nos falares *Baiano*, *Sulista* e *Fluminense*, embora também seja encontrado na área do falar *Amazônico*;
- c) *Estilingue* é outra forma que caracteriza os falares *Baiano* e *Fluminense*, mas foi documentada em Mato Grosso, o que aponta para uma possível extensão da forma lexical pela área dos falares do Norte;
- d) *Pipa* é uma forma encontrada nos três falares (*Baiano*, *Amazônico* e *Fluminense*), difere-se, apenas, pela posição ocupada, mas figuram-se, sempre, entre as três formas mais conhecidas e utilizadas para nomear o brinquedo com varetas;
- e) *Papagaio*, para os informantes da área do *Falar Fluminense*, é a forma mais conhecida e utilizada para nomear o brinquedo sem varetas. Mas encontra-se documentada nos outros falares também;
- f) As formas pertencentes ao sema *esconder* são predominantes nos falares *Baiano* e *Fluminense*, no primeiro, a forma mais vital foi

- esconde-esconde*, no último, *pique-esconde* figura como a forma mais conhecida e utilizada, embora esteja espalhada por todo o Brasil;
- g) *Cobra-cega* e *cabra-cega* são formas documentadas nos três falares, alternando-se nas três primeiras posições de formas mais utilizadas. *Gata-cega* aparece somente nos falares *Baiano* e *Fluminense*, fato que conota ao entendimento de que se trata de uma forma restrita aos falares do Sul. *Pata-cega* é exclusivamente utilizada no *falar Amazônico*;
- h) As formas do sema *pegar* foram mais vitais tanto no *Falar Fluminense* quanto no *Falar Baiano*. Com destaque para a coincidência das formas pertencentes nestas duas áreas, *pique-pega*, *pega-pega* e *pegador*.
- i) *Pique* é a forma mais conhecida e utilizada nos falares do Sul. Portanto, pode ser caracterizadora de falares desse grande grupo, embora haja um grande número de não obtenções. No *falar Amazônico*, a forma mais vital é *mãe*;
- j) *Corre-cotia* é a forma mais utilizada pelos informantes da área do *Falar Fluminense*. No *Falar Baiano*, destaca-se *chicotinho-queimado* e, no *Falar Amazônico*, *má-chochia*;
- k) *Gangorra* é a forma mais documentada nos Falares *Baiano* e *Fluminense*, provando assim um espaço linguístico comum. Ao passo que, no *Falar Amazônico*, encontra-se a forma *balanço* para caracterizar as duas perguntas 165 e 166;
- l) *Balanço*, *gangorra* e *balango* são formas documentadas nos falares do Sul, *Baiano* e *Fluminense*, o que prova uma unidade linguística na área;
- m) *Amarelinha* foi a forma mais produtiva no *Falar Fluminense*, ao passo que *macaco* e *macaca* foram as formas mais vitais nos *Falares Baiano* e *Amazônico*, respectivamente.

É oportuno afirmar a precisão de Nascentes (1953), ao dividir as terras brasileiras em dois grandes grupos, fato que se comprova ao serem cotejados os dados resultantes de pesquisas com os dados do Projeto ALiB, (Ribeiro, 2012; Portilho, 2013; Romano, 2015), bem como os dados desta dissertação, sob o ponto de vista lexical. Logo, ratifica-se que, por meio deste nível de análise, é possível identificar e caracterizar áreas linguísticas.

No entanto, pelo que se observa, no que tange às subdivisões dos falares do Sul, em especial à área do *Falar Fluminense*, tal proposição não pode ser considerada como válida, pois ora os dados evidenciam uma área linguística comum ora negam tal fato, não podendo, de fato, atestar uma unidade dialetal. A partir desse cenário, afirma-se que não foi possível estabelecer subáreas linguísticas nem traçar isoglossas, mas destacam-se o norte de Minas Gerais e o norte do Espírito Santo, pois eles se aproximam. A propósito dos fatos mencionados, ao findar a brincadeira, na área em análise, Nascentes (1953) não tinha razão.

Compreende-se, portanto, que a continuidade de tal investigação se faz necessária, sugerindo que outros campos semânticos sejam testados e/ou outro nível da língua seja alvo de pesquisa, de modo a possibilitar um maior entendimento dos falares da área. Outro aspecto que deve ser observado, talvez, seja o estabelecimento de uma maior extensão dos Pontos de Controle, diferindo das ideias preconizadas por Ribeiro (2012).

Logo, a área do *Falar Fluminense* caracterizada por Nascentes, em 1953, com base em aspectos fonéticos e prosódicos, carece de novas pesquisas, uma vez que os itens apontam, por vezes, para o alargamento dessas linhas demarcatórias e, também, para o recuo delas, principalmente em direção às terras mineiras. Torna-se preponderante destacar, neste sentido, que estudos posteriores sobre o *Falar Mineiro* (NASCENTES, 1953) poderão fornecer dados elucidatórios, quando comparados com os dispostos nesta dissertação.

Persistindo nos trabalhos que aludem aos *jogos e diversões infantis*, em desenvolvimento na UFBA, o Trabalho de Conclusão de Curso de Eliana D'Anunciação, analisando todas as localidades de Minas Gerais, poderá ser bem esclarecedor, uma vez que o estado possui um comportamento linguístico heterogêneo, o que causa grandes divergências e é alvo de muitas pesquisas, por parte dos dialetólogos brasileiros.

Alerta-se que, ainda, a partir dos itens lexicais analisados neste estudo e tendo em vista os aspectos evidenciados pela sócio-história das localidades, há a necessidade de aprofundamento nos estudos sobre a variação lexical desta área tão importante pelos vários movimentos migratórios ocasionados pelos ciclos econômicos brasileiros, que, certamente, propiciaram uma variação lexical evidentemente comprovada, sobretudo, uma especial atenção para os quatro caminhos pertencentes à Estrada Real, grande responsável pelo povoamento das

terras desta região, bem como um estudo mais aprofundado sobre o movimento dos bandeirantes, como mencionado anteriormente no item *A sócio-história das localidades*, da exploração territorial das terras mineiras. Tais fatos podem fornecer pistas para o entendimento da diversidade lexical existente neste local, pois houve uma grande fusão de crenças, valores, costumes culturais e linguísticos, dos vários interessados nas riquezas descobertas nas minas.

Diante do exposto, ratifica-se a importância de trabalhos desta natureza, uma vez que, ao tomar por base os dados do ALiB, pode-se, hoje, por meio das pesquisas empíricas, aventar uma nova divisão dialetal brasileira, haja vista que, como se sabe, a língua muda e, talvez, as proposições de Nascentes (1953) não mais sejam atestadas na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F.S.C. **Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ)**: uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses. 2008. 2v. 475f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- ALMEIDA, E. M. **A variação da concordância nominal num dialeto rural**. Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação de Mestrado, 1997.
- AMARAL, Amadeu. **O Dialeto Caipira**. 3.ed. São Paulo: HUCITEC, 1976.
- AURÉLIO, Renato Pereira. **Os falares da Bahia e do Espírito Santo**: implicações sob os aspectos dialetológicos. 2012. 128f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.
- BARBADINHO NETO, Raimundo (Org.). **Estudos filológicos**: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2003. v. I. 748 p. ilus. (Coleção Antônio de Moraes Silva, Estudos de Língua Portuguesa).
- BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção. **O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino-aprendizagem de português língua estrangeira. 2008/2009**. Disponível em:file:///C:/Users/letras/Downloads/59812-77249-1-PN.pdf. Acesso em: 29 jul. 2015.
- BASILIO, Margarida. **Teoria lexical**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1991. 94 p.
- BECHARA, Evanildo. **Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 2011.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. As ciências do léxico. OLIVEIRA, Ana Maria Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. v. 1. p. 1322.
- BORBA, A. M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino Fundamental de nove anos**: Orientações para a inclusão de crianças de seis anos de idade. 2. ed. Brasília, 2006.
- BORBA, Francisco S. **Dicionário Unesp do português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.
- BUENO, Francisco Silveira. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 4 ed. São Paulo: Global, 2010.
- BRAINT, Beth. O processo interacional. In: PRETI, Dino. **Análise de textos orais**. 5.ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001 – (PROJETOS PARALELOS: V1).

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo; VIEIRA, Sílvia Rodrigues. Aspectos morfosintáticos da fala de comunidades pesqueiras: um estudo variacionista. In: GROBE, Sybille & ZIMMERMANN, Klaus. (org.). **Substandard e mudança no Português Brasileiro**. Frankfurt am Main, 1998, p. 227-254.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo & ALMEIDA E. M. (1999) Ainda sobre a concordância no âmbito do sintagma nominal. In: Estudos da Linguagem: renovação e síntese. VII Congresso da ASSEL-Rio /**Anais...**/ Rio de Janeiro, 3-6 de nov. de 1998. Rio de Janeiro: Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro (ASSEL-Rio). p. 835-843.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Com direito à palavra**: dicionários em sala de aula / [elaboração Egon Rangel]. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.

BRASIL. Decreto n.º 30.643, de 20 de março de 1952. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre seu funcionamento. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Senado Federal, Subsecretaria de Informações, Brasília, DF, 20 mar. 1952.

BROUGÉRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. Revisão Técnica e versão brasileira por Gisela Wajskop. 8. ed. São Paulo, Cortez, 2010.

CALLOU, Dinah. Quando a Dialectologia e a Sociolinguística se encontram. In: **Estudos Linguísticos e Literários**, n.41, Salvador, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, janeiro-junho 2010, p. 29- 48.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Designações para cria da ovelha e a história do português do Brasil. In: FERREIRA, Carlota et al. **Diversidade do português do Brasil**: estudos de dialectologia rural e outros. 2. ed. Salvador, 1994. p. 125-140.

CARDOSO, Suzana Alice. Tinha Nascentes razão? (Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil). **Estudos**, Salvador, BA, n.5, p.49-59, dez./1986.

CASTILHO, A.T. Rumos da dialetologia portuguesa. ALFA, n. 18/19, p.115-153, 1972-1973. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3512/3285>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, Peter. **La dialectología**. Madrid: Visor Libros, 1994.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB: **Atlas Lingüístico do Brasil**: Questionários. Londrina: UEL, 2001.

CORVALAN, Carmen Silva. **Sociolingüística**: Teoría y análisis. Madrid. Alhambra. 1989.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, Diacronia e História**: o problema da mudança linguística. Trad. Carlos Alberto da Fonseca; Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

COSERIU, Eugênio. **La geografía lingüística**. Cuadernos del Instituto Lingüístico Latinoamericano, Montevideo, n. 11, 1965.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4.ed. revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DIAS, Marina Célia Moraes. Metáfora e pensamento: considerações sobre a importância do jogo na aquisição do conhecimento e implicações para a educação pré-escolar. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p.49-62.

FERREIRA, Manoela de Barros *et al.* Variação lingüística: perspectiva dialectológica. In: FARIA, Isabel Hub *et al.* **Introdução à Lingüística Geral e Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 1996, p. 479-502.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana A.M. **A Dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Carlota; MOTA, Jacyra; ANDRADE; ROLLEMBERG, Vera. Sergipe e Bahia: algumas diferenças lexicais. In: FERREIRA, Carlota *et al.* **Diversidade do português do Brasil**: estudos de dialectologia rural e outros. 2. ed. Salvador, 1994. p. 111-123.

FERREIRA Carlota; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Um panorama da dialectologia no Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, Lisboa, n. 14, p. 91-105, 1995.

FERREIRA Carlota. Atlas Prévio dos Falares Baianos: alguns aspectos metodológicos. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. (Org.). **A geolingüística no Brasil**: caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998. p. 15-30.

FERREIRA, C.;FREITAS, J.;MOTA, J.;ANDRADE, N.; CARDOSO,S.; ROLLEMBERG,V. ; ROSSI,N. **Atlas Lingüístico de Sergipe**. Salvador:UFBA/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987. Salvador: EDUFBA, 2005.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estud. avenida**, São Paulo, v. 15, n. 42, 2001. Disponível em: <  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142001000200013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000200013)  
>. Acesso em 15 mar. 2016

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar, crescer e aprender**: o resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.

GENTILE, P. É assim que se aprende. **Nova Escola**. n. 179, Jan/Fev. 2005.

GONÇALVES, Dinara Cássia Silveira; SILVA, Thaís Fernanda da. **As três zonas dialetais em Minas Gerais**: discussão dos critérios utilizados para esta divisão. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/zonas-dialetais-mg.html>>. Acesso em 17 ago. 2015.

GILLIÉRON, Jules; EDMONT, Edmond. **Atlas Linguistique de la France**. 53 fasc. Paris: Honoré Champion, 1902-1910.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA: Cidades. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>>. Acesso em 17 ago. 2015.  
INNOCENTINI, Thaís Cristina. **Capitanias Hereditárias**: Herança colonial sobre desigualdade e instituições. Dissertação (Mestrado). FGV: São Paulo, 2009.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Os atlas regionais brasileiros publicados e em curso: percursos metodológicos. In: MOTA, Jacyra Andrade (org.). **Documentos 2**: projeto atlas linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006, p. 67- 96.

ISQUERDO, Aparecida Negri. O caminho do rio, o caminho do homem, o caminho das palavras. In.: RIBEIRO, S.S.C.; COSTA, S.B.B.; CARDOSO, S.A.M. (orgs.) **Dos sons às palavras**: nas trilhas da língua portuguesa. Salvador: EDUFBA, 2009, p.41-59.

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. O jogo e a educação infantil. In: \_\_\_\_\_. (Org). **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p.15-48.

LABOV, William. **Modelos sociolinguísticos**. Tradução por José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Cátedra, 1983.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LIMA, L.G. **Atlas Fonético do Entorno na Baía de Guanabara – AFEBG**. 2006. 2v. 330f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

LUCCHESI, Dante. **Norma linguística e realidade social**. In: BAGNO, Marcos (Org.) **Linguística da Norma**. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 64-92.

LUCCHESI, Dante. História do contato entre línguas no Brasil. In:\_\_\_\_\_; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 41-73.

LYONS, John. **Semântica**. Vol 1. São Paulo: Presença/Martins Fontes, 1977.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio. Um ponto de interseção para a Dialetologia e a Lexicologia: a proposição de elaboração de um Dicionário Dialetal Brasileiro com base nos dados do ALiB. **Revista Estudos Linguísticos e Literários**, n.41, Salvador, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura. janeiro-junho 2010. p.49-70

MARROQUIM, Mario. **A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco**. 4. ed. Maceió: EDUFAL, 2008.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2008.

MORENO FERNÁNDEZ, **Francisco**. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Editora Ariel, 1998.

MOTA, Jacyra. Estrela cadente nos atlas regionais brasileiros. **Revista do GELNE**, Fortaleza, n. 1, v.2, p. 25-31, 1999.

MOTA, Jacyra Andrade. Áreas dialetais brasileiras. In: **Quinhentos anos de história Linguística do Brasil**. CARDOSO, Suzana Alice M.; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS e SILVA, Rosa Virginia. (Org.) Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 319-357.

MOTA, Jacyra Andrade e CARDOSO, Suzana A.M. (orgs.). **Documentos 2: Projeto Atlas lingüístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006.

NASCENTES, Antenor. Divisão dialectológica do território brasileiro. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, abr./jun., 1955, p. 213-219.

NASCENTES, Antenor. Études dialectologiques du Brésil. **ORBIS - Bulletin International de Documentation Linguistique**, Louvain, t. 1, n. 1, p. 181-184, 1952. 463

NASCENTES, Antenor. Études dialectologiques du Brésil. **ORBIS - Bulletin International de Documentat ion Linguistique**, Louvain , t. 2, n. 2, p. 438-444, 1953.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2.ed. Completamente refundida. Rio de Janeiro. Organização Simões, 1953.

NASCENTES, Antenor. **Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, v. 1, 1958; v. 2, 1961.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca em 1922**. Rio de Janeiro: Sússekind de Mendonça, 1922.

PAIM, Marcela Moura Torres. **Norma Urbana, Identidade Social e Variação**. 2007. 297 f. Tese (Doutor em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: Livraria José Olympo Editora/UNESCO, 1973.

PRETI, Dino. **A linguagem dos idosos**. São Paulo: Contexto, 1991.

PRETI, Dino. Variação lexical e prestígio social das palavras. In:\_\_\_\_\_. (org.) **Léxico na língua oral e na escrita**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003, p. 47-67.

PORTILHO, Danyelle Almeida Saraiva. **O falar amazônico**: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB. 2013. 155p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

POTTIER, Bernard. **Linguistique Générale**. Paris, Editions Klincksieck, 1974.

RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. Apresentação à nova edição. In:\_\_\_\_\_. (orgs.) **Sociolinguística Interacional**. Edições Loyola. São Paulo, 2002, p. 7-11.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”**. 2012. 752f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: formação e sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROMANO, V. P. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ROMANO, V. P. **Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão**. Entretextos. Londrina, UEL, v.13, n.2, jul.- dez., 2013, p.203-242.

ROMANO, V. P. **Atlas Geossociolinguístico de Londrina**: um estudo em tempo real e tempo aparente. 2012. 2v. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012. Volume 1: 206f. Volume 2: três cartas introdutórias e 71 cartas linguísticas.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à Morfologia**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1963.

SANTOS, Leandro Almeida dos; PAIM, Marcela M.T. A Emergência de Identidade Social de Faixa Etária nos dados das capitais das regiões Norte e Nordeste do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). In: **Relatório de Pesquisa IC/PIBIC/CNPq. 2010/11**. Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SANTOS, Leandro Almeida dos. **Menstruação na Bahia**: um estudo em dois tempos distintos. 2013. 52f. Monografia (Graduação em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SILVA NETO, Serafim da. **Guia para estudos dialectológicos**. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas; Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SIMONSEN, Roberto C. **História econômica do Brasil (1500/1820)**. 7. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1977.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2001.

TELES, Ana Regina T. F. Registro cartográfico da divisão dialetal de Antenor Nascentes. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 5, 2005, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte, 2007. p. 758-759.

TELES, Ana Regina T. F.; RIBEIRO, Silvana S. C. Apresentando a cartografia aos linguistas: o Projeto ALiB. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Org.). **Documentos 2**. Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006.

TELES, Ana Regina Torres Ferreira; RIBEIRO, Silvana Soares Costa . A Cartografia dos dados do Projeto ALiB. In: XV CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA, 2008, Montevideu. **Anais...** Montevideu: ALFAL, 2008. p. 1-13.

TELLES, Vinícius; BENTES, Fábio. **Dicionário Fundamental da Língua Portuguesa**. Curitiba, PR: Base Editorial, 2011. 1120p.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In: RAENDONCK, D. V. Et all. (Orgs). **Actes du XXII Congrès International de Linguistique e Philologie Romanes**. Bruxelles, 1998, p. 367-409.

TRUDGILL, Peter. Sexo e prestígio lingüístico. In: AEBISCHER, Verena; FOREL, Claire. (Orgs.). **Falas masculinas, falas femininas?** Tradução de Celene M. Cruz et. al. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 77-101. [ Parlers Masculins, Parles Fémininis? 1983].

VANOYE, Francis. **Usos da linguagem**: problemas e técnicas na produção oral e escrita. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VIEGAS, Maria do Carmo; CAMBRAIA, César N. Vogais médias pretônicas no português brasileiro: contrastando passado e presente. In: VIEGAS, Maria do Carmo (Org.). **Minas é plural**. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, 2011. p.1343.

VIEIRA, S. R. **Concordância verbal**: variação em dialetos populares no Norte fluminense. 1995. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1995.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VILELA, Mario. **Estudos da lexicografia do português**. Coimbra: Almedina, 1994.

WALLON, H. **As origens do caráter da criança**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

ZÁGARI, M. R. L.; RIBEIRO, J. ; PASSINI, J.; GAIO, A. **Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais** - v. 1. 1ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977. v. 1. 244 p.

ZÁGARI, M. R. L. Os Falares Mineiros: Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: Vanderci de Andrade Aguilera. (org.). **A Geolingüística no Brasil - trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. 1ed. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2005, v. 1, p. 45-72.